



DE TELEVISÃO VIA SATÉLITE COM GRAVADOR-REPRODUTOR VIDEOFÔNICO DIGITAL INCORPORADO, MODULADOR/DEMODULADOR PARA COMUNICAÇÃO DE DADOS VIA REDE TELEFÔNICA e MODULADOR/DEMODULADOR PARA COMUNICAÇÃO DE DADOS VIA TELEVISÃO A CABO - "CABLE MODEM", para o gozo dos incentivos previstos nos artigos 7º e 9º do Decreto-lei nº 288, de 28 de fevereiro de 1967 e legislação posterior e demais condições que estabelece.

THOMAZ AFONSO QUEIROZ NOGUEIRA
Presidente do Conselho

RESOLUÇÃO Nº 237, DE 18 DE OUTUBRO DE 2012

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DA SUFRAMA, na sua 259ª Reunião Ordinária, realizada em 18 de outubro de 2012, em Manaus/AM, aprovou a seguinte Resolução: Nº 237/12 Art. 1º APROVAR o projeto industrial de IMPLANTAÇÃO da empresa SO- NY PLÁSTICOS DA AMAZÔNIA LTDA. - FILIAL., na Zona Franca de Manaus, na forma do Parecer Técnico de Projeto N.º 202/2012-SPR/CGPRI/COAPI, para produção de SUBCONJUNTO TAMPA TRASEIRA PARA TELEVISOR COM TELA DE CRISTAL LÍQUIDO, para o gozo dos incentivos previstos nos artigos 3º e 9º do Decreto-lei nº 288, de 28 de fevereiro de 1967 e legislação posterior e demais condições que estabelece;

THOMAZ AFONSO QUEIROZ NOGUEIRA
Presidente do Conselho

RETIFICAÇÃO

Na Resolução nº 219, de 18 de outubro de 2012, publicada no Diário Oficial da União, N.º 208, de 26 de outubro de 2012, na seção 1, página 62: Onde se lê: "FIRBAS; Leia-se: "FIBRAS".

Ministério do Esporte

SECRETARIA EXECUTIVA

DELIBERAÇÃO Nº 414, DE 30 DE OUTUBRO DE 2012

Dá publicidade aos projetos desportivos, relacionados nos anexos I e II, aprovados na reunião ordinária realizada em 02/10/2012.

A COMISSÃO TÉCNICA VINCULADA AO MINISTÉRIO DO ESPORTE, de que trata a Lei nº 11.438 de 29 de dezembro de 2006, instituída pela Portaria nº 30 de 20 de fevereiro de 2009, alterada pela Portaria nº 130 de 05 de julho de 2010, alterada pela Portaria nº 58 de 20 de março de 2012; pela Portaria nº 182 de 27 de outubro de 2011 e pela Portaria nº 237, de 28 de setembro de 2012, considerando:

a) aprovação dos projetos desportivos na reunião ordinária realizada em 02/10/2012.

b) a comprovação pelo proponente de projeto desportivo aprovado, das respectivas regularidades fiscais e tributárias nas esferas federal, estadual e municipal, nos termos do parágrafo único do art. 27 do Decreto nº 6.180 de 3 de agosto de 2007 decide:

Art. 1º Tornar pública, para os efeitos da Lei nº 11.438 de 2006 e do Decreto nº 6.180 de 2007, a aprovação dos projetos desportivos relacionados no anexo I.

Art. 2º Autorizar a captação de recursos, nos termos e prazos expressos, mediante doações ou patrocínios, para os projetos desportivos relacionados no anexo I.

Art. 3º Prorrogar o prazo de captação de recursos do projeto esportivo, para o qual o proponente fica autorizado a captar recurso, mediante doações e patrocínios, conforme anexo II.

Art. 4º Esta deliberação entra em vigor na data de sua publicação.

PAULO VIEIRA
Presidente da Comissão
Substituto

ANEXO I

1 - Processo: 58701.003409/2011-21
Proponente: Associação Irmã Carmem
Título: Escola de Esporte Futebol de Campo
Registro: 02SC090592011

Manifestação Desportiva: Desporto Educacional
CNPJ: 00.900.930/0001-00

Cidade: Araranguá - UF: SC

Valor aprovado para captação: R\$ 959.060,50

Dados Bancários: Banco do Brasil Agência nº 5280 DV: 9 Conta Corrente (Bloqueada) Vinculada nº 10966-5

Período de Captação: até 02/10/2013.

2 - Processo: 58701.000925/2012-25

Proponente: Associação de Desenvolvimento de Projetos

Título: II Volta Monitorada de Belo Horizonte

Registro: 02MG049892009

Manifestação Desportiva: Desporto de Rendimento

CNPJ: 10.364.447/0001-01

Cidade: Belo Horizonte - UF: MG

Valor aprovado para captação: R\$ 1.295.982,54

Dados Bancários: Banco do Brasil Agência nº 1229 DV: 7 Conta

Corrente (Bloqueada) Vinculada nº 65221-0

Período de Captação: até 30/03/2013.

3 - Processo: 58701.003067/2011-40

Proponente: Associação Niteroiense dos Deficientes Físicos

Título: Centro Social e Esportivo - Andef

Registro: 02RJ004802007

Manifestação Desportiva: Desporto de Rendimento

CNPJ: 27.763.754/0001-50

Cidade: Niterói - UF: RJ

Valor aprovado para captação: R\$ 1.023.297,74

Dados Bancários: Banco do Brasil Agência nº 2907 DV: 6 Conta

Corrente (Bloqueada) Vinculada nº 48464-4

Período de Captação: até 02/10/2013.

4 - Processo: 58701.003158/2011-85

Proponente: Fundação Canal 20

Título: Cascavel Futsal

Registro: 02PR019932008

Manifestação Desportiva: Desporto de Rendimento

CNPJ: 04.083.151/0001-01

Cidade: Cascavel - UF: PR

Valor aprovado para captação: R\$ 557.298,96

Dados Bancários: Banco do Brasil Agência nº 3508 DV: 4 Conta

Corrente (Bloqueada) Vinculada nº 36500-9

Período de Captação: até 03/10/2013.

ANEXO II

1 - Processo: 58701.004093/2010-12

Proponente: Associação de Judô Rogério Sampaio

Título: Judô Rogério Sampaio em Ação

Valor aprovado para captação: R\$ 600.204,81

Dados Bancários: Banco do Brasil Agência nº 2896 DV: 7 Conta

Corrente (Bloqueada) Vinculada nº 30184-3

Período de Captação: até 31/12/2013.

DEPARTAMENTO DE GESTÃO INTERNA

PORTARIA Nº 224, DE 26 DE OUTUBRO DE 2012

Dispõe sobre a descentralização externa de crédito orçamentário e repasse financeiro ao MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, e dá outras providências.

O DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE GESTÃO INTERNA, no uso de suas atribuições, e tendo em vista a delegação de competência contida na Portaria ME nº 175, de 24 de setembro de 2008, resolve:

Art. 1º Autorizar a descentralização externa de créditos e o repasse de recursos financeiros ao MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, com vistas ao pagamento da contribuição do Ministério do Esporte à Conferência de Ministros Responsáveis pela Juventude e pelo Desporto da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa-CPLP, conforme segue:

Órgão Cedente: Ministério do Esporte
Unidade Gestora: 180002 - Gestão: 00001 - Departamento de Gestão Interna

Órgão Executor: MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

Unidade Gestora: 240005 Gestão: 00001 - MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

Funcional Programática: 27.121.2123.2600.0001

Natureza da despesa:

33.80.41 - R\$ 6.567,25 (seis mil, quinhentos e sessenta e sete reais e vinte e cinco centavos)

Fonte: 100

Valor total: R\$ 6.567,25 (seis mil, quinhentos e sessenta e sete reais e vinte e cinco centavos)

Art. 2º Caberá à Assessoria Especial de Assuntos Internacionais, exercer o acompanhamento das ações previstas para execução do objeto dessa descentralização, de modo a evidenciar a boa e regular aplicação dos recursos transferidos.

Art. 3º O MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES deverá restituir ao Ministério do Esporte os créditos transferidos e não empenhados até o final do exercício de 2012.

Art. 4º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

MÁRCIO SIMÃO

SECRETARIA NACIONAL DE ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO

ATO DECLARATÓRIO Nº 19, DE 24 DE OUTUBRO DE 2012

Reconhece o direito à isenção de Imposto de Importação - II e IPI a José Marcos Grazziotin, nas aquisições no mercado interno e nas importações dos produtos que relaciona.

A Secretaria Nacional de Esporte de Alto Rendimento do Ministério do Esporte, de conformidade com o disposto no art. 4º da Portaria nº 199, de 09 de agosto de 2002, tendo em vista o que consta do Processo nº 58701.004404/2012-05, no qual se acha comprovado que os equipamentos e materiais a serem importados foram homologados pela entidade internacional da respectiva modalidade esportiva e não possui similar nacional, expede o presente ATO DECLARATÓRIO a beneficiar a José Marcos Grazziotin, CPF:

164.434.890-04 no direito à isenção do Imposto de Importação - II e Imposto sobre Produtos Industrializados - IPI de acordo com os termos que trata a Lei nº 10.451, de 10 de maio de 2002, altera a legislação tributária federal e da outras providências conforme redação dada pela Lei nº 11.827 de 20/11/2008, relativo aos materiais e equipamentos para a modalidade de Fossa Olímpica, abaixo relacionado:

ORD	IDENTIFICAÇÃO DO PRODUTO	QTD	VALOR (Euros)
1	Espingarda Perazzi, Cal. 12, Modelo MX8, 02 canos superpostos, Comprimento 75cm, com coroa regulável.	01	5.002,00 (Euros)
2	Canos superpostos, MX8, comprimento 70cm, alma lisa	01	2.585,00 (Euros)
3	Bateria de gatilhos reposição	01	646,00 (Euros)
TOTAL			8.233,00 (Euros)

RICARDO LEYSER GONÇALVES

Secretário

ATO DECLARATÓRIO Nº 20, DE 24 DE OUTUBRO DE 2012

Reconhece o direito à isenção de Imposto de Importação - II e IPI a Ari Gonçalves Lima, nas aquisições no mercado interno e nas importações dos produtos que relaciona.

A Secretaria Nacional de Esporte de Alto Rendimento do Ministério do Esporte, de conformidade com o disposto no art. 4º da Portaria nº 199, de 09 de agosto de 2002, tendo em vista o que consta do Processo nº 58701.004405/2012-41, no qual se acha comprovado que os equipamentos e materiais a serem importados foram homologados pela entidade internacional da respectiva modalidade esportiva e não possui similar nacional, expede o presente ATO DECLARATÓRIO a beneficiar a Ari Gonçalves Lima, CPF: 208.637.800-91 no direito à isenção do Imposto de Importação - II e Imposto sobre Produtos Industrializados - IPI de acordo com os termos que trata a Lei nº 10.451, de 10 de maio de 2002, altera a legislação tributária federal e da outras providências conforme redação dada pela Lei nº 11.827 de 20/11/2008, relativo aos materiais e equipamentos para a modalidade de Fossa Olímpica, abaixo relacionado:

ORD	IDENTIFICAÇÃO DO PRODUTO	QTD	VALOR (Euros)
1	Espingarda Perazzi, Cal. 12, Modelo MX2000/8, 02 canos superpostos, Comprimento 75cm, alma lisa, com coroa regulável e gatilho regulável	01	6.224,00 (Euros)
TOTAL			6.224,00 (Euros)

RICARDO LEYSER GONÇALVES

Secretário

Ministério do Meio Ambiente

INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE

PORTARIA Nº 116, DE 30 DE OUTUBRO DE 2012

EME Aprovar o Plano de Manejo da Reserva Extrativista Auati - Paraná.

O PRESIDENTE DO INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE - INSTITUTO CHICO MENDES, no uso das atribuições previstas pelo Decreto nº 7.515/11, de 08 de julho de 2011, e pela Portaria nº 304, de 28 de março de 2012, publicada no Diário Oficial da União de 29 de março de 2012;

Considerando o disposto na Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000, que instituiu o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza - SNUC e o Decreto Federal nº 4.340 de 22 de agosto de 2002, que a regulamentou;

Considerando a Instrução Normativa ICMBio nº 01, de 18 de setembro de 2007, que dispõe sobre as diretrizes, normas e procedimentos para a elaboração de Plano de Manejo de Unidades de Conservação Federal das categorias RESEX e RDS; e

Considerando que o Conselho Deliberativo da Reserva Extrativista Auati - Paraná, instituído pela Portaria ICMBio nº 94, aprovou o Plano de Manejo da Unidade em reunião ordinária realizada nos dias 27 e 28 de janeiro de 2011, em Fonte Boa/AM, por meio da ATA da 1ª Reunião Ordinária do Conselho Deliberativo da RESEX Auati - Paraná, realizada em 27 e 28 de janeiro de 2011.

Considerando o teor dos documentos acostados ao processo nº 02070.000036/2009-31, resolve:

Art. 1º - Aprovar o Plano de Manejo da Reserva Extrativista Auati - Paraná.

Art. 2º - Disponibilizar para acesso público, em atendimento ao disposto no Art. 16 do Decreto Federal nº 4.340, de 22 de agosto de 2002, o conteúdo integral do Plano de Manejo para consulta, em versão impressa na sede do Instituto Chico Mendes em Brasília, na sede da Unidade na cidade de Tefé/AM e em meio digital na página eletrônica do ICMBIO na rede mundial de computadores.

Art. 3º - A Zona de Amortecimento constante neste Plano de Manejo é uma proposta de zoneamento para o entorno da Unidade de Conservação e será estabelecida posteriormente por instrumento jurídico específico.

Art. 4º - Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

ROBERTO RICARDO VIZENTIN



GOVERNO FEDERAL
MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE - MMA
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE - ICMBio
RESERVA EXTRATIVISTA AUATI-PARANÁ

Plano de Manejo Participativo da Reserva Extrativista Auati-Paraná

Tefé / AM, outubro de 2011

Ministério do Meio Ambiente – MMA
Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio

Izabella Monica Vieira Teixeira

Ministra do Meio Ambiente

Rômulo José Barreto Fernandes Mello

Presidente do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio

Paulo Fernando Maier Souza

Diretor de Unidades de Uso Sustentável e Populações Tradicionais - DIUSP

Ricardo José Soavinsk

Diretor de Unidades de Conservação e Proteção Integral - DIREP

Carlos Henrique Velasquez Fernandes

Coordenador de Elaboração e Revisão de Plano de Manejo - CPLAM

Caio Marcio Paim Pamplona

Coordenador Regional 02

Claudia Louro Barbosa

Chefe da Reserva Extrativista Auati-Paraná

Equipe Técnica de Elaboração do Plano de Manejo

Equipe Técnica

Claudia Louro Barbosa – Analista Ambiental – ICMBio/AM
Rogério Eliseu Egewarth – Analista Ambiental - ICMBio/AM
Elder Pena – Analista Ambiental – ICMBio/AM
Enrique Araújo de Salazar – Analista Ambiental – ICMBio/AM
Gabriela Calixto Scelza – Analista Ambiental – ICMBio/AM
Leila de Sena Blós – Analista Ambiental – ICMBio/AM
Maressa Gitão do Amaral – Analista Ambiental – ICMBio/AM
Melina Rangel de Andrade – Analista Ambiental – ICMBio/AM
Mônia Laura Fernandes – Analista Ambiental – ICMBio/AM
Marcelo Salazar – Consultor – Plano de Manejo – GTZ/ARPA/FUNBIO

Colaboradores

Daniel Paes Resende – Analista Ambiental – ESEC Jutai-Solimões/ ICMBio
Leonardo Martins Gomes – Analista Ambiental – RESEX do Rio Jutai/ICMBio
Marcelo Parise – Analista Ambiental – CR-02 - ICMBio
Rachel Klaczko Acosta – Analista Ambiental – RESEX do Rio Jutai /ICMBio
Roberto Cavalcanti Barbosa Filho – Analista Ambiental – RESEX do Baixo Juruá/ICMBio
Camila Salles de Faria - Pesquisadora
Daniela Fernandes Alarcon - Pesquisadora
Jeferson Straatmann - Pesquisador
Maria Gabriela Gutierrez de Camargo - Pesquisadora
Maria Luiza Camargo - Pesquisadora
Mauricio Torres - Pesquisador
Natalia Guerrero – Pesquisadora
Nilvanda da Silva Alves de Lima – Consultora GTZ
Ricardo Folhes - Pesquisador
Teresa Paris Buarque de Hollanda - Pesquisadora
Verena Cristina de Almeida – Pesquisadora
Isaac Castinares Arantes – Presidente /AAPA
Edvaldo Tavares Lira – Vice-presidente/AAPA

Tobias Felipe Moraes – Secretário/AAPA

Sioney Barbosa – Tesoureiro/AAPA

Miguel Arantes – Coordenação de Pesca/AAPA

Tomé Coelho – Comunidade Barreirinha de Cima

Rithiere Cardenes de Carvalho - IDSM

Instituições Colaboradoras:

Associação Agroextrativista de Auati-Paraná - AAPA

Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia - INPA

Comunidades da RESEX

Comunidade Barreirinha de Baixo

Comunidade Barreirinha de Cima

Comunidade Boca do Inambé

Comunidade Boca do Pema

Comunidade Castelo

Comunidade Cordeiro

Comunidade Curimatá de Baixo

Comunidade Curimatá de Cima

Comunidade Itaboca

Comunidade Luiz

Comunidade Miriti

Comunidade Monte das Oliveiras

Comunidade Murinzal

Comunidade São José do Inambé

Comunidade São Luiz

Comunidade Vencedor

Apoio Financeiro

Programa ARPA/MMA

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	17
2 INTRODUÇÃO	18
3 CARACTERIZAÇÃO DA UNIDADE	27
3.1 Histórico e Decreto de Criação	27
3.2 Localização e Situação Fundiária.....	32
3.2.1 Localização da RESEX Auati-Paraná.....	32
3.2.2 Contextualização da RESEX Auati-Paraná em relação às outras UCs da Região	37
3.2.2.1 As comunidades da RESEX e a RDS Mamirauá	38
3.2.3 Situação Fundiária.....	39
3.2.3.1 Processos de Regularização Fundiária.....	43
3.2.3.2 Consolidação de Limites e Delimitação Física	43
3.2.3.3 Destinação da dominialidade das terras para o ICMBio.....	44
3.2.3.4 Incorporação das terras ao patrimônio do ICMBio	44
3.2.3.5 Contrato de Concessão de Direito Real de Uso.....	44
3.3 Dinâmica de ocupação estadual e regional	44
3.3.1 Histórico do Estado do Amazonas	45
3.3.2 Histórico do Município de Fonte Boa.....	45
3.3.3 Divisão político-administrativa e demográfica.....	46
3.3.3.1 O Estado do Amazonas	46
3.3.3.2 O Município de Fonte Boa.....	46
3.3.3.3 O município de Japurá	47
3.3.3.4 O município de Maraã.....	48
3.4 Caracterização Ambiental.....	49
3.4.1 Meio Físico	49
3.4.1.1 Clima.....	49
3.4.1.2 Geologia	49
3.4.1.3 Geomorfologia.....	57

3.4.1.4 Pedologia	62
3.4.1.4.1 Detalhamento das associações de solos da região do Auati-Paraná	62
3.4.1.5 Hidrografia	67
3.4.1.5.1 Auati-Paraná: rio, paraná ou canal ?	69
3.4.1.5.2 Considerações sobre o canal Auati-Paraná.....	69
3.4.1.5.3 Considerações sobre a hidrografia no entorno (Faixa de 10 Km) e na zona de amortecimento da RESEX.	70
3.4.2 Meio Biótico	72
3.4.2.1 Vegetação e Flora	72
3.4.2.1.1 Dendrometria e Fitossociologia	77
3.4.2.1.2 Estoques de Biomassa, Água e Carbono	79
3.4.2.1.3 Madeira Caída.....	80
3.5 Caracterização Social.....	82
3.5.1 Caracterização das Comunidades.....	82
3.5.1.1 Comunidade São José do Inambé	83
3.5.1.2 Comunidade Boca do Inambé	84
3.5.1.3 Comunidade São Luís	84
3.5.1.4 Comunidade Barreirinha de Cima	85
3.5.1.5 Comunidade Monte das Oliveiras	86
3.5.1.6 Comunidade Miriti.....	87
3.5.1.7 Comunidade Luiz.....	88
3.5.1.8 Comunidade Boa Vista do Pema (Boca do Pema)	88
3.5.1.9 Comunidade Vencedor.....	89
3.5.1.10 Comunidade Murinzal.....	90
3.5.1.11 Comunidade Castelo	90
3.5.1.12 Comunidade Curimatá de Cima (localidade Boa Vista do Curimatá)	91
3.5.1.13 Comunidade Barreirinha de Baixo	92

3.5.1.14 Comunidade Itaboca	92
3.5.1.15 Comunidade Curimatá de Baixo.....	93
3.5.1.16 Comunidade Cordeiro	94
3.5.2 Perfil Geral da População	94
3.5.3 Cultura	97
3.5.4 Folclore e Lendas Populares	97
3.5.5 Festejos, Celebrações e manifestações religiosas	98
3.5.6 Lazer	99
3.5.7 Religião.....	101
3.5.8 Relações de Gênero e Participação da Mulher	102
3.5.9 Organização Comunitária e Associativismo.....	104
3.5.10 Documentação.....	105
3.5.11 Saúde	106
3.5.12 Educação.....	109
3.5.13 Habitação	113
3.5.14 Energia.....	117
3.5.15 Abastecimento de Água.....	118
3.5.16 Saneamento Básico e Tratamento de Resíduos	121
3.5.17 Comunicação.....	123
3.5.18 Transporte	124
3.6 Caracterização Institucional	125
3.7 Caracterização econômica.....	126
3.7.1 Extrativismo.....	126
3.7.2 Fibras e frutos	127
3.7.3 Cipós.....	129
3.7.4 Óleos.....	130
3.7.5 Castanha	132
3.7.6 Agricultura.....	138
3.8 Análise Situacional da Unidade	162
3.8.1 Caracterização de Conflitos.....	182
4 GESTÃO DA UNIDADE	186
4.1 Estrutura de gestão da unidade.....	186

4.2 Conselho Deliberativo da RESEX Auati-Paraná	187
4.3 Regras de convivência	190
4.4 Zoneamento da Unidade	191
4.5 Zoneamento da Unidade	191
5 CENÁRIOS	205
6 PROGRAMAS DE SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL E SOCIOECONÔMICA DA UNIDADE	216
6.1 Programa Qualidade de Vida e Cidadania	217
6.1.1 Subprograma de apoio à saúde	217
6.1.2 Subprograma de apoio à Educação	219
6.1.3 Subprograma de apoio à Esporte, Lazer e Cultura.....	221
6.1.4 Subprograma de Saneamento.....	223
6.1.5 Subprograma de Acesso à Documentação.....	224
6.1.6 Subprograma de Comunicação	225
6.2 Programas de Sustentabilidade Ambiental	226
Sub-programas:	227
Subprograma de manejo de castanha	227
Subprograma de apoio ao manejo de oleaginosas.....	227
Subprograma de apoio ao manejo de pesca	227
Subprograma de apoio a agricultura.....	227
6.2.1 Subprograma de Manejo de Castanha	227
6.2.2 Subprograma de Apoio ao Manejo de Oleaginosas	229
6.2.3 Subprograma de Apoio ao Manejo de Recursos Florestais	230
Objetivo: Definir diretrizes para o manejo de recursos florestais, associado ao estudo de cadeia produtiva e certificação de produtos.....	230
6.2.4 Subprograma de Apoio ao Manejo de Recursos Pesqueiros	232
6.2.5 Subprograma de Apoio à Agricultura	234
6.3 Programa de Monitoramento e Proteção	236
6.3.1 Subprograma de Monitoramento	236
6.3.2 Subprograma de Proteção	237
6.4 Programa de Administração e Gestão.....	238
6.4.1 Subprograma de Administração/Operacionalização	239

6.4.2 Subprograma Fundiário	241
6.4.3 Subprograma de Organização Comunitária.....	242
6.4.4 Subprograma de Fortalecimento da Gestão.....	243
7 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	246
8 REFERÊNCIAS.....	249
9 ANEXOS.....	253

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Mapa que identifica as estradas e ‘pontas’ de castanhais	19
Figura 2. Esquema de mapeamento participativo de uso de recursos pesqueiros – Comunidade Castelo (02/2007)	20
Figura 3. Reunião na comunidade Curimatá de Cima: discussão de uso de recursos pesqueiros	20
Figura 4. Reuniões comunitárias para discussão do Plano de Uso	20
Figura 5. Reuniões comunitárias para discussão do Plano de Uso	21
Figura 6. Alguns registros da equipe de levantamento socioeconômico (HIGUCHI, 2008)	21
Figura 7. Família botânica melhor representada nos levantamentos florestais: Myristicaceae (LIMA, 2007)	22
Figura 8. Alguns usos artesanais com matéria prima florestal identificada na RESEX (CANALEZ, 2007)	22
Figura 9. Perfil da câmara técnica definida pelo conselho	24
Figura 10. Apresentação do planejamento para elaboração do plano de manejo à CT ...	24
Figura 11. Oficinas Comunitárias realizadas em julho/2009	25
Figura 12. Oficinas para validação do cadastro	25
Figura 13. Mapa de Localização da UC. Limites da Reserva Extrativista Auati-Paraná contextualizados em sua região. Fonte: Diusp/ICMBio, 2007.	33
Figura 14. Malha Política. Limites da RESEX Auati-Paraná em relação à divisão política municipal	34
Figura 15. Localização das Comunidades da RESEX Auati-Paraná	37
Figura 16. Corredor Central da Amazônia.	38
Figura 17. Limites da RESEX Auati-Paraná em relação à situação fundiária das terras afetadas.	41
Figura 18. Geologia Regional	50
Figura 19. Encarte Tectônico da Folha SA. 19 (Almeida <i>et al.</i> , 2004) (Escala 1:5000.000)	53
Figura 20. Encarte Tectônico com localização da RESEX.	54
Figura 21. Recorte da Carta Geológica do Brasil (Almeida <i>et al.</i> , 2004), destacando a região da RESEX Auati-Paraná (Escala – 1:1000.000)	55

Figura 22. Recorte do Mapa Geológico do Amazonas (CPRM, 2006) - Unidades Litoestratigráficas. (Escala – 1:1000.000).....	56
Figura 23. Mapa de Geomorfologia da RESEX Auati-Paraná. (IBGE,2007)	59
Figura 24. Lago Ati-Paraná (Auati-Paraná). Lago de meandro abandonado situado no entorno da RESEX.....	60
Figura 25. Lagos de Colmatagem ao longo do Auati-Paraná, com destaque para o lago Sapateiro (L. Maguarinzal) e lago Inambé (L. Curimatá).....	61
Figura 26. Mapa Exploratório de Solos (E 1:1000.000). Proj. RADAMBRASIL,1977.	65
Figura 27. Mapa de tipo de solos da RESEX Auati-Paraná.	66
Figura 28. Hidrografia da RESEX Auati-Paraná e entorno.....	68
Figura 29. Mapa de Vegetação da RESEX.....	72
Figura 30. Vegetação da região da RESEX Auati-Paraná, conforme BRASIL (1977). .	73
Figura 31. Embaubal nas margens do Auati-Paraná (Enrique Salazar)	74
Figura 32. Margem com densa cobertura de lianas (Ipomoea sp.). (Enrique Salazar)....	74
Figura 33. Vegetação graminóide cobrindo um dos lagos marginais ao Auati-Paraná...	75
Figura 34. Igapó no período seco	75
Figura 35. Aspecto da vegetação nas áreas mais altas.	76
Figura 36. Distribuição do número de indivíduos por classe diamétrica na RESEX Auati-Paraná	79
Figura 37. Biomassa fresca acima do nível do solo (P) e estoque de carbono (C) para alguns sítios do Estado do Amazonas. Fonte: LIMA <i>et al.</i> (2007).....	80
Figura 38. Vista parcial da comunidade São José do Inambé.....	83
Figura 39. Vista parcial da comunidade Boca do Inambé (HIGUCHI, 2008).....	84
Figura 40. Vista panorâmica da comunidade São Luís (HIGUCHI, 2008).....	85
Figura 41. Vista parcial da comunidade Barreirinha de Cima (HIGUCHI, 2008).....	86
Figura 42. Vista parcial da comunidade Monte das Oliveiras (HIGUCHI, 2008)	87
Figura 43. Disposição das moradias na comunidade Miriti.....	87
Figura 44. Residência flutuante no porto da Comunidade Luis (HIGUCHI, 2008)	88
Figura 45. Vista parcial da comunidade Boa Vista do Pema.....	89
Figura 46. Vista parcial da comunidade Vencedor	89
Figura 47. Vista parcial da comunidade Murinzal	90
Figura 48. Vista parcial da comunidade Castelo (HIGUCHI, 2008)	91
Figura 49. Vista panorâmica da comunidade Curimatá de Cima (HIGUCHI, 2008)	91

Figura 50.	Comunidade Barreirinha de Baixo	92
Figura 51.	Vista panorâmica da comunidade Itaboca.....	93
Figura 52.	Vista parcial da comunidade Curimatá de Baixo	93
Figura 53.	Vista parcial da comunidade Cordeiro.....	94
Figura 54.	Gêneros por comunidade na RESEX Auati-Paraná.....	95
Figura 55.	Pirâmide etária da RESEX Auati-Paraná, em 2009.....	96
Figura 56.	Jogo de Futebol na comunidade São Luis.....	100
Figura 57.	Crianças brincando no rio	100
Figura 58.	Mulher lavando roupa na comunidade Castelo (novembro de 2010).....	104
Figura 59.	Mulheres no Curso de Beneficiamento de Pescado (julho de 2010).....	104
Figura 60.	Principais problemas de saúde citados na RESEX Auati-Paraná.....	108
Figura 61.	Casa de Palha – São José do Inambé	116
Figura 62.	Palafita - Itaboca.....	116
Figura 63.	Casa flutuante – São José do Inambé.....	116
Figura 64.	Casas contruídas com recursos do INCRA – Comunidade Boca do Pema .	117
Figura 65.	Casas contruídas com recursos do INCRA – Comunidade Murinzal.....	117
Figura 66.	Balsa utilizada para as atividades domésticas (novembro/2010)	119
Figura 67.	Balsa sendo utilizada para tratar a mandioca na comunidade Murinzal (julho/2010)	119
Figura 68.	Foto coleta de água da chuva (HIGUCHI, 2008)	120
Figura 69.	Foto cacimba (HIGUCHI, 2008).....	120
Figura 70.	Foto coleta de água do rio com uso de motor (HIGUCHI, 2008)	121
Figura 71.	Sanitário com fossa (HIGUCHI, 2008)	122
Figura 72.	Instalação “Casinha” (HIGUCHI, 2008)	122
Figura 73.	Rabeta utilizada no dia-a-dia pelos comunitários (Comunidade Murinzal, julho/2010)	125
Figura 74.	Telhado de palha de ubim (CANALEZ, 2007)	128
Figura 75.	Amarração de folhas de ubim no canço (CANALEZ, 2007).....	128
Figura 76.	Vassoura de cipó títica (CANALEZ, 2007)	129
Figura 77.	Paneiro de cipó ambé (CANALEZ, 2007).....	130
Figura 78.	Extração de óleos vegetais na RESEX Auati-Paraná.	130
Figura 79.	Extração de óleos vegetais nas comunidades da RESEX Auati-Paraná.	131
Figura 80.	Utilização de Castanha na RESEX Auati-Paraná.....	132

Figura 81. Consumo e venda castanha na RESEX Auati-Paraná: comparativo por comunidade.	133
Figura 82. Potenciais estimados (em toneladas) das áreas de coleta de castanha das comunidades da RESEX Auati-Paraná (SIMÕES, 2006.).....	134
Figura 83. Esquema das práticas tradicionais de manejo da Castanha do Brasil realizadas por extrativistas no Estado do Amazonas (SIMÕES, 2006).	136
Figura 84. Armazenamento no centro comunitário de castanha comunidade São Luiz	137
Figura 85. Castanha “secando” no centro comunitário Comunidade São Luiz	137
Figura 86. Destino da produção de farinha da RESEX Auati-Paraná.....	140
Figura 87. Produção e consumo de farinha na RESEX Auati-Paraná.....	140
Figura 88. Participação dos moradores da RESEX Auati-Paraná na pesca comercial .	142
Figura 89. Categorias de pesca comercial na RESEX Auati-Paraná.....	143
Figura 90. Pesca na RESEX Auati-Paraná: comparativo por comunidade.	144
Figura 91. Canal de acesso aos lagos de pesca da comunidade Murinzal (lagos situados na RDSM)	150
Figura 92. Deslocamento pelo canal e terra firme até os lagos de pesca.....	150
Figura 93. Primeirio lago	150
Figura 94. Deslocamento em canoas para o segundo lago Erro! Indicador não definido.	
Figura 95. Colocaccao de malhadeira.....	151
Figura 96. Distribuição do grupo de pesca	151
Figura 97. Lançamento de arpão	151
Figura 98. Em busca do pirarucu arpoado	151
Figura 99. Pesca do Pirarucu.....	152
Figura 100. Pesca do Pirarucu	152
Figura 101. Transporte da Pesca até o barco com gelo.....	153
Figura 102. Barco com gelo para armazenar a pesca.....	153
Figura 103. Pesagem e preechimento da planilha de acompanhamento da pesca.....	154
Figura 104. Medição	154
Figura 105. Colocação de lacre numerado	155
Figura 106. Conferência de lacre em vistoria nos Frigoríficos de Fonte Boa.....	155
Figura 107. Pesca de tambaqui	156
Figura 108. Transporte na Pesca do Tambaqui	157
Figura 109. Criação de Animais na RESEX Auati-Paraná.	158

Figura 110.	Criação de animais na RESEX Auati-Paraná: comparativo entre comunidades.	158
Figura 111.	Trabalho temporário na RESEX Auati-Paraná.	159
Figura 112.	Trabalho remunerado e aposentadoria na RESEX Auati-Paraná.....	160
Figura 113.	Area da RESEX Auati-Paraná	185
Figura 114.	Localização da comunidade Itaboca e entrada do Canal de acesso ao complexo de lagos Buiuçu	185
Figura 115.	Oficina de mapeamento na comunidade de São Luis do Inambé, em 05/07/09.	192
Figura 116.	Mapa produzido em oficina realizada na comunidade de Vencedor, em 09/07/2009.	192
Figura 117.	Mapa de Zoneamento da RESEX Auati-paraná	194
Figura 118.	Mapa das estradas de castanha e pontos de inventário florestal na RESEX Auati-Paraná	200
Figura 119.	Mapa de uso das comunidades (pesca, roça, extrativismo vegetal e animal, plantio e usos diversos em várzeas e terra firme) na RESEX Auati-Paraná.	201
Figura 120.	Mapa das áreas de pesca na RESEX Auati-Paraná.....	202

LISTA DE TABELAS

Tabela 1.	Comunidades da RESEX de Auati-Paraná e suas distâncias (km;linha reta)	36
Tabela 2.	Glebas na RESEX Auati-Paraná e registros públicos.....	40
Tabela 3.	Relação de títulos expedidos pelo ITEAM na RESEX Auati-Paraná.	42
Tabela 4.	Datas dos festejos nas comunidades da RESEX	98
Tabela 5.	Presença das igrejas nas comunidades da RESEX Auati-Paraná.....	102
Tabela 6.	Situação do Ensino Básico na RESEX Auati-Paraná.....	113
Tabela 7.	Principais instituições que atuam na RESEX Auati-Paraná.	125
Tabela 8.	Estradas de castanha situadas nas áreas de uso das comunidades da RESEX Auati-Paraná.....	135
Tabela 9.	Calendário da produção de castanha na região da RESEX Auati-Paraná....	136
Tabela 10.	Calendário da pesca comercial na RESEX Auati-Paraná.	145
Tabela 11.	Levantamento de Estoque nos Lagos Manejados/Contagem – Ano 2010...148	
Tabela 12.	Análise Situacional da Unidade: Organização Comunitária	164
Tabela 13.	Análise Situacional da Unidade: Gestão.....	165
Tabela 14.	Análise Situacional da Unidade: Operacionalização	167
Tabela 15.	Análise Situacional da Unidade: Saúde	168
Tabela 16.	Análise Situacional da Unidade: Educação.....	169
Tabela 17.	Análise Situacional da Unidade: Esporte, Lazer e Cultura	172
Tabela 18.	Análise Situacional da Unidade: Saneamento.....	172
Tabela 19.	Análise Situacional da Unidade: Habitação	173
Tabela 20.	Análise Situacional da Unidade: Comunicação	174
Tabela 21.	Análise Situacional da Unidade: Energia.....	175
Tabela 22.	Análise Situacional da Unidade: Acesso à documentação.....	175
Tabela 23.	Análise Situacional da Unidade: Pesca.....	176
Tabela 24.	Análise Situacional da Unidade: Castanha	177
Tabela 25.	Análise Situacional da Unidade: Oleos.....	177
Tabela 26.	Análise Situacional da Unidade: Cipós, fibras e sementes	178
Tabela 27.	Análise Situacional da Unidade: Seringa.....	178
Tabela 28.	Análise Situacional da Unidade: Produtos Florestais Madeireiros	178
Tabela 29.	Análise Situacional da Unidade: Agricultura.....	180

Tabela 30.	Análise Situacional da Unidade: Monitoramento e proteção.....	181
Tabela 31.	Zonas de manejo, extensões absolutas e relativas da RESEX Auati Paraná.	199
Tabela 32.	Resumo do Zoneamento da RESEX Auati-Paraná e seus critérios orientadores.	203
Tabela 33.	Critérios para definição de categorias de cenários (ótimo, mais provável e ruim) previstos na RESEX Auati-Paraná.....	206
Tabela 34.	Cenários previstos para o Eixo de Gestão 1: Gestão da RESEX / Operacionalização.....	207
Tabela 35.	Cenários previstos para o Eixo de Gestão 2: Qualidade de Vida e Cidadania.	208
Tabela 36.	Cenários previstos para o Eixo de Gestão 3: Recursos Naturais - Pesca, Produtos Não-madeireiros e Agricultura.....	211
Tabela 37.	Cenários previstos para o Eixo de Gestão 4: Recursos Naturais - Produtos Florestais Madeireiros.....	213
Tabela 38.	Cenários previstos para o Eixo de Gestão 5: Monitoramento e Proteção....	214
Tabela 39.	Cenários previstos para o Eixo de Gestão 6: Conservação.....	215
Tabela 40.	Cenários previstos para o Eixo de Gestão 7: Pesquisa.	215

SIGLAS

AAPA - Associação Agro-extrativista de Auati-Paraná
ACS - Agentes Comunitários de Saúde
ARPA – Programa Áreas Protegidas da Amazônia
ATES – Programa de Assessoria Técnica, Social e Ambiental à Reforma Agrária
AVV – Agente Ambiental Voluntário
CCA – Corredor Central da Amazônia
CEBs - Comunidades Eclesiais de Base
CEPAM – Centro de Pesquisa e Conservação da Biodiversidade da Amazônica
CEUC – Centro Estadual de Unidades de Conservação
CNPT - Centro Nacional de Populações Tradicionais e Desenvolvimento Sustentável
CNS - Conselho Nacional das Populações Extrativistas
CPRM – Serviço Geológico do Brasil
CPT – Comissão Pastoral da Terra
DOU - Diário Oficial da União
EJA - Educação de Jovens e Adultos
FUNAI – Fundação Nacional do Índio
FUNASA – Fundação Nacional da Saúde
FUNBIO – Fundo Brasileiro para a Biodiversidade
CGREX – Coordenação Geral de Reservas Extrativistas (ICMBio)
GTZ – Agência de Cooperação Técnica Alemã
IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICMBio - Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
IDAM – Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas
IDHM - Índice de Desenvolvimento Humano do Município
IDS Fonte Boa – Instituto de Desenvolvimento Sustentável do Município de Fonte Boa
IDSM – Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá
INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
INPA - Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia
ITEAM – Instituto de Terras do Amazonas

ITERAN - Instituto de Terras e Colonização do Amazonas
LMF/INPA - Laboratório de Manejo Florestal do INPA
MEB - Movimento Educacional de Base
MEC – Ministério da Educação e Cultura
MMA - Ministério do Meio Ambiente
NUMAM – Núcleo de Meio Ambiente
PF – Polícia Federal
PNRA – Plano Nacional de Reforma Agrária
PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PROMANEJO/IBAMA – Projeto de Apoio ao Manejo Florestal Sustentável na Amazônia
(PRONAF – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
PRONERA - Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária
RDS – Reserva de Desenvolvimento Sustentável
RDSM - Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá
RESEX – Reserva Extrativista
SDS/AM – Secretaria de Desenvolvimento Sustentável do Estado do Amazonas
SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SEDUC – Secretaria do Estado de Educação do Amazonas
SINDPESCA – Sindicato dos Pescadores no Estado do Amazonas
SIPAM – Sistema de Proteção da Amazônia
SNUC – Sistema Nacional de Unidade de Conservação
UC – Unidade de Conservação
UEA – Universidade do Estado do Amazonas
UFAM - Universidade Federal do Amazonas

LISTA DE ANEXOS

Anexo I. Decreto de Criação da Reserva Extrativista Auati-Paraná.

Anexo II. Composição Florística da RESEX Auati-Paraná.

Anexo III. Lista da mastofauna da RESEX Auati-Paraná (Adaptada de BRASIL, 1998b).

Anexo IV. Lista da herpetofauna da RESEX Auati-Paraná (Adaptada de BRASIL, 1998b).

Anexo V. Ictiofauna comestível da RESEX Auati-Paraná. (Adaptado de BRASIL, 2006b; 2007b).

Anexo VI. Peixes ornamentais de ocorrência na RESEX Auati-Paraná. Fonte: BRASIL, (2006b; 2007b).

Anexo VII. Avifauna de Ocorrência na RESEX Auati-Paraná e Entorno.

Anexo VIII. Calendário Agrícola das Comunidades da RESEX Auati-Paraná.

Anexo IX. Plano de Uso da RESEX Auati-Paraná.

Anexo X. Categorização dos lagos de Pesca.

Anexo XI. Produtos florestais não madeireiros da RESEX Auati-Paraná. Dados compilados de Canalez (2007).

Anexo XII. Portaria ICMBio N° 94, de 20 de novembro de 2008.

1 APRESENTAÇÃO

As comunidades da RESEX Auati-Paraná há décadas desenvolvem trabalhos de conservação na região, um dos marcos foi o trabalho de proteção de lagos ligada à organização local das comunidades e a luta para afastar grandes ‘geleiros’ vindos de centros urbanos. A organização avançou, as comunidades se uniram para solicitar a criação de uma Unidade de Conservação que garantisse o uso da terra às comunidades e valorizasse o extrativismo como atividade agregadora de renda. Não pararam por aí. Buscaram o Manejo do Pirarucu, iniciado em 2004, no lago do Inambé, envolvendo três comunidades e em 2010 alcançou a organização de treze comunidades no manejo da espécie. Não são sem desânimos e lições que a trajetória de organização das comunidades do Auati-Paraná se desenvolve. As comunidades ainda buscam melhor organização para realizar o manejo da castanha e da andiroba, ensaiam a organização em torno da marchetaria e da ‘salga’ do peixe, na busca de alternativas para diversificar a produção e a geração de renda.

O Plano de Manejo Participativo da RESEX Auati-Paraná pode ser visto como mais um dos frutos da organização das comunidades locais. É resultado do trabalho de muitas mãos, gestores que passaram pela Unidade, instituições parceiras, a Associação Agroextrativista Auati-Paraná, que com esforços e dificuldades representa os beneficiários dessa Unidade, e principalmente da disposição das Comunidades Miriti, Luis, Pema, Vencedor, Curimatá de Baixo, Curimatá de Cima, Murinzal, Cordeiro, Barreirinha de Baixo, Barreirinha de Cima, Monte das Oliveiras, São Luís, São José do Inambé, Boca do Inambé e Itaboca que se organizaram em prol desse território protegido.

A etapa de elaboração foi um desafio vencido, mais os desafios maiores estão por vir: a implementação do plano, onde estão interpretados os anseios das comunidades da Unidade e a busca pela manutenção da conservação ambiental no território. Dez anos após a sua criação a RESEX ganha este importante instrumento de gestão, que servirá de guia para as ações na Unidade pelos próximos cinco anos. Como muito ainda há ser feito, anseia-se que este seja o documento que aponte os caminhos para o alcance os objetivos da RESEX Auati-Paraná.

Leila de Sena Blos

2 INTRODUÇÃO

A Lei Federal Nº 9.895, que institui o Sistema Nacional de Unidade de Conservação da Natureza (SNUC), aprovada em 18 de julho de 2000 e regulamentada pelo Decreto Federal nº 4.340, de 22 de agosto de 2002, define Reserva Extrativista como:

“uma área utilizada por populações extrativistas tradicionais, cuja subsistência baseia-se no extrativismo e, complementarmente, na agricultura de subsistência e na criação de animais de pequeno porte, e tem como objetivos básicos proteger os meios de vida e a cultura dessas populações, e assegurar o uso sustentável dos recursos naturais da unidade”.

O Plano de Manejo Participativo da RESEX Auati-Paraná vem atender as exigências da lei Nº 9.895/2000 e apresenta-se como instrumento para a efetivação dos objetivos legais da Unidade. Através da gestão participativa da Unidade, busca-se resultados positivos no manejo e gestão para conservação da biodiversidade e manutenção dos meios de vida da população beneficiária, característica peculiar desta categoria de UC.

A elaboração do Plano de Manejo Participativo da RESEX Auati-Paraná teve a contribuição significativa do Programa ARPA – Áreas Protegidas da Amazônia. Em meados de 2003, deu-se início ao planejamento do esboço do documento, e teve sua execução entre 2006-2011. Importante destacar que a concepção de plano de manejo de RESEX nesse período de execução passou por mudanças de orientações técnicas e de procedimentos institucionais que obrigaram a cada alteração nivelamento dos planejamentos que se encontravam em andamento. Dessa maneira os trabalhos seguiram respectivamente as orientações dos documentos “Roteiros Metodológicos - Plano de Manejo de Uso Múltiplo das Reservas Extrativistas Federais (IBAMA,2004), Roteiro Metodológico para elaboração do Plano de Manejo das Reservas Extrativistas e Reservas de Desenvolvimento Sustentável Federais (IBAMA,2006)” e “ Instrução Normativa ICMBio Nº 01/2007”. Em paralelo houve quatro mudanças no quadro de pessoal (gestor) nesse período de elaboração do plano, aspecto relevante para avaliar o andamento das ações e planejamentos na UC. A seguir ordenamento das principais ações executadas que colaboraram para a elaboração do plano de manejo:

1. Em 2006 foi contratada consultoria pelo FUNBIO /ARPA para elaboração de diretrizes para o manejo de Castanha do Brasil (*Bertholettia excelsa*) na RESEX Auati-Paraná. Concluído em junho do mesmo ano, o trabalho apresentou informações importantes das práticas já executadas pelos extrativistas da RESEX, das áreas de coleta por comunidade e do potencial produtivo. Apresentou sugestões técnicas de manejo para a melhoria da produção e qualidade da Castanha do Brasil coletadas na área. O mapeamento de áreas de coleta por comunidade (Figura 1) subsidiou a discussão do Plano de Uso relativo ao tema castanha e a discussão para o zoneamento.

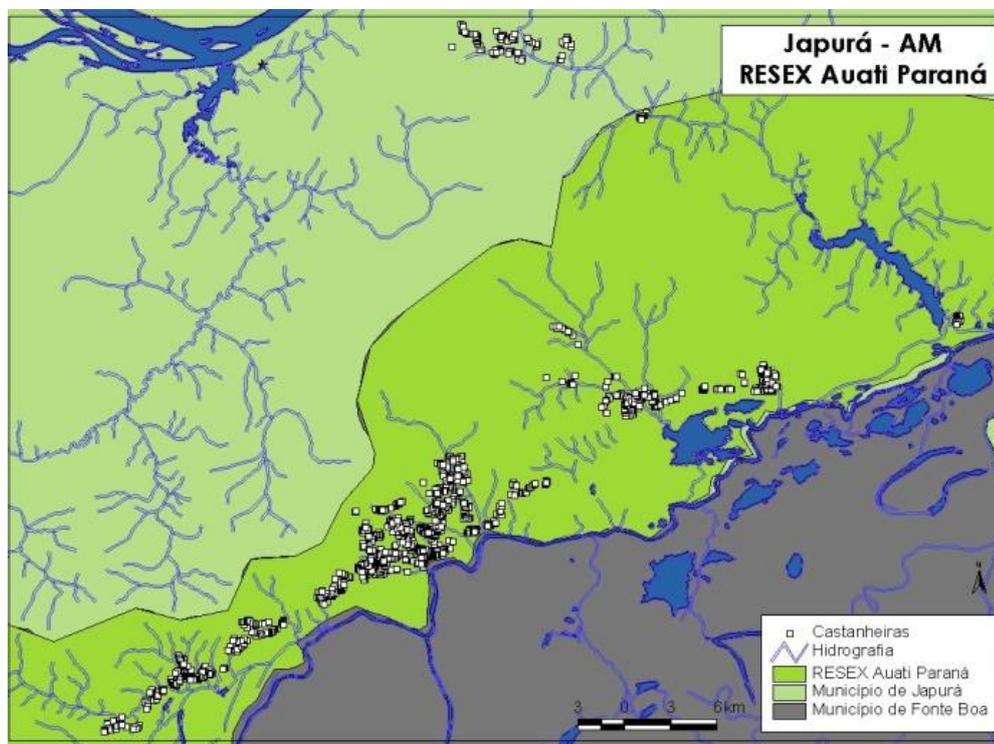


Figura 1. Mapa que identifica as estradas e 'pontas' de castanheiras

2. Ainda em 2006 foi feita contratação de consultoria pelo FUNBIO/ARPA para elaboração de diretrizes para o manejo de pesca na RESEX Auati-Paraná. O contrato foi encerrado sem a conclusão dos trabalhos, entretanto os relatórios preliminares contribuíram com informações importantes para o plano de manejo, identificando os recursos hídricos utilizados para pesca por comunidade, a maior parte com sua localização geográfica, inclusive os que se situam fora dos limites da RESEX e identificando as espécies de peixes comestíveis, ornamentais e comerciais por comunidade (Figura 2 e 3).

Estas informações também auxiliaram a discussão do Plano de Uso da RESEX e a discussão de zoneamento;

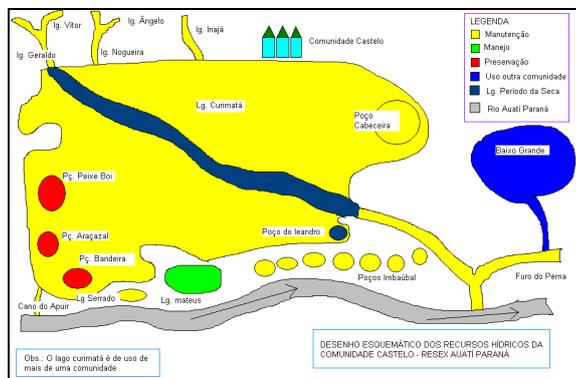


Figura 2. Esquema de mapeamento participativo de uso de recursos pesqueiros – Comunidade Castelo (02/2007)



Figura 3. Reunião na comunidade Curimatá de Cima: discussão de uso de recursos pesqueiros

3. Entre 20 e 30 de março de 2007 foram realizadas 11 reuniões comunitárias envolvendo todas as comunidades da RESEX com objetivo de realizar o levantamento de regras de convivência para elaboração do Plano de Uso, discussão de conceitos de gestão e plano de manejo, diagnóstico das temáticas ligadas à qualidade de vida (educação, saúde, saneamento, esporte, lazer e cultura) para subsidiar as discussões futuras dos programas de sustentabilidade socioambiental (Figura 4 e 5);



Figura 4. Reuniões comunitárias para discussão do Plano de Uso



Figura 5. Reuniões comunitárias para discussão do Plano de Uso

4. O ano de 2007 foi de dificuldades para a continuidade das ações para a elaboração do plano de manejo. As consultorias temáticas planejadas (meio físico, socioeconomia, fauna, levantamento florestal madeireiro e não madeireiro) não obtiveram êxito de aprovação orçamentária pelo principal financiador o Programa ARPA, que direcionou a gestão da RESEX para a busca de parceria com o INPA para suprir a necessidade de levantamentos, porém ficaram duas grandes lacunas: fauna e meio físico.

5. Em agosto e setembro de 2007 foi realizada excursão em parceria com o INPA para realização dos levantamentos socioeconômicos das comunidades da RESEX, levantamento florestal e levantamento de solos, este trabalho produziu quatro relatórios que subsidiaram com informações técnicas o diagnóstico do plano de manejo: “Vida social das comunidades da RESEX Auati-Paraná (HIGUCHI,2008)”(Figura 6), “Relatório do levantamento florestal visando a elaboração do plano de manejo florestal sustentável da RESEX Auati Paraná (LIMA, 2007)” (Figura 7), “Relatório do levantamento florestal de madeira caída visando a elaboração do plano de manejo florestal sustentável da RESEX Auati-Paraná (LIMA, 2007)”, “Levantamento dos produtos florestais não madeireiros visando a elaboração do plano de manejo florestal sustentável da RESEX Auati-Paraná (CANALEZ,2007)” (Figura 8) e “Caracterização Pedológica na Reserva Extrativista de Auait-Paraná no Município de Fonte Boa, AM (PINTO, 2007)”



Prática de convívio social:
marcha de sete de
setembro

Práticas de higiene: banho
no rio

Adolescentes participando
de atividade de percepção
da comunidade

Figura 6. Alguns registros da equipe de levantamento socioeconômico (HIGUCHI, 2008)

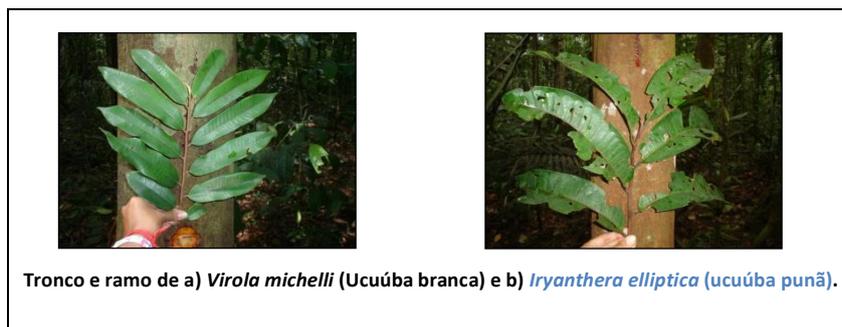


Figura 7. Família botânica melhor representada nos levantamentos florestais: Myristicaceae (LIMA, 2007)



Figura 8. Alguns usos artesanais com matéria prima florestal identificada na RESEX (CANALEZ, 2007)

6. Em abril de 2008 (17-22) foram realizadas 4 oficinas setoriais nas comunidades Vencedor, Cordeiro, Barreirinha de Baixo e São Luís que tiveram como objetivo analisar e discutir com as comunidades os resultados da etapa 1 do Plano de Uso realizada em março/2007;

7. Em novembro de 2008 (06-08) foi realizada assembléia comunitária na RESEX, na Comunidade Vencedor, para consolidação e aprovação do Plano de Uso tendo como subsídio o documento analisado e compilado nas duas etapas anteriores;

8. Durante 2008 as incertezas foram relacionadas às fontes de recursos do Programa ARPA para financiar o subprojeto que se enquadrava os planos de manejo das unidades de uso sustentável. Neste mesmo ano a CGREX/ ICMBio padronizou para as RESEX vinculadas ao ARPA termo de referência para elaboração do plano de manejo, fato que motivou nova adaptação no planejamento para continuidade do plano. A contratação tendo como referência a mais recente orientação foi solicitada ao FUNBIO/ARPA em dezembro/2008, e concretizou-se em maio/2009. Devido principalmente a restrição de recursos para contratação de consultoria para a elaboração dos planos de manejo da RESEX do Rio Jutai e RESEX Auati-Paraná os gestores discutiram e decidiram pela contratação de uma consultoria para a elaboração concomitante de seus planos de manejo, o que otimizaria a aplicação dos recursos. Ainda em 2009, em 15 de janeiro, foi publicada Portaria Interna No. 15 designando o servidor Elder Pena como responsável institucional pelo processo de elaboração do Plano de Manejo da Unidade.

9. Entre março e abril de 2009 foi realizado levantamento da situação fundiária da RESEX Auati-Paraná por intermédio de consultoria contratada pela GTZ/ARPA, que apresentou produto com o diagnóstico da situação fundiária da Unidade.

10. Em 25 e 26 de maio/2009 em reunião do Conselho Deliberativo foi aprovada a criação de câmara técnica no âmbito do conselho para acompanhamento das ações do plano de manejo, sendo composta pelos conselheiros Leila Sena e Elder Pena (representantes do ICMBio), Severiano Alves de Lima e Miguel Arantes (representantes da AAPA) Dom Mário Clemente Neto (representante da Paróquia de Fonte Boa), Luis Henrique Almeida (representante do IDS Fonte Boa), Héllison (IDAM Fonte Boa), Rithere Cardenes de Carvalho (IDS), Marivaldo Nunes e Abildes Filgueira de Lima (representantes comunitários) (Figuras 9 e 10). Foi apresentado para este grupo, o planejamento dos trabalhos e acordado um plano de acompanhamento por parte do GT¹;

¹ O GT não obteve êxito de participação e acompanhamento, restringiram-se aos representantes do ICMBio e AAPA nas ações planejadas para a câmara técnica. E em novembro de 2009 o GT reúne-se novamente para discussão do planejamento e análise situacional, e além do ICMBio e AAPA conta com a participação do representante do IDS e CEUC.

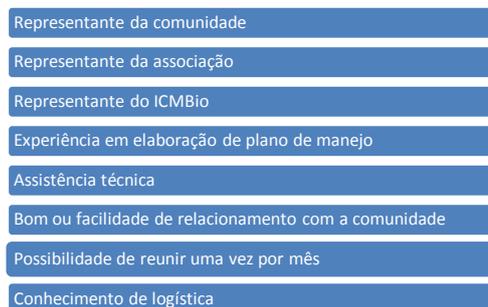


Figura 9. Perfil da câmara técnica definida pelo conselho



Figura 10. Apresentação do planejamento para elaboração do plano de manejo à CT

11. Em 07 e 08 maio de 2009 foi realizada na Associação Agroextrativista Auati Paraná, Município de Fonte Boa/AM, reunião de organização do planejamento em conjunto com o consultor Marcelo Salazar, a AAPA, os gestores da RESEX do Rio Jutaí, ASPROJU e IDAM Jutaí. Nesta reunião foram expostos os levantamentos já realizados na RESEX, as lacunas a serem trabalhadas e elaborado o plano de trabalho descrevendo a logística e cronograma de execução.

12. Em julho de 2009 foi realizada excursão juntamente com a consultoria à RESEX com objetivo de realizar o cadastro de moradores, discussão das lacunas e mapeamento participativo de uso dos recursos naturais na RESEX (Figura 11).



Figura 11. Oficinas Comunitárias realizadas em julho/2009

13. Em agosto de 2009 foi apresentado pela consultoria o relatório “Caracterização com base em dados secundários de aspectos socioambientais e econômicos da Reserva Extrativista Auati-Paraná, análise de lacunas e apontamento de estudos complementares.”

14. Em outubro de 2009 foi realizada a segunda excursão com a consultoria (Figura 12) para apresentação para validação e identificação de lacunas na sistematização do cadastro realizado na expedição anterior, apresentação para validação e ajustes nos mapas temáticos elaborados na expedição anterior, construção dos programas de sustentabilidade ambiental e socioeconômica e apresentação do Plano de Uso da RESEX.



Figura 12. Oficinas para validação do cadastro

15. Em dezembro de 2009 foi apresentada pela consultoria ao ICMBio a minuta de plano de manejo participativo da RESEX Auati-Paraná;

16. Entre janeiro e março de 2010 as equipes de gestores com apoio da Coordenação Regional 02 detiveram-se em analisar e propor ajustes e complementações para a minuta do plano de manejo. A partir da identificação de lacunas os gestores realizaram em janeiro de 2010 excursões às comunidades para complementação de diagnóstico, para levantar dados e validar informações nas áreas de caracterização social e econômica (informações do cadastro de moradores), proposta de zoneamento, ajustes nos mapas de uso de recursos, cenários e Plano de Uso;

17. Durante o ano de 2010 a equipe de gestores da Unidade dividiu as responsabilidades de redação final do plano de manejo por área temática e o acompanhamento e revisão ficou sob responsabilidade da coordenação regional 02 (Ordem de Serviço No. 07/2010).

18. A estruturação da parte do planejamento (programas, análise situacional, cenários e zoneamento) foi consolidada no segundo semestre de 2010;

19. Em 08 e 09 de novembro de 2010 o grupo de trabalho reuniu-se para discutir a análise situacional e programas de sustentabilidade socioeconômica e priorização de ações do planejamento;

20. A minuta foi encaminhada para elaboração de parecer conclusivo em janeiro de 2011 e no mesmo mês foi aprovado em reunião do Conselho Deliberativo realizada nos dias 27 e 28, realizada na Comunidade Curimatá de Baixo.

21. Procederam-se ainda ajustes e correções de ordem técnica no diagnóstico de meio biótico e abiótico no decorrer do ano de 2011 e a editoração do texto;

22. Em 03 e 04 de novembro/2011 foi realizada mais uma reunião técnica na coordenação regional em Manaus com objetivo de discutir a padronização e apresentação dos mapas que compõe o plano de manejo.

23. O Plano de Manejo foi encaminhado para publicação em novembro de 2011.

3 CARACTERIZAÇÃO DA UNIDADE

3.1 Histórico e Decreto de Criação

A ocupação da área da RESEX Auati-Paraná por populações tradicionais data do final do século XIX, quando as primeiras famílias chegaram à região em busca de trabalho nos seringais. A migração para a região se estendeu até meados do século XX, com a chegada de famílias oriundas do nordeste, outras regiões do estado do Amazonas e de localidades amazônicas de outros países como o Peru (que migravam ao Brasil em busca de trabalho). Desse modo, a formação social das 16 comunidades que hoje fazem parte da RESEX é relativamente heterogênea e diversa.

De acordo com depoimentos de moradores, algumas comunidades da Reserva – como Boa Vista do Curimatá, Boa Vista do Pema, Cordeiro e Curimatá de Cima – teriam sido formadas por “filhos da terra”. A comunidade de Miriti tem em suas origens migrantes do Peru e do Ceará; o mesmo teria se passado em Curimatá de Baixo, Luis e Boca do Inambé. Em Castelo também chegaram cearenses, bem como moradores do próprio município de Fonte Boa, igualmente atraídos pela seringa. Em São José do Inambé, um jovem paraibano, na década de 1920, dominaria o comércio local de borracha, controlando o trabalho de 72 famílias. Já os moradores de Barreirinha de Baixo e Itaboca teriam origem apenas em migrantes peruanos (HIGUCHI *et al.*,2008) – se a bibliografia vai ser em nome da instituição precisa mudar a citação.

Das falas dos moradores, emergem ainda outras origens. Murinzal recebeu migrantes do Baixo Amazonas e, mais tarde, do Ceará e do Peru. Vencedor também recebeu migrantes amazônicos, segundo relatos, com origem de regiões do Rio Madeira (HIGUCHI *et al.*,2008).

Em Barreirinha de Cima, as famílias que migraram para a região e viviam da coleta de castanhas foram expulsas por pessoas “que se diziam donas das castanhas”; mais tarde, voltariam, dedicando-se à agricultura, e dando origem à comunidade atual. Em Barreirinha de Baixo, os migrantes em busca da seringa também encontraram como “dono” da área um grande madeireiro (HIGUCHI *et al.*,2008).

Relato de morador da comunidade Castelo revela que, antes da organização das famílias em comunidade, o lago de Curimatá também tinha “donos”. As famílias então

viviam na várzea, ao passo que os “donos” de seringais moravam “dentro do lago” – ou seja, na terra firme junto às margens.

Com a queda do valor internacional da borracha os seringais foram abandonados, mas os seringueiros permaneceram nas colocações. Então passaram a se adaptar as condições da floresta, explorando a borracha que era vendida aos regatões e trocando por produtos que na floresta não produziam. A adaptação à floresta, a partir da inviabilidade da exploração econômica da borracha, criou a figura do homem da floresta; que usa o ambiente natural como sua fonte de recursos, preservando em um nível considerável o ambiente natural em vive.

Ao longo desses anos as famílias que habitavam as margens do Auati-Paraná desenvolveram a agricultura familiar, com base principalmente na produção da farinha de mandioca, e produtos como melancia, milho, fumo e arroz. Produtos estes que tinham um papel importante no pequeno comércio da região e na sustentabilidade econômica das famílias.

O impulso para a organização das comunidades viria em fins da década de 1960, associado à atuação do Movimento Educacional de Base (MEB) e das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base), iniciativas da igreja católica ligadas à Teologia da Libertação – movimento que transformou a preocupação com a desigualdade social o centro da vida missionária.

A atuação do MEB na região, ligado a Prelazia de Tefé, era desenvolvida por monitores voluntários que tinham como objetivo trabalhar a alfabetização de jovens e adultos. Mas, tratava-se de uma concepção de educação que incentivava a consciência crítica e a politização, a valorização da cultura popular, o movimento comunitário, a organização e a animação popular.

Nesse processo o foco principal de atuação da igreja junto às famílias foi à organização comunitária. Esta era vista como um espaço de solidariedade e cooperação mútua – por meio de *ajuris* (mutirões) e outras práticas – e de fortalecimento na luta por seus direitos; especialmente o direito a terra. De acordo com Silva (2009) *“No caso das CEBs organizadas pela Prelazia de Tefé, percebe-se que é instituída importância tanto ao aspecto religioso quanto à participação política. É o fazer político herdado da resistência*

ao regime militar. Esta Prelazia foi e ainda é responsável pela formação das comunidades em diversos municípios próximos, como Uarini, Japurá, Alvarães, Maraã, Fonte Boa.” Nesse sentido, o trabalho principal dos missionários passou a ser a orientação das famílias que viviam dispersas para se organizarem em comunidades: *“Segundo o pároco de Fonte Boa, D. Mario Clemente Neto (que neste período foi bispo de Tefé), as antigas localidades (termo que denomina a maneira como as famílias se agrupavam nas antigas estradas de seringa, ou ‘o tempo dos antigos’) não possuíam uma organização social ‘mais coletiva’, o que resultava na inexistência de políticas governamentais que priorizassem uma melhor qualidade de vida. Com o discurso pautado no agrupamento das pessoas em comunidades, os representantes desses segmentos reuniam as pessoas para discutir maneiras de melhorar a qualidade de vida, acabar com a pesca predatória e a perseguição dos moradores locais, que passavam muitas privações, além da reivindicação ao direito à terra.”* (SILVA, *op. cit.*)

Até então, a presença da Igreja Católica entre as comunidades de Auati-Paraná era pontual, centrada na “viagem anual de serviço pastoral”, em que eram celebrados casamentos e batizados, entre outros ritos. Então a Igreja começou a visitar e organizar as famílias, falando da importância de se viver em comunidade; que passaram a possuir presidente e catequista local. Depois disso vieram os cursos de formação para catequista local. Para além do desempenho de tarefas estritamente religiosas, os catequistas acabavam por congregar os moradores, tornando-se lideranças locais. Em seguida, surgiu a figura dos “animadores de setor”, que visitavam as comunidades compreendidas no “setor”, promovendo celebrações e reuniões e avançando no processo de organização.

Nesse mesmo período fortalecia o Movimento Nacional dos Seringueiros. O processo de luta do movimento se iniciou em Xapuri, no Estado do Acre, onde Chico Mendes se destacou como principal liderança. O movimento foi uma oposição dos seringueiros ao modelo de desenvolvimento definido pelo governo federal para a região amazônica brasileira na década de 1970, onde predominavam a implantação de projetos agropecuários extensivos, mineração e madeireiros, resultando em grande concentração fundiária, êxodo das populações tradicionais para as cidades e devastação da região. Os seringueiros passaram então a resistir a essas mudanças e expulsões, unindo-se em Sindicatos Rurais e organizando os chamados “empates” (forma de luta organizada e

pacífica para impedir as derrubadas). Assim, iniciava-se o processo de conquista de autonomia dos seringueiros.

Em 1985 é realizado em Brasília o Primeiro Encontro Nacional dos Seringueiros, com a participação de 130 lideranças do Acre, Rondônia, Amazonas e Pará; onde é fundado o Conselho Nacional dos Seringueiros (CNS). Desse encontro também sai como principal reivindicação a criação das Reservas Extrativistas (RESEX's), que passava a representar na luta do Movimento uma forma alternativa à ocupação do território amazônico. De acordo com o CNS tratava-se de acabar com a colonização nas áreas dos seringais e garantir a concessão destas áreas às comunidades, para ser mantida a atividade extrativista, a exemplo do que já ocorria nas terras indígenas. Nesse primeiro momento a luta pela criação das RESEX's está mais voltada ao âmbito da Reforma Agrária, onde a pauta de reivindicação é que a terra cumpra sua função social e econômica, prevista no Estatuto da Terra (1964) e na Constituição Federal de 1988. Devido a uma série de dificuldade e conflitos relacionados à questão agrária no país neste período, Chico Mendes passa então a realizar grandes articulações com o movimento ambientalista brasileiro e internacional em busca de garantir a preservação da floresta e o modo de vida das populações tradicionais através da criação das Reservas Extrativistas, sendo uma das principais reivindicações da criação das RESEX's, a manutenção da economia baseada no extrativismo e a conservação da floresta. Portanto, dentro dos inúmeros debates governamentais, somados às reivindicações da sociedade civil organizada através dos movimentos sociais, o governo federal institucionalizou as RESEX's no âmbito da Política Nacional do Meio Ambiente, através da Lei nº 7804 de 18 de julho de 1989 e do Decreto nº 98.897 de 30 de janeiro de 1990. De acordo com a legislação o órgão responsável pela gestão das reservas era o IBAMA, e em 1992 é criado no âmbito desta instituição o CNPT/IBAMA que ficou responsável pelo acompanhamento, realização de estudos para criação e gestão das Reservas Extrativistas.

Nesse mesmo período as comunidades formadas ao longo do Auati-Paraná, em articulação com todos esses movimentos e instituições (MEB, CPT, CNPT/IBAMA e CNS), passaram a se mobilizar em torno da idéia de criação de uma RESEX na região. O principal objetivo das comunidades era frear a pilhagem dos recursos naturais existentes na área (especialmente pesqueiros e madeireiros), por indivíduos e grupos não pertencentes às

comunidades, e garantir o extrativismo e a agricultura local praticados pelas famílias que historicamente ocuparam a área.

Em 27 e 28 de novembro de 1997 é realizado um grande encontro na comunidade Murinzal, tendo como fruto das discussões dois importantes documentos: um ofício das comunidades do Auati-Paraná para a Superintendência do IBAMA solicitando os estudos na área visando à criação e implementação da Reserva Extrativista Auati-Paraná. E um ofício das instituições de apoio à criação da RESEX, igualmente encaminhado ao IBAMA.

A partir desse intenso processo de organização comunitária, e de luta pela criação da RESEX, é fundada em 01 de fevereiro de 1998 a Associação Agro-extrativista de Auati-Paraná (AAPA). O objetivo era ter uma entidade que pudesse representar politicamente frente às autoridades às famílias do Auati-Paraná, tendo assim mais forças na reivindicação dos seus direitos. E, nesse primeiro momento, o principal objetivo da AAPA foi a luta pela criação da Reserva Extrativista.

Nesse mesmo ano de 1998 são realizados, por equipes do CNPT/IBAMA, os estudos para criação da RESEX: Levantamento Sócio-Econômico e Laudo Biológico; e estudo fundiário da área. Os profissionais do CNPT/IBAMA deram considerável apoio à organização das comunidades, viabilizaram a documentação necessária e acompanharam todo o processo no âmbito do Ministério do Meio Ambiente, garantindo a criação Reserva.

O processo levou em torno de 5 anos, desde a primeira vitória realizada pelo IBAMA em 1997, até 7 de agosto de 2001, quando finalmente foi publicado no Diário Oficial da União (DOU) o Decreto de Criação da Reserva Extrativista Auati-Paraná (Anexo I).

Em 2007, foi criado no âmbito do Ministério do Meio Ambiente (MMA) o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), que passou a ser responsável pela gestão das Unidades de Conservação federais. Nesse sentido, a responsabilidade do IBAMA sobre as RESEX's passa a partir deste ano para o então novo órgão federal – ICMBio.

3.2 Localização e Situação Fundiária

3.2.1 Localização da RESEX Auati-Paraná

A RESEX Auati-Paraná localiza-se no estado do Amazonas, no interior da bacia hidrográfica homônima, em área próxima às fronteiras com o Peru e a Colômbia. Situa-se na confluência das microrregiões Alto Solimões e Japurá – compreendidas, respectivamente, nas mesorregiões Sudoeste e Norte Amazonense. Compõe a microrregião Alto Solimões os municípios de Amaturá, Atalaia do Norte, Benjamin Constant, Fonte Boa, Jutai, Santo Antônio do Içá, São Paulo de Olivença, Tabatinga e Tonantins. A microrregião Japurá, por sua vez, compreende Japurá e Maraã.

A Unidade possui uma área de cento e quarenta e seis mil, novecentos e cinquenta hectares (146.950,8200 ha), ao longo do curso d'água Auati-Paraná, abrangendo territórios dos municípios de Fonte Boa, Maraã e Japurá. Tem seu início na margem esquerda do Auati-Paraná (Ponto 01, de coordenadas geográficas aproximadas de 02° 23' 09.60" S e 66° 40' 55.20" W, conforme Decreto, Anexo I) nas proximidades da comunidade Itaboca, no município de Fonte Boa, estendendo-se pela margem esquerda do Paraná até próximo ao Lago do Patauá, na comunidade Miriti, no Município de Japurá. Ao norte limita-se com a linha limítrofe dos Municípios de Fonte Boa e Japurá, continuando por uma linha cortando o Igarapé do Auati-pema até atingir a nascente do Igarapé do Miriti. Ao Sul, com o Rio Ati-paraná. A Oeste, por uma linha seca partindo da Comunidade Itaboca até a nascente do Igarapé Inambé. A Leste, com o Igarapé central do Miriti e Lago Miriti. (Figuras 13 e 14)

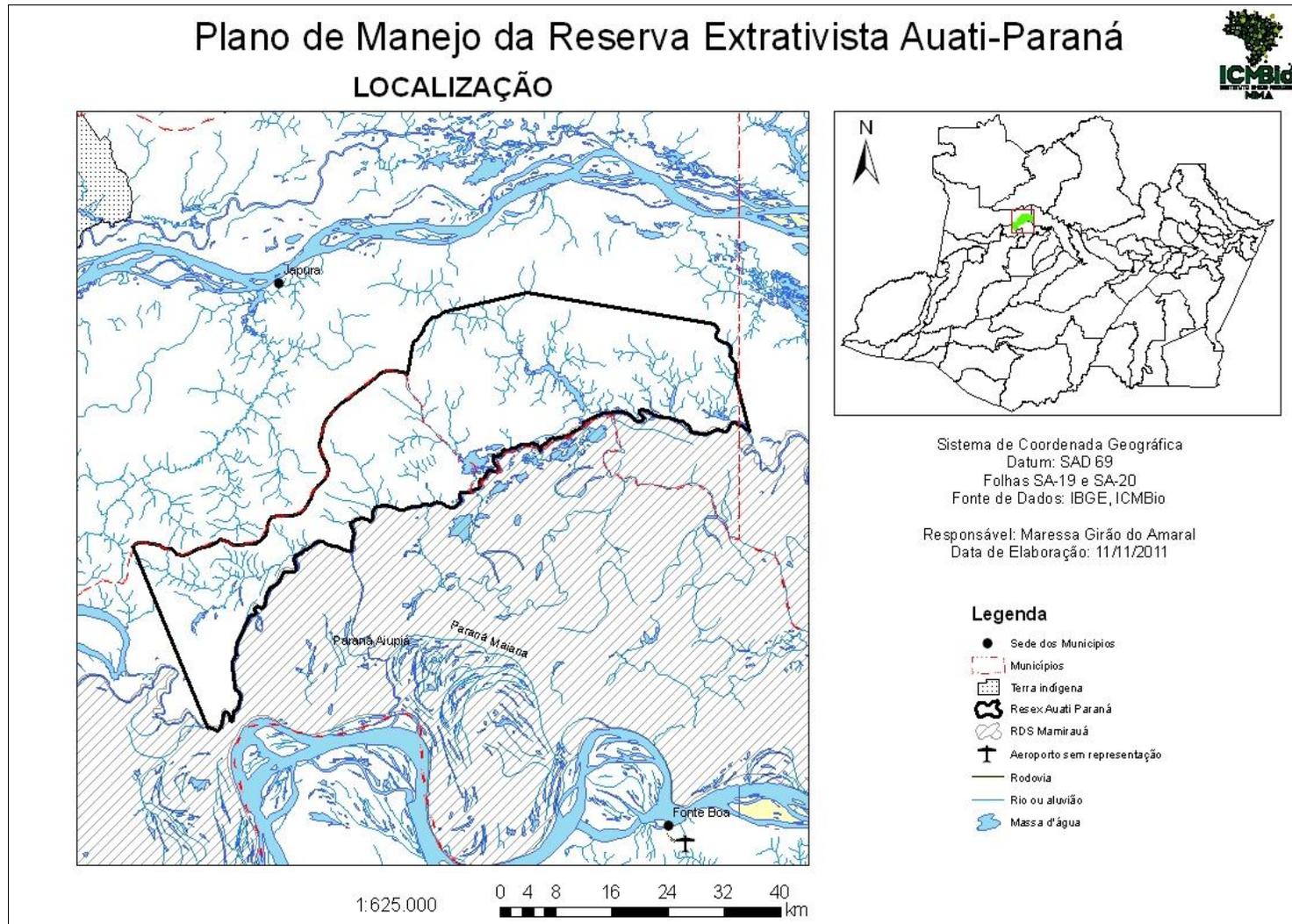


Figura 13. Mapa de Localização da UC. Limites da Reserva Extrativista Auati-Paraná contextualizados em sua região. Fonte: Diusp/ICMBio, 2007.

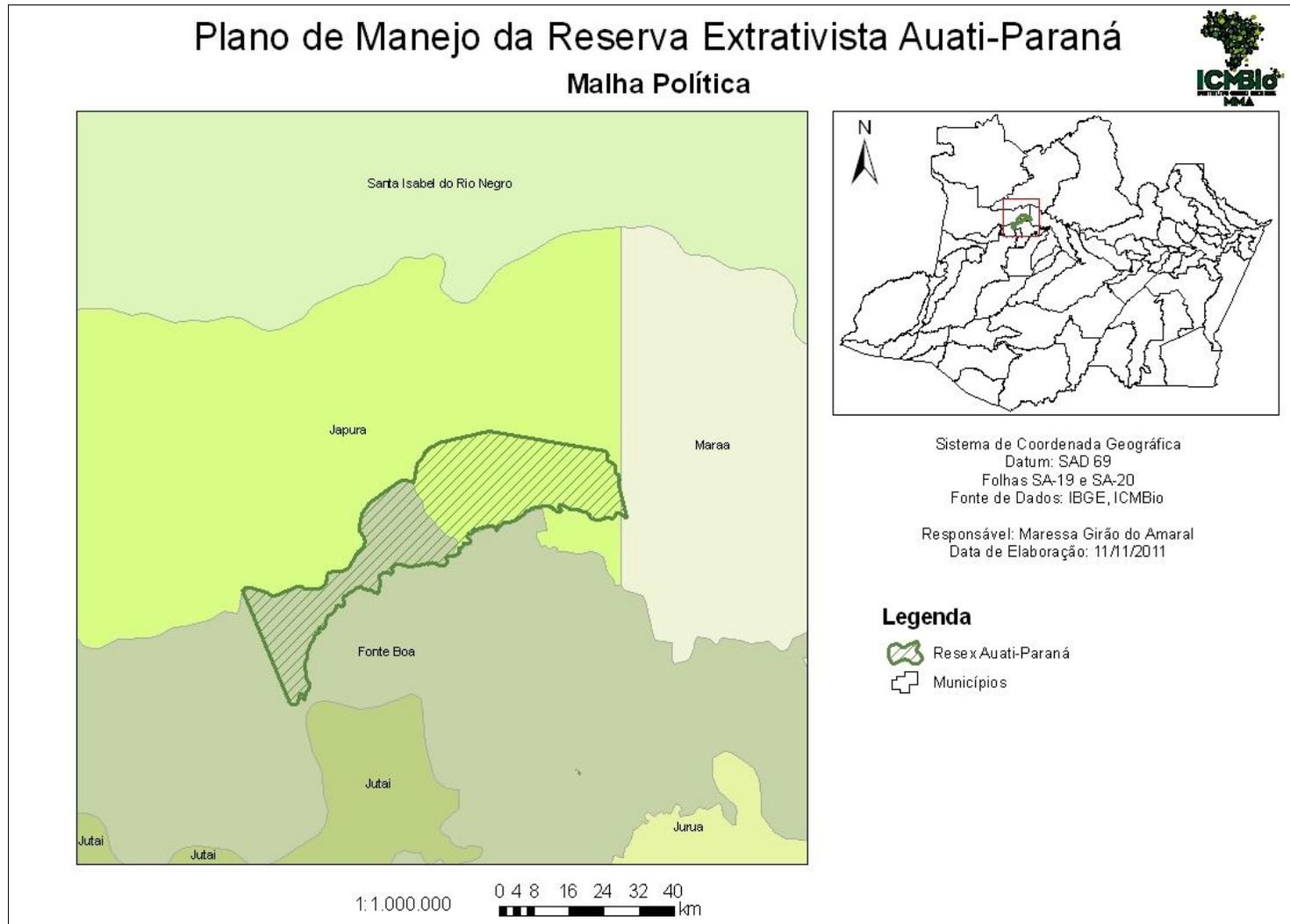


Figura 14. Malha Política. Limites da RESEX Auati-Paraná em relação à divisão política municipal

O principal acesso à Reserva Auati-Paraná é através do município Fonte Boa, que possui aeroporto comercial e porto fluvial. O acesso aéreo pode ser feito através de vôos regulares oferecidos por companhia aérea regional, duas vezes por semana, entre Manaus e Fonte Boa, com escalas nos municípios Tefé e Coari no trecho de ida; ou frete de táxi aéreo oferecido por empresas locais ou na capital. O acesso por via fluvial, partindo de Manaus, pode ser feito em embarcação regional (barco recreio, oferecido 3 dias da semana com duração de 72 horas) ou Lanchas “a jato” (o trecho Manaus/Tefé oferecido quatro vezes por semana, trecho Tefé/Fonte Boa partindo no sábado e retornando no domingo). Há também uma Lancha “a jato” que sai do Município de Tabatinga, passa em Fonte Boa na sexta-feira a tarde e segue até Manaus. O tempo de duração das viagens por via fluvial pode variar de acordo com o nível das águas.

Entre Fonte Boa e a RESEX o acesso é exclusivamente por via fluvial. O principal acesso ao início das comunidades passa por uma pequena extensão do Rio Solimões em direção a sua montante. Entra-se no Paraná do Maiana, em seguida no Paraná do Aiupuíá, e chega-se então ao Auati-Paraná, principal curso de água da Unidade, que liga os rios Solimões e Japurá. Neste trajeto passa-se pela área de abrangência da RDSM.

A RESEX Auati-Paraná é habitada por 16 comunidades situadas em regiões de várzea, florestas de igapó e terra firme (Tabela 1; Figura 15). A primeira comunidade a ser encontrada é São Luiz, que fica aproximadamente 64 km da cidade de Fonte Boa. A viagem dura de barco em torno de 15 horas do município até a última comunidade, Miriti. Em canoas, utilizando motores “rabetá” a viagem dura em torno de 8 horas. No Auati de cima (região norte da RESEX) há ligação com o Município de Jutai, mas é intrafegável por barcos no período da vazante.

Tabela 1. Comunidades da RESEX de Auati-Paraná e suas distâncias (km;linha reta)

Comunidades		Itaboca	Boca do Inambé	São José do Inambé	São Luiz	Barreirinha de Cima	Monte das Oliveiras	Barreirinha de Baixo	Cordeiro	Curimatá de Cima	Castelo	Curimatá de Baixo	Murinzal	Vencedor	Boca do Pema	Luiz	Miriti	Latitude S	Longitude W
1	Sede Municipal – Fonte Boa	68	66	67	65	65	65	65	64	64	66	65	64	64	64	64	64	02°30'43,2"	66°06'01,3"
2	Itaboca	x	29	23	31	32	36	37	41	49	58	58	62	68	71	77	86	02°21'58,0"	66°39'43,9"
3	Boca do Inambé		x	7	5	8	10	13	19	26	32	32	36	43	47	52	55	02°09'15,8"	66°33'24,9"
4	São José do Inambé			x	13	15	17	20	26	34	40	40	43	50	54	59	62	02°11'19,3"	66°37'57,1"
5	São Luiz				X	11	13	16	22	29	35	35	39	46	50	55	58	02°09'02,1"	66°31'22,0"
6	Barreirinha de Cima					x	2	6	12	19	25	25	29	36	39	43	47	02°07'07,8"	66°29'56,5"
7	Monte das Oliveiras						x	4	10	17	22	22	26	34	37	41	44	02°06'54,6"	66°29'16,2"
8	Barreirinha de Baixo							x	7	14	19	19	23	31	34	38	41	02°05'58,2"	66°27'44,7"
9	Cordeiro								x	6,6	12	12	16	23	26	31	34	02°04'52,9"	66°20'23,6"
10	Curimatá de Cima Boa Vista do Curimatá									X	6	6	10	17	20	24	28	02°02'13,9"	66°18'31,7"
11	Castelo										x	1	10	17	20	24	28	02°01'07,8"	66°19'07,3"
12	Curimatá de Baixo											x	9	10	14	19	22	02°01'28,1"	66°16'50,5"
13	Murinzal												x	7,2	11	16	19	02°01'20,8"	66°15'51,4"
14	Vencedor													x	3,6	8,4	11	02°00'03,6"	66°12'35,2"
15	Boca do Pema ou Boa Vista do Pema														x	5,4	8,4	01°59'02,8"	66°09'51,4"
16	Luiz															x	3,6	01°59'15,4"	66°06'39,6"
17	Miriti																x	01°59'28,4"	66°00'59,2"

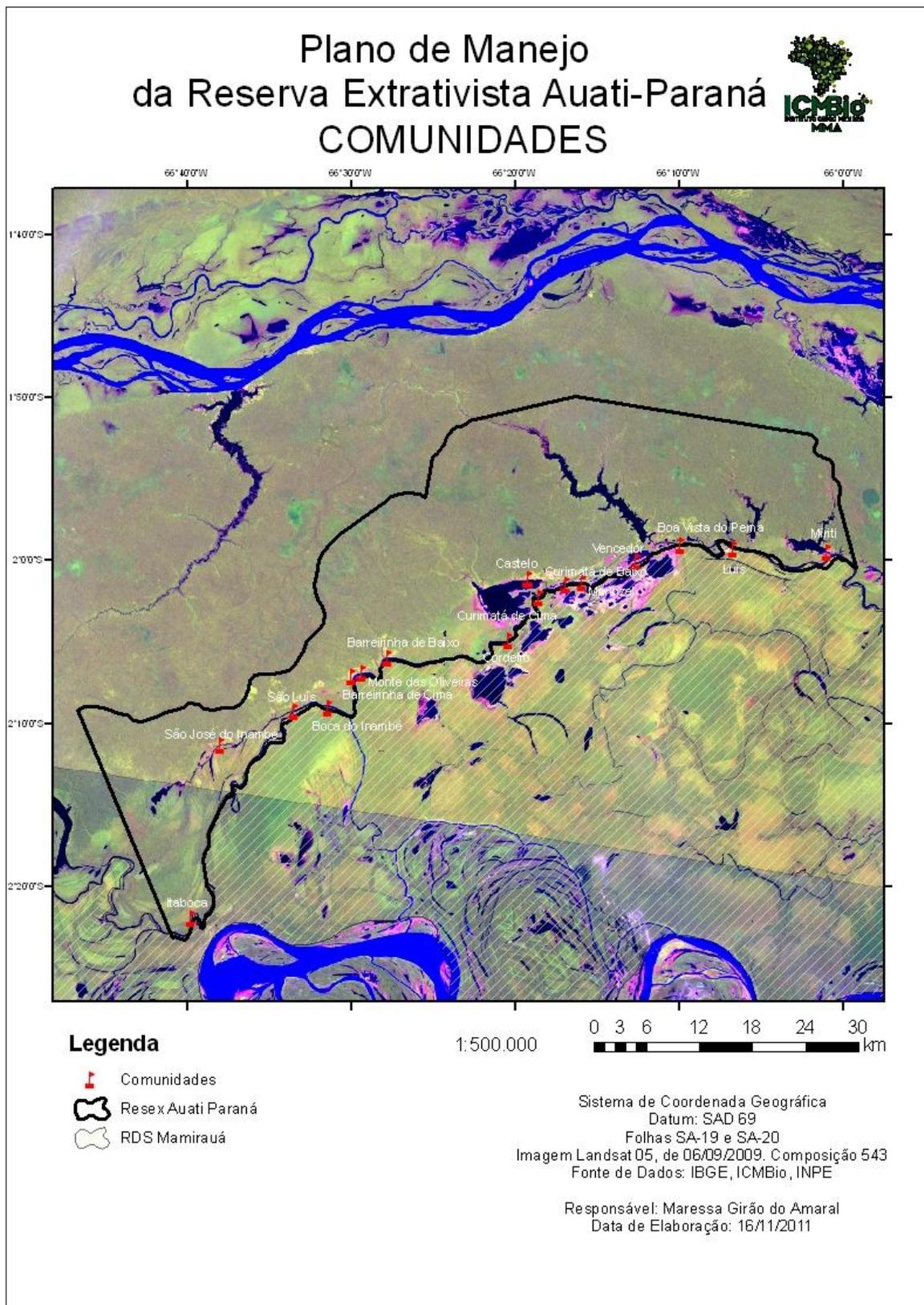


Figura 15. Localização das Comunidades da RESEX Auati-Paraná

3.2.2 Contextualização da RESEX Auati-Paraná em relação às outras UCs da Região

A RESEX Auati-Paraná está localizada na região do Médio Solimões, na área central do Corredor Central da Amazônia (Figura 16). A UC localiza-se em área contígua à RDS Mamirauá, formando uma espécie de corredor de Unidades de Conservação que unem o Rio Solimões ao Rio Negro, sendo elas as federais: RESEX Auati-Paraná, RESEX do Rio Unini, e Parque Nacional do Jaú; e as estaduais RDS Mamirauá e RDS Amanã.

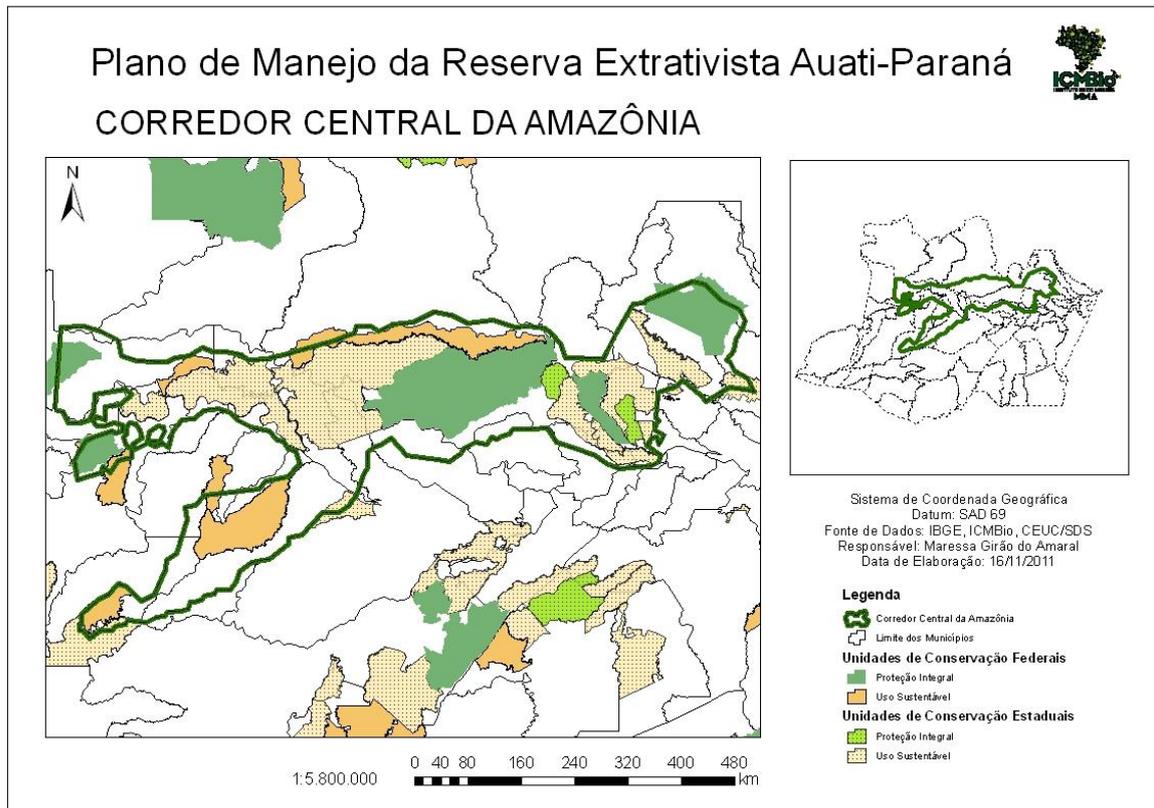


Figura 16. Corredor Central da Amazônia.

3.2.2.1 As comunidades da RESEX e a RDS Mamirauá

A RESEX Auati Paraná e a RDSM estão localizadas entre a confluência dos rios Solimões e Japurá, e limitam suas áreas no canal do Auati-Paraná,, à margem esquerda a RESEX e a margem direita a RDSM formam um território contíguo de áreas protegidas. Para além da continuidade de áreas, as duas unidades compartilham o uso comum de recursos naturais pelas comunidades localizadas ao longo do canal.

O limite legal das duas Unidades não contrapõe o cotidiano e a territorialidade reconhecida pelas comunidades locais. Poucas informações se têm da dimensão e tipos de

uso realizado pelas comunidades situadas na RESEX em área da RDSM e vice-versa. Até o momento pode-se inferir com base em levantamento preliminar de áreas de pesca utilizadas pelas comunidades beneficiárias da RESEX a porção do território utilizado no setor da RDSM (Figura 119). Porém sabe-se por depoimentos informais que outros recursos e áreas são utilizadas, por exemplo, para a coleta de sementes de andiroba.

Algumas ações pontuais dos órgãos gestores, ICMBio e CEUC, são realizadas de forma integrada para a região: ações de proteção e ações voltadas para o manejo do pirarucu. O CEUC tem dado anuência aos processos de autorização de pesca do pirarucu pelas comunidades beneficiárias da RESEX nos últimos anos. Mas essa parceria precisa ser instituída formalmente com objetivo de se integrar a gestão nessa área e compartilhar uma agenda de trabalho comum entre os órgãos. É necessário também envolver as populações no planejamento integrado com objetivo de reconhecer a territorialidade local instituída.

3.2.3 Situação Fundiária

As terras dentro dos limites de uma Reserva Extrativista Federal devem ser de domínio da União, sob a gestão, administração e monitoramento do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. Fica ainda, a cargo do Instituto, as desapropriações que se fizerem necessárias e o contrato de concessão de direito real de uso das terras com as comunidades beneficiárias. O contrato de concessão de uso gratuito concede aos detentores o direito de usar as terras públicas, não o direito de domínio sobre as mesmas terras.

A situação fundiária da RESEX ainda esta por ser devidamente regularizada, nos termos em que a lei exige.

Considera-se para efeitos de regularização fundiária da RESEX Auati-Paraná:

- RESEX com imóveis legalmente reconhecidos indenizados e desapropriados;
- Unidade demarcada e sinalizada, e
- Contrato de concessão de direito real de uso assinado;

Levantamentos realizados em 2009 (ARPA/GTZ,2009) apontam que a RESEX Auati-Paraná é constituída em sua totalidade por terras de domínio público pertencentes ao Estado do Amazonas, as quais abrangem duas glebas, quais sejam: Gleba Ati Paraná, com 844.114, 26 ha, e Gleba Terra Preta, com 1.241.500,00 ha. Em relação à composição fundiária das terras da RESEX Auati-Paraná, a afetação se dá nas seguintes proporções: 102.431,35 ha (69,70%) localizam-se na Gleba Terra Preta e 44.519 ha (30,30%) na Gleba Ati Paraná (Figura 17). As terras passaram da condição de terras devolutas para a titularidade do Estado por meio de Arrecadação Sumária (arrecadação de caráter cartorial) conforme mostra registros públicos apresentados na Tabela 2.

Tabela 2. Glebas na RESEX Auati-Paraná e registros públicos

Gleba	Registro Público
Gleba Ati Paraná	Matricula 1284, Livro2-G (Registro Geral), fl. 104, de 25/05/1982, registrada no Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de Tefé;
Gleba Terra Preta	Matrícula 579, Livro 2-B (Registro Geral), fl. 049, de 23/06/1986, no Cartório de Registro de Imóveis de Fonte Boa.

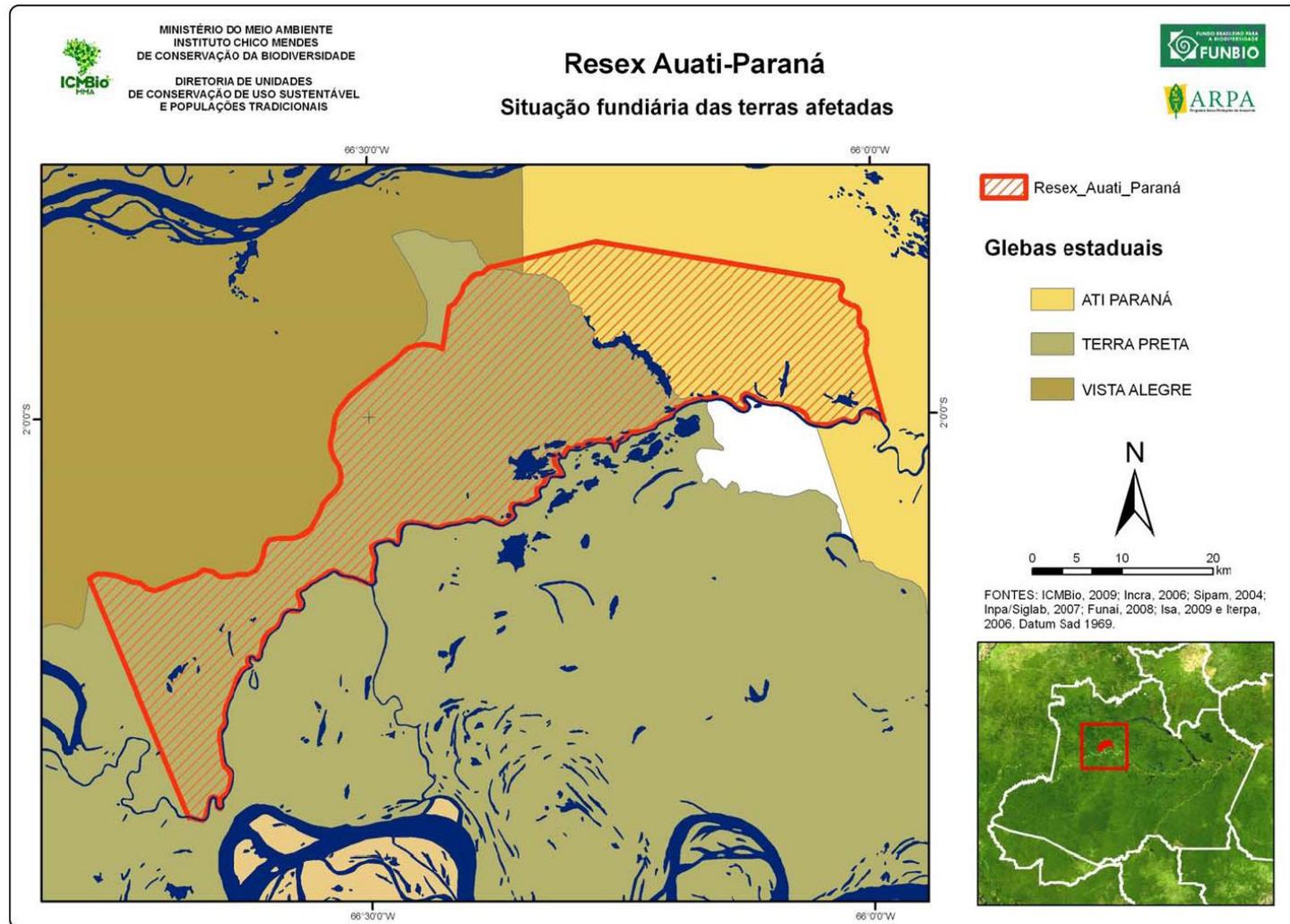


Figura 17. Limites da RESEX Auati-Paraná em relação à situação fundiária das terras afetadas.

De acordo com levantamento realizado no ITEAM em 2005, na área de abrangência da Reserva Auati-Paraná não foi encontrado nenhum registro de títulos expedidos afetando a Gleba Ati Paraná. Quanto à Gleba Terra Preta, o ITEAM informou a expedição de Títulos Definitivos expedidos dentro dos limites da Reserva Extrativista Auati-Paraná conforme a Tabela 3.

Tabela 3. Relação de títulos expedidos pelo ITEAM na RESEX Auati-Paraná.

Nº/Ordem	Proprietário	Área (ha)	Data
01	Lúcio Tavares de Lira	100,0000	S/I
02	José Tavares de Lira	100,0000	S/I
03	Raimundo Firmino da Silva	100,0000	S/I
04	Firmino Dantas da Silva	100,0000	S/I
05	Leocádia Monte Siqueira Cavalcante	2.329,2300	09.01.1932
06	José de Arimathéa S. Cavalcante	2.023,2150	26.05.1931
07	José de Arimathéa S. Cavalcante	2.282,7375	26.05.1931

Fonte: ARPA/GTZ,2009

Em levantamento realizado em 2009, na etapa de convocação de possíveis proprietários para apresentação de documentos comprobatórios de domínio/posse de imóveis no interior da RESEX, foi apresentado apenas um título de domínio expedido pelo Instituto de Terras e Colonização do Amazonas – ITERAN (órgão antecessor do ITEAM), em favor de José Tavares de Lima, adquirido por Usucapião especial (Matricula no Cartório de Registro de Imóveis nº 579, fls. 49, Livro 2-B da Comarca de Fonte Boa), sob o nome de Recreio, com uma área de 100ha, com sua caracterização e confrontações no Título, possivelmente referente ao título de Nº/ordem 02 da Tabela 3.

Foram encontrados nos levantamentos cartoriais na Comarca de Fonte Boa títulos expedidos pela prefeitura local: um título de transmissão, expedido para Adelson Ferreira de Almeida (Livro de Registro Geral nº 2-A, fls. 012, Matrícula 514, em 28.06.1984), um terreno com uma área de 25.000,000m², no Lago Curimatá, na Gleba Terra Preta.

Nos levantamentos cartoriais (ARPA/GTZ,2009) com objetivo de integrar informações de imóveis na área da RESEX não foram certificados quaisquer registros nos Cartórios dos Municípios de Tefé, Marã e Japurá. O Cartório da Comarca de Fonte Boa certificou os registros dos imóveis dos títulos expedidos pelo Estado de propriedade de José Arimathéa de Siqueira Cavalcante e Leocádia Monte de Siqueira Cavalcante,

denominados Barreirinha, Barreirinha Segundo e Barreirinha Terceiro, todos com a mesma matrícula.

Quanto a este último registro, deve-se considerar que o decreto de criação da RESEX exclui dos seus limites (Vide Decreto, ponto 09 – Anexo I) o imóvel denominado Barreirinha Primeiro. Há a necessidade de consolidação dos limites da UC, para verificação dos confrontantes desde imóvel, e confirmação se é referente aos imóveis registrados no Cartório da Comarca de Fonte Boa.

A situação fundiária da Reserva Extrativista Auati-Paraná deverá ser regularizada, para isso estão identificadas ações:

3.2.3.1 Processos de Regularização Fundiária

- Acompanhar processos administrativos que requerem indenização/desapropriação até o encerramento²;
- Verificação da legitimidade dos títulos expedidos pela Prefeitura de Fonte Boa, em áreas arrecadadas pelo Estado possivelmente no interior da RESEX, os quais foram encontrados registros nas pesquisas cartoriais efetuadas³;
- Verificação da legitimidade dos títulos expedidos pelo Estado, os quais não foram encontrados Registros de Imóveis nas pesquisas cartoriais efetuadas;

3.2.3.2 Consolidação de Limites e Delimitação Física

² No processo administrativo 02005.0001322/06-11-IBAMA/SUPES/AM recomenda-se uma revisão no sentido de que seja requerido o cancelamento do registro no Cartório de Registro de Imóveis, para que na o venha gerar expectativas de direito ao interessado e seja ele informado, nos termos da Lei 10.167, de 28 de agosto de 2001.

³ O Detentor do imóvel rural denominado Santo Antonio do Paxiúba, localizado no interior da RESEX Auati-Paraná, guarda um Título Definitivo de Maria Gomes Pinheiro, expedido em 1931 pelo Governo do Estado do Amazonas, o mesmo nunca foi levado ao Cartório para Matrícula e foi transmitido para os sucessivos herdeiros até chegar ao Detentor atual sem inventário. Houve também uma Doação, sem homologação do Juízo. O imóvel não possui CCIR e há mais de 5 (cinco) anos o interessado deixou de pagar o ITR e não mora no local, apenas explora recursos naturais em épocas de safra. Desse modo, o imóvel aqui referido, do interesse de Alcides Pinheiro de Lira, está totalmente fora do ordenamento jurídico-agrário.

Matrícula 514, do Livro 2-A, fls. 012, referente ao Título Definitivo nº 280, expedido pela Prefeitura Municipal de Fonte Boa a Adelson Ferreira de Almeida, em área rural, com 25.000,00m², segundo os seus limites e moradores da RESEX, vizinhos, a área diz que está dentro da RESEX e da Gleba Terra Preta, arrecadada pelo Governo do Estado do Amazonas. Observa-se que a Prefeitura de Fonte Boa tituló área que não é sua. Ainda, na certidão apresentada não constam suas descrições demarcatórias e cartográficas.

- Haja vista a RESEX possuir em muitos de seus pontos limites naturais, recomenda-se a sinalização em ordem da regra molhada (limites descritos em margens ou eixos de rios, igarapés, lagos, lagoas).
- Avaliação da pertinência de demarcação das linhas secas e verificação de pontos pertinentes em campo constante no memorial descritivo do decreto de criação.
- Sinalização estratégica com vistas à proteção.

3.2.3.3 Destinação da dominialidade das terras para o ICMBio

- Considerando-se que a Unidade está 100% (cem por cento) sobreposta em terras pertencentes ao Governo do Estado do Amazonas, correspondente as Glebas denominadas Atí Paraná e Terra Preta é necessário à consolidação de ações interinstitucionais, para que se viabilize a transferência e a destinação da porção de cada uma das Glebas, para a administração e a gestão dessas terras para o domínio da União, ao ICMBio, por meio de ato legal.

3.2.3.4 Incorporação das terras ao patrimônio do ICMBio

- Posterior à efetivação de ato legal que conceda à União a dominialidade, levar o instrumento para matrícula no Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de Fonte Boa, Estado do Amazonas, para que se tenha a totalidade da área decretada como **Reserva Extrativista Auati-Paraná** devidamente regularizada.

3.2.3.5 Contrato de Concessão de Direito Real de Uso

- Deve ser elaborado e assinado o Contrato de Concessão de Direito Real de Uso com a população beneficiária, a concessão é gratuita, por um período determinado, podendo ser prorrogada.

3.3 Dinâmica de ocupação estadual e regional

3.3.1 Histórico do Estado do Amazonas

A história de ocupação do Estado do Amazonas está intimamente ligada à atividade extrativista. As primeiras riquezas exploradas no Amazonas foram as especiarias, onde a atividade extrativista se baseava na mão-de-obra indígena e era explorada por missionários.

Entretanto, a borracha merece destaque na história de ocupação da região. Ao longo dos dois ciclos da borracha (primeiro ciclo no final do século XIX e segundo ciclo durante a segunda guerra mundial) a atividade de extração do látex da seringa atraiu milhares de nordestinos que sofriam com as secas. Estes homens mudavam-se para a floresta amazônica em busca da riqueza prometida pela borracha.

A população migrante encontrou na floresta diversas etnias indígenas, muitas que aos poucos foram se misturando e integrando com os seringueiros e a atividade de extração do látex. A mistura do índio nativo e do migrante nordestino deu origem à população cabocla da Amazônia.

Com a decadência do mercado da borracha teve início uma grande corrida por novos recursos naturais para sustentar a economia regional. Neste período houve um forte aumento da pressão sobre os recursos naturais, principalmente a madeira, pesca e caça para o mercado das “peles fantasia”. Sendo assim, a economia do interior do Estado do Amazonas concentrou-se historicamente nas atividades extrativistas, como a pesca, coleta de castanha, extração de óleos, cipós, madeira, açaí, etc.

3.3.2 Histórico do Município de Fonte Boa

A história de ocupação de Fonte Boa se confunde com a história da região do Médio Solimões, em geral. Nascido como um desmembramento de Tefé, o município de Fonte Boa recebeu as mesmas influências de migração que o resto do Estado, sendo, portanto, habitado pela população Amazônica que se origina a partir da mistura do nordestino com o indígena nativo.

Taracoatêua ou taracuariba, aldeia dos índios Omaguas, foi o primitivo núcleo de povoamento da atual cidade de Fonte Boa. Nessa aldeia, nos fins do século XVII, o jesuíta alemão Samuel Fritz fundou a missão religiosa denominada “Nossa Senhora de

Guadalupe”, na aldeia chamada Taracuatúa. Poucos anos depois da fundação da missão a aldeia foi destruída pelos espanhóis e restaurada mais tarde pelos portugueses.

O topônimo “Fonte Boa” foi dado, tanto a Freguesia e ao município, quanto a cidade, devido haver no porto desta, várias Fontes de água cristalina e boa, jorrando de Barreiras de Fonte Boa. A Freguesia, antiga circunscrição territorial equivalente a distrito, foi criada pela Lei Provincial no. 92, de 6 de novembro de 1858, com a denominação de Fonte Boa. Em virtude da Lei Provincial no. 251, de 22 de abril de 1873, a sede da freguesia foi transferida para o lugar denominado Barreiras de Fonte Boa.

A criação do município, com território desmembrado de Tefé, ocorreu em 1891, por força do Decreto Estadual número 92, de 23 de março do mesmo ano, que elevou Fonte Boa a categoria de Vila. A sede municipal foi elevada a categoria de cidade pelo Decreto-Lei Estadual número 68, de 31 de março de 1938⁴.

3.3.3 Divisão político-administrativa e demográfica

3.3.3.1 O Estado do Amazonas

Dividido em 62 municípios, o Amazonas é o maior estado da federação, estendendo-se por 1.570.745,680 km². Está localizado na região Norte, fazendo divisa com os estados do Acre, Rondônia, Mato Grosso, Pará e Roraima. Em nível internacional, tem fronteiras com o Peru, Colômbia e Venezuela. Possui a maior bacia hidrográfica e o maior rio do mundo, a Bacia Amazônica e o Rio Amazonas. Sua capital, Manaus, é a maior e mais populosa metrópole da Amazônia. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a população do estado em 2009 foi estimada em 3.221.939 de habitantes.

3.3.3.2 O Município de Fonte Boa

O município de Fonte Boa está situado à margem direita do rio Solimões, estendendo-se por 12.111 km², limitando-se com os municípios de Japurá, Juruá, Jutai, Maraã, Tonantins de Uarini. Segundo IBGE⁵, a população estimada em 2009 era de 18.803 habitantes. Dista da capital do estado, Manaus, 676 km em linha reta; por via fluvial,

⁴ Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/amazonas/fonteboa.pdf>. Acessado em 04/10/2010

⁵ Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm>. Acessado em 04/10/2010.

principal forma de acesso, mais de 1.000 km separam os dois municípios. Além de sede da RESEX Auati-Paraná, compreende em seu território outra UC, a Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá.

Dados do PNUD (PNUD,2001) referentes ao município de Fonte Boa no período de 1991 a 2000⁶ indicam que o município registrou, nesse período, uma redução do índice de analfabetismo em todos os níveis etários – ainda que todos permanecessem substancialmente altos. A maior queda percentual deu-se na faixa dos 18 aos 24 anos (de 46,67% a 29,65%) e a menor, para os indivíduos com 25 ou mais (de 57,45% a 47,71%).

No mesmo intervalo, contudo, outros indicadores apresentaram piora: o percentual de “pobres” subiu de 70,83% a 86,97%, e o de crianças de 10 a 14 anos que trabalham, de 8,6% para 18,75%. Nesse período, o Índice de Desenvolvimento Humano do Município (IDHM) – calculado a partir da composição de três outros índices, que medem renda, longevidade e educação – apresentou ligeira melhora (de 0.517 a 0.532). Isoladamente, ainda que o IDHM-Longevidade e o IDHM-Educação tenham apresentado melhora – o que impulsionou no avanço do IDHM –, o IDHM-Renda recuou, e continua a ser o pior dos três. Tais índices colocam o município de Fonte Boa entre os 100 municípios de menor IDH do Brasil.

3.3.3.3 O município de Japurá

Fronteiriço à Colômbia, o município de Japurá ocupa uma área de 55.791 km². É banhado pelo rio de mesmo nome, afluente da margem esquerda do Solimões. Segundo o IBGE, em 2007 sua população era de 5.281 habitantes. Limita-se com os municípios brasileiros de Fonte Boa, Maraã, São Gabriel da Cachoeira, Santa Isabel do Rio Negro, Santo Antônio do Içá e Tonantins.

De acordo com dados do PNUD, referentes ao município de Japurá no período de 1991 a 2000⁷, o município registrou, nesse período, uma redução do índice de analfabetismo em todos os níveis etários. A maior queda percentual deu-se na faixa dos 15

⁶ PNUD. 2001. Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil. Disponível em: <http://www.pnud.org.br/atlas>. Acessado em 28/05/2009. Os índices de analfabetismo para Japurá e Maraã são, de modo geral, próximos aos de Fonte Boa. O índice varia de 0 a 1; tanto melhor é o IDH do município quanto mais se aproxima de 1.

⁷ PNUD. 2001. Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil. Disponível em: <http://www.pnud.org.br/atlas>. Acessado em 28/05/2009.

aos 17 anos (de 63,2% a 30,6%, uma redução de aproximadamente 51,58% no decorrer do período) e a menor, para os indivíduos com 25 anos ou mais (de 76,94% a 50,05%).

No mesmo intervalo, o percentual de “pobres” subiu de 68,0% para 80,5 em 2000, significando a redução da qualidade de vida da população. Entretanto, uma análise mais ampla, demonstra que, nesse período, o Índice de Desenvolvimento Humano do Município (IDHM) cresceu 21,73%, passando de 0,474 para 0,577%. Apesar do IDHM-Renda ter apresentado queda de percentual, o que impulsionou significativamente o crescimento do IDHM, foi o avanço dos IDHM-Longevidade e o IDHM-Educação, este último de 0,253% em 1991 para 0,609% em 2000, significando um crescimento de 115,6%, e um redução de 19,6% do distanciamento dentre o IDH do município e o limite máximo de IDH, ou seja, 1 – IDH. Segundo a classificação do PNUD, o município de Japurá está entre as regiões consideradas de médio desenvolvimento humano (IDH entre 0,5 e 0,8).

3.3.3.4 O município de Maraã

O município de Maraã é parte da microrregião Japurá. De acordo com o IBGE, sua população em 2007 era de 17.507 pessoas, em um território de 16.910 km². Faz fronteira com os municípios de Alvarães, Barcelos, Coari, Codajás, Fonte Boa, Japurá, Juruçá, Santa Isabel do Rio Negro, Tefé e Uarini.

No período de 1991 a 2000, o município registrou uma redução do índice de analfabetismo em todos os níveis etários, conforme dados do PNUD (PNUD, 2001)⁸. A maior queda percentual deu-se na faixa dos 15 aos 17 anos (de 53,3% a 23,5%) e a menor, para os indivíduos com idade entre 18 e 24 anos (de 55,5% para 32,5%).

Neste período o percentual de “pobres” apresentou um crescimento de 3,97%, subindo de 81,3% para 84,5%. O Índice de Desenvolvimento Humano do Município (IDHM) passou de 0,474 para 0,560, ou seja, um crescimento de 18,14%. A dimensão que mais contribui para este crescimento foi a Educação, com 88,8%, seguida da Longevidade, com 18,9% e pela renda, com -7,7%. De acordo com a classificação do PNUD, O IDHM de Maraã em 2000, coloca o município entre as regiões consideradas de médio desenvolvimento humano.

⁸ PNUD. 2001. Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil. Disponível em: <http://www.pnud.org.br/atlas>. Acessado em 28/05/2009.

3.4 Caracterização Ambiental

3.4.1 Meio Físico

3.4.1.1 Clima

Segundo Brasil (1977), pela classificação de Köppen, o clima da região enquadra-se no grupo climático A (clima tropical chuvoso), com tipo f (florestal). Pela classificação de Gaussen, a área enquadra-se na região bioclimática *termaxérica* (equatorial).

O clima Af de Köppen corresponde ao clima de florestas tropicais, caracterizado por possuir no mês mais frio temperatura superior a 18°C, apresentando temperatura média em torno de 25°C, com máxima de 31°C e mínima de 20°C, possui ainda precipitação anual de 2697 mm sendo os meses mais secos de julho-novembro.

A região *termaxérica* de Gaussen, representada pelo tipo *eutermaxérica* (equatorial propriamente dita), apresenta as seguintes características: temperatura do mês mais frio superior a 20°C, período quente contínuo, estações do ano pouco evidentes ou mesmo inexistentes, amplitude térmica anual muito baixa, dia e noite aproximadamente com a mesma duração e estado higrométrico muito elevado, superior a 85%.

O Laudo Biológico Para Criação da Reserva Extrativista do Auatí-Paraná (BRASIL, 1998) descreve o clima regional como tropical chuvoso úmido, apresentando temperatura máxima de 32,8°C e mínima de 20°C; média de 25,9°C.

A precipitação anual é de 2697 mm, sendo os meses mais secos de julho-novembro (CANALEZ, 2009).

3.4.1.2 Geologia

A geologia regional é apresentada de modo simplificado na Figura 18, onde se verifica que a RESEX está quase toda dentro da Formação Içá. Uma pequena porção da UC, situada na margem esquerda do Auatí, é classificada como Aluviões holocênicos. Esta formação é predominante ao sul do Auatí, na RDS Mamirauá e corresponde ao ambiente de várzea. Ocorre também na área de amortecimento, ao longo dos rios Acanuaé e Japurá, em ambos os lados destes cursos d'água.

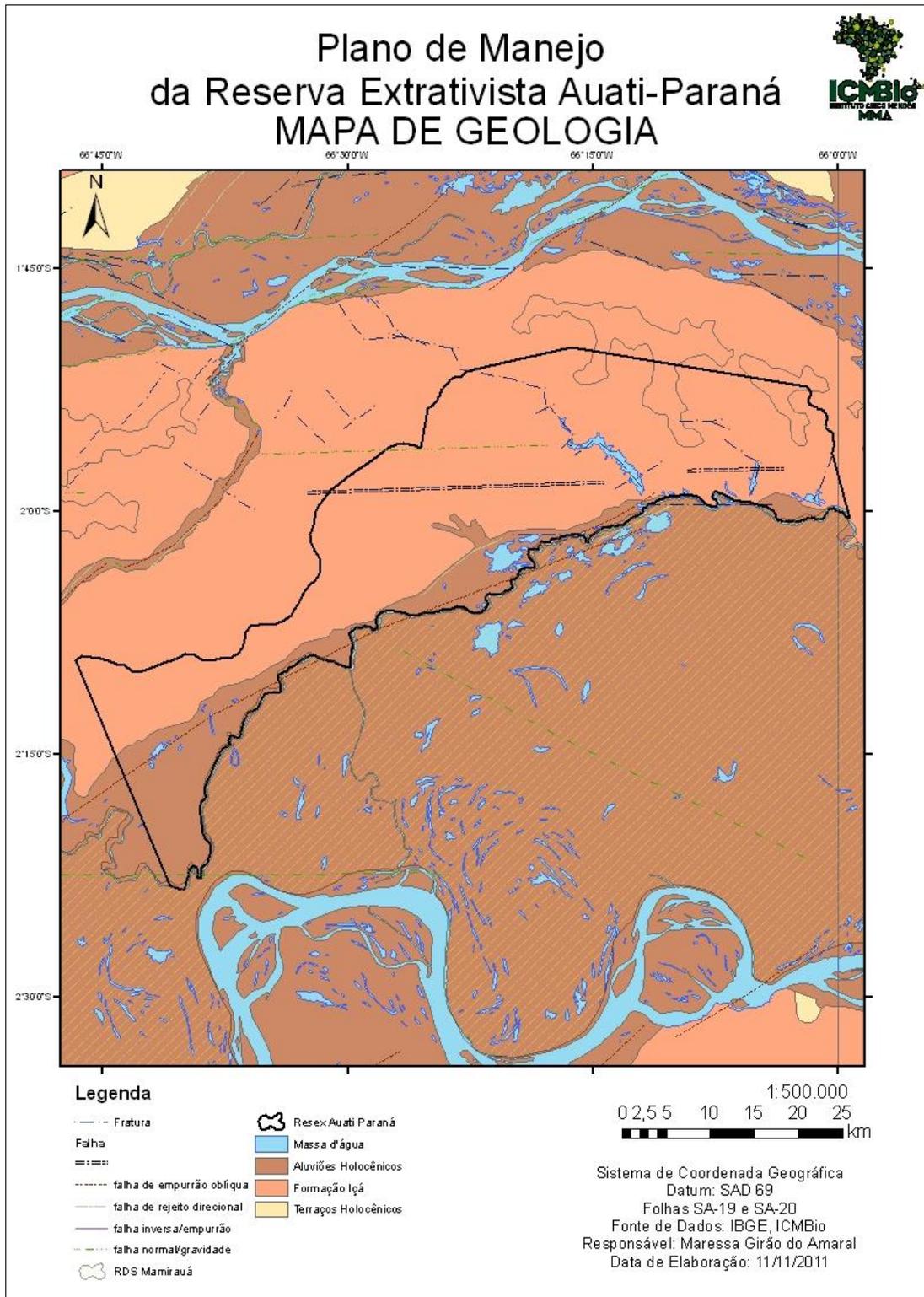


Figura 18. Geologia Regional

No zoneamento do Mapa Geológico da Folha SA. 19, do RADAMBRASIL (BRASIL, 1977), a região da RESEX aparece representada por duas (2) formações: Qa,

situada principalmente ao sul do Auatí, abrangendo a área de várzea da RESEX e TQs, situada basicamente ao norte do canal, abrangendo toda a área do planalto rebaixado.

A formação TQs é denominada Formação Solimões, sendo caracterizada por apresentar argilitos vermelhos mosqueados, cinzento-esverdeados, maciços ou acamados, concreções carbonáticas e gipsíferas, fossilíferas, contendo lentes de carvão e turfa; lentes de calcário; siltitos maciços marrom, cinza-esverdeados, localmente com estratificações plano-paralelas; arenitos finos a grosseiros, cinza-avermelhados, em lentes ou interdigitados, com siltitos e argilitos, constituindo estratificações cruzadas de pequena, média ou grandes amplitudes; arenitos arcoseanos, arenitos ferruginosos e conglomerados polimíticos. Período Cenozoico, do Plioceno a Pleistoceno.

A formação Qa é denominada como Aluvião, caracterizando-se por apresentar areias, siltes, argilas, sedimentos inconsolidados de planícies fluviais, depósitos recentes e atuais, às vezes apresentam-se mais litificados (depósitos sub-recentes); arenitos ferruginosos e carbonosos, com seixos de quartzo de aspecto conglomerático. Período Cenozóico, do Pleistoceno a recente.

Considerando o Encarte Tectônico da Folha SA 19 (ALMEIDA *et al.*, 2004), a região da RESEX Auati-Paraná encontra-se inserida dentro da Província Geológica Estrutural do Amazonas, no Domínio Tectono-Estrutural da Bacia Sedimentar Fanerozóica da Bacia Solimões (BSO), em zona transicional entre duas entidades tectônicas: Coberturas Cenozóicas (Cz) e Bacia sedimentar Fanerozóica. (Figuras 19, 20 e 21). Por esse mapeamento a RESEX encontra-se quase toda inserida dentro da Bacia Intratectônica (CZ1) da Bacia Sedimentar Fanerozóica; apenas uma pequena parte, ao sul da RESEX, está localizada em área de Cobertura Clástica (CZc). Coberturas cenozoicas de sedimentos recentes aparecem no entorno, na várzea do Solimões.

A Figura 22 mostra um recorte da Carta Geológica do Brasil (E = 1.1000.000) realizada pelo CPRM (ALMEIDA *et al.*, *op. cit.*), abrangendo a RESEX Auati-Paraná e entorno. As áreas em amarelo, com simbologia Q1t, correspondem a terraços fluviais semiconsolidados de cascalho, areia, silte e argila (do pleistoceno); as áreas em rosa, com simbologia Q2a, correspondem à zona de sedimentação recente, ou seja, de depósitos aluvionares compostos por cascalho, areia e argilas semiconsolidados a inconsolidados (do holoceno).

No Mapa Geológico do Estado do Amazonas (CPRM, 2006) (Figura 22) a região da RESEX Auati-Paraná é posicionada no *Éon* Fanerozóico, Era Cenozóica, Período Neógeno, apresentando-se dentro de duas (2) unidades estratigráficas: N4t e N3i.

A unidade N4t (depósitos de terraços fluviais com areia, silte, argila e cascalhos semiconsolidados), de idade holocênica. A unidade N3i (Formação Içá: arenito, argilito, siltito e turfa), de idade pleistocênica.

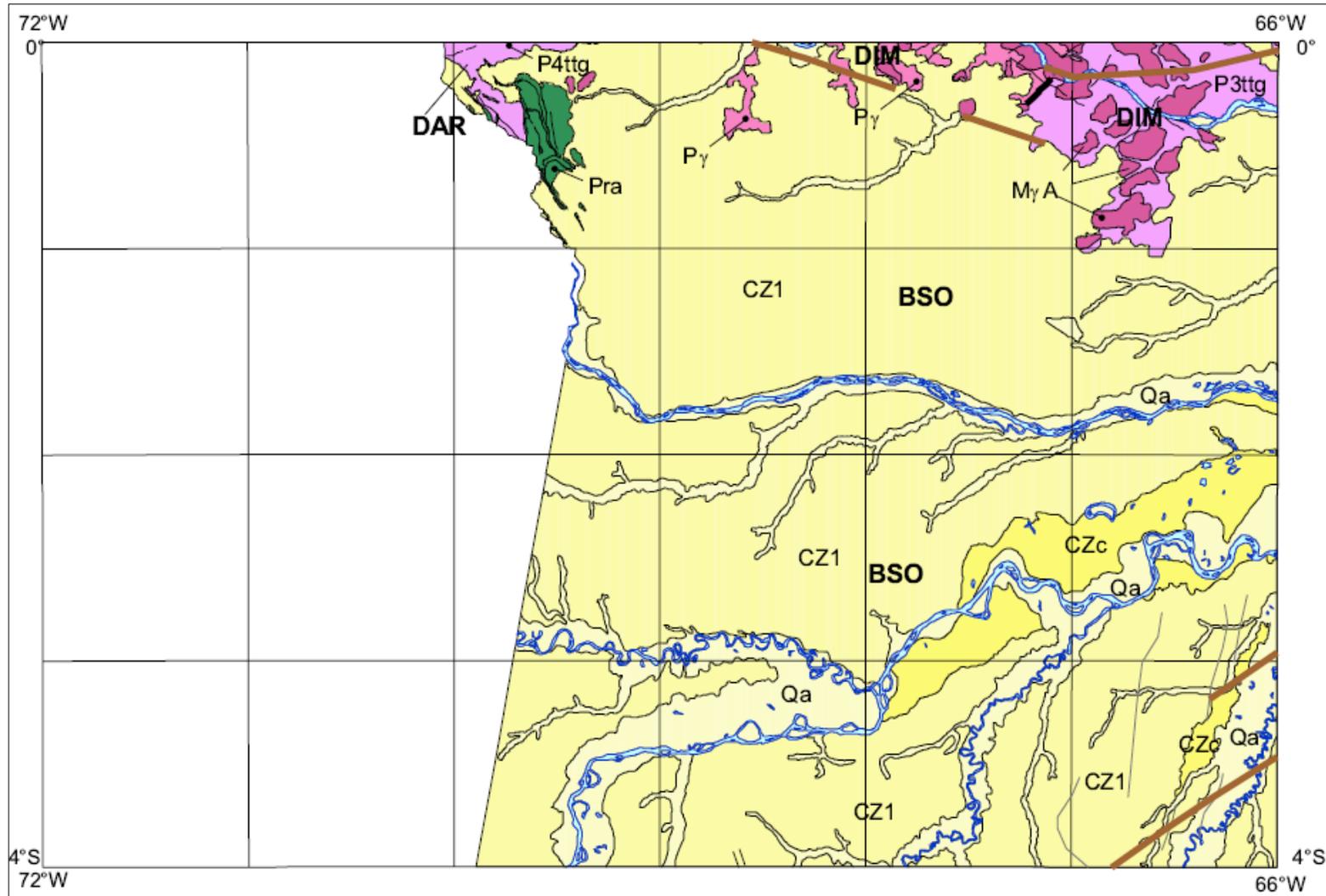


Figura 19. Encarte Tectônico da Folha SA. 19 (Almeida *et al.*, 2004) (Escala 1:5000.000)

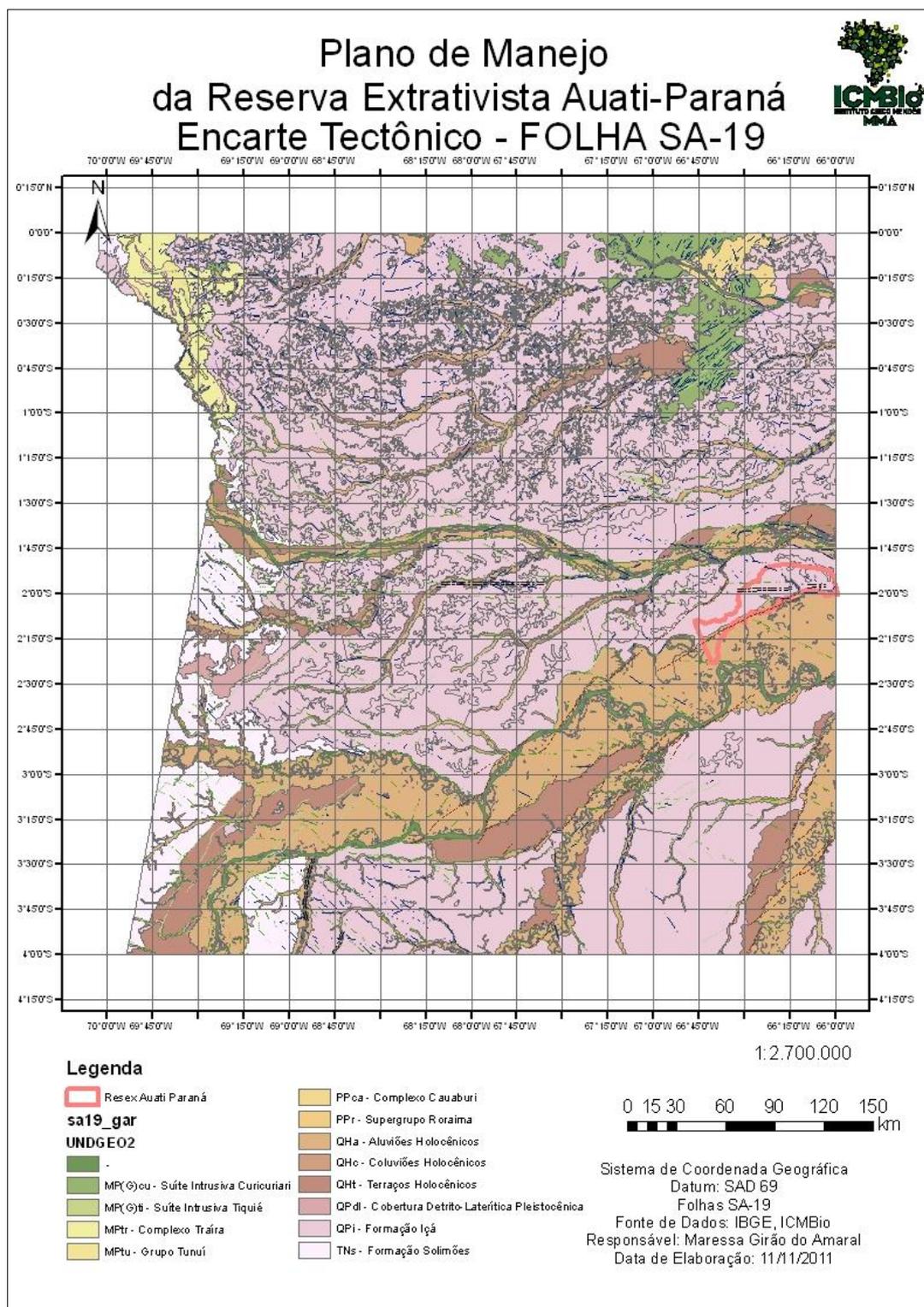


Figura 20. Encarte Tectônico com localização da RESEX

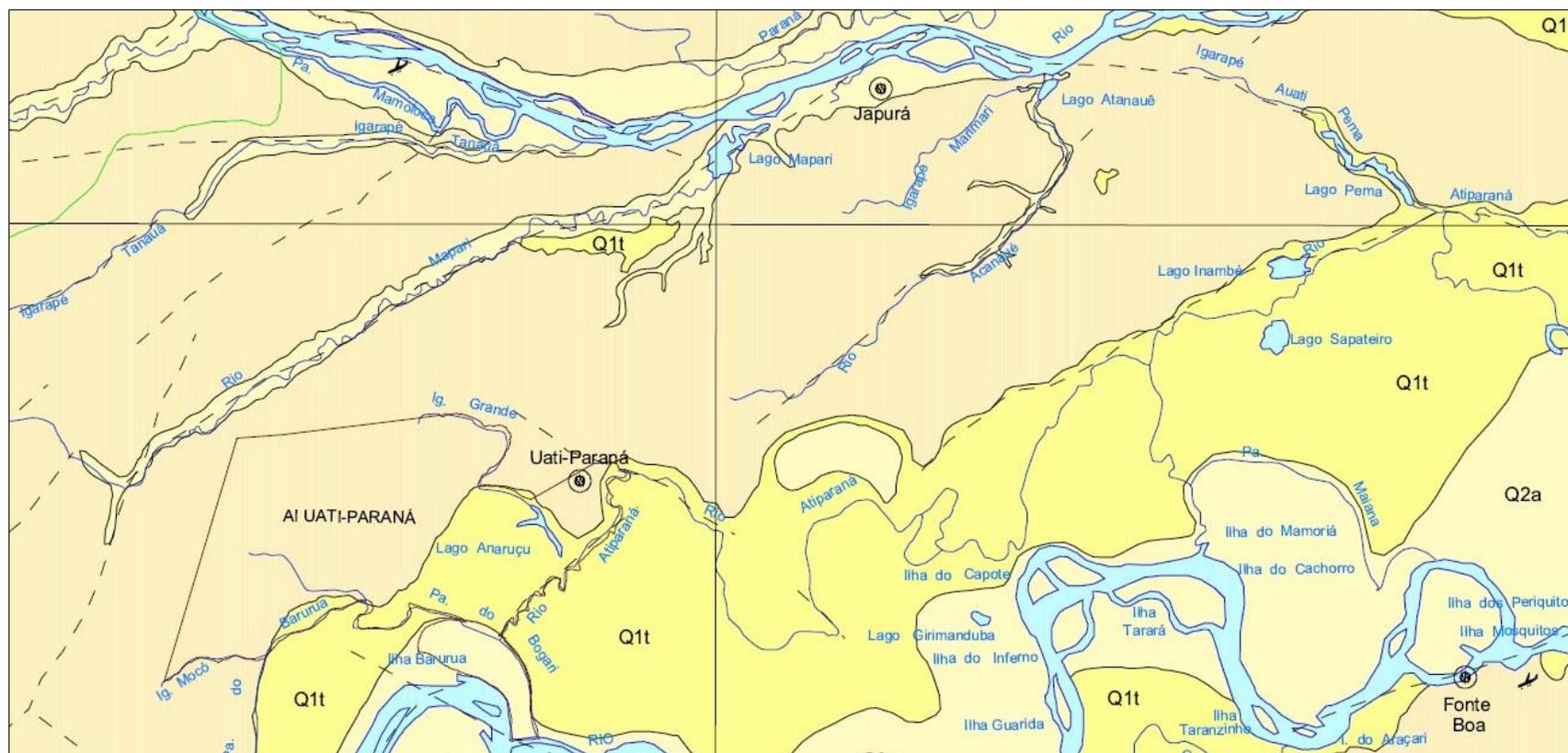


Figura 21. Recorte da Carta Geológica do Brasil (Almeida *et al.*, 2004), destacando a região da RESEX Auati-Paraná (Escala – 1:1000.000)

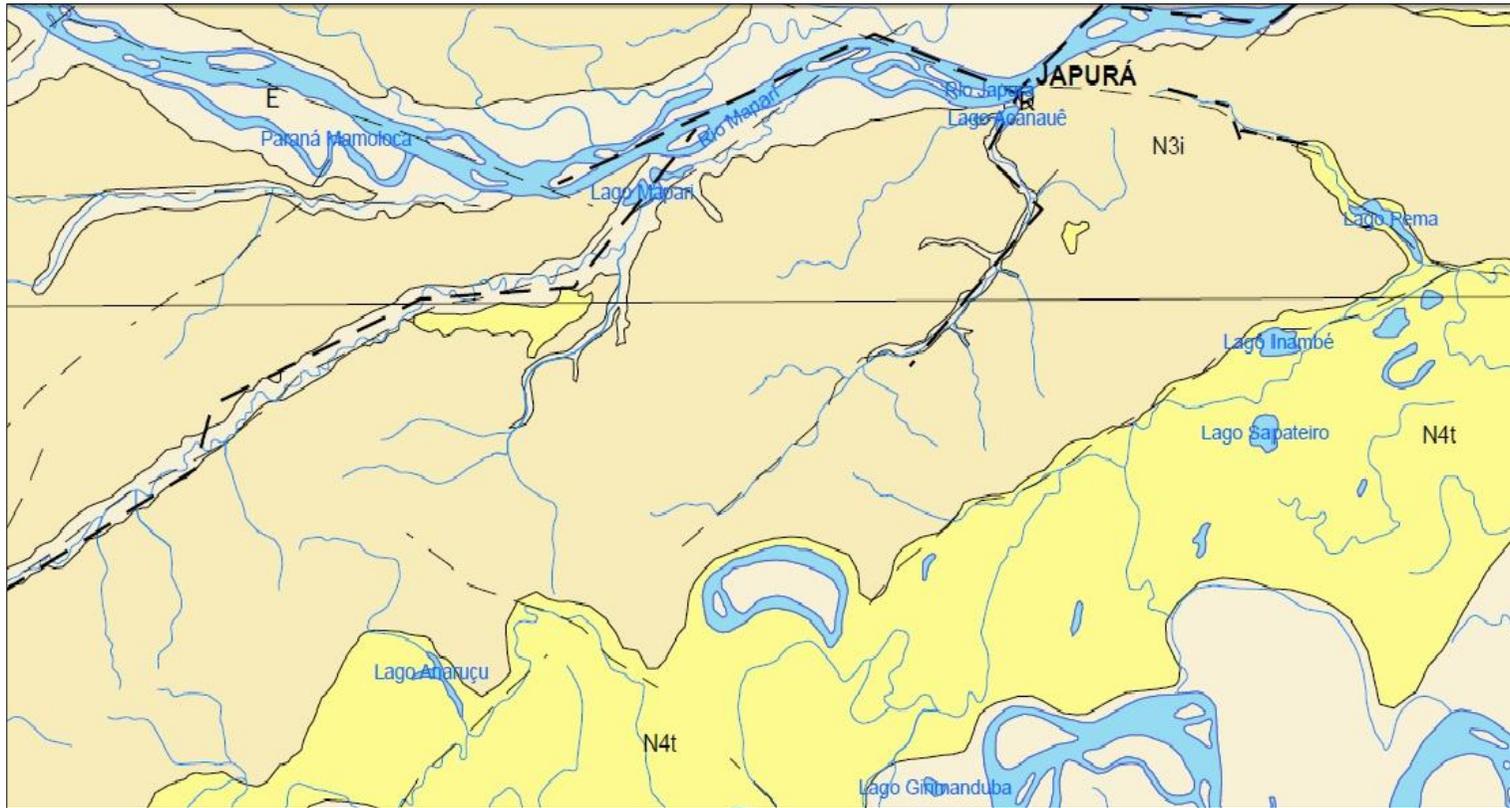


Figura 22. Recorte do Mapa Geológico do Amazonas (CPRM, 2006) - Unidades Litoestratigráficas. (Escala – 1:1000.000)

3.4.1.3 Geomorfologia

Na Figura 23 verifica-se que o interior da UC e boa parte da sua zona de entorno (ao norte, à leste e à oeste) encontram-se no interior da Depressão Negro-Japurá (IBGE,2011) . O setor sul da reserva, junto ao canal Auatí, é classificado como Planície Amazônica. Como Planície Amazônica, também são classificadas as áreas ao longo do Japurá, do Acanaué e os terrenos próximos ao limite leste da Reserva.

Tendo como base as características das formas de relevo e a altimetria relativa, o Projeto RADAMBRASIL (BRASIL, 1977) identificou, no mapeamento da Folha SA. 19 Içá, três grandes unidades morfoestruturais: a Planície Amazônica (Planície do Solimões, Planície do Japurá e Planície dos rios meândricos); o Planalto Rebaixado da Amazônia Ocidental e o Pediplano Rio Branco-Rio Negro.

A RESEX Auati-Paraná encontra-se situada na maior parte dentro da unidade morfoestrutural do Planalto Rebaixado da Amazônia Ocidental, inserindo-se também na unidade da Planície Amazônica.

O canal Auati-Paraná por vezes representa a transição ou mesmo o limite entre as duas unidades de relevo. Grosso modo pode-se afirmar que na porção norte do canal predomina a unidade Planalto, enquanto a porção sul está completamente inserida na Planície Amazônica, sub-unidade da Planície do Solimões.

Segundo Brasil (*op. cit.*), o rio Ati-Paraná, de leito retilíneo com grandes sinuosidades espaçadas, faz em alguns trechos o limite entre a Planície Amazônica e o Planalto Rebaixado da Amazônia (Ocidental). Noutros trechos esse limite é feito por lagos ou pelos diques que os margeiam, os quais diferem dos do rio Solimões por já se encontrarem mais colmatados. Entre esses lagos destaca-se o Ati-Paraná (Figura 24), que constitui um meandro abandonado no qual, devido ao seccionamento do pedúnculo, o lóbulo do meandro passou a formar uma ilha. A margem norte desse lago de meandro compõe-se de uma barranca do tipo falésia fluvial de uns 3 m de altura, talhada em sedimentos plio-pleistocênicos, enquanto que a margem oposta entra em coalescência com sedimentos quaternários recentes. Localiza-se a mais de 20 km do rio Solimões, que lhe deu origem.

O relevo é predominantemente plano no setor extremo sul da UC; o restante da área, ao norte, é predominantemente suave-ondulado.

Na planície colmatada aparecem diversos tipos de lagos, predominando os lagos residuais e os de colmatagem. Na Figura 25 observam-se os lagos de colmatagem da planície do Solimões margeando o Auati-Paraná. Encontram-se todos numa mesma direção, apresentando diversos estágios de colmatagem, onde se destacam os lagos Inambé (RESEX) e Sapateiro (RDSM), também conhecidos pelas comunidades como Lago Curimatá e Lago Maguarinzal, respectivamente.

Lagos de colmatagem ocorrem nas planícies fluviais e podem ser definidos como áreas em processo de colmatagem, de direcionamento paralelo ao rio principal, geralmente formando um conjunto de lagos (BRASIL, *op. cit.*).

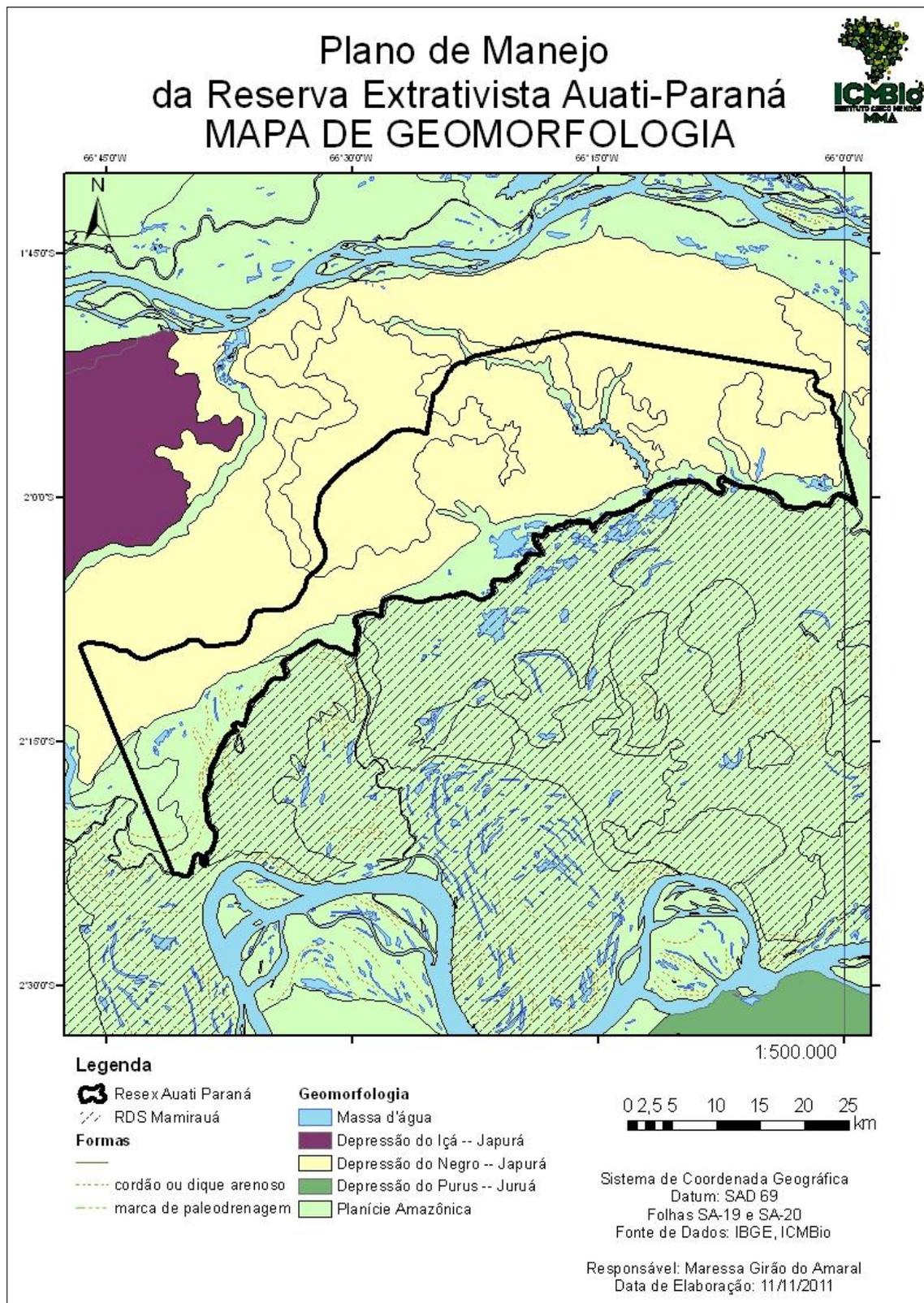


Figura 23. Mapa de Geomorfologia da RESEX Auati-Paraná. (IBGE,2007)

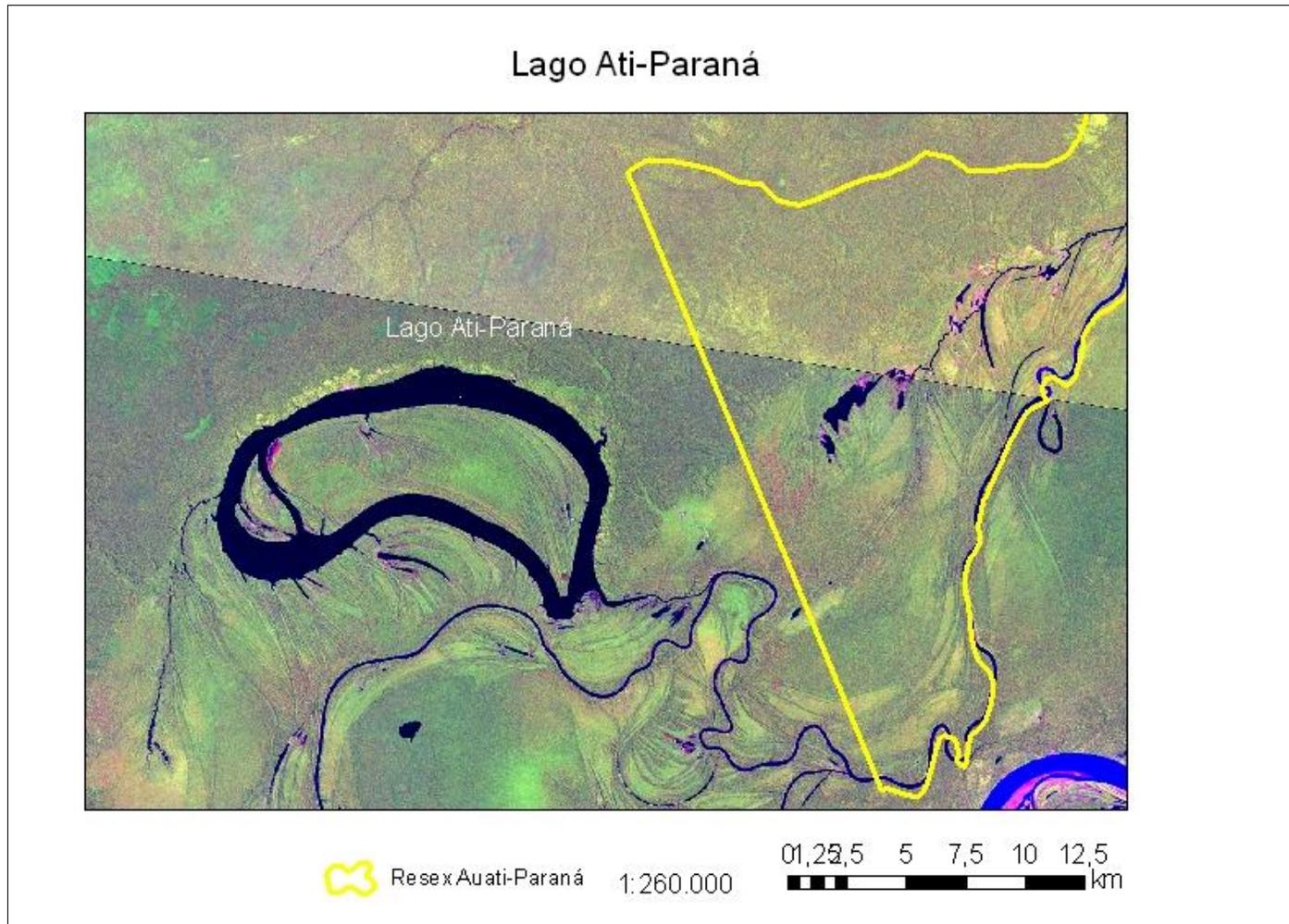


Figura 24. Lago Ati-Paraná (Auati-Paraná). Lago de meandro abandonado situado no entorno da RESEX.

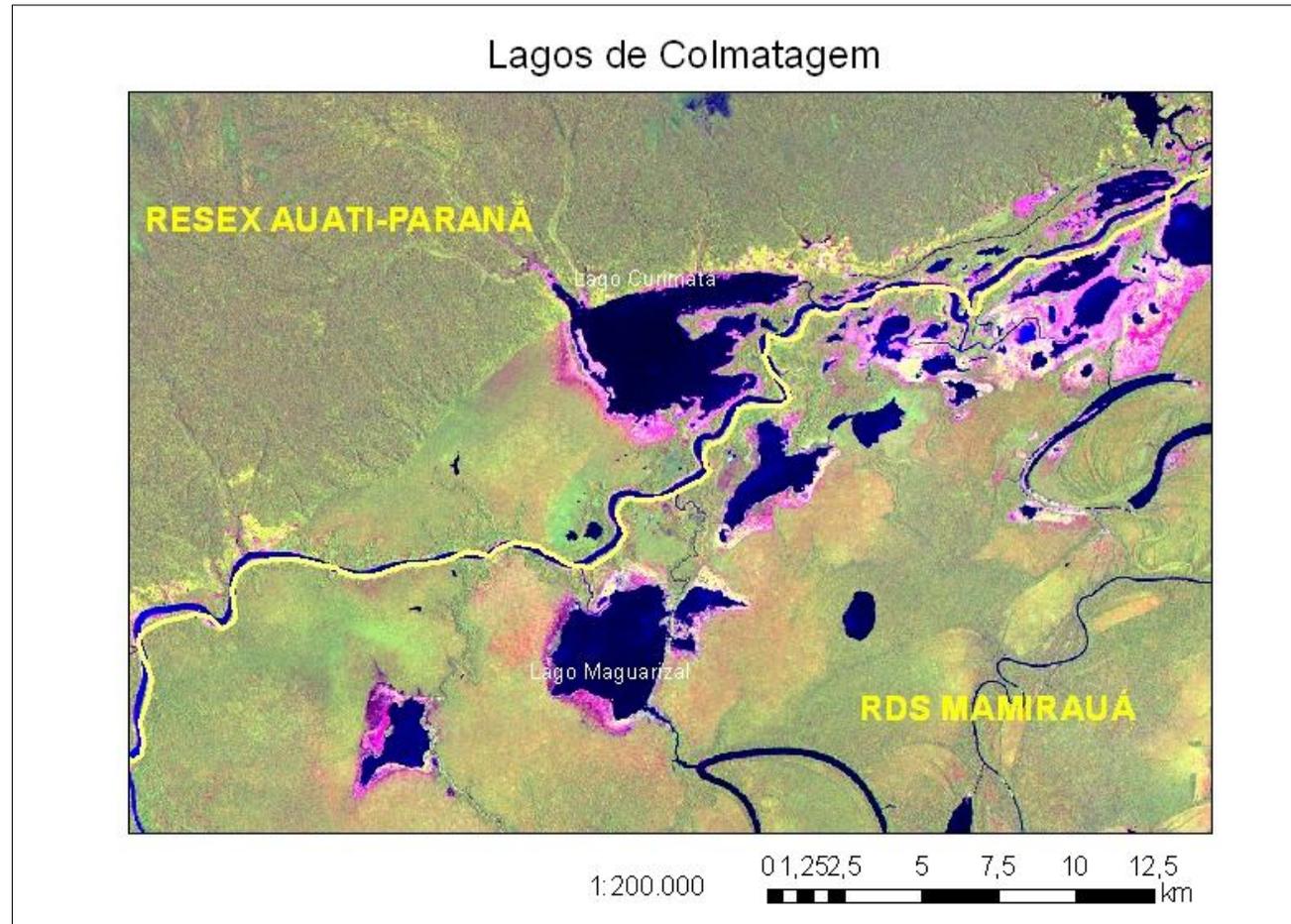


Figura 25. Lagos de Colmatagem ao longo do Auati-Paraná, com destaque para o lago Sapateiro (L. Maguarizal) e lago Inambé (L. Curimatá).

3.4.1.4 Pedologia

O mapeamento exploratório de solos do Projeto RADAMBRASIL (BRASIL,1977) (Figura 26) mostra a ocorrência de pelo menos 4 grandes grupos de solos e suas associações: *Podzólico Vermelho Amarelo* (PVA), que aparece ao longo dos principais cursos d'água ao norte do Auati, destacado em cor-de-rosa; *Laterita Hidromórfica Distrófica* (HLd), em verde-claro, ocorrendo em áreas irregulares entre o rio Acanaué e o Auati-Pema e em ampla área à leste do Pema, aparecendo também em grandes manchas na extremidade oeste da RESEX; *Solos Aluviais Eutróficos* (Ae), na cor marrom, que ocorrem ao longo do Auati, em ambas as margens, da extremidade ocidental da reserva até a boca do Mamoriá e *Solos Hidromórficos Gleysados Eutróficos* (HGe), que aparecem cobrindo uma grande área que vai, mais ou menos, da boca do paraná Mamoriá, seguindo paralelamente ao Auati, em ambas as margens, rumo nordeste e depois leste; ao sul é limitado pelo paraná Maiana. No setor da RESEX ocorre principalmente do entorno do lago Inambé até a foz do Pema.

3.4.1.4.1 Detalhamento das associações de solos da região do Auati-Paraná

O mapeamento do RADAMBRASIL apresenta uma descrição dos principais tipos de solo, em associações, começando sempre por aquele que figura em primeiro lugar em extensão de ocorrência.

- Podzólico Vermelho-Amarelo (PVA) → Associação PB18 – PVA Álico⁹ plúntico; Latossolo Amarelo Álico plúntico e Laterita Hidromórfica Álica. Todos com textura argilosa e argilas com baixa atividade. Áreas de floresta aberta; terrenos suave-ondulados a planos.
- Laterita Hidromórfica Distrófica¹⁰ (HLd) → Associações HLd1; HLd2 e HLd3.
 - HLd1 – Laterita Hidromórfica Álica, textura argilosa, argila de baixa atividade e Gley Pouco Húmico Álico, argila de baixa atividade e textura

⁹ Álico – Alta saturação de alumínio (Al)

¹⁰ Distrófico – Saturação de bases baixa.

indiscriminada. Áreas cobertas por floresta densa aluvial; terrenos de relevo plano.

- HLd2 - Laterita Hidromórfica Álica, textura argilosa, argila de baixa atividade; Podzol Hidromórfico e Gley Pouco Húmico Álico. Cobertura de floresta densa aluvial; terrenos de relevo plano.
 - HLd3 - Laterita Hidromórfica Álica, textura argilosa; cobertura de floresta aberta e floresta densa; relevo plano a suave-ondulado. PVA Álico plúntico de textura argilosa, comportando floresta aberta e floresta densa. Hidromórfico Cinzento Álico de textura média, relevo plano. Área de contato entre floresta densa e Área de Tensão Ecológica. Relevo plano. Todos com argilas de baixa atividade.
- Solos Aluviais Eutróficos¹¹ (Ae) → Solos Aluviais Eutróficos, Gley Pouco Húmico Eutrófico e Gley Húmico Eutrófico. Todos com argilas de alta atividade, textura indiscriminada e relevo plano.
 - Solos Hidromórficos Gleysados Eutróficos (HGe) → Associação HGe2 – Gley Pouco Húmico Eutrófico, Solos Aluviais Eutróficos e Gley Húmico Eutrófico. Todos com argilas de alta atividade e textura indiscriminada. Relevo plano. Florestas densa e aberta aluvial.

Os termos *Eutrófico*, *Distrófico* e *Álico (a)* são assim definidos no Projeto RADAMBRASIL: Eutrófico – Saturação de bases média a alta; Distrófico – Saturação de bases baixa e Álico – Alta saturação de alumínio (Al).

Na Figura 27 é apresentado o zoneamento de solos utilizando nomenclatura taxonômica atualizada. Assim sendo, grande parte dos solos do interior da reserva e da Zona de Amortecimento, nas áreas de terra firme, é classificada como Argissolo Amarelo (PA); o tipo Espodossolo Humilúvico (EK) aparece sob forma de grandes manchas no NE da UC e entre o limite da reserva e o Japurá, na área de amortecimento; e uma grande mancha de Plintossolo Argilúvico (FT) aparece no limite norte, estendendo-se para oeste,

¹¹ Eutrófico – Saturação de bases média a alta.

entre o Acanaué e o Pema. Esta formação avança em direção ao Japurá, na área de amortecimento. Na área correspondente à planície, na zona de várzea, predomina o tipo Gleissolo Háptico (GX). Mas, ainda na Planície, no entorno do Solimões e na região do complexo Buiucu (extremidade SW do mapa) o mapeamento mostra a predominância de Neossolo Flúvico (RY).

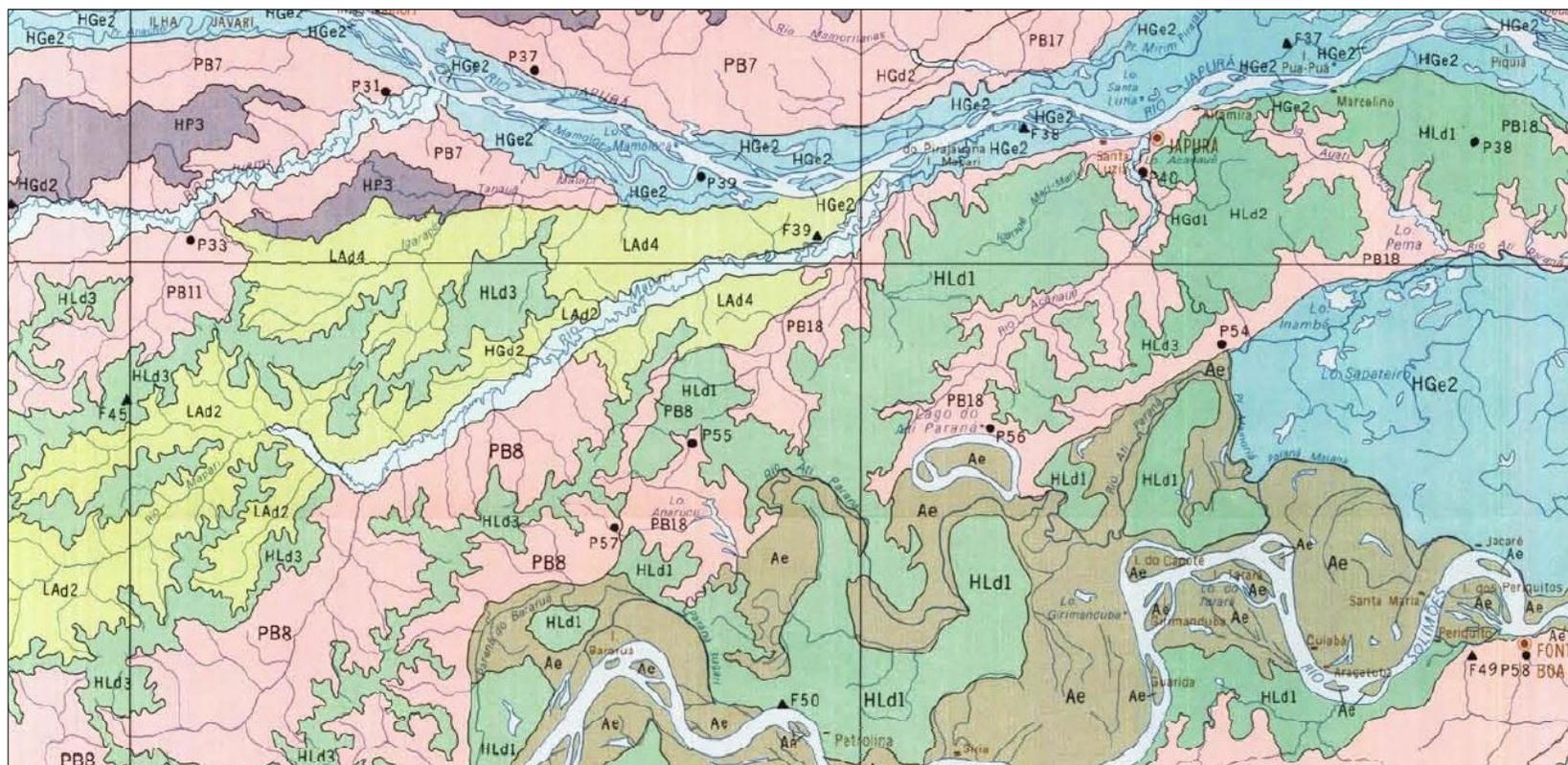


Figura 26. Mapa Exploratório de Solos (E 1:1000.000). Proj. RADAMBRASIL, 1977

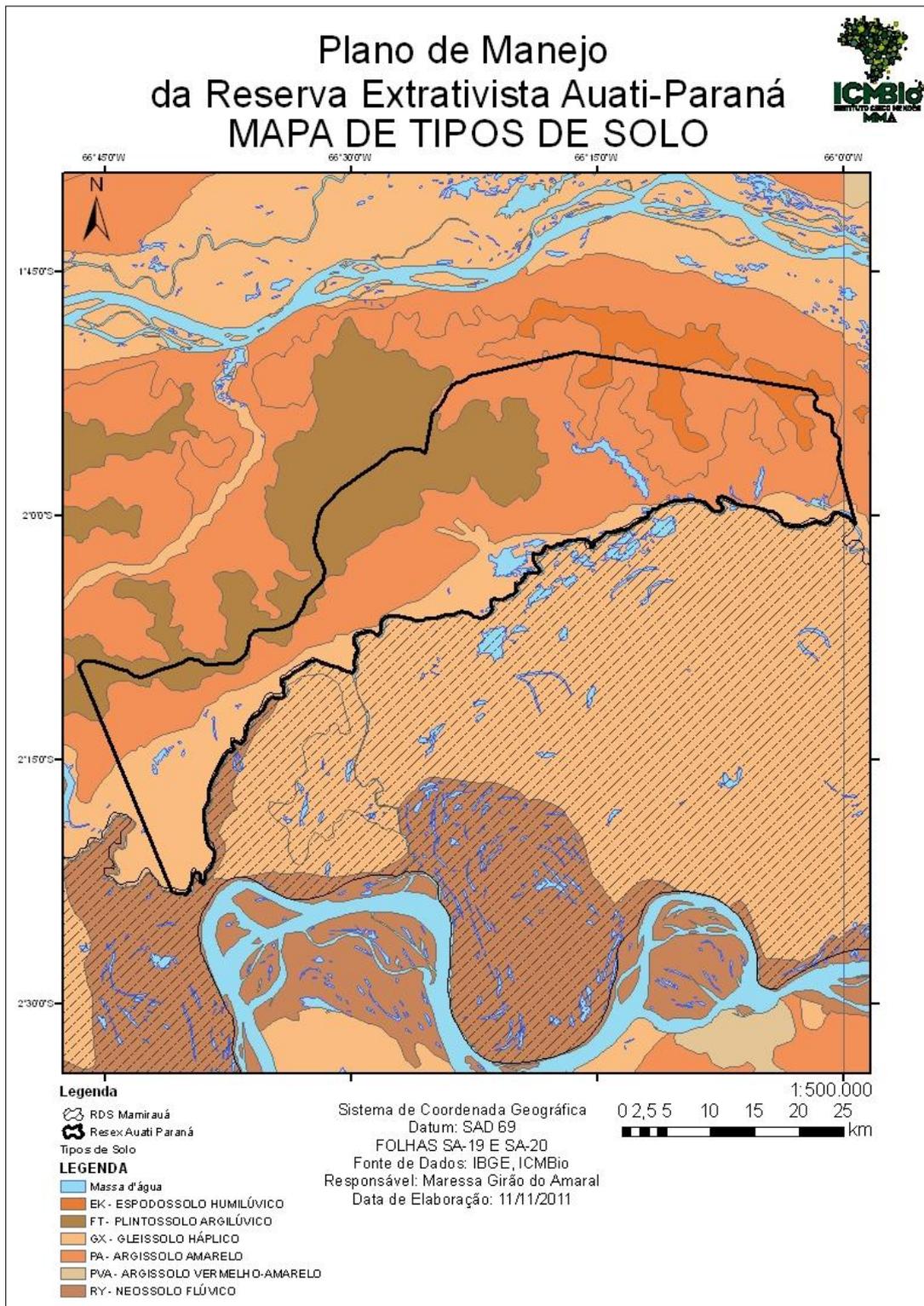


Figura 27. Mapa de tipo de solos da RESEX Auati-Paraná.

3.4.1.5 Hidrografia

A RESEX Auati-Paraná e seu entorno apresentam uma grande quantidade e variedade de corpos d'água. A hidrografia da região da UC está representada por rios, lagos (e corpos d'água localmente denominados como *lagos*), igarapés, paranás (ou paranãs, conforme alguns autores), canais, furos e braços, o que imprime uma alta diversidade de habitats, tanto aquáticos como terrestres, em função da dinâmica das águas (Figura 28).

O canal Auati-Paraná é um corpo de águas brancas; entretanto, segundo informações de comunitários, praticamente todos os lagos e igarapés que deságuam no Auatí, no interior da reserva, são corpos de água preta.

Uma Carta-Imagem da RESEX Auati-Paraná elaborada pelo NUMAM/IBAMA-AM, usando dados do IDS Fonte Boa e do SIPAM, mostra a ocorrência de 97 lagos (lagos de manutenção, manejo e preservação das comunidades da RESEX e entorno), incluindo alguns igarapés nesse rol de corpos d'água. Esse dado mostra a complexidade da hidrografia local.

Foi realizado junto com as comunidades, um mapeamento participativo de lagos usados pelas mesmas (BRASIL, 2006b;2007b), bem como elaborada uma proposta para zoneamento de uso dos referidos corpos d'água (preservação, manejo e manutenção). O zoneamento participativo de uso está descrito no capítulo de gestão da unidade, dentro das regras de convivência.

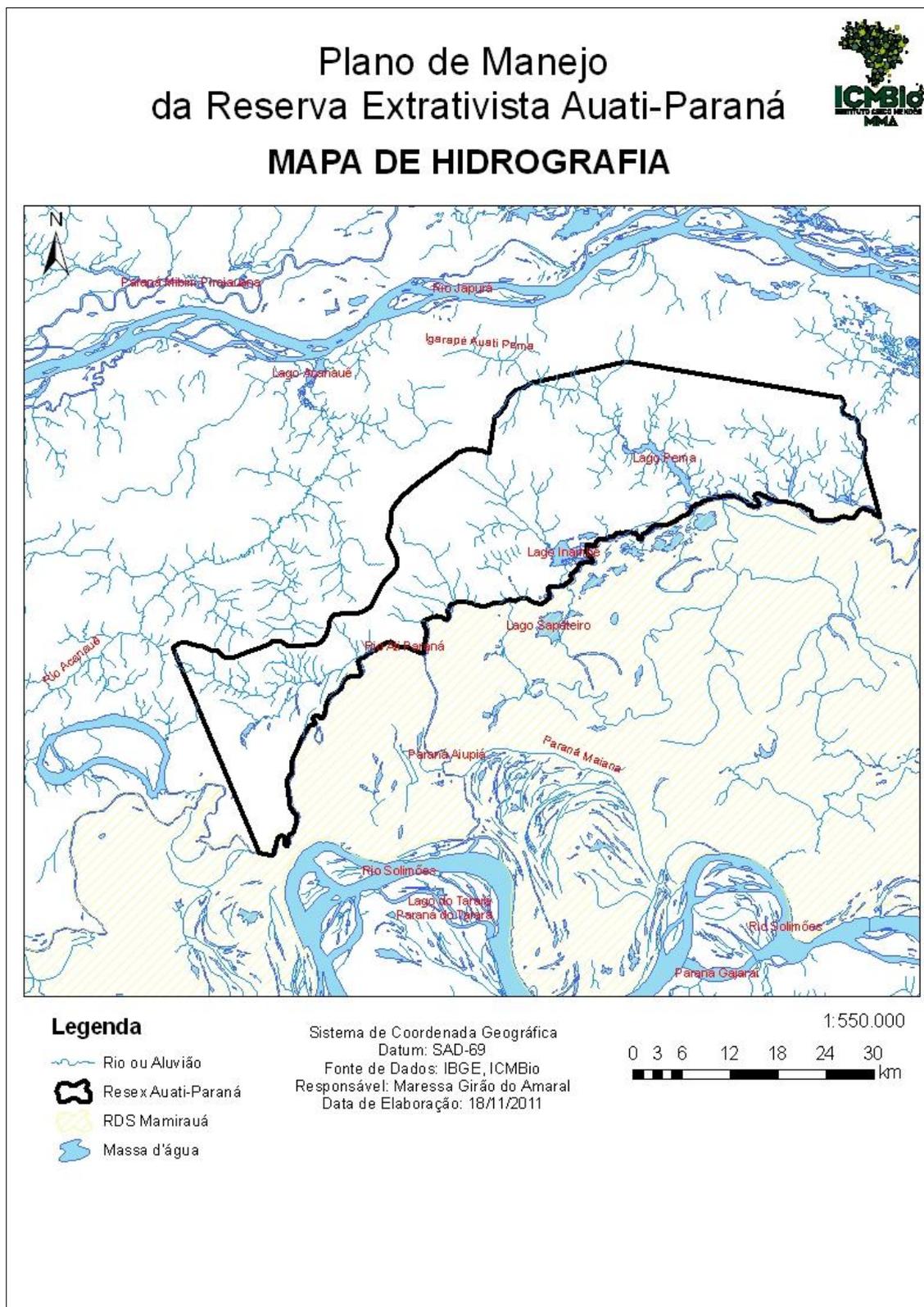


Figura 28. Hidrografia da RESEX Auati-Paraná e entorno

3.4.1.5.1 Auati-Paraná: rio, paraná ou canal ?

O canal Auati-Paraná (também denominado Ati-Paraná ou Ati-Paraná por alguns autores) é corpo d'água principal da RESEX. Ora é tratado como “rio”, ora como “paraná” e ora como “canal”.

Nascimento, Mauro & Garcia (1976) apud Brasil (1977), definiram *paraná* como “todo canal de drenagem que liga um rio a ele mesmo em áreas de planície aluvial ou com, pelo menos, uma margem ligada à planície aluvial”.

Considerando que o Auati-Paraná não tem nascente e nem foz, realmente não poderia ser considerado um rio propriamente dito, mas sim um canal de comunicação entre os rios Solimões e Japurá.

Tampouco se enquadra na definição de “*paraná*”, já que comunica rios diferentes. Considerando a definição do Projeto Radambrasil (Brasil, 1977) para o termo “*paraná*”: um canal que liga um rio a ele mesmo, o Auati-Paraná não seria um paraná, já que liga dois rios distintos.

3.4.1.5.2 Considerações sobre o canal Auati-Paraná

O Auati-Paraná margeia a face sul da RESEX por aproximadamente 123 km, iniciando no ponto de coordenadas - 02° 23' 09.60" S e - 66° 40' 55.20" W e terminando no ponto - 02° 00' 28.80" S e - 65° 59' 16.80" W.

Independente das denominações, o Auati-Paraná é um corpo d'água que se constitui numa das principais fontes de água da RESEX Auati-Paraná (situada ao Norte do canal) e da RDS Mamirauá (situada ao sul do canal). Também é um importante carreador das águas do Solimões para o Japurá (IDS, 2010), que é seu fluxo predominante.

No trecho em que tangencia a RESEX é possível perceber que o Auati-Paraná muitas vezes faz o limite entre a Planície Amazônica e o Planalto Rebaixado da Amazônia Ocidental. E esse limite às vezes é feito por lagos e diques internos, bem como por alguns cursos d'água interiores. Um exemplo disso pode ser visualizado na extremidade oeste da reserva, onde um lago (lago Grande) e o curso d'água subsequente, que possuem sentido geral de drenagem SW-NE, claramente limitam ambas as unidades geomorfológicas.

No interior da área da RESEX, o canal Auati-Paraná recebe a contribuição de uma densa rede de drenagem. Pode-se destacar como principais tributários do canal: o igarapé Auatí-Pema, que forma o lago do Pema; um igarapé sem denominação, que forma o lago Inambé (localmente denominado lago Curimatá); o igarapé do Luis, que forma o lago do Luis, desaguando na comunidade de mesmo nome; um igarapé sem denominação que deságua nas imediações da Comunidade Curimatá de Baixo; o igarapé Inambé, que corre a partir do lago Grande, situado na extremidade oeste da reserva, drenando todo um complexo de corpos d'água denominado complexo inambé, desaguando na altura da comunidade Boca do Inambé. Importante citar, ainda, o igarapé formador do lago Miriti (localmente chamado de "lago central"), nas proximidades da extremidade Leste da RESEX.

A complexa rede de drenagem contribuinte do Auatí certamente funciona como um eficiente corredor de diversidade entre as áreas de terra firme, demais ecossistemas da unidade geomorfológica do Planalto e o setor pertencente à Planície, constituída por ecossistemas típicos de várzea.

Importante ressaltar a grande quantidade de nascentes que ocorrem no setor norte da UC, na unidade geomorfológica do Planalto.

3.4.1.5.3 Considerações sobre a hidrografia no entorno (Faixa de 10 Km) e na zona de amortecimento da RESEX.

Setor Norte

No entorno norte da RESEX, na zona de amortecimento, pode-se destacar a sub-bacia do rio acanauã (acanaué) e lago acanauã, tributário da margem direita do Japurá, município de Japurá; as nascentes e o alto curso do igarapé Auatí-Pema, no município de Japurá, tributário do canal Auati-Paraná; as nascentes de igarapés sem denominação, tributários diretos do Japurá e tributários do lago Paricá. Mais ao norte tem-se o rio Japurá e suas ilhas. Destaca-se aqui um tributário de sua margem esquerda, denominado Paraná Mirim-Pirajuanã. Na extremidade oeste da zona de amortecimento tem-se a destacar a desembocadura do lago Japiá (formado pelo igarapé de mesmo nome) na margem esquerda do Japurá.

Setor Sul (RDS Mamirauá)

Destaca-se aqui a comunicação com o Solimões através dos paranás Maiana e Mamoriá, além do lago Sapateiro e de um complexo de lagos de colmatagem, paralelos ao canal Auatí-Paraná, que vão ocorrendo ao longo do mesmo. Destaca-se, também, o paraná do Panauã (Panapuã para alguns autores) e seu entorno formado por grande área de várzea. No rio Solimões, o paleomeadro do Solimões e suas ilhas (Ilha do Capote, Ilha Girimanduba, Ilha do Inferno).

Setor Oeste

Neste setor destaca-se o lago Ati-Paraná (Figura 9), um lago que constitui um meandro abandonado no qual, devido ao seccionamento do pedúnculo, o lóbulo do meandro passou a formar uma ilha (BRASIL, 1977). Trata-se de um lago que limita as unidades morfoestruturais da Planície Amazônica e do Planalto Rebaixado da Amazônia Ocidental. Ressalta-se aqui, também, o complexo de lagos do Buiuçu, situado à sudoeste da UC e ao sul do lago Ati-Paraná, apontado por alguns comunitários como recurso de alta produção de pescado e de grande diversidade animal.

Setor Leste

Destacam-se nascentes de pequenos cursos, que deságuam no lago Paricá, que é um corpo d'água localizado à nordeste da UC, próximo ao Japurá, com quem se comunica. Ressalta-se, também, um curso d'água que nasce em terras da comunidade Miriti e que possui drenagem no sentido NW-SE, desaguando na margem esquerda do Auatí, pouco antes da boca do Patauá. Trata-se de um igarapé que divide claramente a várzea (ao sul) da terra firme (ao norte). Ao longo do mesmo pode-se observar a ocorrência de vários lagos na margem correspondente à várzea. Ao sul do Paricá, nas proximidades da extremidade leste da zona de amortecimento, destaca-se um igarapé denominado Patauá, que deságua na margem esquerda do Auatí.

3.4.2 Meio Biótico

3.4.2.1 Vegetação e Flora

A RESEX Auati-Paraná encontra-se, segundo Brasil (1977), inserida em três (3) Regiões Fitoecológicas: *Formações Pioneiras* (sub-região das Áreas de Acumulação Inundáveis), *Floresta Tropical Densa* (Floresta Ombrófila Densa) e Áreas de Tensão Ecológica (contato Formações Pioneiras e Floresta) (Figura 29).

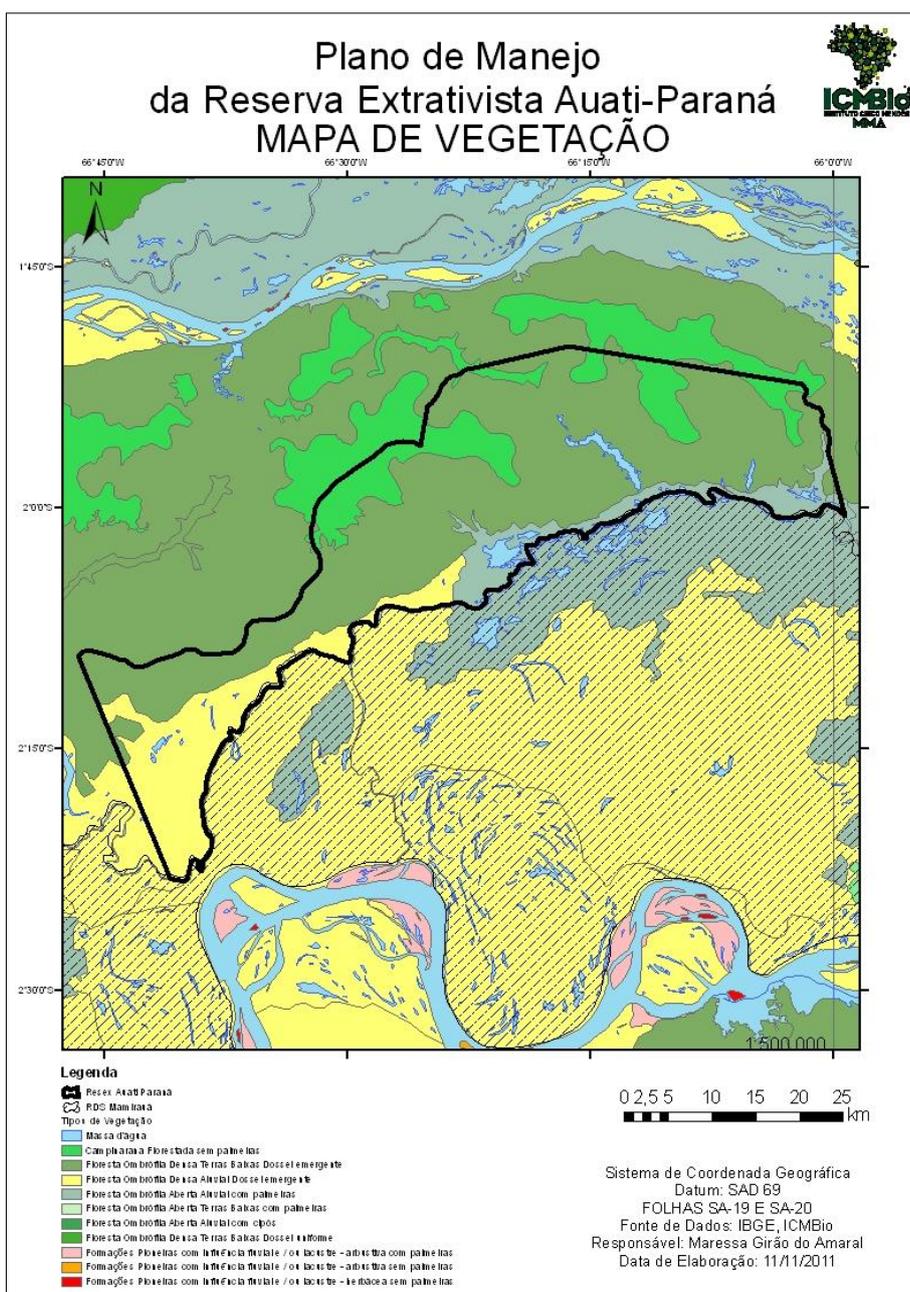


Figura 29. Mapa de Vegetação da RESEX

A matriz da paisagem na RESEX é nitidamente florestal (Figura 30). Predomina a vegetação da sub-região dos Baixos Platôs da Amazônia (Fdb, em verde claro), nas terras baixas e pequenos platôs ao norte do Auati, entre este e o Japurá. Pode-se observar uma grande mancha de Área de Tensão Ecológica entre Formações Pioneiras e Floresta Ombrófila Densa (em laranja, com simbologia Pap) situada a norte, nordeste e leste da margem esquerda do Auati-Pema. Além disso, observa-se a ocorrência de pequenas manchas de Formações Pioneiras distribuídas entre o Pema e o Acanaué (Pau; Pag). As manchas “Pau” são formadas por vegetação arbustiva em depressões periodicamente inundadas; a mancha “Pag”, por sua vez, apresenta cobertura graminácea, também em depressões periodicamente inundadas.

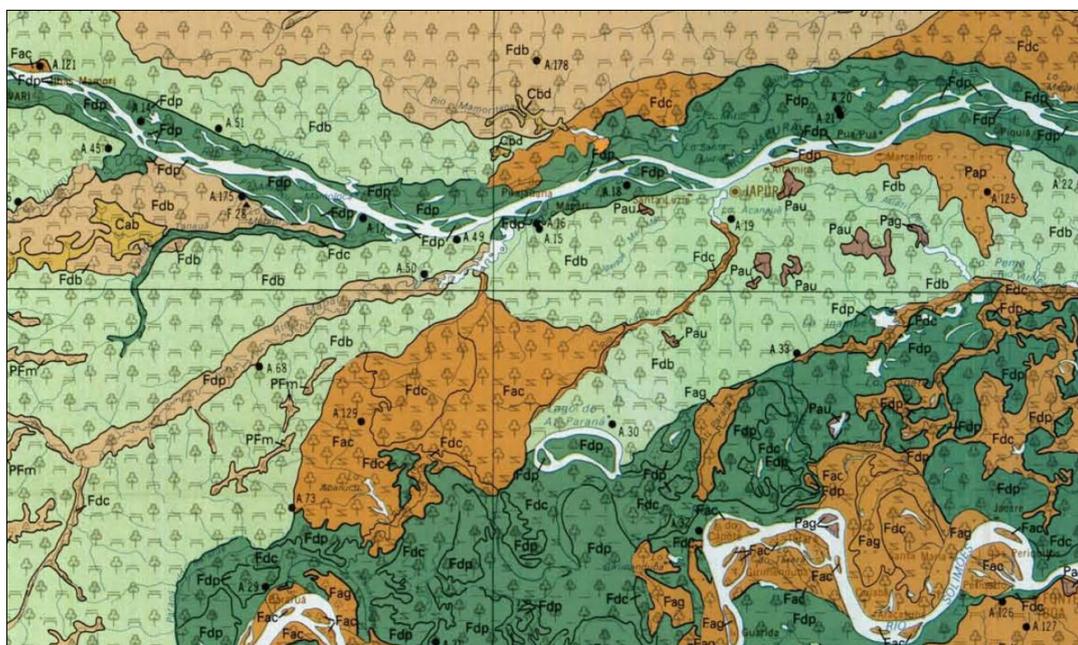


Figura 30. Vegetação da região da RESEX Auati-Paraná, conforme BRASIL (1977).

Poucos são os estudos de vegetação em escala de campo. As observações realizadas resumem-se a trechos próximos ao Auati-Paraná, em áreas de comunidades ribeirinhas. As áreas centrais e norte da reserva são ainda pouco ou nada conhecidas em relação à sua vegetação e flora associada.

Na área marginal ao Auati, no trecho onde o mesmo tangencia a reserva, podem-se observar densas coberturas de embaubais (*Cecropia* sp.), formando populações quase puras (Figura 31) ou muitas vezes associadas a outras espécies seletivo-higrófitas, como a munguba (*Pseudobombax munguba*) e a cana-brava (*Gynerium sagittatum*). Em muitos

trechos ocorrem acúmulos de vegetação aquática (macrófitas aquáticas) nas margens do canal e na boca de lagos, formando densas comunidades, normalmente formadas por aguapé (*Eichhornia crassipes*), alface-d'água (*Pistia stratiotes*), mureru (*Salvinia* spp.) e canaranas (gramíneas diversas, incluindo espécies dos gêneros *Oryza*, *Leersia*, *Panicum*, *Paspalum*, *Echinochloa*, etc). Com frequência pode-se observar densa cobertura de lianas aquáticas e semiaquáticas nas margens, sendo as mais comuns as dos gêneros *Ipomoea* e *Mikania* (Figura 32).



Figura 31. Embaubal nas margens do Auati-Paraná (Enrique Salazar)



Figura 32. Margem com densa cobertura de lianas (*Ipomoea* sp.). (Enrique Salazar)

No entorno e no interior dos lagos a vegetação é bastante parecida com a acima descrita para o canal do Auatí e margens, mas pode-se observar trechos com grandes áreas cobertas por populações quase puras de gramíneas ou comunidades formadas por vegetação graminóide (gramíneas e ciperáceas) (Figura 33).



Figura 33. Vegetação graminóide cobrindo um dos lagos marginais ao Auati-Paraná

Em alguns trechos do baixo curso de igarapés e nas proximidades de bocas de lagos têm-se áreas cobertas por florestas de igapó (Figura 34).



Figura 34. Igapó no período seco

Nas áreas mais altas, sobre as falésias da beira do canal e terras mais altas, ocorrem florestas densas e bastante diversificadas (Figura 35).



Figura 35. Aspecto da vegetação nas áreas mais altas.

Depressões no terreno, atrás da terra firme, formam os chavascais, que são ambientes encharcados dominados por vegetação arbustiva e herbácea associada a árvores esparsas, encontrando-se ocasionalmente cobertos por florestas mais abertas. Nos chavascais é comum encontrar bambuzais ou tabocais, formados por populações de *Gradua* sp. e várias espécies de palmeiras, onde se destaca o buriti (*Mauritia flexuosa*).

Dados sobre a composição florística da UC podem ser encontrados no Laudo Biológico Para Criação da Reserva Extrativista do Auati-Paraná (BRASIL,1998b); Santos *et al.* (2005) e Lima *et al.* (2007); Canalez (2007, 2009). A versão para consulta pública do Plano de Gestão da RDS Mamirauá (IDSMS, 2010) apresenta uma extensa lista de espécies que pode ser aproveitada, já que se trata de área vizinha à RESEX.

O trabalho de Santos *et al.* (*op. cit.*) apresenta dados coletados especificamente na comunidade São José do Inambé, tendo inventariado 5 ha e encontrado 85 espécies distribuídas em 59 gêneros e 31 famílias botânicas.

No presente trabalho optou-se por construir tabela listando todas as espécies citadas nos trabalhos supramencionados, apontando os mesmos em colunas (Anexo II). Elaborou-se a lista procurando seguir a nomenclatura proposta por APG II (Angiosperm

Phylogeny Group) para as famílias de Angiospermas, organizando os *taxa* de acordo com a sinopse apresentada em Souza & Lorenzi (2005).

Complementou-se a nomenclatura popular utilizando dados dos trabalhos de Maia (2001), Ayres (2006) e Guterres *et al.* (2008).

3.4.2.1.1 Dendrometria e Fitossociologia

Lima *et al.* (*op. cit.*), além da composição florística (Anexo II), levantaram dados dendrométricos e fitossociológicos em parcelas alocadas nas 16 comunidades da RESEX, sendo quatorze (14) delas em terra firme e duas (2) em várzea. Foram identificadas 347 espécies, 170 gêneros e 56 famílias botânicas. Das 347 espécies identificadas, 65 foram determinadas até o nível genérico, uma vez que maior parte do material botânico coletado encontrava-se em fenofase vegetativa.

As famílias mais representativas em número de indivíduos foram: Myristicaceae, com 3.364 indivíduos; Euphorbiaceae, com 722; Sapotaceae, com 707 e Moraceae com 679. Quanto ao número de gêneros, as famílias mais representativas foram: Euphorbiaceae, com 16 gêneros (*Alchornea*, *Alchorneopsis*, *Conceveiba*, *Croton*, *Drypetes*, *Glycydendron*, *Hevea*, *Hura*, *Mabea*, *Margaritaria*, *Micrandra*, *Pogonophora*, *Podocalyx*, *Sapium* e *Senefeldera*); Fabaceae, com 10 (*Alexa*, *Derris*, *Dipteryx*, *Diplotripsis*, *Hymenolobium*, *Ormosia*, *Platymiscium*, *Pterocarpus*, *Swartzia* e *Vaitairea*); Rubiaceae, com 10 gêneros (*Botryarrena*, *Chomelia*, *Coussarea*, *Duroia*, *Ferdinandusa*, *Isertia*, *Ladenbergia*, *Pagamea* e *Palicourea* e *Psychotria*) e Caesalpinaceae, com 9 gêneros (*Cassia*, *Cynometra*, *Dialium*, *Dicorynia*, *Heterostemon*, *Lecointea*, *Macrolobium*, *Tachigali* e *Vouacapoua*).

Os gêneros com maior número de espécies foram: *Protium* (Burseraceae, 12), *Ocotea* (Lauraceae, 11), *Pouteria* (Sapotaceae, 13), *Inga* (Mimosaceae, 11) e *Eschweilera* (Lecythidaceae, 9).

As famílias com maior riqueza em espécies dentro da amostragem foram respectivamente: Sapotaceae (24.); Euphorbiaceae (23); Mimosaceae e Moraceae, ambas com 21 espécies cada e Lecythidaceae com 18.

Em relação ao número de indivíduos as espécies melhor representadas foram: *Iryanthera lancifolia* (ucuúba-punã), com 1909 indivíduos; *Virola mollissima* (ucuúba-vermelha), com 645 indivíduos e *Virola pavonis* (ucuúba-branca), com 601 indivíduos.

A espécie mais representativa, considerando todos os parâmetros da estrutura horizontal, foi a ucuúba-punã que, sozinha, correspondeu a 7,53% do Índice de Valor de Importância (IVI), que é a somatória da frequência, abundância e dominância da espécie. A muiratinga e a maueira, que possuem boa aceitação no mercado de madeira, correspondendo a 3,08% e 2,64% respectivamente, estão entre as espécies com maior IVI.

Espécies que foram pouco representadas, pouco distribuídas e que apresentaram poucos indivíduos por espécie não são dominantes; por isso não são indicadas para exploração, por estarem, nessas condições, susceptíveis a extinção, bem como por apresentarem importância ecológica indefinida, necessitando, portanto, de preservação e estudos científicos.

A floresta, nos trechos estudados, apresenta distribuição diamétrica típica da floresta amazônica, que na Engenharia Florestal é conhecida como J-invertido ou exponencial, pelo fato de que o número de indivíduos tende a decrescer com o aumento da classe de diâmetro (Figura 36). A distribuição decrescente ocorre principalmente em floresta primária, em povoamentos florestais com uma espécie em várias idades e com várias espécies e idades. A maioria dos indivíduos arbóreos na RESEX concentra-se nas quatro primeiras classes (10 a 40 cm) de Diâmetro à Altura do Peito (DAP) que, somadas, correspondem a 90,9% dos indivíduos amostrados.

A área basal da RESEX Auati-Paraná foi estimada em 28,84 m²/ha ± 1,14 (IC 95%) sendo superior à de várias parcelas instaladas em diversos pontos da Amazônia, entre os quais: Manacapuru (25,5 m²/ha – Projeto Chichuá), Rio Trombetas (24,8 m²/ha) e da Estação Experimental de Silvicultura Tropical (EEST-ZF-2) (28,5 m²/ha). Já o volume do tronco com casca foi estimado foi de 368,33 m³/ha ± 13,77 (IC 95%). Excluindo palmeiras, cipós e as espécies do gênero *Cecropia*, o volume estimado foi de 355,37 m³/ha ± 13,64 (IC 95%). O volume médio no Estado do Amazonas, com base em 13 inventários realizados pelo Laboratório de Manejo Florestal (LMF) do INPA é de 285 m³/ha ±

45m³/ha (IC 95%), variando de 240 a 330 m³/ha. Portanto, o volume médio da área inventariada é superior à média Estadual.

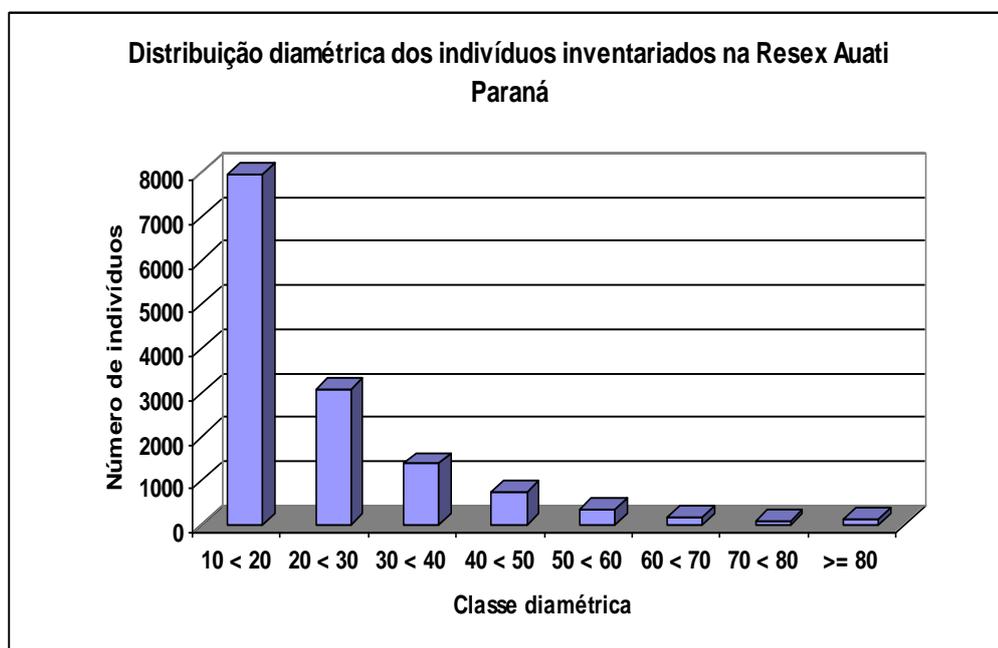


Figura 36. Distribuição do número de indivíduos por classe diamétrica na RESEX Auati-Paraná

3.4.2.1.2 Estoques de Biomassa, Água e Carbono

A estimativa de biomassa fresca e seca total para a RESEX Auati-Paraná, realizada durante 2007 por Lima *et al.* (2007) foi 642,62 t/ha e 385,57 t/ha, respectivamente. Esses resultados na região do Alto Solimões, quando comparados aos de outras partes da Amazônia, mostraram-se superiores (Figura 37). Segundo os autores, percebe-se que o acúmulo de biomassa varia em diversas áreas da região amazônica. Algumas pesquisas têm confirmado essa resposta, uma vez que a floresta amazônica tem variação de biomassa do Estado do Acre ao Estado do Pará devido às suas características.

Estudos sobre estimativas de biomassa florestal na Amazônia definiram a quantidade de água nos tecidos arbóreos em cerca de 40% do peso total de um indivíduo em pé. Sendo assim, 40% do peso de uma árvore é apenas água. Essa informação permite concluir que a floresta da RESEX Auati-Paraná possui cerca de 257 t de água/ha acumuladas nos indivíduos com DAP \geq 10cm, incluindo palmeiras e cipós. Extrapolando esse valor para toda a RESEX, que possui uma área de aproximadamente 147 mil ha, cerca

de 38 milhões de toneladas de água encontram-se acumuladas na floresta da RESEX Auati-Paraná.

A determinação do estoque de carbono da floresta está também diretamente ligada à biomassa. Estudos mostram que aproximadamente 50% da biomassa seca de uma árvore abatida de floresta primária são constituídos de compostos de carbono. O estoque médio de carbono na RESEX Auati-Paraná foi estimado em 192,78 t/ha, valor superior à média geral do Estado do Amazonas que é de 120 t/ha ± 8 (IC 95%). Extrapolando esse valor para toda a RESEX Auati-Paraná, o carbono estocado pode ser avaliado em quase 28 milhões de toneladas.

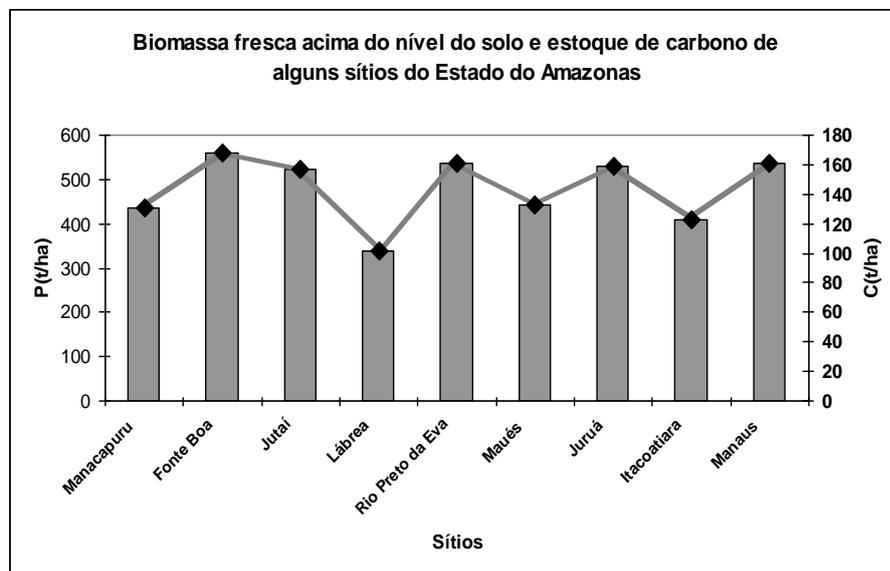


Figura 37. Biomassa fresca acima do nível do solo (P) e estoque de carbono (C) para alguns sítios do Estado do Amazonas. Fonte: LIMA *et al.* (2007)

3.4.2.1.3 Madeira Caída

A queda de árvores na floresta pode ocorrer por fenômenos naturais, como chuvas, tempestades e ventanias, o que a torna altamente aleatória. Por outro lado, a queda de árvores também é provocada por ações antrópicas nas intervenções dentro da floresta, sendo conhecido que a derrubada de uma árvore danifica em média outras 14 a 27 árvores.

Lima & Gomes (2007) estimaram para a RESEX Auati-Paraná um volume médio de madeira caída por hectare de 9,61 m³, valor maior do que o volume encontrado para a RESEX do Rio Juruá (8 m³/ha). O peso seco de biomassa em Auati-Paraná foi calculado em 10,92 toneladas por hectare, estocando em média 5,29 toneladas de carbono, com área

basal de 0,84 m²/ha. Dentre as principais espécies florestais com DAP \geq 50cm, estão: anoira, cedrorana, castanha-do-brasil, tanimbuca, abiurana e quaruba que contribuem com 29% do volume total da área inventariada e 42,5% do volume total das espécies com DAP $>$ 50 cm. Para os autores, esses dados, a principio, demonstram grande potencial de madeira caída dentro da floresta, despertando para os diferentes uso deste recurso e sendo de grande utilidades na elaboração de um plano de manejo visando o aproveitamento deste recurso.

3.4.2.2 Fauna

As informações sobre a composição faunística da RESEX Auati-Paraná são bastante escassas, resumindo-se a dados obtidos por levantamentos realizados pelo IBAMA nos anos de 1998, para criação da Unidade, 2006 e 2007 (BRASIL, 1998b; 2006b; 2007b). Este último apresenta dados apenas de espécies de peixes de ocorrência na UC.

Segundo Laudo Biológico Para Criação da Reserva Extrativista do Auati-Paraná (BRASIL, 1998b), em função da exuberância da vegetação, a fauna da RESEX Auati-Paraná não pode observada facilmente, abrigando, contudo, uma diversidade privilegiada nas suas florestas, rios e lagos.

O trabalho supramencionado, que vem a ser um laudo biológico para a criação da RESEX, inclui listagens de animais utilizados na alimentação da população humana residente, bem como apresenta uma listagem geral de espécies que ocorrem na região, baseada em informações de moradores locais.

Em anexo apresenta-se uma compilação da listagem geral de espécies, com adaptações, abrangendo fauna de aves, mamíferos, répteis e peixes (Anexos III a VII). Trata-se de uma relação que deve ser revisada e atualizada com base em trabalho de campo, já que, para a RESEX, foram obtidas apenas através de entrevistas com moradores locais.

Os *taxa* de mamíferos e répteis foram agrupados segundo o ordenamento dado por Machado *et al.* (2008), no Livro Vermelho de Espécies Ameaçadas da Fauna Brasileira.

Para a avifauna optou-se por organizar uma lista comparativa entre as relações de BRASIL (1998b) e de IDSM (2010), adaptando as mesmas de acordo com o checklist apresentado pelo Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (CBRO, 2011). O resultado pode ser visualizado no Anexo VII.

Com relação à ictiofauna, foram identificadas, através de diagnóstico participativo, 68 espécies de peixes comestíveis e 20 espécies de peixes ornamentais com ocorrência nas áreas de uso das comunidades (lagos, rios e igarapés), (BRASIL,2006b; 2007b).

A listagem original dos peixes-ornamentais apresentava muitas espécies sem nomenclatura científica, tendo sido incluídos os nomes quando possível, utilizando o trabalho do IBAMA-PróVárzea (BRASIL, 2006a) como auxílio.

O Anexo V Ictiofauna comestível da RESEX Auati-Parana apresenta uma listagem, adaptada dos autores supracitados, dos peixes comestíveis e de sua importância econômica.

No Anexo VI, pode-se observar a listagem de peixes com potencial ornamental, também adaptada do Plano de manejo Pesqueiro da Reserva Extrativista Auati-Paraná (BRASIL,2007b). No total, 30 espécies possuem potencial econômico, revelando a importância dos recursos pesqueiros como fonte de renda para a população residente. Verifica-se que é fundamental a realização de estudos para indicação do comportamento migratório e reprodutivo das espécies de potencial valor econômico ou que estejam constantemente sob pressão da pesca, além da avaliação dos estoques.

3.5 Caracterização Social

3.5.1 Caracterização das Comunidades

As dezesseis comunidades da RESEX Auati-Paraná, em sua maioria, apresentam características de formação muito semelhantes. Diferenciam-se no grau de implementação das moradias e benfeitorias. Levantamentos realizados por Higuchi (2008) apresentam os principais aspectos das comunidades:

3.5.1.1 Comunidade São José do Inambé

A Comunidade São José do Inambé, pertencente ao município de Fonte Boa, localiza-se às margens do Igarapé do Inambé, à margem esquerda do rio Auati-Paraná, sob coordenadas 02°11'19,3" S 66°37'57,1" W.



Figura 38. Vista parcial da comunidade São José do Inambé

A história da formação da comunidade remonta a década de 1920, quando atraídos pela extração da borracha, muitos migrantes chegaram à região. Entre esses soldados da borracha encontrava-se o paraibano Sr. João Tavares, que de acordo com um dos moradores mais antigos da comunidade, foi o primeiro a ocupar a região. O senhor João Tavares era um jovem paraibano, que com apenas 18 anos de idade veio ao Amazonas como muitos de seus conterrâneos para trabalhar na extração do látex. Conseguiu desenvolver um trabalho bem sucedido na região e comandou o comércio da borracha, sendo responsável pelo trabalho de 72 famílias. Com a decadência da economia gomífera, Tavares comprou todas as terras da região e iniciou um novo processo de economia. Após sua morte quem assumiu a liderança das comunidades foi seu filho José Tavares até 1987.

O nome São José do Inambé foi uma homenagem feita pelos representantes da igreja ao Sr. José Tavares. O atual líder ou presidente da comunidade é o Sr. Miguel Tavares de Lira, que conta com a ajuda dos filhos na organização das atividades de manejo de pesca, na mobilização para melhores condições de ensino e de saúde na comunidade.

A atividade econômica predominante nessa comunidade é agricultura e pesca.

3.5.1.2 Comunidade Boca do Inambé

Localizada nas coordenadas 02°09'15,8"S 66°33'24,9"W e pertencente ao Município de Fonte Boa, está localizada em área de várzea à margem esquerda do Rio Auati-Paraná, próximo à entrada da Boca do Inambé. Atualmente uma das famílias da comunidade que residem na área da RESEX possui antiga moradia na margem direita do Rio Auati-Paraná, e eventualmente faz uso da mesma. Segundo alguns moradores, as primeiras famílias a ocuparem a região desta comunidade vieram do Peru, em 1920. Essas famílias saíram de seu país de origem por serem vítimas de perseguição policial. Outro motivo citado pelos moradores teria sido a busca de trabalho nos seringais e aquisição de terras para cultivar. Além dos Peruanos citados, outras famílias teriam vindo do Ceará na mesma época, devido ao problema da falta de água e falta de trabalho. A partir de 1998, Boca do Inambé passou a ser considerada comunidade. O nome da comunidade se dá em função dessa proximidade com o igarapé Inambé.



Figura 39. Vista parcial da comunidade Boca do Inambé (HIGUCHI, 2008)

As casas da localidade são construídas em bancos de terra e em cima do leito do rio em forma de flutuante. As principais atividades econômicas são a agricultura, extrativismo e pesca.

3.5.1.3 Comunidade São Luís

A comunidade São Luis, situada nas coordenadas 02°09'02,1"S 66°31'22,0" W, pertence ao município de Fonte Boa e está localizada em área de várzea, à margem esquerda do rio Auati-Paraná. Segundo os moradores, as primeiras pessoas que ocuparam a

região vieram atraídas pelo trabalho no extrativismo de castanha, seringa e agricultura. Com a desvalorização da borracha os irmãos Irineu, Francisco e Leandro Cardoso permaneceram na localidade. A partir de 1973 a localidade passou a ser considerada comunidade. Os moradores não souberam explicar a origem do nome São Luís.



Figura 40. Vista panorâmica da comunidade São Luís (HIGUCHI, 2008)

A comunidade é organizada em forma de associação, composta por uma secretaria administrativa e um conselho fiscal. As principais atividades econômicas são o extrativismo, agricultura e pesca.

3.5.1.4 Comunidade Barreirinha de Cima

Pertencente ao município de Fonte Boa, essa comunidade fica localizada na margem esquerda do rio Auati-Paraná, em área de terra firme, nas coordenadas 02°07'07,8"S 66°29'56,5" W. Segundo relatos, a primeira família a ocupar a comunidade chegou por volta de 1879 em busca de terras para cultivar. A prioridade era encontrar terra firme para que tivessem mais segurança no trabalho. Ao chegarem à região perceberam que tinha grande quantidade de castanha e começaram a explorar o potencial das árvores. Segundo um entrevistado, tempos depois algumas pessoas que se diziam donas das castanhas expulsaram essas famílias, que retornaram mais tarde e fixaram residência e continuaram trabalhando na agricultura. Em 1977 passou a ser considerada comunidade. A comunidade está organizada em forma de associação.



Figura 41. Vista parcial da comunidade Barreirinha de Cima (HIGUCHI, 2008)

Os moradores não souberam explicar a origem do nome da comunidade, porém acreditam que é pelo próprio desenho que o rio fez ao longo dos anos. A erosão causada pelas águas fluviais formou um barranco, que se diga de passagem, na seca do rio, é bastante alto e íngreme.

A principal atividade econômica é a agricultura e pesca. Entretanto, os moradores sobrevivem mais da agricultura de subsistência com produção de banana, cará, mandioca e produção de farinha.

3.5.1.5 Comunidade Monte das Oliveiras

Está localizada à margem esquerda do rio Auati-Paraná em área de terra firme, coordenadas 02°06'54,6" S 66°29'16,2" W e pertence ao município de Fonte Boa. A partir de 1996 passou a ser considerada comunidade. A primeira família a habitar a comunidade chegou em 1993. Procuravam terra-firme para trabalhar na agricultura porque acreditavam que morar na várzea era muito perigoso para os filhos ainda pequenos. Então escolheram um terreno próximo ao igarapé e fixaram as primeiras residências. As casas são construídas em linha horizontal, mas não ficam com a frente voltada para o rio, como a maioria das outras comunidades ribeirinhas.

A comunidade já teve o nome Porto Planalto, no entanto, após a afirmação da religião como evangélica (Assembléia de Deus), seu nome foi modificado para Monte das Oliveiras. A comunidade tem na pesca uma atividade principal, mas só é realizada no rio.



Figura 42. Vista parcial da comunidade Monte das Oliveiras (HIGUCHI, 2008)

3.5.1.6 Comunidade Miriti

Fazendo parte do município de Japurá, a Comunidade do Miriti está localizada à margem esquerda do rio Auati-Paraná dentro do lago Miriti, coordenadas 01°59'28,4" S 66°00'59,2" W. De acordo com os moradores, esta área foi ocupada inicialmente por parentes (bisavôs) do presidente da comunidade, o senhor Mario Nunes. Um tempo depois eles venderam as terras para futuros empresários da seringa. O lugar passou a ser habitado por famílias de seringueiros.

Em 1973 Mario Nunes chegou na região e iniciou o processo organização da comunidade. Em 1975 legalizou a documentação com o estatuto comunitário com cadastro CNPJ. Durante a entrevista o presidente da comunidade relatou que desde sua chegada sempre procurou desenvolver programas sociais, mas sofre com as muitas dificuldades e falta de apoio do governo. Além da família de Mario Nunes, a região contou com a ocupação de nordestinos, que vieram principalmente do Ceará. A comunidade apresenta indícios de urbanização no seu arranjo espacial, pois as casas são construídas de frente uma para as outras lembrando uma rua sem pavimentação.



Figura 43. Disposição das moradias na comunidade Miriti

Os moradores não sabem a origem do nome da comunidade, mas acreditam que seja por causa dos buritis que se encontram em abundância na área.

3.5.1.7 Comunidade Luiz

Está localizada no município de Fonte Boa à margem direita do Rio Auati-Paraná, coordenadas 01°59'15,4" S 66°06'39,6" W em área de várzea pertencente a RDS do Mamirauá. Fica situada no município de Japurá. Os primeiros moradores vieram para a região trabalhar no corte de seringa, na agricultura, de acordo com relatos dos entrevistados. Alguns moradores afirmaram que seus antepassados vieram do nordeste, mais precisamente do Ceará trabalhar na região. A partir de 1990 a localidade passou a ser comunidade (Plano de Manejo Pesqueiro- Relatório Preliminar). Os moradores não souberam informar porque a comunidade tem o nome de Luiz. A principal atividade econômica é a agricultura e a pesca.



Figura 44. Residência flutuante no porto da Comunidade Luis (HIGUCHI, 2008)

3.5.1.8 Comunidade Boa Vista do Pema (Boca do Pema)

Localizada à margem esquerda do Rio Auati-Paraná em área de várzea (01°59'02,8" S 66°09'51,4"W), dentro dos limites do município de Japurá . As primeiras famílias teriam chegado ao local vindo do Ceará para trabalhar no corte da seringa e na agricultura e acabam ali se estabelecendo. Os moradores não souberam explicar a origem do nome da comunidade.¹²

¹² Provavelmente o nome se origina do Igarapé do Pema, já que a entrada 'boca' do igarapé situa-se próximo a comunidade.



Figura 45. Vista parcial da comunidade Boa Vista do Pema

3.5.1.9 Comunidade Vencedor

Está localizada no município de Japurá à margem esquerda do Rio Auati-Paraná área de várzea, coordenadas 02°00'03,6" S 66°12'35,2" W. Nos relatos dos entrevistados a comunidade teria se iniciado com famílias que vieram do Nordeste para trabalhar com seringa. O nome vencedor foi colocado por um dos primeiros habitantes porque o morador considerava-se um vencedor, tinha sucesso em todos os negócios (plantações e criação de gado, por exemplo). Considerando que a localidade lhe dava sorte, esse morador insistiu no nome de Vencedor. Em 1986, com ajuda da igreja e de um órgão público ligado à educação a localidade passou a ser considerada comunidade. Vencedor é uma das mais populosas e mais organizada, lembrando um pequeno núcleo urbano, tanto no seu arranjo espacial quanto na disposição social dos moradores. As casas são organizadas em linha horizontal como as demais comunidades da RESEX. Porém, há demarcações com cercas dos quintais determinando a espacialidade territorial de cada um.



Figura 46. Vista parcial da comunidade Vencedor

3.5.1.10 Comunidade Murinzal

Localizada no município de Japurá, coordenadas 02°01'20,8" S 66°15'51,4" W, em área de terra firme, à margem esquerda do Rio Auati-Paraná, no alto do platô. De acordo com os moradores foi ocupada inicialmente por migrantes que teriam vindo para a região trabalhar na agricultura e seringa. Pela história contada, os avós da senhora Maria Jacira foram os primeiros moradores desse local, que chegaram em meados de 1912. Em 1940 chegaram novos moradores desta vez os peruanos e os nordestinos se juntaram aos antigos moradores.



Figura 47. Vista parcial da comunidade Murinzal

A comunidade já viveu um tempo áureo de cultivo e produção de melancia, arroz e fumo. A principal atividade econômica é a agricultura e a pesca.

3.5.1.11 Comunidade Castelo

Pertence ao município de Japurá e está localizada à margem esquerda do rio Auati-Paraná em área de terra firme (02°01'07,8" S 66°19'07,3" W), dentro do lago. Semelhante ao modo de ocupação territorial das outras comunidades da RESEX, a comunidade Castelo foi se formando a partir da ocupação de nordestinos que buscavam trabalho nos seringais. A primeira formação da comunidade Castelo estava localizada na via principal do rio Auati-Paraná em área de várzea. Com a criação da RESEX, os moradores se juntaram e foram morar em área de terra firme próxima ao lago. Antes, solicitaram autorização do senhor Elias, único morador da área do lago do Curimatá há mais ou menos 50 anos. Em maio de 1993 a localidade passou a ser reconhecida como comunidade.



Figura 48. Vista parcial da comunidade Castelo (HIGUCHI, 2008)

3.5.1.12 Comunidade Curimatá de Cima (localidade Boa Vista do Curimatá)

Pertence ao município de Japurá, está localizada em área de várzea ($02^{\circ}02'13,9''$ S $66^{\circ}18'31,7''$ W) à margem direita do rio Auati-Paraná. Curimatá de Cima originou-se do desmembramento de algumas famílias da comunidade de Curimatá de Baixo nesse período faziam parte da comunidade apenas 04 famílias. Com a criação da RESEX outras 10 famílias foram incorporadas à pequena comunidade tornando-se uma formalmente uma única comunidade. Segundo os moradores o nome da comunidade é devido a grande quantidade de peixe Curimatá que havia no lago próximo.



Figura 49. Vista panorâmica da comunidade Curimatá de Cima (HIGUCHI, 2008)

3.5.1.13 Comunidade Barreirinha de Baixo

Pertence ao município de Fonte Boa e está localizada em área de terra firme (02°05'58,2" S 66°27'44,7" W) à margem esquerda do rio Auati-Paraná. A ocupação da localidade deu-se de forma semelhante às outras comunidades. Motivados pela extração do látex chegaram os primeiros moradores chegaram por volta da década de 1920. Quando os primeiros moradores chegaram nessa região, no local havia um proprietário. Eles não souberam informar o nome do antigo proprietário, mas sabem que era um grande madeireiro. Ainda encontra-se no local um dos primeiros moradores, à época com 96 anos de idade.



Figura 50. Comunidade Barreirinha de Baixo

Na década de 1960 Barreirinha de Baixo era o local mais organizado do Rio Auati-Paraná. A comunidade tinha uma organização urbana: com prefeito; posto de saúde; escola e um grande comércio que se caracterizava como entreposto de comercialização. No entanto, a perseguição política ao então prefeito que apresentava idéias comunistas o afastou do cargo. As construções das casas atuais obedecem a mesma forma de construção antiga e construídas em linha horizontal de frente para o rio. A origem do nome se dá devido às características do relevo local, pois para chegar onde estão as casas sobe-se um barranco com uma escada de aproximadamente 100 degraus ancorados rusticamente com pequenos troncos de madeiras. A principal atividade econômica é a agricultura, extrativismo e pesca.

3.5.1.14 Comunidade Itaboca

Pertence ao município de Fonte Boa está localizada em área de várzea, à margem direita do Auati-Paraná (02°21'58,0" S 66°39'43,9" W). Os moradores não sabem a data

certa que as primeiras famílias chegaram ao local. No entanto, informaram que também vieram para trabalhar na extração de seringa. Os moradores de Itaboca são descendentes de famílias peruanas, cujas propriedades vêm sendo passadas de geração a geração há anos. Itaboca passou ao status de comunidade em 1991, seu nome Itaboca faz referência à grande quantidade de Itaboca (vegetal) na região. As casas são semelhantes às outras comunidades em linha horizontal de frente para o rio.

A principal atividade econômica é a agricultura e a pesca.



Figura 51. Vista panorâmica da comunidade Itaboca

3.5.1.15 Comunidade Curimatá de Baixo

Pertence ao município de Fonte Boa e está localizada à margem direita do Rio Auati-Paraná, na RDS Mimirauá (02°01'28,1" S 66°16'50,5" W). Da mesma forma que as demais localidades, Curimatá de Baixo foi sendo ocupada inicialmente por seringueiros. A origem do nome “Curimatá de Baixo” está relacionado com o lago existente na região que a espécie mais encontrada era o curimatá. Como a comunidade foi sendo ocupada na margem esquerda abaixo do lago, batizaram-na de Curimatá de Baixo, assim continua até hoje. As casas também são construídas em linha horizontal de frente para o rio.



Figura 52. Vista parcial da comunidade Curimatá de Baixo

3.5.1.16 Comunidade Cordeiro

Pertence ao Município de Japurá e está localizada na margem direita do rio Auati-Paraná (02°04'52,9" S 66°20'23,6" W). Da mesma maneira que as demais localidades, Cordeiro foi sendo ocupada inicialmente por seringueiros. Os moradores não souberam explicar porque a comunidade tem este nome. As casas também são construídas em linha horizontal de frente para o rio. A principal atividade econômica é a agricultura e a pesca.



Figura 53. Vista parcial da comunidade Cordeiro

3.5.2 Perfil Geral da População

A população beneficiária da RESEX Auati-Paraná está distribuída por 16 comunidades situadas às margens do Auati-Paraná. Em 2009, foram contabilizados 1376 moradores, distribuídos em 284 famílias. Cordeiro é a comunidade mais populosa da RESEX, com 178 pessoas; seguida de Vencedor com 154 pessoas, Murinzal com 137 pessoas, e Barreirinha de Baixo com 130 pessoas. Entre as menos populosas estão Boa Vista do Pema, com 31 moradores, Luis, com 35 moradores, Boca do Inambé, com 42 moradores e São José do Inambé, com 45 moradores.

No que se refere à divisão por gênero (Figura 54), foi observado que o número de homens é ligeiramente superior ao de mulheres (54% e 46%). Analisando cada comunidade, de forma isolada, não há grandes desvios dessa média, com uma ou outra exceção: as comunidades de Boa Vista do Pema e de São Luis do Inambé são as únicas em que as mulheres superam os homens em número (57% a 43%, na primeira, e 51% a 49%, na segunda).

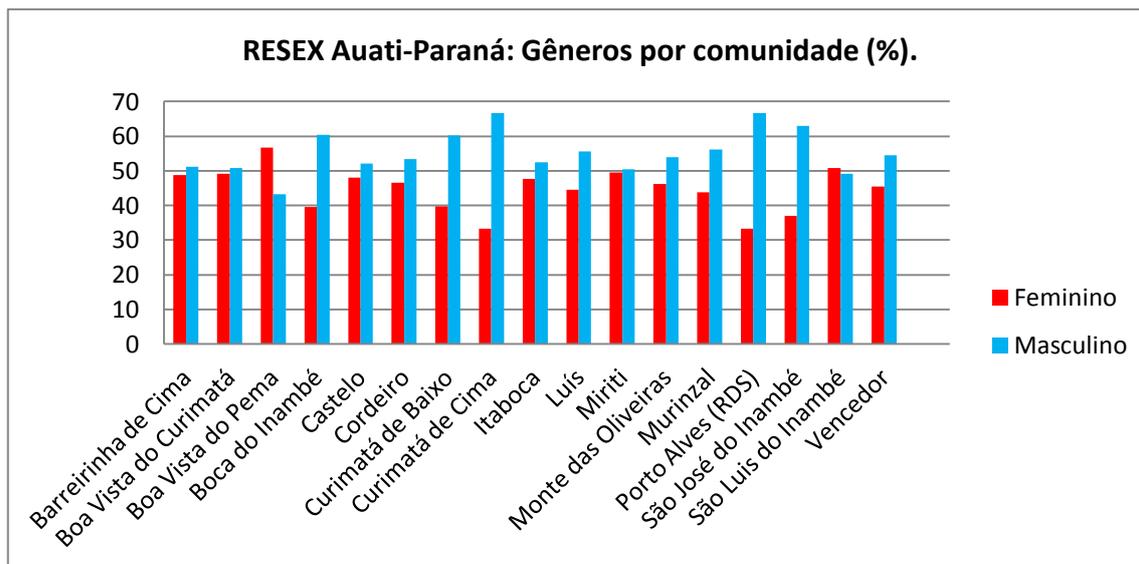


Figura 54. Gêneros por comunidade na RESEX Auati-Paraná.

Como revela a pirâmide etária da RESEX (Figura 55) trata-se de uma população predominantemente jovem, onde cerca de metade da população tem menos de 20 anos de idade. O que significa também uma caracterização demográfica de alto índice de natalidade e uma baixa expectativa de vida. Nesse sentido, pode-se constatar uma dinâmica demográfica oposta à tendência nacional, onde se destaca o envelhecimento da população brasileira e a estimativa de que a partir de 2030 o número de idosos ultrapasse o de jovens. Considerar as peculiaridades regionais do perfil demográfico da população é fundamental para as definições de políticas públicas em Unidades de Conservação de Uso Sustentável na região norte do país, onde a grande maioria das Reservas Extrativistas apresenta um perfil etário com uma alta porcentagem de jovens.

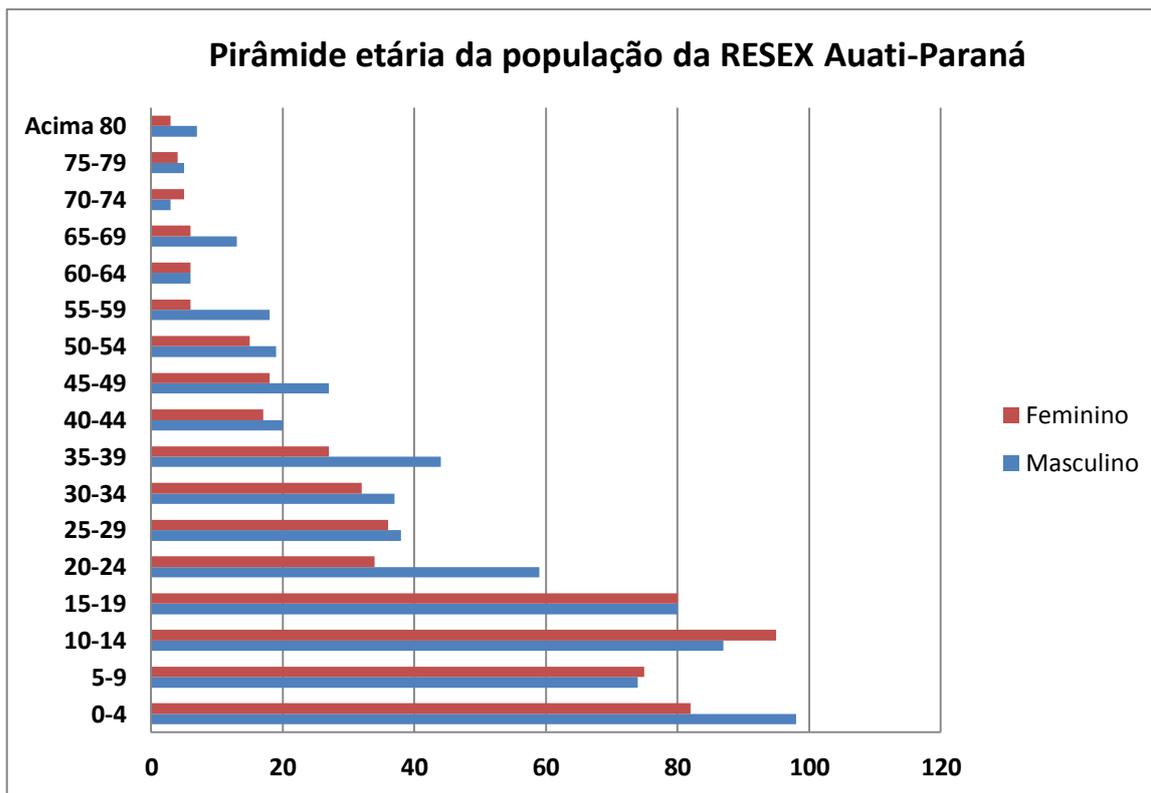


Figura 55. Pirâmide etária da RESEX Auati-Paraná, em 2009.

Segundo estudo amostral, realizado em 2008, foram levantadas informações importantes acerca do estado civil, composição familiar e origem das famílias (HIGUCHI *et al.*,2008). Entre os entrevistados 52% disseram ser casados; 25%, que viviam em relação estável (por não haverem tido oportunidade de oficializá-la); 13%, solteiros; 9%, viúvos; e 1% separados. Os domicílios eram compostos, basicamente, pela família nuclear e família extensa (até 3 gerações), totalizando de 1 a 14 moradores.

Em relação à origem das famílias, de acordo com o levantamento de HIGUCHI (2008), 42% dos entrevistados nasceram na comunidade em que viviam; e nunca haviam morado em outro lugar, sequer por curtos períodos. Entre os restantes (58%), alguns já haviam vivido em outras regiões, mas eram naturais do local.

Esses dados já haviam sido levantados pelo Estudo Sócio-Econômico realizado em 1998 pelo IBAMA/CNPT (BRASIL,1998a), para criação da Reserva Extrativista, quando foi diagnosticado que 97,8% dos habitantes da RESEX são originários do estado do Amazonas; sendo 93,8% do próprio município de Fonte Boa. Dados estes que mostram uma população tradicionalmente ligada à região e ao território que ocupam.

É importante salientar que essa relação histórica dos povos ribeirinhos e extrativistas na região onde está localizada a RESEX Auati-Paraná é reafirmada pelo mapa da Diversidade Sócio-Cultural da Amazônia Legal publicado pelo IBGE no âmbito do Programa de Zoneamento Ecológico-Econômico em 2006, onde toda a região do médio e alto Solimões possui um percentual de não naturais entre 00,00 e 4,99% - caracterizando-se com uma região de fato de populações tradicionais.

3.5.3 Cultura

Culturas tradicionais são modelos mentais usados para perceber, relatar e interpretar o mundo, símbolos e significados socialmente compartilhados, representações socialmente construídas, além de seus produtos materiais, próprios de uma relação homem/natureza em considerável equilíbrio com os ecossistemas locais. E, é com base nessas representações e no conhecimento empírico acumulado que as populações desenvolvem seus sistemas de manejo dos recursos naturais; marcado pela sua exploração dentro da capacidade de recuperação das espécies de animais e plantas – respeitando assim os ciclos naturais e se tornando modos de vida fundamentais para a preservação da biodiversidade (DIEGUES, 2000).

A cultura tradicional ribeirinha, na região amazônica, além de ter muito presente esse perfil, ainda apresenta extensa rede de parentesco, de relações de compadrio, ajuda mútua e de normas e valores sociais que consolidam a solidariedade inter e intragrupal – outra característica das populações tradicionais no Brasil (DIEGUES, *op. cit.*). Os festejos, as histórias populares, e inclusive as atividades de lazer expressam essa riqueza cultural, ao mesmo tempo em que elaboram uma rica reafirmação e recriação coletiva desse *modo de vida* específico de quem vive na e da floresta. Abaixo é apresentada a presença desses elementos na RESEX Auati-Paraná.

3.5.4 Folclore e Lendas Populares

A partir de uma relação simbólica e de construção de significados com a natureza que as populações tradicionais vão compartilhar representações culturais diretamente ligadas ao imaginário popular dos povos da floresta. Trata-se da existência de diversos entes mágicos, presentes nas histórias populares, que cumprem um papel na mediação da

relação homem/natureza, e são transmitidos basicamente pela oralidade (nas conversas durante as refeições, em meio aos afazeres diários de organização do trabalho, nas festas, nas contações das lendas e “causos”).

Entre as entidades da floresta mais conhecidas dessas histórias estão a Curupira, o Mapinguari e o Boto. Segundo crenças da região a Curupira mora apenas na terra firme e protege os bichos de caça. Ela costuma aparecer à noite na beira do iguarapé onde costumam caçar antas. Na maioria das vezes se houve apenas o seu assovio, que produz um certo “encantamento” e desvia as pessoas do seu caminho que acabam se perdendo dentro da floresta. O Mapinguari é mencionado apenas pelos mais velhos, e é lembrado como um bicho da floresta que “como gente”. A lenda do Boto que engravida as mulheres é mencionada como uma história antiga onde as mulheres justificavam sua gravidez antes do casamento, quando as regras em casa eram mais rígidas do que nos dias de hoje. Mas o Boto é associado a espíritos que procuram as pessoas, especialmente as mulheres quando estão no período menstrual.

3.5.5 Festejos, Celebrações e manifestações religiosas

Outro elemento reafirmador da cultura tradicional está presente nos festejos, sempre associados a uma religiosidade cristã dos santos e datas religiosas significativas. Esses momentos têm o papel de estreitar os laços familiares e de amizade; e amenizar desavenças. Além do que, o intercâmbio de idéias e o planejamento de algumas ações da comunidade são mais intensos nessas ocasiões. Nos estudos de criação da RESEX foi realizado um levantamento das principais festas nas comunidades como a Festa de Santo Antônio, Santa Maria, São Sebastião e São Lázaro. Em janeiro de 2010 houve um levantamento mais detalhado dessas atividades culturais:

Tabela 4. Datas dos festejos nas comunidades da RESEX

Comunidade	Festas	Datas
Barreirinha de Baixo	Padroeira Nossa Senhora de Fátima Aniversário da Igreja Evangélica	12 de maio 26 de julho
Barreirinha de Cima	São Francisco	25 de setembro a 03 de outubro
Boa Vista do Pema	Não realizada festejo específico	

Boca do Inambé	Não realiza festejo específico	
Castelo	Não realiza festejo específico	
Cordeiro	Dia do Menino Jesus	25 de dezembro a 6 de janeiro
Curimatá de Baixo	São Sebastião	10 a 19 de janeiro
Curimatá de Cima	Aniversário da Igreja Evangélica	13 de fevereiro
Itaboca	São Lázaro	10 de fevereiro
Luiz	São Francisco	3 e 4 de outubro
Miriti	Santo Antonio	12 e 13 de junho
Monte das Oliveiras	Aniversário da Igreja Evangélica	30 de julho
Murinzal	Santa Maria	31 de maio
São José do Inambé	Não realiza festejo específico	
São Luis do Inambé	Divino Espírito Santo São Tomé	Maio Dezembro
Vencedor	São Lázaro	10 fevereiro

Para além das festas presentes na tabela são momentos de comemorações da população da RESEX, realizadas na cidade de Fonte Boa: Festa do Boi-Bumbá (13-30 jun.); Festa da Padroeira de Fonte Boa, Nossa Senhora de Guadalupe (1-12 dez.); Comemoração do aniversário do município (25-31 mar.); Festa da Canção Popular (out.).

De acordo com observações da equipe de gestão do ICMBio na RESEX, pode ser relatada a maior frequência de festas como forrós e música eletrônica, organizadas pela juventude. É importante um levantamento mais detalhado dessas atividades, uma vez que pode representar uma mudança cultural e geracional com aspectos relacionados aos valores comunitários e ao consumo; com consequências futuras para a gestão sócio-ambiental da UC.

3.5.6 Lazer

Uma das principais atividades de lazer, presente inclusive nos festejos, são os campeonatos de futebol; sendo praticado inclusive pelas mulheres. Para os homens o mais comum é a “pelada” no final da tarde, após o dia de trabalho (Figura 56); já as meninas costumam cada final de semana ir para outra comunidade jogar bola. Em algumas comunidades há um campo utilizado pelos homens e outro utilizado pelas mulheres.

O rio e os igarapés também são importantes espaços de lazer, especialmente para as crianças que muitas vezes passam o dia todo brincando na água e passeando com canoas

nas proximidades das comunidades (Figura 57). Longe dos brinquedos industrializados, tão comuns nas vidas de crianças da cidade, as brincadeiras infantis são todas permeadas pela relação com a natureza: para além do rio a diversão está presente nos galhos das árvores, catando frutas, e brincando com os animais e insetos.



Figura 56. Jogo de Futebol na comunidade São Luis



Figura 57. Crianças brincando no rio

3.5.7 Religião

A religião na RESEX Auati-Paraná caracteriza-se por ser predominantemente católica e evangélica. Há diversos indícios de outras formas de religiosidade – como a presença de rezadores e benzedores. Entretanto, não se tratam de concepções religiosas diversas e sim de um sincretismo religioso - onde a benção e a reza estão de certa maneira associadas à fé cristã (especialmente a católica).

Como apontado anteriormente, a organização comunitária ligada ao catolicismo teve um papel central na formação das comunidades e atuou expressivamente na definição das identidades e na sua organização (*vide histórico de criação*). Nesse processo, a concepção religiosa trabalhada com a população da RESEX foi baseada na idéia de que *“Através da evangelização, da catequese e da liturgia, propõe-se uma ação conscientizadora como pressuposto para libertação, na descoberta dos valores cristãos, e do pronunciamento no sentido da dignidade e da liberdade da pessoa humana e da família.”*(SILVA,*op.cit*) Tratava-se de uma concepção religiosa ligada a mobilização popular e a libertação dos oprimidos. Atualmente, ainda verificam-se algumas atuações sociais como a presença da Pastoral da Criança e a Pastoral da Juventude.

Apesar do histórico ligado à igreja católica, atualmente muitas famílias são evangélicas. Algumas comunidades caracterizam-se por terem todas as famílias evangélicas, como é o caso de Monte das Oliveiras - antes chamada de Porto Planalto, e que recebeu o novo nome após a conversão para religião evangélica (Assembléia de Deus). No caso da Barreirinha de Baixo as crenças religiosas são mistas, há tanto a presença da Igreja evangélica Assembléia de Deus como da Igreja Católica da Prelazia de Tefé. Apesar da diferença no âmbito de concepções e práticas religiosas entre evangélicos e católicos é notável que as igrejas possuem um papel central na organização comunitária. Conseqüentemente, percebe-se que há uma forte ligação entre liderança religiosa e liderança política nas comunidades. Por exemplo, na comunidade Monte das Oliveiras o pastor também é o presidente da comunidade. E, em Barreirinha de Baixo a presença do pastor nas reuniões da comunidade é fundamental para mobilizar as famílias.

Ao todo na RESEX 13 comunidades que pertencem a igreja católica, 2 que pertencem a igrejas evangélicas, e 2 que possuem a presença das duas igrejas na comunidade. Segue abaixo tabela com levantamento detalhado por comunidade:

Tabela 5. Presença das igrejas nas comunidades da RESEX Auati-Paraná

Comunidade	Igreja
Barreirinha de Baixo	Católica e Evangélica (Assembléia de Deus)
Barreirinha de Cima	Católica
Boa Vista do Pema	Evangélica (Pentecostal e Assembléia de Deus)
Boca do Inambé	Católica
Castelo	Católica
Cordeiro	Católica
Curimatá de Baixo	Católica
Curimatá de Cima	Evangélica (Batista)
Itaboca	Católica
Luiz	Católica
Miriti	Católica
Monte das Oliveiras	Evangélica (Assembléia de Deus)
Murinzal	Católica
São José do Inambé	Católica
São Luis do Inambé	Católica
Vencedor	Católica

3.5.8 Relações de Gênero e Participação da Mulher

As relações de gênero na RESEX expõem uma complexa divisão sexual do trabalho, permeada por valores culturais e transmissões tradicionais de conhecimento. Na agricultura os trabalhos como derrubar a mata e roçar são de responsabilidade do homem, já o plantio e a colheita têm uma forte presença do trabalho feminino. Quanto às pequenas hortas ao redor das casas geralmente são de responsabilidade das mulheres, assim como o cuidado e limpeza da casa, e o lavar as roupas de todos os membros da família (Figura 58). Já todo o trabalho de comercialização dos produtos da agricultura e pesca (negociação e diálogo com os compradores) é feito pelos homens.

Tem sido observado pela gestão do ICMBio que aos homens, de modo geral, cabem tarefas relativas à pesca, à caça, e trabalhos como construções e concertos de casas e barcos/canoas. A mulher é predominante à tarefa de cozinhar, fato que muitas vezes prejudica a participação das mesmas nas atividades da RESEX (encontros, reuniões, cursos), pois são as responsáveis pela alimentação de quem está participando das atividades (Figura 59). Há também a predominância das mulheres na produção de peças de cerâmica e cestaria.

Nesse sentido, observa-se que a divisão sexual do trabalho na RESEX Auati-Paraná não difere muito do que relatam os estudos acerca desse tema nas comunidades rurais no Brasil. As mulheres têm ampla participação nas diversas etapas do trabalho produtivo, junto aos homens. Ao passo em que o trabalho doméstico (tido como não-produtivo) é de responsabilidade quase que exclusiva da mulher: da limpeza da casa e da roupa, ao cozinhar e cuidado das crianças. Embora não seja aparente, as mulheres dispõem muito mais força de trabalho ao longo do dia do que os homens, e tendem a trabalhar até o último momento antes de se deitarem; sendo responsáveis pelo preparo da janta, limpeza da louça e colocar os filhos menores para dormir. Tal situação também foi observada por responsáveis pelo Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA) na RESEX, que ao aplicar dinâmicas de debate com os alunos, buscando o melhor horário para as aulas, fizeram um levantamento de como é o cotidiano da mulher e do homem – desde a hora em que se levanta até o momento de dormir. Nesse processo diagnosticaram que o dia-a-dia da mulher na RESEX é muito mais corrido, o que dificultou em encontrar horários para as mesmas participarem das aulas.

Em relação à participação das mulheres na organização comunitária, foi observado durante o processo de formação do Conselho Deliberativo um expressivo desequilíbrio entre homens e mulheres. Além da presença das mulheres ter sido inferior em todos os encontros, a desigualdade de representação dos gêneros era manifesta também na quantidade de intervenções durante os debates. Em uma atividade, por exemplo, os 323 presentes teriam feito 97 falas, das quais apenas 18 foram de mulheres. A presença feminina na composição do Conselho também reflete esse cenário, conforme Relatório de composição do Conselho Deliberativo da RESEX Rio Auati-Paraná (BRASIL,2006). Ou seja, na RESEX ainda há uma participação muito pequena das mulheres nos espaços de discussão e decisão acerca da vida comunitária e da gestão que envolve toda a RESEX.

Podemos observar também que a gravidez na adolescência, fato comentado pelas mulheres mais velhas, pode levar as meninas a abandonarem a escola cedo e fortalecer a marginalização da mulher para dentro de casa.

Entretanto, faltam estudos sobre as relações de gênero e a participação das mulheres nas comunidades da RESEX Auati-Paraná. Sendo fundamental a realização dos mesmos uma vez que se trata de um tema diretamente relacionado à organização

comunitária e a gestão da UC no seu cotidiano. Além de possibilitar a elaboração de políticas públicas específicas e de longo prazo que possam levar a um maior envolvimento das mulheres na participação política e de gestão da UC.



Figura 58. Mulher lavando roupa na comunidade Castelo (novembro de 2010)



Figura 59. Mulheres no Curso de Beneficiamento de Pescado (julho de 2010)

3.5.9 Organização Comunitária e Associativismo

A principal estrutura de organização e representação das famílias são as comunidades e associações. Foi a partir de fins dos anos 60, com o impulso da Igreja Católica através do MEB (vide histórico de criação), que a maior parte delas se estabeleceu. Curimatá de Baixo foi fundada em 1968; São Luis, em 1973; Barreirinha de Cima, em 1977; Miriti, em 1978, Vencedor, em 1983; e Curimatá de Cima, em 1986. Já nos anos 90, algumas comunidades formadas ao longo das décadas anteriores aprovaram seus estatutos: Vencedor, em 1995; Miriti, em 1996; e Cordeiro, em 1999. Outras, ainda, foram fundadas nessa década: Luis estabeleceu-se em 1990 e aprovou estatuto no mesmo

ano; Itaboca foi fundada em 1991; Castelo e Monte das Oliveiras, em 1996; Boca do Inambé, em 1998; e Boa Vista do Pema, em 1999. Grande parte das comunidades, apesar de não possuírem uma associação no sentido formal, estabeleceu uma estrutura de representação com presidente, vice-presidente e secretário/a; possuem regras construídas coletivamente e realizam reuniões periódicas com a presença de praticamente todas as famílias da comunidade.

A AAPA, enquanto associação que representa a RESEX como um todo, possui um longo histórico de organização coletiva e de luta pelos direitos das famílias (vide histórico de criação). Nesse sentido, as famílias que não são diretamente associadas são também beneficiárias de todos os projetos da AAPA e no planejamento das ações de gestão da Associação. Hoje a AAPA possui cerca de 310 associados diretos, dentro das 16 comunidades da RESEX e realiza atividades periódica de formação de lideranças, reuniões nas comunidades e assembléia anual para prestação de contas e avaliação; além de ser responsável pela coordenação do manejo do pirarucu, em parceria com ICMBio e IBAMA, em toda a RESEX.

Dados do cadastro de moradores (2009) indicam que cerca de 49% das famílias tem pelo menos um membro que possui carteira de pescador. Esta informação sugere que os pescadores estão vinculados à associações representativas da classe, que intermediam o cadastro e entrega das carteiras junto as comunidades. As representações de pescadores que atuam junto às comunidades da RESEX são: Associação de Pescadores de Fonte Boa, Colônia de Pesca de Fonte Boa, Sindicato de Pesca de Fonte Boa, há também a atuação da Colônia de Pesca de Japurá e Colônia de Pesca de Maraã.

Não há cooperativas na RESEX Auati-Paraná. A AAPA, junto às comunidades, acaba desempenhando o papel político de auxiliar as comunidades na comercialização dos produtos; bem como de levar para as mesmas, junto ao ICMBio, projetos e encaminhamentos referentes às atividades de desenvolvimento sustentável da UC.

3.5.10 Documentação

Em relação à documentação, noventa por cento da população da RESEX possui certidão de nascimento. Apenas nas comunidades São Luis do Inambé, São José do

Inambé, Itaboca, Curimatá de Baixo e Castelo todos os moradores, dentre os que temos informação, possuem certidão de nascimento.

Quanto ao Registro Geral, 52% da população total da RESEX Auati-Paraná não possui o documento. Mas, é necessário ressaltar que aqui foram considerados todos os moradores, e não apenas os maiores de 18 anos, idade em que os moradores da RESEX costumam tirar este documento. Oitenta e oito por cento dos moradores possuem título de leitor, e noventa por cento da população da RESEX maior de 16 anos possui CPF.

Sobre os demais documentos, como carteira de pesca e carteira de trabalho um novo levantamento precisa ser feito pois, de acordo com o Conselho Deliberativo da RESEX, os dados coletados em 2009 (ICMBio,2009b) estão defasados, uma vez que grande parte dos pescadores tirou sua carteira após esse período.

3.5.11 Saúde

A caracterização das condições de saúde dos moradores da RESEX faz emergir, de um lado, a incidência de enfermidades e riscos relacionados à vida na floresta – como picadas de cobra e mordida de morcego (transmissor da raiva); e de outro, doenças características do interior da Amazônia como malária, hepatite, verminoses, infecção urinária entre outras, conseqüentes da tênue presença do poder público no cumprimento do direito à saúde dos moradores (HIGUCHI *et al.*,2008).

Em 2009, nenhuma das comunidades dispunha de posto de saúde, e o antigo posto da comunidade Murinzal, desativado desde 1986, agora cumpre a função de moradia para os professores. Já em 2010 foi implantado pela prefeitura de Japurá um posto de saúde na comunidade Vencedor, que atende as comunidades mais próximas. Nesse sentido, diversas são as alternativas criadas pelas famílias em busca de um tratamento de saúde. Entre os moradores entrevistados em 2008 (HIGUCHI *et al.*,2008) 32% disseram procurar os serviços de saúde das sedes dos municípios de Fonte Boa e Marã quando acometidos por alguma enfermidade. Em seguida, apareceram como formas de tratamento o uso de remédios caseiros (26%), a automedicação com drogas alopáticas (21%) e o recurso a agentes comunitários de saúde (15%). Outros procedimentos mencionados foram a busca da ajuda de familiares e amigos (4%) e de rezadores (2%). Em 2009, foi constatado que,

geralmente, em casos de necessidade de atendimento de saúde mais urgentes os moradores da RESEX dirigem-se a Fonte Boa. Porém, a distância é longa, e o custo alto.

Nas comunidades há o trabalho dos Agentes Comunitários de Saúde (ACS) – que são contratados pelas prefeituras. O ACS da comunidade de Vencedor também é responsável pelo atendimento das comunidades Miriti, Luís e Boa Vista do Pema, da mesma forma com que o agente de saúde da comunidade Barreirinha de Cima se responsabiliza pelo atendimento de Monte das Oliveiras. O da comunidade São Luis, por sua vez, também vai a Boca do Inambé e São José do Inambé; o da comunidade de Castelo atende ainda Curimatá de Cima. A comunidade de Cordeiro também possui agente de saúde. E a ACS da comunidade Curimatá de Baixo é procurada por enfermos de várias comunidades próximas.

O agente de saúde desempenha funções na área de prevenção, saúde básica e educação sanitária. Nesse sentido, é um trabalho de extrema importância dentro da Reserva Extrativista, que se localiza distante de postos de saúde e hospitais. Contudo, a atuação dos agentes na RESEX Auati-Paraná é limitada. Pois, apesar de receberem capacitações mensais na sede do município os mesmos não recebem estrutura básica por parte das secretarias de saúde para desempenhar suas funções. Entre as maiores queixas por parte dos agentes está na quantidade de hipoclorito de sódio para distribuição que é insuficiente, e no fato de que não há nenhum meio de transporte disponível para casos emergenciais.

Em relação à vacina, equipes do município de Japurá e Fonte Boa visitam as comunidades nos períodos de campanhas; e a vacinação ocorre com acompanhamento dos agentes de saúde. Em outros momentos as famílias se dirigem à Fonte Boa para serem vacinadas. De acordo com relato dos comunitários o município de Japurá costumava enviar equipe da Funasa para borrifação, como forma de controle da malária. Mas nos últimos dois anos não houve nenhuma atuação das secretarias de saúde nesse sentido. São também disponibilizados exames ginecológicos e de sangue. Contudo, nas comunidades da RESEX situadas mais acima do Auati-Paraná tal assistência se faz menos presente.

Para da à luz, a maioria das mulheres se dirige a Fonte Boa, embora haja também algumas que têm seus filhos na comunidade, com auxílio de parteiras. A prefeitura de Fonte Boa realiza capacitação para parteiras e agentes de saúde. Contudo, o ofício de parteira tem diminuído consideravelmente com o tempo: o conhecimento tradicional das

mais antigas e experientes não tem sido repassado para as gerações mais novas e as mulheres sentem mais confiança de buscar o hospital para esse serviço.

Em relação às enfermidades, a que mais se queixaram os moradores foi a gripe – que acometia tanto adultos quanto crianças. A febre, sintoma que pode estar associado a diversas causas, também era um mal-estar bastante citado. No grupo das crianças, gripe e febre eram seguidas por diarréia e verminoses; entre os adultos, a terceira maior queixa referia-se a dores no corpo, seguida por gastrite, malária, reumatismo e pressão alta (HIGUCHI *et al.*,2008).

Em 2009, os moradores da RESEX foram inquiridos quanto às doenças que os haviam afligido nos últimos anos. O resultado para a RESEX Auati-Paraná como um todo compõe o gráfico apresentado na Figura 60, e é possível concluir que a tendência observada pelo levantamento realizado em 2008 (HIGUCHI *et al.*,2008) reapareceu no levantamento de 2009. As doenças respiratórias encabeçam a lista, com destaque ainda para a gripe, mencionada por 25% dos moradores que declararam terem estado doentes em período recente. Em seguida, aparecem, nessa ordem, a hepatite, as dores no corpo e a malária. A maior parte das comunidades, analisadas isoladamente, acompanha a tendência da RESEX, com exceção de Barreirinha de Baixo, em que predominam nos relatos os casos de hepatite e malária, de Boca do Inambé, em que se citou mais vezes a malária, e de Boa Vista do Pema, em que a hepatite figurou como a mais citada.

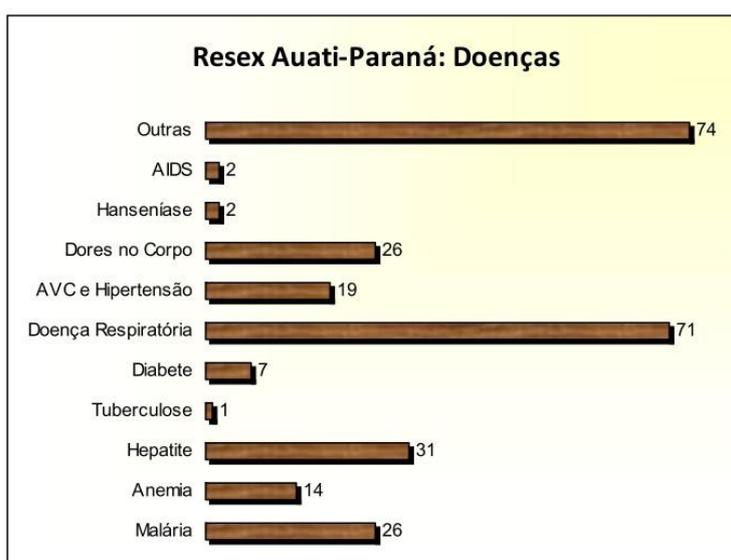


Figura 60. Principais problemas de saúde citados na RESEX Auati-Paraná

Os moradores ouvidos durante o levantamento de HIGUCHI (2008), ao mesmo tempo em que denunciavam o abandono dos sistemas de saúde pública, revelaram traçar estratégias de prevenção de enfermidades. Metade dos entrevistados destacou práticas individuais como o asseio corporal e a limpeza da casa; medidas de saneamento apareceram em segunda posição (20%); em seguida, os cuidados na manipulação e armazenamento dos alimentos, junto à alimentação saudável (15%). Para 7%, era importante utilizar os serviços de saúde, fazendo exames e consultas periódicas, tomando vacinas e medicamentos; outros 2% apontavam a procura pelos agentes comunitários de saúde, os cuidados com o meio ambiente e a busca por “orientações”. Por outro lado, 5% dos entrevistados disseram não saber ou não acreditar ser possível evitar doenças.

Em 2009 (BRASIL, 2009b) as principais demandas que apareceram foram: a falta de um transporte de emergência dentro da RESEX (uma voadeira-ambulância) para casos de acidentes com urgência de atendimento; a falta de medicamentos, a falta de enfermeiros nos postos de saúde da cidade, a baixa frequência das campanhas de vacinação e de borrifação para o controle de mosquito da malária.

3.5.12 Educação

Em 2009 constatou-se que a situação, tanto dos professores como das escolas na RESEX Auati-Paraná é extremamente precária. Foram diversos os problemas observados, bem como as queixas registradas. Dentre elas, destacam-se o sistema de ensino em salas multisseriadas, o atraso no pagamento do salário de monitores e professores (estes vêm de Fonte Boa, Maraã e Japurá) e o não cumprimento do ano letivo. Para agravar esse quadro, desde agosto de 2008, as escolas do município de Fonte Boa estão sem alimentação escolar.

Os estudos precedentes sobre a RESEX Auati-Paraná já descreviam sérios problemas. Em algumas comunidades, havia crianças freqüentando a escola sem estarem matriculadas; elas teriam sido impedidas de se matricular por não possuir documentos de identificação. Segundo professores entrevistados, os índices de evasão escolar são altos na maioria das comunidades: muitas crianças e adolescentes abandonam a escola para ajudar os pais na roça; outras enfrentam uma dupla jornada, estudando e trabalhando.

Atualmente há duas comunidades que não possuem escola: Monte das Oliveiras e Boca do Inambé. Para estudar, os alunos da primeira necessitam se deslocar até a comunidade de Barreirinha de Baixo. Na comunidade de Boca do Inambé, uma rabetá leva as crianças até São Luis do Inambé, em um percurso de cerca de 15 minutos para ir e 20 para voltar. Na comunidade de São Luis do Inambé, a escola vai até a 4ª série. Para frequentar a 5ª série é necessário ir à comunidade de Barreirinha de Baixo, em um deslocamento de cerca de uma hora, para ir, e 1h30 a 2h para voltar. Segundo relatos dos comunitários as idas e vindas são sempre turbulentas, não existem sequer coletes salvavidas para a segurança das crianças e nem proteção contra as chuvas, que sempre molham o material didático.

Na comunidade de Barreirinha de Baixo, há a escola de 1ª a 4ª série e até o ano de 2010 também havia o programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA) pelo PRONERA de 5ª a 8ª série do ensino fundamental. Contudo, este programa foi implementado na RESEX até o ano de 2010. Na comunidade Vencedor, é oferecida educação infantil, de responsabilidade do município de Japurá, ao passo que os demais níveis, como acontece na grande maioria das comunidades, são de responsabilidade do município de Fonte Boa. Em Miriti, o município de Fonte Boa é responsável pelas aulas de 5ª a 8ª série e Japurá, de 1ª a 4ª série. Além disso, aos sábados e domingos, também tinham aulas do PRONERA. Situação complicada também foi presenciada na comunidade de Itaboca que, apesar de contar com escola para aulas até a 4ª série, em julho de 2009, encontrava-se parada devido a uma enchente. Após 3 meses as aulas foram retomadas, e atualmente a comunidade conta com o ensino regular de 1ª a 4ª série. Já Castelo, comunidade em que a escola vai também vai apenas até a 4ª série, sofre para garantir a continuidade dos estudos de seus membros, já que os estudantes aptos a cursar a 5ª série estão sem estudar, por falta de monitor que os leve até Curimatá de Baixo. Nesta comunidade, além do ensino de 1ª a 8ª série, também ocorreram aulas do PRONERA.

Segundo o Diagnóstico Educacional realizado por Hueliton da Silva Ferreira em 2007 (BRASIL,2007a), especificamente no que tange à infraestrutura das escolas, em todas as comunidades que possuem escola a estrutura física do prédio era bastante deficiente: faltavam carteiras e outros equipamentos; algumas crianças assistiam às aulas em construções inacabadas e outras, em prédios em más condições de conservação; faltavam ainda insumos para a limpeza. Em todas a ausência de abastecimento regular de energia

elétrica limitava as atividades e os turnos das aulas – e nas comunidades em que havia aulas à noite, as lâmpadas utilizadas não iluminavam o suficiente.

Em Barreirinha de Baixo, Cordeiro e São Luis há escolas construídas pela prefeitura de Fonte Boa – prédios antigos, com poucas salas (duas em Barreirinha de Baixo e Cordeiro, e apenas uma em São Luis) e em más condições de conservação. Em outras comunidades, sequer existe um prédio escolar construído pela prefeitura. Em Miriti, a escola foi erguida pelos próprios moradores. Na comunidade Vencedor, alguns alunos ainda têm aula na casa comunitária, com estrutura de madeira em péssimas condições de conservação.

Na comunidade Castelo, as aulas ocorrem na casa de um morador, que cedeu o imóvel para funcionamento da escola, pois foi morar um pouco mais distante da comunidade. A construção está inacabada, sem porta e sem janelas. Em Boa Vista, a escola funcionava na casa do presidente da comunidade, onde também estavam instaladas uma padaria e uma oficina de motor “rabetas”, e onde vivia o professor. Atualmente a comunidade já possui uma estrutura própria para escola.

Em relação ao transporte a situação não é diferente. Na comunidade Castelo, estudantes que viviam na cabeceira do lago iam para a escola, todas as manhãs, em uma canoa. Em outras comunidades, alunos que moravam em casas isoladas eram conduzidos diariamente por monitores, em rabetas. A tarefa é dificultada, queixam-se os monitores, pelo fato da embarcação não dispor de um holofote mais potente e de coletes salva-vidas – o que seria especialmente necessário em deslocamentos noturnos, quando a velocidade da correnteza e os troncos que descem o rio tornam a viagem mais perigosa.

No ano de 2009 a situação ainda era a mesma. Na comunidade Murinzal, a escola funciona em um prédio de madeira já bastante precário (sem janelas ou telas) construído pela prefeitura de Fonte Boa. A escola dispõe de apenas duas salas: em uma funciona o ensino fundamental I (1ª a 4ª série) e na outra o ensino fundamental II (de 5ª a 8ª série) – ambas as salas multiseriadas. Há uma outra turma de educação infantil, correspondente a uma creche, que atende crianças de 2 a 5 anos e funciona em uma das casas comunitárias, ao lado da escola.

No ano de 2011 foi implementada na RESEX a primeira turma de Ensino Médio na comunidade Curimatá de Baixo, oferecido pelo Programa de Educação à Distância da Secretaria de Educação do governo do estado do Amazonas. Entretanto não atende a toda a demanda da RESEX, que possui cerca de 190 jovens aptos a cursar o Ensino Médio. As famílias reconhecem e valorizam a importância do estudo para os jovens; e por essa razão alguns pais enviam seus filhos para estudar o ensino médio na cidade (em Fonte Boa). Entretanto, muitos não possuem recursos para manter os filhos morando na cidade e, ao mesmo tempo, possuem muito receio em fazê-lo por temer que os jovens se envolvam com drogas, bebidas e que se afastem da família e da vida na RESEX. O que vem ocorrendo com muitos jovens da região que saem de suas comunidades para estudar na cidade.

Em relação aos recursos didáticos, metodologias e linha pedagógica as deficiências também são enormes. O material didático fornecido pelas prefeituras é insuficiente, além de descolado do contexto local. O “kit básico” – composto de lápis, caneta, borracha, caderno e apontador – é fornecido para algumas comunidades, muitas vezes com atraso e em quantidade insuficiente. Os professores, praticamente todos oriundos da sede do município de Fonte Boa, queixavam-se de falta de orientação e condições para exercer sua função; além de relatar dificuldades de adaptação ao contexto local e inexperiência no campo da educação.

No primeiro semestre de 2010 iniciou em Fonte Boa o projeto Escola Ativa da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do MEC, em parceria com o MMA. Trata-se de uma formação em Educação do Campo para os professores das Reservas Extrativistas.

A Educação do Campo, reivindicada pelos movimentos sociais que surgem na década de 80, tem em seus fundamentos o reconhecimento de que quem vive no campo (agricultores, extrativistas, ribeirinhos e indígenas) tem o direito a um ensino escolar diferenciado de quem vive na cidade. O que exige um modelo de organização escolar que segue o tempo cotidiano do campo, conteúdos específicos para a realidade local e metodologias e didáticas adequadas ao modo de vida da população que vive em uma outra realidade cultural e em outra relação com o meio ambiente.

Entretanto, é importante salientar que nas escolas da RESEX Auati-Paraná não há nenhuma política pública de Educação do Campo presente, seja no seu conteúdo

programático, seja na sua metodologia de ensino e nos livros didáticos, que são tradicionais (no mesmo modelo das escolas da cidade). O que temos é o início de uma capacitação dos professores que trabalham nessas escolas para o tema da Educação do Campo.

Tabela 6. Situação do Ensino Básico na RESEX Auati-Paraná

Comunidade	1ª a 4ª série	5ª a 8ª série	Ensino Médio	EJA/PRONERA
Barreirinha de Baixo	Sim	Sim	Não	Até 2010
Barreirinha de Cima	Sim	Sim	Não	Até 2010
Boa Vista do Pema	Sim	Não	Não	Não
Boca do Inambé	Não	Não	Não	Não
Castelo	Sim	Não	Não	Não
Cordeiro	Sim	Sim	Não	Até 2010
Curimatá de Baixo	Sim	Sim	Não	Até 2010
Curimatá de Cima	Sim	Sim	Não	Não
Itaboca	Não	Não	Não	Não
Luiz	Sim	Não	Não	Não
Miriti	Sim	Sim	Não	Até 2010
Monte das Oliveiras	Não	Não	Não	Não
Murinzal	Sim	Sim	Não	Até 2010
São José do Inambé	Sim	Não	Não	Não
São Luis do Inambé	Sim	Não	Não	Não
Vencedor	Sim	Sim	Não	Até 2010

3.5.13 Habitação

As casas na RESEX Auati-Paraná são, na sua maioria, construídas uma ao lado da outra, com a fachada voltada ao rio, lagos ou igarapés, respeitando o limite de segurança devido às variações ocasionadas por cheias e vazantes. Na várzea, costumam ser erguidas sobre plataformas flutuantes elaboradas com toras de madeira e amarradas à beira da água. Também podem ser construídas bem acima do nível do chão, nas chamadas palafitas.

As técnicas construtivas e materiais empregados são similares em todas as comunidades. As casas são construídas em madeira, e em algumas delas a paxiúba (espécie de palmeira) é utilizada nos assoalhos ou paredes. Segundo levantamento realizado em 1998, a maioria das famílias recorria à palha para cobertura das casas; em menor medida, a telhados de alumínio ou zinco. Dez anos depois a situação se invertera: o uso da palha estava em franco declínio, sendo substituído pelas telhas, inicialmente introduzidas pela

prefeitura e depois pelo crédito habitação do INCRA. As famílias apontam que apesar do zinco ser mais quente, a palha estava ficando muito difícil de pegar, dava muito trabalho porque tinha que trocar de tempos em tempos e juntava muito bicho.

Em alguns lugares, como na comunidade de Itaboca, na época de grandes enchentes, as famílias constroem um piso superior de madeira e transferem toda a casa para cima. Caso ocorra uma enchente maior constroem um novo piso e levam os móveis novamente mais para cima. Assim evitam que a casa seja alagada.

As moradias possuem normalmente de 2 a 5 cômodos (HIGUCHI, *op. cit.*). De modo geral, há poucos móveis e tem ocorrido a introdução, de forma ainda vagarosa, de mobília, eletrodomésticos e utensílios típicos de espaços urbanizados. O fogão a lenha ainda é o mais utilizado, mas já se encontram muitos fogões a gás; o mesmo vale para as prateleiras de madeira, que em algumas casas dividem o espaço com armários industrializados, e para as redes de dormir, às vezes substituídas por camas e berços. Há um diferencial na incorporação dessas mudanças de comunidade para comunidade. Entretanto, as assimilações são lentas e muito limitadas pelas condições de renda das famílias. A grande maioria das casas possui mesmo um padrão simples, com poucos móveis e o fogão a lenha com uso predominante (pois não há dinheiro para a compra regular do gás de cozinha).

Normalmente o forno de torrar farinha localiza-se no fundo da casa, e está estruturalmente vinculado a esta. É comum também ter um forno ao lado da casa e que é não pertence há uma família apenas, é compartilhado por pequenos grupos de compadres. Ao fundo da casa é comum ter um espaço aberto, utilizado para lavar a louça e algumas vezes para realizar refeições. Também é onde ficam as pequenas hortas, com cebolinha, pimenta e salsinha - de responsabilidade e cuidado das mulheres da casa. Em volta da moradia (quintal) há diversas espécies de árvores (frutíferas ou não) e pequenos plantios realizados para consumo da família (bananeiras, goiabeiras, buriti, algodão, pé de mamão, açaí), e pequenos plantios de macaxeira. É diversificada a presença de espécies ao redor da casa. Sua variação depende muito das necessidades e gostos de cada família, que vão manejando as árvores já presentes no local com a introdução de novas espécies de seu próprio interesse. Por exemplo, em algumas casas se encontram muitos pés de mamão; já

em outras não há o mamão, mas tem bananeiras e pequenos animais. A galinha é o mais comum de se ver nos quintais, mas há também porcos e patos.

O programa do Governo Federal do Crédito Habitação do INCRA tem possibilitado o acesso das famílias à recursos para construção de novas casas dentro da RESEX. Desde 2001 quando foi firmado o primeiro convênio entre a AAPA e o INCRA, já foram contempladas com o crédito para habitação 174 famílias, entretanto somente parte destas concluíram a construção da moradia. Está para iniciar a construção das moradias do terceiro convênio, onde serão beneficiadas mais 49 famílias. Essas novas casas começam a refletir uma série de mudanças, seja nas técnicas construtivas seja no uso cotidiano desse espaço tão íntimo que é o lar das pessoas. Nesse sentido, há uma perspectiva de mudança no próprio modo de vida das famílias. Uma das mudanças de grande impacto cultural é a obrigatoriedade das casas terem banheiro e fossa. Como será detalhado mais adiante, a grande maioria das casas não possuem banheiro e a deposição dos dejetos são feitas no mato. Sem dúvida nenhuma, a entrega das casas já com banheiro e fossa deve mudar os hábitos de higiene das famílias e, se associada a uma prática de educação ambiental, poderá ter importantes implicações e mudanças na saúde das pessoas e no meio ambiente.

Em 2009 (BRASIL,2009b) registrou-se que algumas famílias têm duas casas, uma na terra firme e outra na várzea. Pois durante a seca algumas comunidades ficam muito distante da água, e por isso se mudam para perto do leito do rio, tendo maior acesso à água para transporte e uso nas atividades cotidianas. Houve também uma mudança dos locais de moradia devido ao crédito do INCRA, onde muitas comunidades que se localizavam na margem direita do rio (dentro da área da RDSM) tiveram que se mudar para a margem esquerda (dentro da RESEX Auati-Paraná) para poder acessar o crédito. Esse aparentemente simples deslocamento gera na verdade uma nova dinâmica de ocupação do espaço, uma vez que uma nova área passou a ser habitada pela comunidade, novos plantios de consumo cotidiano são feitos e novas áreas de uso nas proximidades da moradia são recriadas.



Figura 61. Casa de Palha – São José do Inambé



Figura 62. Palafita - Itaboca



Figura 63. Casa flutuante – São José do Inambé



Figura 64. Casas contruídas com recursos do INCRA – Comunidade Boca do Pema



Figura 65. Casas contruídas com recursos do INCRA – Comunidade Murinzal

3.5.14 Energia

A energia na RESEX Auati-Paraná é gerada por motor a diesel de uso comunitário, cujo gasto em combustível é compartilhado pelos moradores. Algumas poucas casas possuem gerador próprio, e em outras há motores a gasolina (adaptados de rabetas). No levantamento realizado em 2009 (BRASIL,2009b), disseram possuir gerador comunitário as comunidades de Miriti, Boca do Pema, Murinzal, Vencedor, Cordeiro, Barreirinha de Baixo, São Luis do Inambé e Itaboca. A comunidade de Luis, que em 2008 não possuía o aparelho, passou a integrar essa lista em 2009. Alguns desses equipamentos, assim como os motores de luz particulares, nem sempre funcionam cotidianamente por falta de combustível.

Normalmente os geradores ficam ligados das 18h às 23h; horário em que a energia é utilizada para as aulas do período noturno da escola e atividades da comunidade como reuniões e assembléias. Nas casas a energia também é importante para se assistir novela e jornal, gelar bebidas (onde há freezer ou geladeira), ouvir música e rádio. O fornecimento de energia em outros horários (durante o dia ou até tarde da noite) ocorre quando há atividades nas comunidades e nos festejos.

As quatro bases onde funcionam os rádios comunicadores da RESEX (Murinzal, Miriti, São José do Inambé e São Luis) são mantidas com placas de energia solar, instalação financiada pelo Programa ARPA para rede de proteção da UC.

Recentemente foi anunciado pelo governo do estado que a empresa Amazonas Energia irá instalar painéis fotovoltaicos miniredes em algumas comunidades da RESEX, através do Programa Luz para Todos. Entretanto, ainda será realizado um levantamento georeferenciado das comunidades para depois serem elaborados os projetos executivos. Não há ainda conhecimento da gestão da UC sobre quais comunidades serão contempladas por este programa.

3.5.15 Abastecimento de Água

Nenhuma das comunidades da RESEX Auati-Paraná dispõe de abastecimento de água tratada nos domicílios. A água utilizada para cozinhar ou beber é coletada pelas famílias do rio Auati-Paraná, dos igarapés, de lagos, da chuva ou de cacimba (buracos na terra para armazenamento de água); conforme a localização das comunidades e a época do ano.

A água empregada para higiene pessoal é oriunda principalmente do rio ou dos lagos. Não há chuveiro nas casas e os banhos ao são realizados nas pequenas balsas na beira do rio; que também são utilizadas para lavar roupa e a louça da cozinha. As balsas são espaços de uso múltiplo, referente a todas as atividades domésticas que necessitam de água (Figura 66). Além das já citadas, é também utilizada para se lavar o peixe e para lavar e descascar a mandioca. (Figura 67).



Figura 66. Balsa utilizada para as atividades domésticas (novembro/2010)



Figura 67. Balsa sendo utilizada para tratar a mandioca na comunidade Murinzal (julho/ 2010)

A água da chuva é a principal fonte de água para beber e cozinhar, por ser considerada mais limpa. Esta é coletada por caixas e tanques colados em baixo da telha, por onde a água escorre. Algumas moradias têm pequenas calhas para direcionar o caminho da água. Contudo, quando não há chuva a única opção é água do rio; e das cacimbas na época da seca.

Entre os entrevistados em 2008 (HIGUCHI *et al.*,2008) 94% submetiam a água a algum tipo de tratamento. O mais difundido era o uso de hipoclorito de sódio (cloro), citado por 86% dos entrevistados. Outros moradores adotavam procedimentos como coar, ferver ou pingar gotas de limão na água. O hipoclorito de sódio era distribuído para os moradores, principalmente pelos agentes comunitários de saúde. Contudo, moradores de passagem pela sede do município de Fonte Boa costumavam retirar hipoclorito diretamente

nos postos de saúde, pois a quantidade fornecida dentro da RESEX não era suficiente para atender à demanda.

Em relação à qualidade da água consumida, 51% dos moradores consideravam-na boa; para 41% a água era ruim; outros 4% afirmaram que a qualidade variava conforme a época do ano, sendo melhor no período de chuvas; e o mesmo percentual informou não saber se a água era de boa qualidade. Em 2009 foi relatada pelos moradores uma piora significativa na qualidade da água no período da seca.



Figura 68. Foto coleta de água da chuva (HIGUCHI, 2008)



Figura 69. Foto cacimba (HIGUCHI, 2008)



Figura 70. Foto coleta de água do rio com uso de motor (HIGUCHI, 2008)

3.5.16 Saneamento Básico e Tratamento de Resíduos

Segundo os dados obtidos pela aplicação dos questionários cadastrais, em 2009, 83% da população da RESEX Auati-Paraná costuma realizar a deposição de dejetos humanos a céu aberto; 4% relataram fazer uso de fossa, 5% contam com vasos sanitários, e sobre 8% não há informação nesse quesito. Há também “casinhas” com buracos no solo e apenas buracos cavados no mato conhecidos como “pau-da-gata”. As famílias não têm o costume de usar vaso sanitário e a construção de banheiros e fossas dentro das casas tem sido realizada por uma condicionante do crédito moradia do INCRA. Com exceção dessas moradias não há nenhuma infraestrutura de saneamento básico nas comunidades.

Em relação aos resíduos orgânicos são na sua maioria utilizados para alimentar animais de criação, como porcos, cachorros e galinhas. Outros destinos mencionados foram a produção de adubo, o enterramento ou a simples deposição sobre o solo, atrás das moradias ou em áreas mais afastadas, em meio à vegetação. Já os resíduos inorgânicos são queimados, depositados sobre o solo, enterrados, jogados nos igarapés ou no rio Auati-Paraná ou, menos frequentemente, colocados em lixeiras (HIGUCHI *et al.*,2008). Normalmente, parte dos moradores recorre a mais de uma destinação – os moradores que optam por queimar os dejetos, por exemplo, também dão outra destinação aos materiais que não são passíveis de queima, como latas e garrafas. Nesse caso, há o reaproveitamento

de algumas embalagens – como garrafas plásticas, recipientes de vidro e latas – para guardar alimentos, água ou gasolina.

Foi observado em 2008 (HIGUCHI *et al.*,2008), que a grande maioria (94%) dos entrevistados dizia se preocupar com a disposição inadequada dos resíduos sólidos. Entre esses, 64% atentavam para aspectos relacionados diretamente à saúde; 27% se queixavam da modificação visual do espaço; 6%, do impacto do lixo sobre o meio ambiente, com a poluição do solo e de cursos d’água; e 3% se diziam incomodados com os odores gerados pelo processo de decomposição dos resíduos.

O levantamento chama a atenção, ainda, para um processo de modificação do conteúdo do lixo doméstico produzido nas comunidades, devido ao aumento do consumo de produtos industrializados.



Figura 71. Sanitário com fossa (HIGUCHI, 2008)



Figura 72. Instalação “Casinha” (HIGUCHI, 2008)

3.5.17 Comunicação

Os meios de comunicação na RESEX ainda são poucos e deficientes, seja para atender a demanda da população residente, seja para as necessidades de gestão e proteção da UC. No que se refere à comunicação interna há o rádio comunicador instalado com recursos do Programa ARPA, nas comunidades Murinzal, São Luis e Miriti (como já mencionado anteriormente). Mas ainda se faz necessário uma base de comunicação com a sede da AAPA em Fonte Boa, impossibilitada por não ter uma antena disponível na cidade até o momento. Quando resolvido esse impasse certamente essa comunicação com a cidade possibilitará muitos avanços na gestão da RESEX, uma vez que sabemos que as dificuldades de comunicação aliadas às grandes distâncias da região amazônica dificultam muitas vezes as atividades e o planejamento da gestão. A comunicação entre a AAPA e o escritório do ICMBio em Tefé também possui uma série de deficiências, pois não há telefone fixo na AAPA, e o celular praticamente não pega na cidade de Fonte Boa. A melhor forma de comunicação atualmente é a internet, que possibilita uma série de encaminhamentos de urgência.

Outra forma de comunicação interna são os telefones públicos dentro da RESEX. Em 2009 (BRASIL,2009b) registrou-se a existência de telefones nas comunidades de Vencedor, Boca do Pema, Murinzal, Miriti, Cordeiro e Barreirinha de Baixo. Entretanto, atualmente nenhum dos telefones se encontra funcionando. E, no cotidiano, grande parte da comunicação interna se dá na circulação de pessoas de uma comunidade à, onde se aproveita para levar recados.

No caso de meios de comunicação com a sociedade em geral (local e nacional) os mais difundidos são o rádio e a televisão. Segundo este levantamento realizado em 2009, os rádios, em sua maioria à pilha, sintonizam principalmente as estações de Fonte Boa e Tefé. Trata-se de um veículo de informação de uso bastante difundido na RESEX e que tem mostrado extrema importância para a gestão da UC, seja na articulação de atividades e reuniões nas comunidades, para passar recados de urgência, seja para notícias em geral. A televisão, por sua vez, cumpre um papel de entretenimento através das telenovelas, filmes e desenhos animados para as crianças; e conhecimento dos acontecimentos nacionais pelos telejornais. É utilizada principalmente à noite (quando há energia); e muitos moradores, mesmo não possuindo TV em casa assistem na casa de vizinhos, parentes ou em centros

comunitários. Além de ser um importante meio de comunicação a TV também cumpre o papel de influenciar nos valores e padrões de consumo, principalmente dos jovens. É relatado pelos mais velhos que desde a introdução da televisão nas comunidades o comportamento da juventude vem sofrendo mudanças bruscas.

Nos estudos sócio-econômicos para criação da UC as festas também foram destacadas como espaços privilegiados para a comunicação entre membros de diferentes comunidades, em que se estreitavam laços e se planejavam ações coletivas.

3.5.18 Transporte

Na região, os rios são as principais vias de transporte. Nas proximidades da RESEX, o maior rio é o Solimões, navegável em toda a sua extensão entre os municípios de Manaus e Tabatinga (fronteira com a Colômbia). O paraná Auati é um importante eixo de comunica entre os rios Solimões e Japurá, e por isso, possui um tráfego intenso de embarcaes; o que merece atenção especial para uma maior facilidade de ilícitos ambientais. Há também a presença constante de regatões: pessoas que possuem uma embarcação de médio porte e a utiliza para compra e venda de produtos nas comunidades em que vão passando (cumprindo um papel de “atravessador” de produtos comerciais).

Os meios de transporte mais utilizados – tanto para transporte de pessoas como para o escoamento da produção – são os barcos e canoas de madeira ou alumínio, movidas tanto a remo quanto por um motor de popa conhecido pelos moradores como “rabetá”. Tais embarcações são empregadas para distâncias curtas (em idas a outras comunidades) ou longas (para levar produtos à cidade de Fonte Boa, por exemplo). Há também as voadeiras, diferenciadas das rabetas por possuir motor mais potente, que anda com mais velocidade. Há também barcos de médio e grande porte, que são de propriedade coletiva ou individual. Essas embarcações são utilizadas principalmente para o escoamento da pesca ou da produção na agricultura.

Na seca as distâncias ficam maiores, pois os leitos dos rios são reduzidos a sua calha principal. Nessa época, o acesso às localidades fora do rio Auati fica bastante limitado e somente os barcos de pequeno porte (rabetá) são utilizados para o transporte de mercadoria e pessoas.



Figura 73. Rabeta utilizada no dia-a-dia pelos comunitários (Comunidade Murinzal, julho/2010)

3.6 Caracterização Institucional

O conjunto de instituições locais, regionais e nacionais que atuam na RESEX Auati-Paraná, e que possuem relação considerável com a gestão dos recursos naturais e com a vida das populações tradicionais está resumido na Tabela 7. A listagem foi elaborada com base nas informações disponibilizadas pelas comunidades e pelos gestores da unidade, identificando-se as instituições mais relevantes, presentes ou próximas à gestão.

Tabela 7. Principais instituições que atuam na RESEX Auati-Paraná.

Instituição	Perfil / Papel
Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio	Gestão das unidades de conservação federais.
Associação Agroextrativista Auati Paraná – AAPA	Representação, apoio, orientação e organização das comunidades.
Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – IBAMA	Órgão executor de Políticas Nacionais de Meio Ambiente, com poder de polícia ambiental..
Câmara de Vereadores de Fonte Boa	Órgão Legislativo da administração do município de Fonte Boa.
IDAM	Assistência técnica, extensão rural e florestal.
INCRA	Implementação da política de reforma agrária e ordenamento fundiário nacional.
Associação de pescadores de Fonte Boa	Representação da categoria de pescadores do município de Fonte Boa.
Prelazia de Tefé/ Paróquia de Fonte Boa	Atuou na criação da RESEX e apoia a organização das comunidades.

Instituto de Desenvolvimento de Mamirauá	Co-Gestor da Reserva de Desenvolvimento de Mamirauá, adjacente à RESEX.
Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA)	Apoia e desenvolve pesquisas de manejo de recursos madeireiros, não madeireiros e socioeconomia na RESEX.
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)	Apoia e desenvolve pesquisas de beneficiamento e manipulação de pescado.
Prefeitura de Marauá	Responsável pela educação, ensino fundamental, na RESEX.
Prefeitura de Japurá	Responsável pela educação, ensino fundamental, na RESEX.
Colônia de Pesca de Fonte Boa	Organização de pescadores da RESEX.
Colônia de pesca de Japurá	Organização de pescadores da RESEX.
Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE)	Capacitação para organização comunitária, empreendedorismo e administração de Associações.
Associação das Igrejas Evangélicas da Assembléia de Deus do Amazonas	Congrega religiosos e realiza atividades de cunho social em três comunidades na RESEX.
Marinha do Brasil	Oferece serviços de atendimento médico periódico, atua no controle do tráfego fluvial.

3.7 Caracterização econômica

Entre as atividades econômicas desenvolvidas pelas comunidades beneficiárias da RESEX Auati-Paraná, as principais são a pesca, agricultura e extrativismo vegetal. Esta última atividade teve grande destaque no processo de ocupação da região na qual se situa a RESEX.

3.7.1 Extrativismo

Diversos produtos provenientes da floresta estão presentes no cotidiano das famílias que vivem na RESEX. Estes produtos atendem prioritariamente às necessidades de consumo local, sendo empregados na alimentação e saúde dos moradores, construção e produção de utensílios domésticos, entre outros. Nesse sentido, o extrativismo vegetal aparece como atividade de grande contribuição para a redução das despesas financeiras, ao substituir produtos que, em outro caso, teriam de ser comprados.

O extrativismo do látex da seringueira foi a principal atividade responsável pela ocupação da região da RESEX e seu entorno, por volta do final do século XVIII e início do XIX, como visto no item referente ao Histórico da RESEX. Atualmente, não há extração de látex para fins comerciais.

Entre os produtos extrativistas mais utilizados, merecem destaque os óleos, cipós, frutos, ervas medicinais, látex, mel, castanha e madeira. Os produtos mais citados pelas comunidades são cipó-titica, açaí, castanha, cipó-ambé, andiroba, piquiá, uixi, arumã, timbé-açu e copaíba. Também são mencionados bacaba, unha de gato, ubim, mel, carapanauba, urucuri, sucuba, abiorana, mulateiro, tapereba, bacaba, cupuí, seringa, camu-camu, talo de caiaçu, mangaba, tucumã, januari, coco de muru-muru, jatobá, beriba, manga, tapereba, genipapo, jupará, abacate, japurá, buriti, jurupará, cajuí, azeitona, jambo, açova, miriti, patauá, maracujá, cacau, cupu, caruaçu e acapurana (HIGUCHI *et al.*, 2008).

3.7.2 Fibras e frutos

Estudos recentes (CANALEZ, 2007) indicam que a RESEX Auati-Paraná apresenta potencial para uso tanto dos frutos quanto das fibras das palmeiras. Destacam-se, entre esses, o ubim e açaí. O corte ou colheita do ubim é feito com terçados ou foices; em seguida, as folhas são dispostas em maços e transportadas à comunidade. As folhas do ubim são usadas para a confecção de trançado para cobertura das casas, ao passo que a palha serve para a cobertura de telhados.

O açaí é uma palmeira que tem importância junto às comunidades beneficiárias da RESEX Auati-Paraná. A extração é voltada principalmente à alimentação. Para colheita dos frutos, o estipe é escalado com técnicas locais que envolvem o uso de “peconhas”, que são geralmente feitas de sacos de fibra também utilizados no transporte da farinha. Os cachos são retirados e transportados para a comunidade, onde é produzido o vinho. A produção do vinho de açaí em Auati-Paraná se dá de forma artesanal. As sementes são inseridas em água morna e o despulpamento é feito de forma manual, com ou sem adição de água. Para o despulpamento, se utiliza uma espécie de gamela de madeira, geralmente fabricada pelas próprias famílias da RESEX. Depois de despulpado, o vinho é peneirado e obtém-se a polpa, que pode ser consumida quente ou fria, doce ou salgada. É possível realizar o despulpamento do açaí com a utilização de um batedor elétrico. Em Auati-Paraná algumas comunidades como Vencedor, Curimatá de Baixo, Murinzal, Miriti e Cordeiro

adquiriram este equipamento e as comunidades Miriti e Barreirinha de Baixo estão fazendo plantio de açaí em suas áreas de uso.

Além do açaí, as comunidades utilizam, para consumo, os frutos das palmeiras bacaba, patauá, paxiuba, paxiubinha, marajá e o buriti. A comercialização dos produtos provenientes das palmeiras não é expressiva na renda das comunidades do Auati-Paraná. Contribui para este cenário a falta de estudos de mercado, falta de infraestrutura adequada, equipamentos e capacitações voltadas para a comercialização dos produtos (CANALEZ, 2007).



Figura 74. Telhado de palha de ubim (CANALEZ, 2007)



Figura 75. Amarração de folhas de ubim no canço (CANALEZ, 2007)

3.7.3 Cipós

Destaca-se, entre as atividades extrativistas na RESEX, o uso de cipós. Os mais comuns são arumã, ambé e titica, utilizados para a confecção de artesanatos e para construções. Dos produtos fabricados a partir desses cipós, merecem destaque os tupés, cestos, peneiras e paneiros. Constata-se ampla utilização do cipó e da fibra de arumã. Ainda que essa fibra se preste à confecção de diversos artefatos, as comunidades afirmam ser utilizada principalmente para a confecção de peneiras para sovar mandioca e farinha, para extrair polpa de açaí e aparar alimentos.

Os cipós são extraídos da floresta, depois suas talas permanecem imersas em água, de um dia para o outro, para que a casca amoleça. Retirada a casca, as fibras são limpas, e então se inicia o processo de confecção da peneira – que, segundo os moradores, é bastante trabalhoso. Todas as comunidades da RESEX afirmaram, ainda, confeccionar vassouras e paneiros (cestos para transporte de produtos, principalmente de mandioca e frutos) de cipó titica. O cipó é tecido ainda verde; caso contrário, endurece.

A tarefa de tecer é desempenhada geralmente pelos mais velhos. Ainda que algumas das mercadorias produzidas em Auati-Paraná sejam comercializadas em Fonte Boa, não se trata de uma atividade central; os moradores comentam que os locais de coleta dos cipós e fibras estão cada vez mais distantes de suas casas, a extração das raízes é demorada e, apesar da confecção dos produtos ser trabalhosa, o valor por eles pago é bastante reduzido (CANALEZ, 2007).



Figura 76. Vassoura de cipó titica (CANALEZ, 2007)



Figura 77. Paneiro de cipó ambé (CANALEZ, 2007)

3.7.4 Óleos

O principal óleo extraído na área de uso da RESEX é o óleo da andiroba, utilizado com fins medicinais para reumatismos, picadas de insetos, confecção de sabão, inflamações, etc. Também há extração do óleo copaíba em menos escala. Do total das famílias da RESEX, 21% exercem esta atividade, sendo que 13% afirmaram realizá-la somente para o consumo, e 8% informaram que, além de consumir, também comercializam estes produtos (Figura 78).

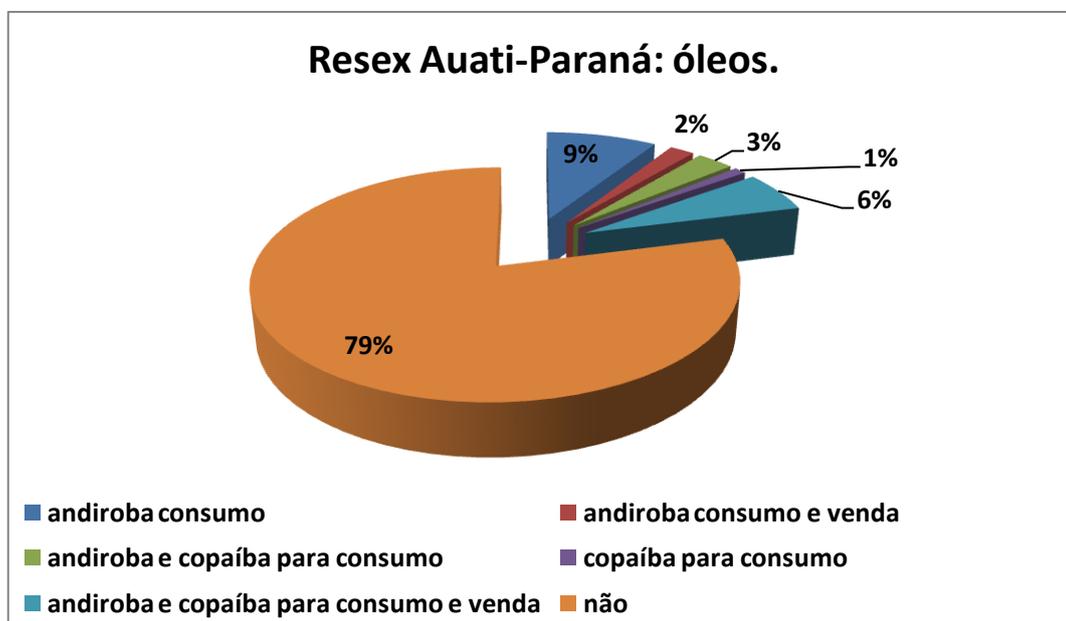


Figura 78. Extração de óleos vegetais na RESEX Auati-Paraná

A coleta da andiroba e a extração de seu óleo não exigem muitas ferramentas e infraestrutura. A semente da andiroba é coletada na floresta, cozida e daí se extrai o óleo medicinal a partir de um método artesanal, no qual a semente é colocada em recipientes em

posição inclinada, e o óleo escorre das sementes, sendo separado em um frasco a parte. Atualmente as comunidades Barreirinha de Baixo, Barreirinha de Cima e Miriti estão fazendo plantio de andiroba em suas áreas de uso.

A extração do óleo da copaíba já exige ferramentas específicas, e preferencialmente um processo de capacitação voltado para as “boas práticas” da atividade, já que caso a mesma seja executada sem os cuidados mínimos, o processo pode causar a morte da árvore. A árvore é escolhida e furada com um tipo de trado. Do buraco feito com o trado escorre o óleo que se localiza no interior do seu tronco. Após finalizado o processo de extração, se faz necessária a confecção de uma espécie de “rolha” que deverá ser inserida no buraco feito pelo trado, servindo como um “curativo” para a árvore.

As comunidades beneficiárias da RESEX possuem diferentes graus de potencialidade no que se refere à extração de óleos devido à diversidade na quantidade de árvores encontradas em suas áreas de uso (Figura 79). A falta de mercados e incentivos (como infraestrutura e ferramentas) para o desenvolvimento desta atividade em maior escala colabora para que a mesma seja exercida principalmente para a subsistência local.

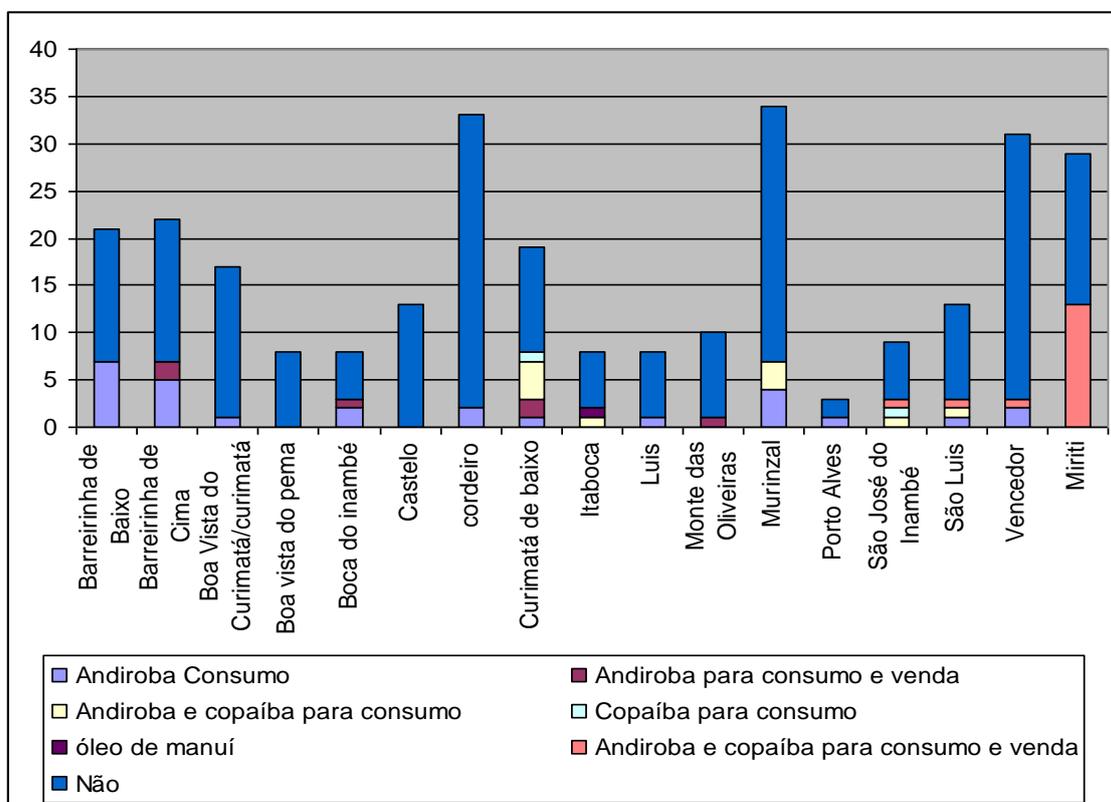


Figura 79. Extração de óleos vegetais nas comunidades da RESEX Auati-Paraná

3.7.5 Castanha

Uma das principais atividades extrativistas desenvolvidas em Auati-Paraná é a coleta de ouriços da castanheira-do-brasil, espécie nativa da Amazônia, que cresce em florestas de terra firme. Pelo menos metade das famílias da RESEX, segundo levantamento feito em 2009, se aplica nesta atividade: 28% para consumo e comercialização, enquanto 23% somente para o consumo (Figura 80). Entre as comunidades, destaca-se nesse aspecto Barreirinha de Baixo, onde 90% das famílias participa do comércio de castanha-do-brasil (Figura 81).

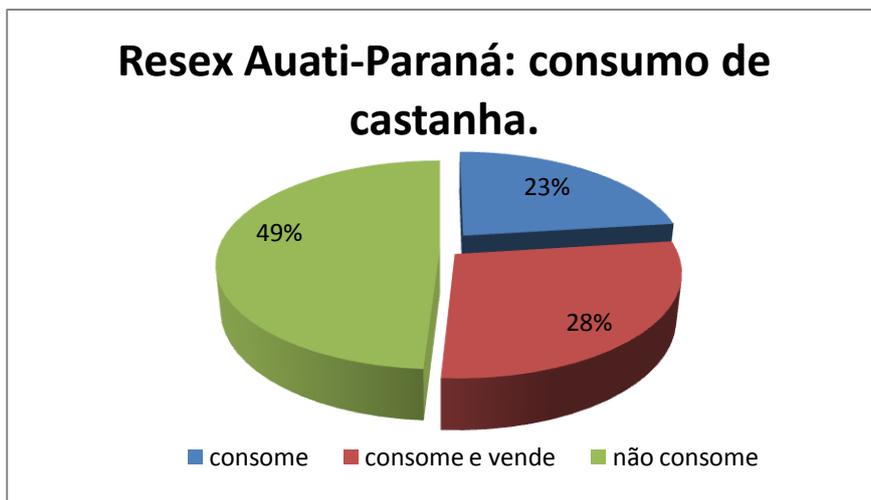


Figura 80. Utilização de Castanha na RESEX Auati-Paraná

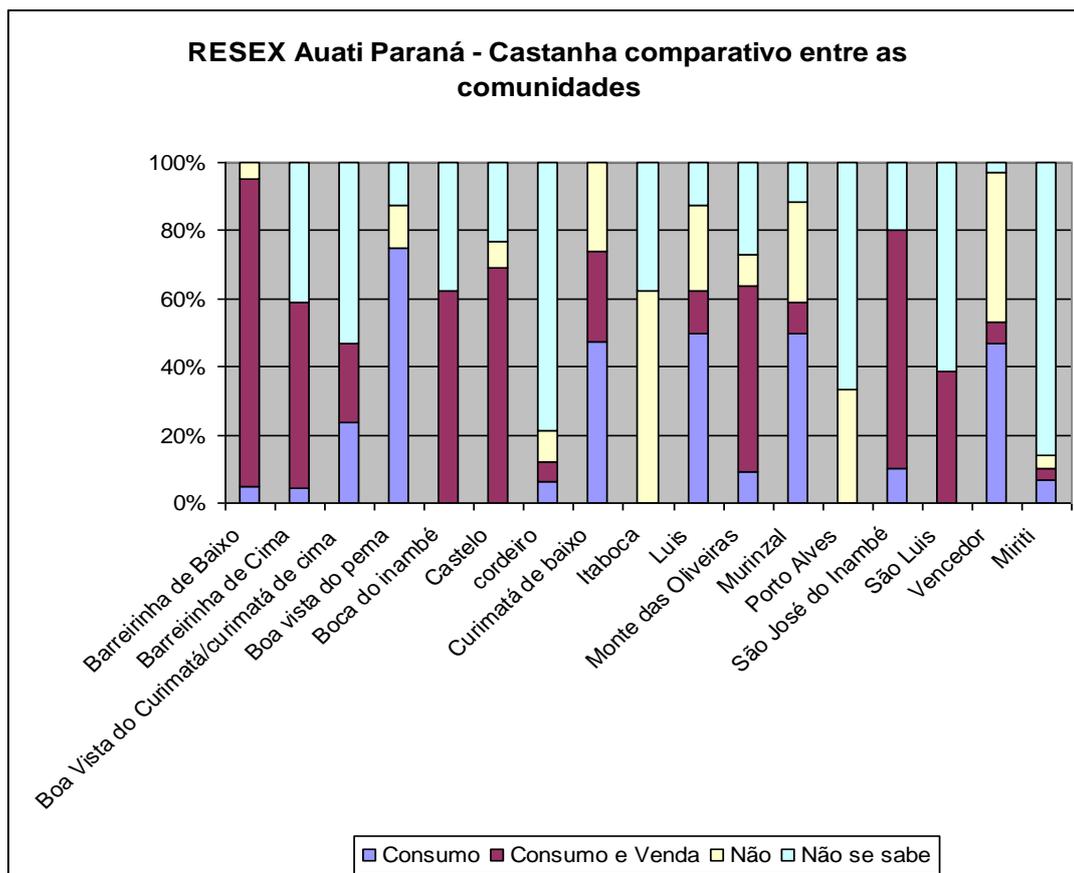


Figura 81. Consumo e venda castanha na RESEX Auati-Paraná: comparativo por comunidade

A castanha cumpre papel importante como fonte de renda e consumo para os moradores envolvidos na coleta. A distribuição das castanheiras ao longo da RESEX não é linear, sendo assim, algumas comunidades se destacam na execução de tal atividade (Figura 82). As castanhas são vendidas em latas, com uma média de 10Kg cada, ou em caixas, que contém duas latas cada, ou seja, uma média de 20Kg de castanha. O preço da castanha varia de ano em ano, mas de forma geral tem se apresentado baixo.

A exploração dos castanhais em Auati-Paraná, na maioria das vezes, é realizada pela família, nas estradas de coleta ou nas imediações das comunidades. As comunidades da RESEX possuem suas áreas de uso delimitadas imaginariamente e respeitadas na maioria das vezes pelas comunidades vizinhas. (Tabela 8). Os produtores não mantêm um controle registrado do volume de suas produções, entretanto, o pesquisador verificou que as comunidades exploram os castanhais sempre abaixo de sua capacidade produtiva (SIMÕES, s.d.). Em cada comunidade, a organização do trabalho em torno da coleta da castanha varia, e nem todas as famílias da comunidade participam. O calendário da coleta da castanha em Auati-Paraná foi estudado por SIMÕES (*op. cit.*) e está resumido na Tabela 9. As etapas do manejo da castanha na RESEX Auati-Paraná, de maneira geral, se aproximam das demais áreas de coleta de castanha na Amazônia, conforme ilustrado na Figura 83.

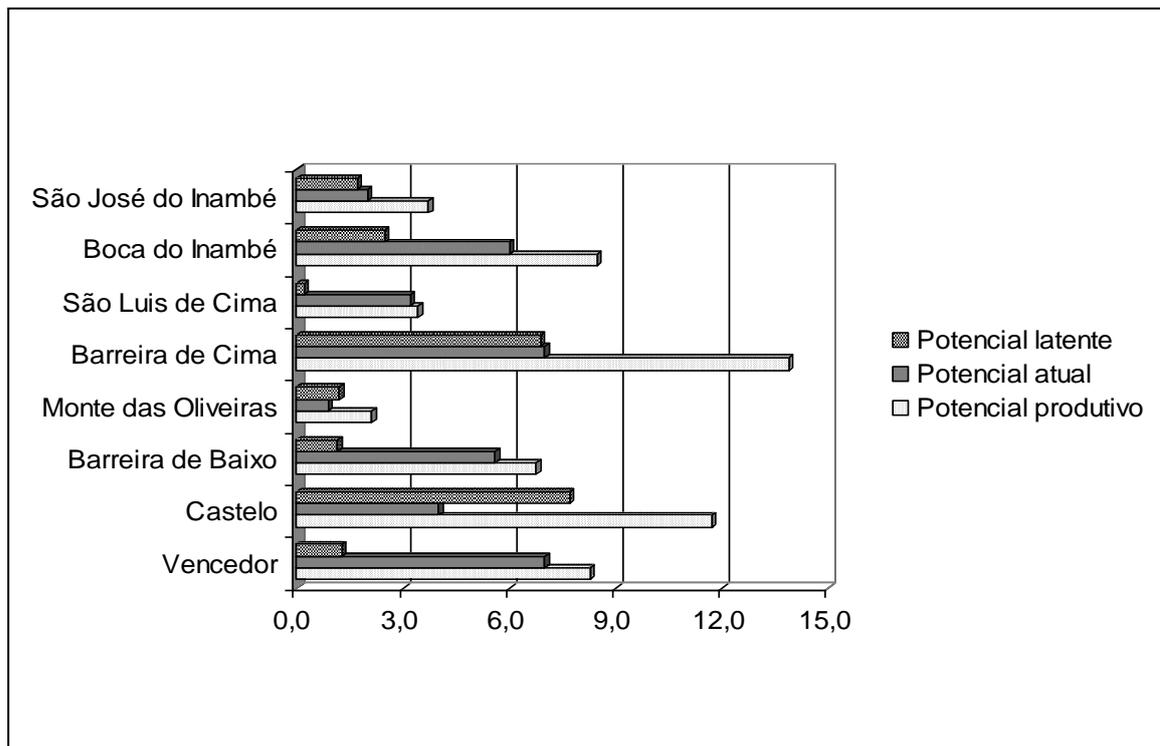


Figura 82. Potenciais estimados (em toneladas) das áreas de coleta de castanha das comunidades da RESEX Auati-Paraná (SIMÕES, 2006)

Tabela 8. Estradas de castanha situadas nas áreas de uso das comunidades da RESEX Auati-Paraná.

Comunidade	Estradas
Vencedor	Estrada do Japurá, Estrada do Uixí, Estrada do Lima, Estrada do Cumarú, Estrada do Bacurí, Estrada do Sororoca, Estrada da Mangaratáia, Estrada do Baiúca, Estrada do Paraíso, Estrada do Levi
Castelo / Curimatá de Baixo	Ponta do Mari, Ponta da Xuica, Ponta da Antonia, Ponta do Cachorro, Ponta do Tento, Ponta do Veado, Ponta do Coro Seco , Estrada do Adelson, Ponta do Coqueiro, Estrada do Bitanho Neto, Estrada do Bitanho Filho, Estrada do Bitanho Pai, Ponta do Jaú, Ponta Alta, Estrada do Mingual, Estrada do Mora, Estrada do Pedro
Barreirinha de Baixo	Estrada do Curimatá, Estrada do São Jorge, Estrada do Lima, Estrada do Espigão, Estrada do Pau de Letra, Estrada do Chico, Estrada do Paca, Estrada da Ilha, Estrada 24, Estrada do Aurino, Estrada do Cigano, Estrada da Ilha Primeira, Estrada do Centro, Pique dos Aveais
Monte das Oliveiras	Estrada do Alvarenga, Ponta Pagoa, Ponta do Chico;
Barreirinha de Cima	Estrada do Cristóvão, Estrada Volta Espigão, Estrada Espigão, Estrada do Taboca, Estrada do Ciganinho das Pedras, Estrada das Três Caixas
São Luis	Estrada do Centro, Pique do Centro, Pique do Centro 2, Estrada Areia Branca, Estrada do Mirití, Estrada do Ambé
Boca do Inambé	Estrada da Voltinha, Estrada das Quebradas, Estrada do Tucum, Estrada do Saúba, Estrada do Caixa Prego, Estrada do Esquisito
São José do Inambé	Estrada da Ponta, Estrada do Laguinho, Estrada da Ilha do Ribeiro, Estrada do Palhal, Estrada do Varador do Centro, Estrada do Galho Quebrado

Tabela 9. Calendário da produção de castanha na região da RESEX Auati-Paraná.

Meses	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	ANO	
Estação	CHUVOSA													
Flores										FL	FL	FL	FL	00
	FL	FL								FL	FL	FL	FL	01
Frutos											FP	FP	FP	00
	FP	FP	FP	FP	FP	FP	FP	FP	FP	FP	FP/FM	FP/FM	FP/FM	01
	F	F	F	F	F	F	F	F	F	F				02
Coleta	M	M	M	M	M	M	M	M	M					
												C	C	01
	C	C	C	C								C	C	02
	C	C	C	C										03

* FONTE: SIMÕES, s.d. LEGENDA: FL (Floração), FP (Fruto pequeno), FM (Fruto maduro), C (Colheita).

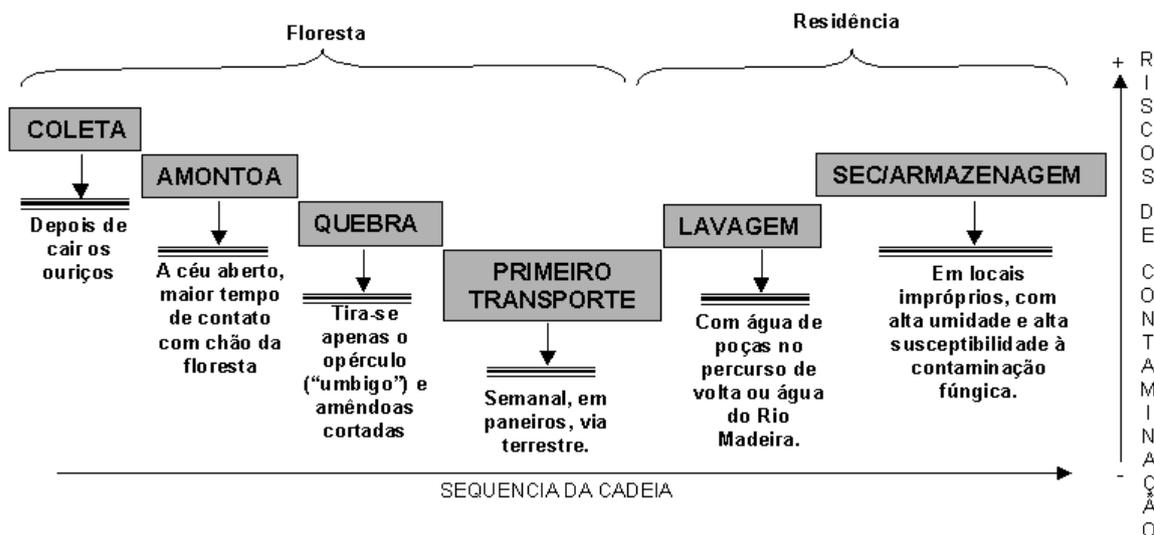


Figura 83. Esquema das práticas tradicionais de manejo da Castanha do Brasil realizadas por extrativistas no Estado do Amazonas (SIMÕES, 2006)

A produção de castanha identificada nas comunidades da RESEX não é expressiva, quando comparada à produção do Município de Fonte Boa. O Município produz anualmente cerca de 400 toneladas de castanha do Brasil (IBGE, 2002; AFLORAM, 2005), representando 4% da produção estadual. A produção da RESEX Auati-Paraná, por sua vez, representa uma média de 35,7 toneladas, o que corresponde a 9% da produção do Município.

Segundo SIMÕES (s.d.), o potencial produtivo da RESEX é estimado em aproximadamente 114,2 toneladas de sementes. Para o autor, alguns elementos contribuem para o reduzido aproveitamento da extração da castanha em benefício das comunidades da RESEX, sendo eles: falta de infraestrutura adequada para a coleta da castanha, como paióis familiares e galpão para armazenamento e secagem da produção; ausência de trilhas e estradas de castanha demarcadas; falta de limpeza das estradas já demarcadas; falta de ordenamento para a coleta da castanha; falta de assistência e incentivo aos coletores; necessidade de treinamento em “boas práticas” para evitar a contaminação do produto por patógenos, o que reduz a qualidade e o preço final para a comercialização. O autor ressalta, ainda, a necessidade de um trabalho de acompanhamento e monitoramento da safra.



Figura 84. Armazenamento no centro comunitário de castanha comunidade São Luiz



Figura 85. Castanha “secando” no centro comunitário Comunidade São Luiz

3.7.6 Agricultura

A agricultura é uma atividade que exerce grande papel na manutenção da economia familiar tanto pela sua importância na geração da renda, quanto pelo seu papel fundamental na alimentação. Esta atividade é desenvolvida ao longo de todo o ano com finalidade comercial e de subsistência. Os cultivos são feitos tanto em terra firme quanto em várzeas, e se localizam em torno das casas, em quintais, canteiros, velhas canoas suspensas, e roçados. Algumas comunidades, como Itaboca, Luiz, Pema, Murinzal, Vencedor, Curimatá de Baixo, Curimatá de Cima e Cordeiro, localizam-se muito longe da terra firme, ficando completamente dependentes das áreas de várzea para o cultivo.

A atividade agrícola na RESEX se baseia nos conhecimentos associados à terra, que são transmitidos de geração em geração. É feito um rodízio nas áreas plantadas, o que permite um “descanso” de pelo menos cinco anos antes da realização de um novo plantio na área. Foi determinada pelos moradores da RESEX, ao longo das discussões de elaboração do Plano de Uso de Auati-Paraná, a proibição da abertura de novos roçados em mata virgem, onde se localizam as madeiras “de lei”.

A forma mais comum de organização do trabalho baseia-se na força de trabalho familiar, entretanto, é comum a realização de mutirões ou ajuris. Os ajuris geralmente envolvem membros de uma mesma comunidade, entretanto, algumas vezes incorporam-se membros das comunidades vizinhas. Existem, ainda, os ajuris organizados por gênero. Os homens fazem ajuris para a realização da derruba e coivara, as mulheres o fazem para a realização da capina e homens e mulheres realizam o plantio conjuntamente. Muitas vezes acontecem ciclos de ajuris, nos quais se organizam grupos para trabalhar nos roçados de todos os seus membros.

Entre os produtos agrícolas mais vendidos merecem destaque a farinha, mandioca, banana, cará, melancia, milho, jerimum, cebolinha e tabaco. Além destes, as comunidades cultivam, também, em menor escala, abacate, pupunha, pimenta de cheiro, limão, feijão, pepino, cupuaçu, cana-de-açúcar, batata, ananá, açaí, goiaba, bacaba, abiu, abacaxi, marimari, ingá, biriba, laranja, hortaliças, leguminosas e outras variedades de frutas para o consumo local, que podem ser cultivadas isoladamente ou a partir de algum sistema de rotação de culturas. O Anexo VIII apresenta o Calendário Agrícola das Comunidades da RESEX Auati-Paraná.

A busca por mercado e a falta de assistência técnica são as principais dificuldades na produção agrícola em geral. Várias comunidades plantavam juta e malva na várzea entre as décadas de 60 e 70. Esta atividade deixou de ser executada devido a falta de compradores (BRASIL,2009b). O arroz também era plantado na várzea, e deixou de ser cultivado por falta de assistência técnica e conhecimento especializado. A comunidade Murinzal chegou a possuir uma máquina de descascar arroz, doada através do Padre Michel em 1992 (ex-paroco da Igreja Nossa Senhora de Guadalupe em Fonte Boa). O tabaco também é citado como um cultivo de grande importância para várias comunidades. Nos anos de 1970 a 1980 o cultivo era considerado o “ouro” de Auati-Paraná. Atualmente, entretanto, também não é mais cultivado em grande quantidade por falta de comprador. Murinzal e Curimatá de Baixo possuem ainda hoje cultivo de tabaco.

Entre as diversas atividades econômicas desenvolvidas na RESEX Auati-Paraná, a que possui maior importância é o cultivo das diversas variações da mandioca “brava” e “mansa” (também chamada de aipim ou macaxeira) para produção de farinha. Este cultivo tem importância na alimentação familiar, principalmente nas épocas em que o pescado fica mais escasso. Possui, ainda, grande aceitação no mercado regional, contribuindo para a geração da renda das famílias. Algumas comunidades produzem, também a partir da mandioca, goma, tucupi e farinha de tapioca.

Dados de 2009 (BRASIL, 2009b) indicam que a produção de farinha é a principal atividade, já que envolve 76% da população da RESEX, com 32% produzindo somente para seu consumo e 44% o fazendo também para a venda, seja na cidade, nos regatões ou na própria comunidade (Figura 86). Tomando as comunidades isoladamente, destaca-se o caso de Barreirinha de Baixo, onde todas as famílias afirmaram engajamento na produção de farinha (Figura 87). Isto ocorre porque a comunidade situa-se em área de terra firme, com disponibilidade de áreas agricultáveis, e possui poucos recursos hídricos piscosos. Em todas as outras comunidades, certa porcentagem dos grupos familiares negou estar realizando essa produção. A média para a RESEX como um todo foi de 6% de famílias nessa situação.

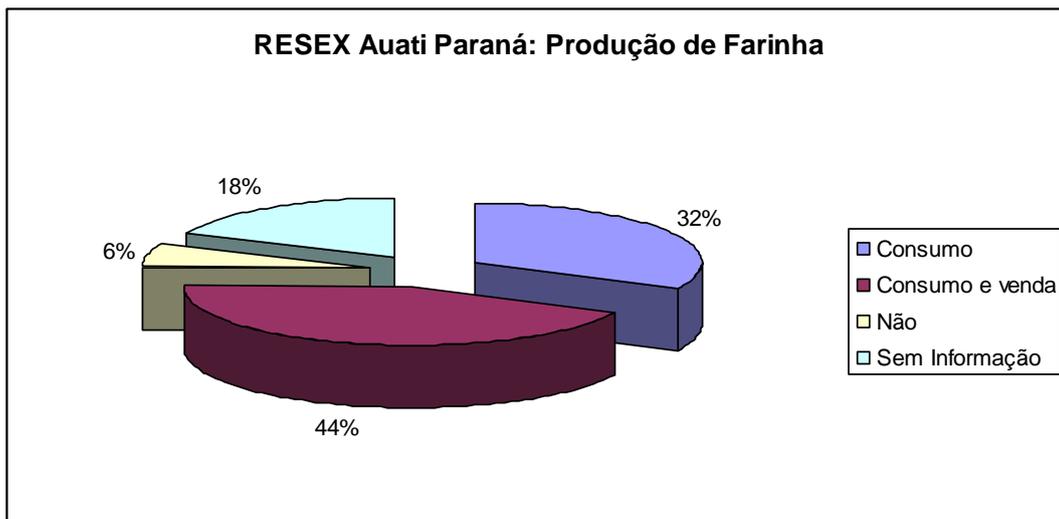


Figura 86. Destino da produção de farinha da RESEX Auati-Paraná

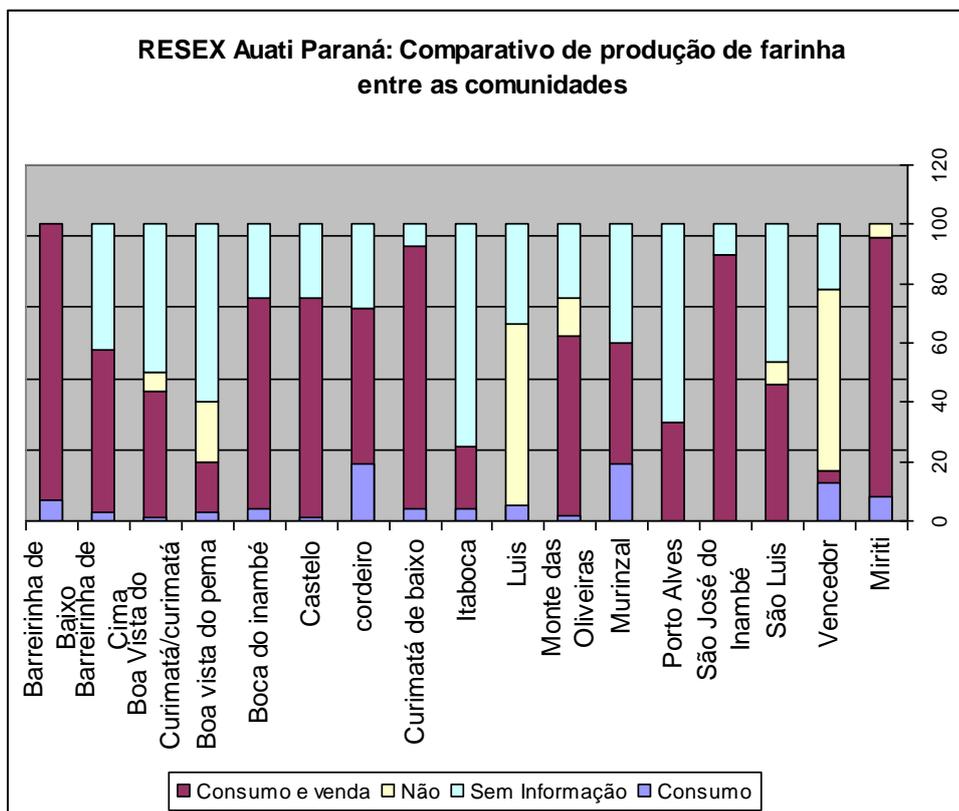


Figura 87. Produção e consumo de farinha na RESEX Auati-Paraná.

O plantio de mandioca é desenvolvido em um regime de roçados itinerantes, preparados geralmente a partir do processo de corte e queima. O processo de preparo do solo tem início com a realização do desbaste do sub-bosque a partir da utilização de

terçados. Posteriormente, com o auxílio de moto-serra, as árvores maiores são derrubadas. Após a matéria orgânica derrubada secar, coloca-se fogo. Depois torna-se a atear fogo na matéria orgânica que não queimar. Com o solo preparado a maniva da macaxeira é plantada separada da maniva de mandioca. A capina é realizada com as mãos ou com auxílio de terçados, na área de roçado estabelecido em mata bruta a capina deve ser feita de uma a duas vezes durante a safra. Em área de capoeira nova (até sete anos), realiza-se de duas a três capinas, no mínimo. A colheita é realizada também com as mãos. É comum que a “derrubação”, a coivara e o roçado sejam feitos em ajuris, sendo a colheita feita ao longo do ano por cada família.

A farinha é produzida nas casas de farinha familiares ou comunitárias. A infraestrutura comum das comunidades para a atividade restringe-se a uma pequena casa de farinha, com cobertura de palha, forno de barro, e tachos de ferro para torrar a farinha. Após colhidos, os tubérculos são colocados de molho para amolecerem. A massa é ralada ou sevada antes de ir para o “tipiti” ou para a prensa, onde deverá ser retirado o excesso de água. Em seguida, a massa é peneirada e, por fim, vai para o forno ser torrada.

O escoamento e a comercialização da produção agrícola são apresentados como uma grande dificuldade pelas comunidades locais. As grandes dificuldades logísticas impostas pelas características geográficas da Amazônia em geral exigem grande esforço para o escoamento da produção. Algumas comunidades possuem barcos comunitários próprios, o que facilita o escoamento da produção para o município de Fonte Boa. Algumas famílias possuem ainda barcos familiares, que também podem ser usados por outras famílias a partir do estabelecimento de acordo com o dono do barco. Entretanto, muitas famílias não têm acesso a estes barcos, e possuem ainda maior dificuldade no transporte da produção. Destas, algumas transportam sua produção em canoas, outras ficam completamente dependentes de atravessadores.

Além da dificuldade de acesso à transportes, os custos da viagem da RESEX para o município de Fonte Boa são altos devido a grande quantidade de combustível necessária e aos altos preços dos combustíveis na região; dificultando ainda mais o escoamento da produção local. A distância média das comunidades da RESEX Auati-Paraná até o município de Fonte Boa é de 60 à 65 km em linha reta.

A comercialização é feita diretamente no município de Fonte Boa, nas próprias comunidades e, em maior quantidade, através de comerciantes e regatões da região. Entre as famílias que comercializam sua farinha, 40% declararam vendê-la somente na cidade (sendo a principal Fonte Boa) para comerciantes ou mesmo na beira para os cidadãos. Os 60% restantes vendem na cidade de Fonte Boa ou na própria comunidade, tanto para comunitários como para o regatão.

3.7.7 Pesca

A atividade pesqueira possui grande importância como fonte de renda e consumo das comunidades no município de Fonte Boa e na RESEX Auati-Paraná. Pode-se dizer que esta atividade, somada ao plantio de mandioca e a produção de farinha, são a base da subsistência local direta (consumo) e indiretamente (venda). O peixe se destaca devido à sua importância como principal fonte de proteína na alimentação familiar, além de contribuir fortemente com a renda da família. Segundo levantamento realizado em 2009 (BRASIL,2009b), 72% das famílias realizam comércio ou manejo de pesca para consumo (Figura 88); das famílias que declaram vender, 92% afirmam fazê-lo através do manejo do pirarucu, quando é permitida a comercialização dessa espécie, outras 7% afirmam que comercializam, além do pirarucu, outros peixes (Figura 89).

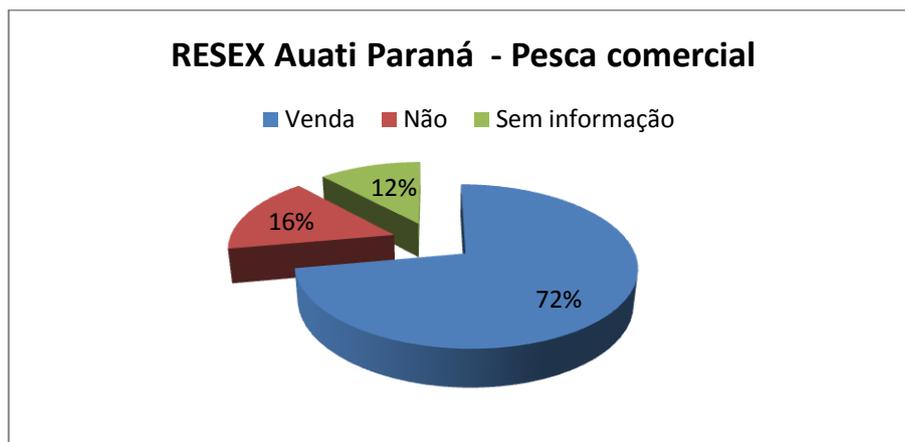


Figura 88. Participação dos moradores da RESEX Auati-Paraná na pesca comercial

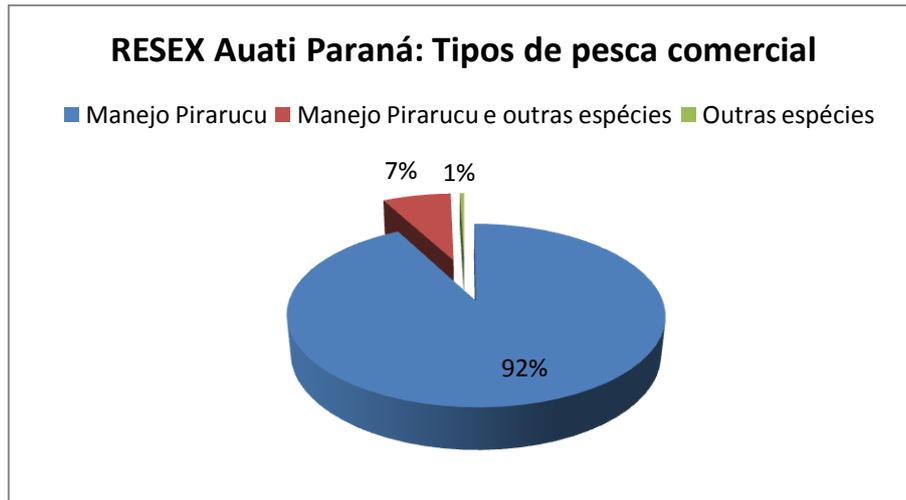


Figura 89. Categorias de pesca comercial na RESEX Auati-Paraná

A pesca teve, ainda, uma importância histórica para a mobilização das comunidades locais e sua conscientização para a necessidade de conservação dos recursos naturais. A mobilização para preservação dos lagos foi o primeiro passo para a mobilização social que veio dar origem à criação da AAPA e a demanda local pela criação da RESEX.

A pesca para subsistência é feita ao longo de todo o ano, e as famílias geralmente fazem o seu consumo quando ainda está fresco. Entretanto, no período das cheias – quando o peixe fica escasso – as famílias utilizam técnicas tradicionais para conservar o peixe, transmitidas ao longo das gerações. Higuchi observou, em 2008, o processo conhecido como “moquear” o peixe (que também é utilizado para tratar a carne da caça). O processo consiste em salgar a carne e pô-la para secar ao sol, guardando-a ao escurecer em um local coberto. Este procedimento é repetido durante vários dias, até a carne ficar bem seca e passível de ser armazenada para consumo posterior.

A pesca comercial, por sua vez, representa uma das principais atividades exercidas pelas comunidades da RESEX Auati-Paraná, com destaque para o Manejo Comunitário Participativo do Pirarucu (Figura 90). Esta atividade representa grande parte da renda obtida pelas famílias locais.

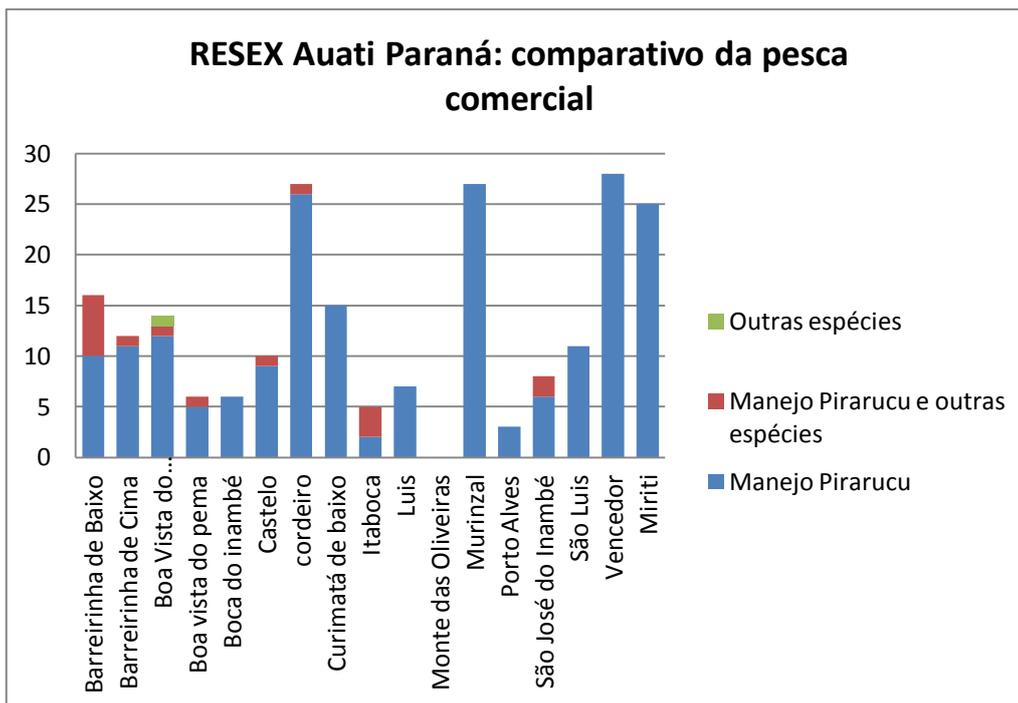


Figura 90. Pesca na RESEX Auati-Paraná: comparativo por comunidade

Cada comunidade tem o seu planejamento e acordos internos para realização da atividade pesqueira, mas todas as comunidades devem respeitar as áreas de uso, assim como as regras estabelecidas no Plano de Uso da RESEX (Anexo IX). Estas regras variam, inclusive, de acordo com a espécie a ser pescada, já que algumas possuem particularidades legais para o manejo, como o Pirarucu e o Tambaqui.

A comercialização da produção pesqueira em Auati-Paraná ocorre diretamente no município de Fonte Boa, quando as famílias têm acesso a transportes para levar sua produção; através da negociação com comerciantes regionais que possuem barco próprio para o deslocamento da produção da comunidade até o município; ou, ainda, a partir da negociação com os regatões. Muitas vezes os comerciantes fazem o “aviamento” para os pescadores, fornecendo-lhes o material necessário para a pesca, o rancho para o sustento das famílias no período da pesca e, muitas vezes, fornecem o gelo e o barco para o transporte da produção. Em alguns casos, o pescador paga os custos da produção ao comerciante em produto (o peixe) e recebe o excedente monetário. A dependência dos atravessadores é um dos principais desafios na comercialização da produção pesqueira da RESEX, e exerce papel fundamental na redução da renda familiar.

Diversos utensílios tradicionais como caniço, arpão e flecha são utilizados na realização da pesca. Entretanto, atualmente, as malhadeiras são o apetrecho de pesca mais comum, resultando num aumento da pressão sobre o recurso pesqueiro. Relatório do IBAMA (BRASIL,2007b) registra o mapeamento dos recursos hídricos utilizados por cada comunidade, descrevendo, assim, as áreas de uso para a pesca. A partir deste levantamento, foi estabelecida junto às comunidades uma categorização dos lagos em: lagos de preservação/proteção¹³, manejo (pesca para comercialização e subsistência) e manutenção (somente para a subsistência). Esta categorização encontra-se no Anexo X.

Os principais peixes comercializados na RESEX são o pirarucu e tambaqui. Além destes, exercem grande importância na geração de renda surubim, matrinchã, pirarara, tucunaré e filhote. Os principais peixes encontrados na RESEX Auati-Paraná e a época de sua pesca encontram-se na Tabela 10; e as espécies ornamentais, que as comunidades afirmaram ter ocorrência em suas áreas de uso, são listadas no Anexo VI. Levantamento preliminar afirma haver potencial para o aproveitamento destas espécies na geração de renda, mas há necessidade de realização de estudos mais aprofundados. Uma das maiores pressões na RESEX Auati-Paraná é a pesca ilegal de alevinos de Sulamba ou Aruanã (*Osteoglossum bicirrhossum*), utilizado como ornamental em outros países, com elevado preço no mercado internacional. Traficantes colombianos coordenam o tráfico dos alevinos dessa espécie, e envolvem comunitários locais na pesca clandestina.

Tabela 10. Calendário da pesca comercial na RESEX Auati-Paraná.

Espécie	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Bodó								Pe	Pe	Pe	Pe	Pe
Carauaçú								Pe	Pe	Pe		
Curimatá								Pe	Pe	Pe	Pe	Pe
Jaraqui								Pe	Pe	Pe	Pe	
Matrinchã			Pe	Pe								
Pacu			Pe									
Piranha	Pe											

¹³ Assembléia comunitária realizada em 8/9/11/2009 padronizou a categorização das áreas: procriação (proibida a pesca), manutenção (consumo e comércio) e comercialização (manejo do pirarucu e comércio).

Pirapitinga			Pe	Pe	Pe							
Pirarucu								Co	Co/Pe	Co		
Sardinha			Pe	Pe	Pe							
Sulamba								Pe	Pe	Pe	Pe	Pe
Surubim								Pe	Pe			
Tambaqui				Pe	Pe	Pe	Pe	Pe	Pe			
Tucunaré								Pe	Pe	Pe		

* Legenda: Pesca (Pe) Contagem (Co).

3.7.7.1 Manejo Participativo Comunitário do Pirarucu

O manejo do pirarucu aparece como atividade comercial desenvolvida em áreas de uso de 76 % das comunidades da RESEX Auati-Paraná, envolvendo um total de 13 áreas de uso de comunidades, sendo elas: Barreirinha de Baixo, Cordeiro, Murinzal, São José do Inambé, Boca do Inambé, São Luiz, Itaboca, Vencedor, Castelo, Curimatá de Cima/Boa Vista do Curimatá, Curimatá de Baixo, Luiz e Boa Vista do Pema ou Boca do Pema.. Apenas nas áreas das comunidades Monte das Oliveiras, Barreirinha de Cima e Miriti não se faz atualmente o manejo.

O manejo do pirarucu visa o equilíbrio deste recurso pesqueiro, e a manutenção dos estoques da espécie nos rios e lagos. A realização da atividade demanda que as comunidades envolvidas estejam organizadas, realizando proteção e conservação dos recursos hídricos, respeitando o zoneamento e as regras estabelecidas para as áreas de pesca, manutenção, procriação e comercialização. Sendo assim, apesar da autorização para a pesca do pirarucu geralmente se restringir aos meses de agosto até novembro, o manejo do pirarucu exige um trabalho de organização e mobilização que acontece ao longo de todo o ano.

O manejo do pirarucu em Auati-Paraná é realizado desde 2004, com autorização do IBAMA e regulamentado pelas I.N. 34, de 18 de junho de 2004, e I.N. 01, de 10 de junho de 2005, ambas do IBAMA. Inicialmente, o Instituto de Desenvolvimento Sustentável de Fonte Boa, que funciona como Secretaria de Meio Ambiente do município de Fonte Boa, acompanhava o processo do manejo na RESEX. Com o fortalecimento do manejo nas comunidades, a partir do ano de 2008, a AAPA passou a responsabilizar-se

pela coordenação do manejo e pela representação das comunidades frente ao órgão autorizador (IBAMA) e aos parceiros da atividade, com apoio do ICMBio.

As áreas de manejo estão inseridas no interior da RESEX e da RDS Mamirauá. Atualmente a anuência para realização do manejo na RDSM cabe ao CEUC. É necessário formalizar instrumento legal junto ao órgão estadual de gestão de unidades de conservação, que contemple, além de ações comuns para o manejo, ações que convalidem o uso tradicional que é feito pelas comunidades beneficiárias da RESEX em território da RDSM.

A AAPA organiza as atividades do manejo, a elaboração de relatórios, a solicitação de cotas, a compra dos lacres, a solicitação de guias de transporte e o cadastramento dos barcos envolvidos na pesca. O ICMBio acompanha as atividades relativas ao manejo junto à AAPA, monitora e fiscaliza o manejo do Pirarucu, apóia a articulação de parcerias e a busca de recursos para realização de capacitações, além de atuar na moderação de possíveis conflitos.

Antes da despesca, quando se inicia o processo de vazante e os lagos se isolam do rio principal, deve ser realizado o levantamento de estoque de todos os lagos manejados, também chamado de contagem. Esta contagem será a base para liberação da cota do ano seguinte, que é liberada por comunidade e pode ser de, no máximo, 30% da quantidade de pirarucus contados no lago. A contagem de Pirarucu é feita a partir de uma técnica que agrega os conhecimentos tradicionais dos pescadores e o conhecimento científico. Para a contagem, são formadas duplas de contadores, os lagos são divididos em setores, e cada dupla fica responsável por contar a quantidade de pirarucus que vão à superfície no seu setor. Através da observação visual, os pescadores constataam quantas vezes o peixe sobe para respirar na superfície, num intervalo de 20 minutos. Um pirarucu adulto respira uma vez a cada 20 minutos, e o filhote no mesmo intervalo “bóia” duas vezes. Observando o modo como esses peixes bóiam, os pescadores podem avaliar se é um bodeco (filhote) ou adulto, e assim estimar a população do lago.

É necessário um processo de capacitações constante para os contadores, que devem ter habilidade no reconhecimento do pirarucu e estimativa de seu tamanho e peso, além de saberem utilizar as tabelas de contagem, atualmente desenvolvidas pelo IBAMA. Se a média da quantidade de peixes no lago for inferior a do ano anterior, com uma margem de 5% de tolerância, o IBAMA não libera a cota. Sendo assim, é necessário um

trabalho constante de vigilância e monitoramento dos lagos, na tentativa de evitar as invasões e pesca ilegal. A Tabela 11 ilustra o resultado do levantamento de estoque dos lagos manejados realizado no ano de 2010.

Tabela 11. Levantamento de Estoque nos Lagos Manejados/Contagem – Ano 2010.

NOME DA ÁREA OU UNIDADE	NOME DO SETOR	NOME DO LAGO	QTE DE PEIXES			Cota/Comun.
			Budeco	Adulto	Cota (30%)	
Comunidade Cordeiro	RDSM	Urucurituba	1400	2367	710	710
Comunidades São Luis, Boca do Inambé e São José do Inambé	RESEX	Inambé	1374	1781	534	692
		Vergo	409	527	158	
Comunidade Vencedor	RESEX	Pema	1257	1818	545	592
		Levi	182	155	47	
Comunidade Murinzal	RESEX /RDSM	Roque	455	671	201	327
		Seringal	181	296	89	
		Profiro	17	20	6	
		Tapiri	82	102	31	
Comunidade Curimatá de Baixo	RESEX /RSDM	Chuva	71	114	34	57
		Cleto	25	37	11	
		Batista	21	24	7	
		Acarí	9	15	5	
Comunidade Luis	RESEX	Luis	278	303	91	91
Comunidade Barreirinha de Baixo	RESEX	Lua	203	345	104	104
Comunidade Curimatá de Cima	RESEX	Munguba	64	119	36	53
		Joaquim	69	58	17	
Comunidade castelo	RESEX	Curimatá	857	755	227	227
Comunidade Miriti*	RESEX	Miriti	321	36	11	22
	RESEX	Miritizinho	36	20	6	
	RDSM	Piranha	2	0	0	
	RDSM	Imbaúba	1	0	0	
	RDSM	Mateus I, II, III	3	0	0	
	RDSM	Panoazinho	40	16	5	
Comunidade Boa Vista do Pema	RDSM	Lago Grande	25	44	13	13
Comunidade Itaboca	RDSM	Palheta	94	131	39	751
	RDSM	Palhetinha	74	94	28	
	RDSM	Leonardo	314	453	136	

	RDSM	Queimado	160	109	33	
	RDSM	Onça	345	608	182	
	RDSM	Espírito Santo	565	753	226	
	RDSM	Taracuí	83	78	23	
	RDSM	Poço	92	111	33	
	RDSM	Peixe Boi	17	42	13	
	RDSM	Fortuna	126	124	37	
Total:			9252	12126	3638	
Total geral:				21378		

*Obs.: Comunidade Miriti é o primeiro ano que a comunidade que está entrando no processo de manejo. Fonte: AAPA, 2010.

Após a contagem é iniciado o processo de despesca, que dura uma média de uma a duas semanas, dependendo da comunidade, da quantidade de pescadores envolvidos, da cota que deverão tirar e da distância dos lagos até a beira do rio, onde fica a embarcação.

O monitoramento da pesca é uma exigência do IBAMA para liberação do manejo. Sendo assim, também são capacitados monitores comunitários, que ficam responsáveis pela coleta de todas as informações exigidas pelo IBAMA referentes a cada peixe. Essas informações são enviadas para a AAPA, que faz a compilação dos dados, elaboração do relatório, e envia para o IBAMA. Este relatório é o subsidio utilizado pelo IBAMA para liberação do manejo do ano seguinte. Cada comunidade possui regras próprias para a organização do manejo do pirarucu. Em geral, as comunidades pescam coletivamente e dividem o recurso pelas famílias que participaram da pesca. O monitoramento e a vigilância dos lagos também possuem regras próprias de acordo com cada comunidade. Geralmente, são realizados a partir de rodízios estabelecidos entre os comunitários, que ficam vigiando os lagos. Algumas comunidades, como Verncedor e Curimatá de Cima, contratam vigias para cuidar dos lagos, este recebem salário mensal pago pela comunidade.

A comercialização do pirarucu manejado é feita de forma direta entre a comunidade e o comerciante. A AAPA tem atuado na busca por melhores mercados para o pirarucu da RESEX, entretanto, tem encontrado grandes dificuldades na tentativa de aperfeiçoar a cadeia produtiva deste recurso.



Figura 91. Canal de acesso aos lagos de pesca da comunidade Murinzal (lagos situados na RDSM)



Figura 92. Deslocamento pelo canal e terra firme até os lagos de pesca



Figura 93. Primeiro lago



Figura 94. Colocação de malhadeira

Figura 95. Distribuição do grupo de pesca



Figura 96. Lançamento de arpão

Figura 97. Em busca do pirarucu arpoado



Figura 98. Retirada do lago



Figura 99. Pesca do Pirarucu



Figura 100. Pesca do Pirarucu



Figura 101. Transporte da Pesca até o barco com gelo



Figura 102. Barco com gelo para armazenar a pesca



Figura 103. Pesagem e preenchimento da planilha de acompanhamento da pesca



Figura 104. Medição



Figura 105. Colocação de lacre numerado



Figura 106. Conferência de lacre em vistoria nos Frigoríficos de Fonte Boa

3.7.7.2 Pesca Comercial do Tambaqui

A segunda espécie comercial mais importante na geração de renda das famílias da RESEX Auati-Paraná é o tambaqui (*Colossoma macropomum*). A pesca para comercialização é feita entre o mês de agosto e o final de setembro. Os apetrechos mais utilizados são malhadeiras e redes de cerco. A quantidade pescada varia conforme a capacidade de estoque dos lagos.

A pesca comercial do tambaqui e o manejo do pirarucu ocorrem nos mesmos lagos. As comunidades têm considerado o período em que a pesca do tambaqui está aberta um dos maiores obstáculos para a realização da pesca da espécie. Isto acontece porque na época em que a pesca do tambaqui está liberada os lagos ou estão cheios demais ou já secaram. Este fator dificulta, ainda, a realização da pesca conjunta do tambaqui e do pirarucu. Muitas comunidades preferem fazer a despesca destas espécies ao mesmo tempo, afirmando que a captura das duas espécies juntas é mais fácil. Quando o tambaqui é retirado do lago antes do manejo do Pirarucu, esta segunda espécie fica mais difícil de ser encontrada. Quando o período da pesca não permite que as duas espécies sejam manejadas de forma conjunta, muitas comunidades optam por fazer a pesca do tambaqui e não fazer a do pirarucu. Tal fato se dá, pois a pesca do tambaqui exige menor esforço do pescador e tem melhor preço de mercado.



Figura 107. Pesca de tambaqui



Figura 108. Transporte na pesca do tambaqui

3.7.8 Criação de Animais

Entre as famílias beneficiárias da RESEX, 55% afirmam fazer criação de animais, 38% criam somente para o consumo, enquanto 17% criam para venda e consumo (Figura 109). Entre os animais criados merecem destaque galinha (33%), porco (16%), pato (5%) e gado (1%). Ainda que não exerça grande papel na geração de renda, a criação de animais é praticada por grande parte das famílias da RESEX, com destaque para as comunidades Miriti, Curimatá de Baixo e Murinzal (Figura 110). A atividade é regulamentada pelo Plano de Uso das comunidades.

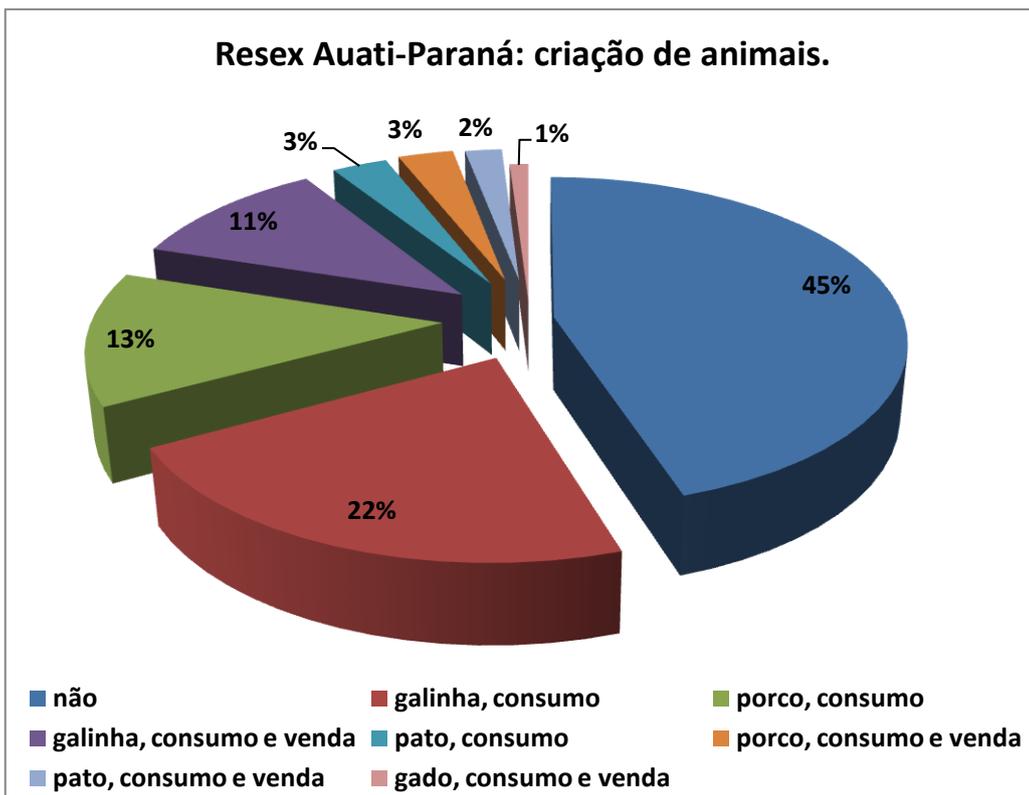


Figura 109. Criação de Animais na RESEX Auati-Paraná.

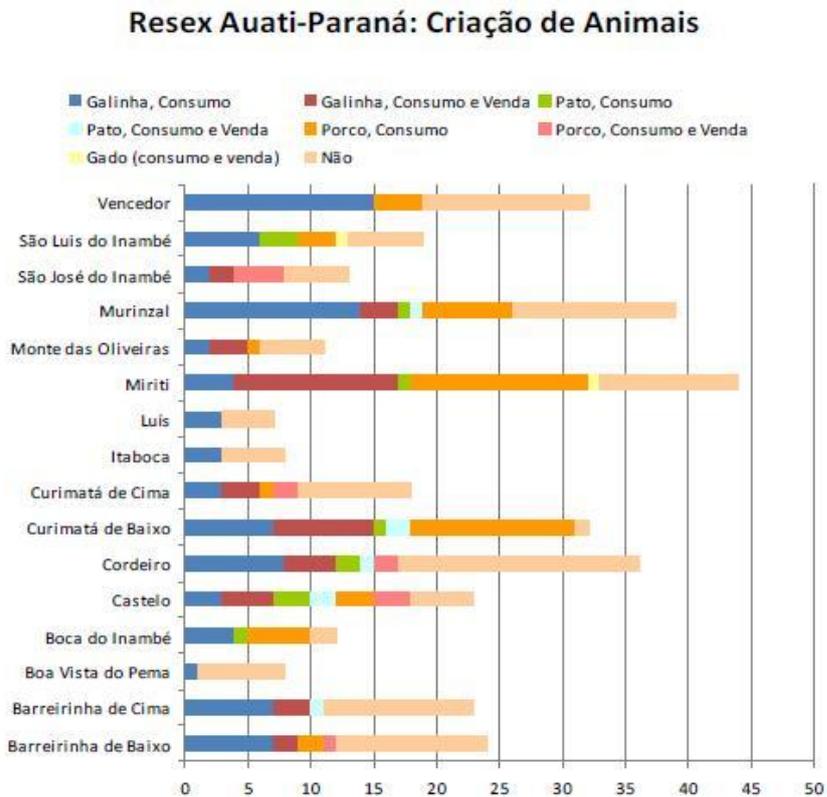


Figura 110. Criação de animais na RESEX Auati-Paraná: comparativo entre comunidades.

3.7.9 Trabalho e Benefícios Governamentais

Apenas 6% das famílias beneficiárias da RESEX declararam exercer trabalho temporário, exercido na cidade ou nas próprias comunidades. Os ofícios mais comuns são roçador, serrador, carpinteiro e pedreiro (Figura 111). O trabalho remunerado (Figura 112) aparece em pelo menos 19% das famílias e se refere às atividades, de professor, agente de saúde, monitor de educação e serviços gerais exercidos nas próprias comunidades. O único caso citado em que é exercido fora da RESEX é o de Vereador.

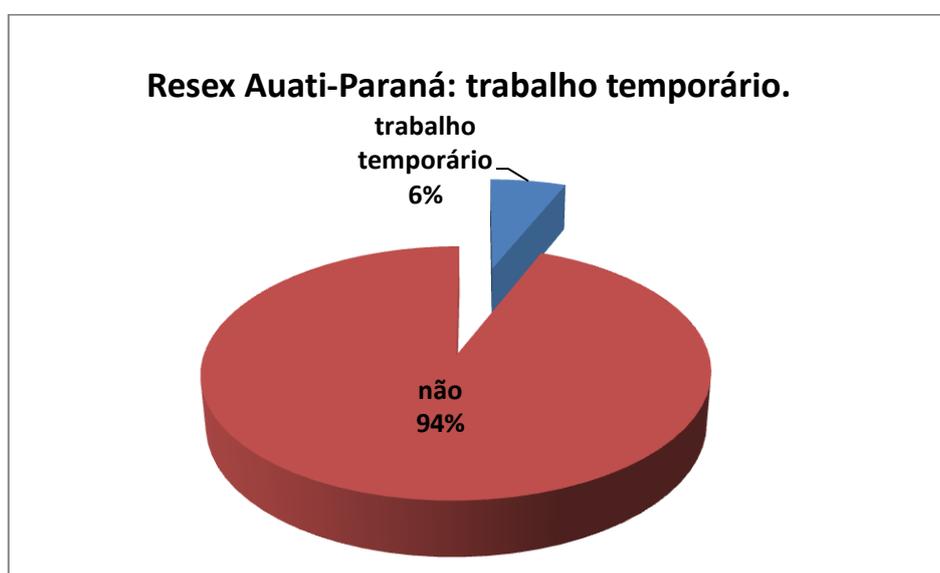


Figura 111. Trabalho temporário na RESEX Auati-Paraná.

Em 19% das famílias, há pelo menos um aposentado, e 0,3% recebem algum tipo de pensão. Quanto aos benefícios governamentais, 39% das famílias beneficiárias da RESEX são atendidas pelo Programa Bolsa Família; 27% receberam o Bolsa Enchente no ano de 2009; 34% participam do Bolsa Floresta; e o seguro defeso foi citado por 14% das famílias entrevistadas.

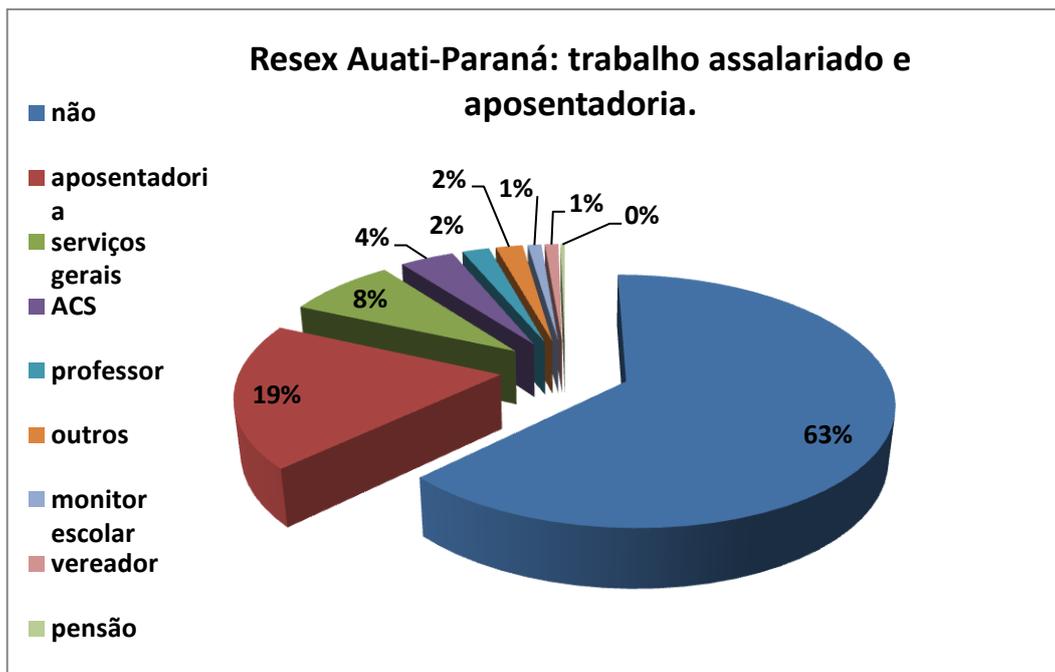


Figura 112. Trabalho remunerado e aposentadoria na RESEX Auati-Paraná.

3.7.10 Recursos Madeireiros e Não Madeireiros

Quanto à potencialidade econômica de produtos florestais, existem dados, análises e conclusões de levantamentos feitos na RESEX que indicam que as comunidades da RESEX Auati-Paraná possuem potencial para atividade de manejo florestal, tanto no que tange a organização social para atividades produtivas em associativismo, quanto relativo ao estoque de recurso disponível. O estudo de Carneiro *et al.* (2007) indica que a RESEX Auati-Paraná possui alta diversidade de espécies arbóreas. A partir da identificação realizada por nome comum das espécies, foram encontradas 310 morfo-espécies, distribuídas em uma amostragem de 13.892 indivíduos arbóreos, palmeiras e cipós, com média de 519 indivíduos por hectare. A morfo-espécie com maior IVI (Índice de Valor de Importância) para a RESEX Auati-Paraná é a ucuuba-punã.

Lima *et al.* (2007), identificaram 37 espécies com potencial madeireiro para Auati-Paraná e as classificam três categorias principais: uso para laminados (1), para serraria (2) e para postes e mourões (3). Para a categoria (1) 14 morfo-espécies foram indicadas sendo as mais frequentes a ucuuba-branca, a fava-folha-fina e o cajuí-folha-grande. Na categoria (2) as trinta e quatro espécies com potencial madeireiro podem ser empregadas destacando-se por maior volume disponível as morfo-espécies ucuuba-punã,

seguida da maueira e muiratinga. Para a categoria (3) foram destacadas 14 espécies, sendo as mais frequentes a abiurana, seguida da ucuuba-preta e da acariquara.

Os referidos autores (Lima *op. cit.*) afirmam que, na possibilidade do uso das espécies comerciais para fins madeireiros, é aconselhável a permanência de um estoque de madeira para o uso futuro. Por isso, as árvores que possuem diâmetro entre 40 e 50 cm devem permanecer na floresta para o ciclo de corte posterior (ou 2º ciclo de corte) e para a primeira exploração (ou 1º ciclo) apenas as árvores com DAP \geq 50 cm devem ser manejadas. Entretanto, é importante levar em consideração também a ocorrência de cada espécie nas diferentes classes diamétricas para o sucesso do manejo da floresta, pois esse fator é o que permite a regeneração da espécie e o estoque futuro para exploração.

Para o planejamento do manejo florestal para a floresta viva, é necessário que as comunidades aprofundem o conhecimento a cerca do nível de aproveitamento da madeira, pois atualmente na Amazônia Legal, a média de aproveitamento da madeira é de apenas 40% do volume total retirado da floresta (Mady, 2000). Isso significa que 60% das árvores abatidas viram resíduo. O trabalho de Rocha *et. al.* (2010), desenvolvido para quatro Unidades de Conservação Federais no Amazonas, junto ao LMF-INPA (do mesmo modo que os demais estudos supracitados), destaca que é necessário aprimorar as técnicas de aproveitamento integral da madeira tropical. Assim, os levantamentos realizados sugerem que a RESEX Auati-Paraná inicie as atividades de manejo madeireiro utilizando a madeira naturalmente caída em terra firme.

Rocha e colaboradores (2010.) afirmam ainda que o volume encontrado de madeira caída (9,2 a 9,6 m³/ha) é suficiente para o planejamento de atividades produtivas em escala comunitária, focando o mercado de pequenos objetos de madeira e movelaria, com o diferencial da aplicação de técnicas nobres de acabamento como a marchetaria por exemplo. O mesmo estudo realizou avaliação de viabilidade econômica para este recurso (madeira caída empregada na confecção de pequenos objetos de madeira) e verificou que o Índice Benefício-Custo é maior que um (=1,64), o que indica que a atividade é economicamente viável e rentável. Atualmente encontra-se em andamento na RESEX o Projeto “Oficina-escola para Manejo de madeira de árvores caídas”, desenvolvido pelo INPA, com o objetivo de instalar na RESEX Auati-Paraná a primeira oficina-escola de manejo de madeira caída para desenvolver de forma participativa tecnologias adequadas ao

aproveitamento da madeira de árvores caídas. A implantação de atividades econômicas que visem o manejo florestal (madeireiro ou não-madeireiro) deve propor estudos de monitoramento ecológico, econômico e social destas atividades.

Canalez (2007) realizou levantamento dos produtos florestais não madeireiros na RESEX, identificando os vegetais dos quais podem ser extraídos óleos, resinas, essências, frutos, amêndoas, fibras e corantes ou utilizados para fins medicinais e ornamentais. Foram identificadas trinta e quatro espécies, incluindo cipós, palmeiras, arbustos, árvores e epífitas, pertencentes a três famílias vegetais: Araceae, Marantaceae e Arecaceae (Anexo XI). De acordo com a proposta do Protocolo de Kioto, o carbono estocado nas florestas pode se tornar produto de negociação comercial como alternativa para a redução da quantidade deste elemento na atmosfera. Em se tratando de uma Reserva Extrativista, cujo objetivo superior está na conservação dos recursos naturais, através da utilização auto-sustentável pela população tradicional residente na área, o uso sustentável dos recursos naturais garantirá a permanência de quase todo o carbono fixado atualmente na floresta. Neste sentido, as estimativas de carbono são imprescindíveis nas questões ligadas ao manejo florestal e ao clima. Por isso, o monitoramento regular da floresta indica se a mesma tem participado no ciclo global do carbono como fonte de emissão por se encontrar madura, ou como sequestradora de carbono, convertendo-o em matéria orgânica (madeira, folha, frutos, etc.) por ser uma floresta ainda em amadurecimento, ou ainda, por ser esse um processo contínuo no ecossistema florestal (LIMA *et al.*, 2007).

3.8 Análise Situacional da Unidade

A partir das condições identificadas nos diagnósticos procedeu-se a análise integrada de pontos fortes, considerados como oportunidades, e de pontos fracos, apontados como ameaças à RESEX Auati-Paraná. Essa análise foi relevante para o delineamento de cenários, das diretrizes dos programas e subprogramas do Plano de Manejo.

A análise buscou a interação dos pontos fracos, que debilitam a Unidade, comprometendo o manejo, o alcance das metas e dos objetivos de criação da RESEX, identificando-os como Forças Restritivas e, interação dos pontos fortes e oportunidades,

que fortalecem a Unidade, contribuindo para o manejo e alcance de seus objetivos de criação, identificando-os como Forças Impulsoras.

A relevância das forças impulsoras e a gravidade e urgência de superação das forças restritivas orientaram o planejamento, sinalizando para a convergência das ações, para o aproveitamento dos pontos fortes e das oportunidades existentes no contexto, visando superar os pontos fracos da Unidade, protegendo-a das ameaças identificadas.

Para efeito de organização a análise foi dividida nos temas (tabelas 12 a 30): Organização Comunitária, Gestão, Operacionalização, Qualidade de Vida (Saúde, Educação, Esporte/Lazer e Cultura, Saneamento, Habitação, Comunicação, Energia, Acesso à documentação), Recursos Naturais (Pesca, Castanha, Óleos, Cipós/fibras e sementes, Seringas, Produtos Florestais Madeireiros), Agricultura, Monitoramento e proteção. Estes serão posteriormente trabalhados na apresentação dos programas de gestão do plano de manejo.

Tabela 12. Análise Situacional da Unidade: Organização Comunitária

Forças Impulsoras	Forças Restritivas
<ul style="list-style-type: none"> • a estrutura organizacional consolidada das comunidades (presidente, vice, tesoureiro, secretário), sendo que este pode ser um vínculo para apoiar a organização de grupos comunitários na modalidade de associativismo; • a parceria das instituições (ICMBio, Igreja, IDAM, IDSM) que vêm apoiando a organização das comunidades, por terem estes parceiros, entre suas ações, o incentivo à organização comunitária; • a organização de todas as comunidades em uma única Associação (AAPA) que interage com alguns projetos em execução e propostos para a UC, envolvendo a maioria das comunidades, tais como Manejo Comunitário Participativo do Pirarucu, Pesquisa para Beneficiamento de Recursos Pesqueiros, Manejo da Castanha, Proposta de Manejo Florestal, e acesso ao Crédito Habitacional (PNRA/INCRA); • a organização dos pescadores na Associação de Pescadores de Fonte Boa e nas Colônias de Pescadores de Fonte Boa e Japurá. Estas representações têm entre suas finalidades buscar apoio para melhoria da qualidade, beneficiamento, escoamento e comercialização da produção pesqueira e apoiar os pescadores associados na obtenção e 	<ul style="list-style-type: none"> • a baixa participação dos comunitários em reuniões e assembleias, pois tende a significar fraca representatividade nas decisões afetas a maioria das comunidades; • a pouca participação das mulheres nas reuniões; • a carência de recursos financeiros para realização de encontros, reuniões e assembleias, dificultando a realização de reuniões ampliadas com regularidade; • a falta de reuniões regulares do conselho comunitário da AAPA, inviabilizando o encaminhamento das decisões das assembleias que ficam sob responsabilidade do conselho administrativo; • o pouco apoio das comunidades para suporte logístico (alimentação e transporte) dos seus representantes comunitários, dificultando a participação dos mesmos nas atividades coletivas; • algumas comunidades não têm contribuído na cotização da AAPA, dificultando a aplicação de recursos para manutenção do escritório-sede; • a fraca participação de alguns membros da Diretoria nas reuniões e sobrecarga de trabalho dos poucos que estão na liderança

<p>recebimento dos benefícios governamentais para os pescadores (carteira pescador, seguro defeso, aposentadoria);</p> <ul style="list-style-type: none"> • Início da organização dos pescadores em sindicato (SINDPESCA) • a AAPA possuir sede no município de Fonte Boa, facilitando para as comunidades e parceiros a realização de reuniões e encontros comunitários e interinstitucionais; 	<p>da AAPA;</p> <ul style="list-style-type: none"> • a falta de interesse dos comunitários para candidatarem-se a diretoria da AAPA ocasiona a ausência de chapas candidatas nas eleições da AAPA. • algumas comunidades ainda não reconhecem a AAPA como instituição representativa das comunidades; • necessidade de formação dos representantes (comunidades e associação) para assumir tarefas da organização comunitária (elaboração de documentos, atas, dirigir reuniões, e informações sobre atribuições de cada papel na instituição) • a atual situação de inadimplência da AAPA junto ao FNMA, restringe o acesso da associação à recursos de fundos governamentais e Programas de apoio, tais como a CONAB.
---	---

Tabela 13. Análise Situacional da Unidade: Gestão	
Forças Impulsoras	Forças Restritivas
<ul style="list-style-type: none"> • a gestão participativa da RESEX Auati-Paraná, compartilhada entre ICMBio, AAPA e Conselho Deliberativo. Esse fato interage oportunamente com a necessidade de integração do atores diretamente envolvidos na gestão e aqueles afetados pela UC, facilitando o diálogo e o planejamento para o alcance da 	<ul style="list-style-type: none"> • a descontinuidade de gestão do ICMBio, podendo interferir na continuidade de ações e projetos em andamento na RESEX; • a pouca atuação do Conselho Deliberativo

<p>finalidade da Unidade de Conservação;</p> <ul style="list-style-type: none"> • a relação estabelecida da maioria das comunidades da RESEX com a sede do município de Fonte Boa facilita a realização de reuniões interinstitucionais nesta sede, principalmente para a articulação com os poderes públicos locais, a fim de apresentar demandas da Unidade; • a atuação do Conselho Deliberativo é uma característica relevante para a consolidação da gestão participativa e contribui para manutenção do espaço contínuo de representatividade dos beneficiários da RESEX, deliberação e encaminhamento de propostas de ação para a UC; • a área física da RESEX é contígua à área da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, beneficiando as relações ambientais em um corredor de áreas protegidas. Para a RESEX o estreitamento da relação com os responsáveis pela gestão da RDSM (CEUC, IDSM pode vir a contribuir na formalização de parcerias e ações recíprocas em prol das Unidades. • a manutenção de equipe de gestão da Unidade, com funcionários sensíveis a gestão participativa. Esse fator potencializado com instrumentos adequados poderá garantir o processo de continuidade de gestão. 	<p>pode comprometer as decisões e encaminhamentos afetos à RESEX;</p> <ul style="list-style-type: none"> • as comunidades demonstram pouco conhecimento sobre o papel da AAPA, do ICMBio e das próprias comunidades na gestão. Isso influencia a participação nas reuniões, decisões, e encaminhamentos afetos à RESEX, sendo este uma limitação relevante a gestão participativa; • a pouca participação da AAPA, comunidades e conselho no planejamento das ações de gestão para a RESEX provocam o desconhecimento dos atores envolvidos na gestão das ações desenvolvidas na/para a RESEX; • o descumprimento de regras do Plano de Uso e acordos estabelecidos para uso dos recursos naturais, ocasionando frequentemente conflitos e desacordos entre comunidades.
--	---

Tabela 14. Análise Situacional da Unidade: Operacionalização

Forças Impulsoras	Forças Restritivas
<ul style="list-style-type: none"> • a gestão da UC possui equipamentos para manter minimamente funcionando a administração; • a RESEX está inserida no Programa ARPA recebendo apoio financeiro para sua Operacionalização; • a RESEX está inserida no Programa CCA, o que pode ser uma oportunidade de mais aporte de recursos para a Unidade; • a RESEX é administrada no âmbito do Núcleo de Gestão Integrada de Tefé/ICMBio, o que pode ser uma oportunidade de integrar e aperfeiçoar resultados entre Unidades de Conservação Federais. • A RESEX está inserida no âmbito do Território da Cidadania do Alto Solimões que pode ser uma oportunidade de capitanear recursos para a Unidade 	<ul style="list-style-type: none"> • o número atual de servidores é insuficiente para atender a demanda administrativa e operacional da RESEX; • o orçamento é insuficiente para atender as demandas delineadas pelo objetivo legal de RESEX; • a estrutura física que serve a base administrativa é insuficiente (espaço) e inadequada (construção comprometida) com sistema de telefonia e internet deficitária (faltam sistemas – servidor e central de telefonia); • a UC não dispõe de estagiários para apoio nas atividades finalísticas (administrativas e técnicas); • a Unidade não tem parceria formalizada com instituições que já atuam na área (IDSM, CEUC, INCRA, IDAM, UEA) o que por vezes dificulta o diálogo interinstitucional; • a base administrativa da Unidade não dispõe de serviço de manutenção e limpeza; • a Unidade não possui banco de dados com informações processadas. Atualmente as informações sobre a UC estão dispersas, sem padronização e pouco passíveis de análise comparativa pela falta de historicidade dos dados; • falta de instalações e base de apoio dentro da RESEX para atividades de

	<p>gestão;</p> <ul style="list-style-type: none"> • as placas de sinalização da RESEX não têm recebido manutenção regular; • os limites da RESEX não são referenciados, não há delimitação e demarcação; • a RESEX ainda não firmou com o ICMBio o Contrato de Concessão de Direito Real de Uso com as comunidades beneficiárias.
--	--

QUALIDADE DE VIDA E CIDADANIA

Tabela 15. Análise Situacional da Unidade: Saúde	
Forças Impulsoras	Forças Restritivas
<ul style="list-style-type: none"> • a atuação do programa de Agentes Comunitários de Saúde (ACS) nas comunidades da RESEX. Oportunamente os ACS podem vir a serem difusores de campanhas de saúde junto às comunidades da RESEX; • a visita do barco da Marinha ofertando atendimento médico. Essa ação pode ser otimizada com o estabelecimento de parceria com a Marinha para manter a regularidade do serviço e atendimento de demandas previamente levantadas nas comunidades; 	<ul style="list-style-type: none"> • a falta de posto de saúde na RESEX aliado à dificuldade dos comunitários de serem atendidos nos postos de saúde municipais, impede o acesso dos comunitários aos serviços de saúde; • a grande distância do posto de saúde mais próximo da RESEX, situado na sede do município, e o não atendimento de serviços básicos de saúde que possam atender a demanda das comunidades da RESEX; • o despreparo e falta de assiduidade de alguns ACS no atendimento dentro das comunidades, ocasionando a falta de

<ul style="list-style-type: none"> • a existência de um posto de saúde na comunidade Vencedor; • a utilização de ervas e plantas medicinais no cotidiano das comunidades para o tratamento de enfermidades, podendo incentivada com a valorização e difusão da prática de medicina tradicional; • Atuação de algumas parteiras na RESEX. 	<p>orientação básica de saúde, práticas de higiene e tratamento preventivo da saúde;</p> <ul style="list-style-type: none"> • a ausência de transporte adequado para deslocamento de enfermos entre as comunidades e postos de saúde ou hospitais, potencializando o risco de vida daqueles que necessitam de atendimento médico, ambulatorial ou hospitalar; • a dificuldade das comunidades para obterem medicamentos alopáticos, pode ser um agravante nos tratamentos de enfermidades que são condicionadas ao uso destes; • a necessidade de deslocamento de gestantes para as sedes dos municípios para darem à luz, aliada a falta de acompanhamento pré-natal, contribuindo para a não identificação de possíveis problemas no parto e saúde da parturiente; • a falta de médicos para atendimento especializado nas sedes dos municípios, somada a dificuldade de manutenção de médicos especializados no interior, impede o acesso ao atendimento especializado pelos comunitários da RESEX.
---	--

Tabela 16. Análise Situacional da Unidade: Educação	
Forças Impulsoras	Forças Restritivas
<ul style="list-style-type: none"> • as iniciativas de alfabetização de adultos em curso na 	<ul style="list-style-type: none"> • o sistema atual de ensino, em turmas multisseriadas,

<p>RESEX (PRONERA e turmas do EJA). Aliados a outros programas de alfabetização de adultos nas esferas de governo municipal, estadual e federal, podem potencializar as iniciativas existentes, oferecendo melhores condições de ensino e ampliação na oferta de vagas, e avançar no atendimento para alunos não atendidos ou atendidos em condições mínimas;</p> <ul style="list-style-type: none"> • o plano de ação para educação na RESEX elaborado em 2007. Podendo ser o planejamento inicial para melhoria da qualidade de educação ofertado na RESEX; • a implantação da Escola Ativa – projeto pedagógico direcionado para a área rural, que oferece educação de jovens adultos; • a regulamentação de novas normas para a educação no campo, através de decreto presidencial, também é considerada um ponto forte para a melhoria da educação na RESEX. • A implantação do ensino médio em três comunidades através do Programa “Tele-Aula” (Governo do Estado do AM) 	<p>associado a falta de treinamento dos professores dificulta o aprendizado dos alunos;</p> <ul style="list-style-type: none"> • o atraso no pagamento de salários de monitores e professores que atuam na RESEX condiciona as escolas comunitárias a constantes ameaças de perda de dias letivos para os alunos, já que os professores aguardam o pagamento na sede do município; • o não cumprimento do número mínimo de dias letivos restringe o cumprimento do conteúdo programático contribuindo para um aprendizado deficiente; • a falta de escolas municipais nas comunidades Boca do Inambé, Monte das Oliveiras, São José do Inambé, Castelo, Itaboca; • a falta de instrumentos básicos de segurança para o transporte de alunos (ex. holofote de iluminação para embarcação, assentos, coletes salva vidas, cobertura para a embarcação, proteção dos motores dos barcos, habilitação do condutor) associados às distâncias e dificuldades no transporte fluvial de alunos; • a falta de professor em algumas escolas na RESEX deixa alunos sem acesso à educação; • a falta de motor de luz para funcionamento das turmas escolares, principalmente das turmas noturnas dificulta a realização das aulas, assim como a iluminação inadequada das
---	---

	<p>escolas;</p> <ul style="list-style-type: none">• algumas crianças não estão oficialmente matriculadas, não contabilizando o ano letivo estudado no currículo escolar;• a infraestrutura das escolas é deficiente: faltam de carteiras, as construções estão inacabadas, o abastecimento de energia e água é irregular e o espaço físico é inadequado ao aprendizado dos alunos;• os alunos não recebem fardamento escolar;• o material didático, merenda escolar, material pedagógico são insuficientes, prejudicando o acesso à educação na RESEX;• a ausência de escolas de ensino médio e técnico restringe o avanço na educação dos alunos da RESEX ocasionando a paralisação do estudo;• a falta de oportunidade de ingresso no ensino superior condicionando os alunos da RESEX na progressão da educação;• a falta de moradia para professores nas comunidades da RESEX, deixando professores mal alojados ocasiona a desmotivação dos mesmos para trabalhar na RESEX;• o êxodo de jovens para cursar ensino fundamental e médio nas sedes municipais ocasiona custos financeiros altos para as famílias manterem os estudantes na cidade.
--	---

	<ul style="list-style-type: none"> • a falta de transporte para o deslocamento dos professores entre a sede do município e a RESEX (para recebimento de salário e capacitações) atrasa o retorno e reinício das atividades escolares.
--	--

Tabela 17. Análise Situacional da Unidade: Esporte, Lazer e Cultura

Forças Impulsoras	Forças Restritivas
<ul style="list-style-type: none"> • a prática regular de futebol pelas comunidades associado aos regulares torneios, podendo estes serem uma iniciativa para incentivo e difusão maior de prática esportiva; • Participação de comunidades da RESEX em torneios municipais (liga municipal de futebol); • as festas comunitárias (religiosas), que podem vir a ser oportunamente incentivadas pela valorização das mesmas; 	<ul style="list-style-type: none"> • Pouca participação das escolas nas festas culturais realizadas pelas comunidades (folclore, juninas, datas comemorativas “Dia da Idenpedência”, Dia da Crianças, etc)

Tabela 18. Análise Situacional da Unidade: Saneamento

Forças Impulsoras	Forças Restritivas
<ul style="list-style-type: none"> • o projeto atual aplicado pelo INCRA que prevê a instalação de fossas sépticas nas casas construídas. Tal condição pode ser articulada para que todos os beneficiários, mesmo aqueles contemplados em etapas anteriores 	<ul style="list-style-type: none"> • as comunidades não possuem sistema de água tratada, com risco de contrair doenças vetorizadas pela água;

<p>posam vir a receber este benefício, que no início não era previsto;</p> <ul style="list-style-type: none"> • a coleta de água da chuva para consumo foi identificada como fator positivo, essa característica aliada à aplicação de tecnologias simples já existentes de coleta e armazenamento adequado poderá ser uma solução em longo prazo para a falta e/ou dificuldade de se obter água e qualidade da mesma; • no diagnóstico socioeconômico a maioria dos comunitários manifestou preocupação com a disposição de resíduos nas comunidades. Avalia-se este dado como ponto forte, por já haver uma disposição local para se trabalhar o problema. Campanhas educativas com o protagonismo das comunidades podem vir a ser uma oportunidade de avanço na conscientização do coletivo. • o fato de as comunidades declararem utilizar resíduos orgânicos na alimentação de animais, também é encarado positivamente, pois já é um elo para serem trabalhadas mais práticas ligadas à permacultura, como com postagem sistemas de criação de animais domésticos e sistemas agros florestais; • Reaproveitamento de resíduos de pescados. 	<ul style="list-style-type: none"> • a insuficiência de hipoclorito de sódio para tratamento de água pode contribuir para a ocorrência de doenças (verminoses, diarreia); • a maioria das comunidades faz a deposição de dejetos humanos à céu aberto; • os resíduos inorgânicos são queimados ou jogados à céu aberto que gera o risco de acidentes, doenças e a poluição visual.
--	---

Tabela 19. Análise Situacional da Unidade: Habitação	
Forças Impulsoras	Forças Restritivas
<ul style="list-style-type: none"> • as comunidades são reconhecidas no Programa de Reforma 	<ul style="list-style-type: none"> • faltam famílias para serem beneficiárias pelo crédito

<p>Agrária aplicado pelo INCRA que, associado aos demais projetos relacionados que o programa traz, pode ampliar o acesso das comunidades a estes (PRONERA, PRONAF, ATES).</p> <ul style="list-style-type: none"> o acesso ao crédito do INCRA possibilitou a melhoria das habitações; 	<p>do INCRA (comunidades beneficiárias da RESEX que estão localizadas na RDSM, e comunidades localizadas na RESEX);</p>
---	---

Tabela 20. Análise Situacional da Unidade: Comunicação	
Forças Impulsoras	Forças Restritivas
<ul style="list-style-type: none"> o hábito de comunicação via rádio local é bem quisto e, oportunamente, a gestão da RESEX pode vir a se utilizar dessa prática para difundir campanhas educativas e fazer mobilização; sistema de rádio comunicação na RESEX presente nas comunidades de São Luis, Miriti e Murinzal também é um ponto forte e oportunamente deve ser ampliado o acesso à todas as comunidades; futura implantação na RESEX de um telecentro comunitário, que faz parte do programa de inclusão digital do governo federal, em que serão disponibilizados computadores com acesso a internet e oportunamente poderá ser utilizado para realização de oficinas e treinamentos para comunitários; cinco telefones públicos instalados na RESEX oportunizam a 	<ul style="list-style-type: none"> ausência de telefones públicos na maioria das comunidades e a falta de manutenção dos telefones públicos instalados na RESEX; número reduzido de comunidades atendidas com o sistema de rádio comunicação e a falta e comunicação do sistema implantado em três comunidades e a AAPA; falta de habilitação dos comunitários em fazer uso e manutenção preventiva dos equipamentos instalados nas comunidades.

<p>comunicação das comunidades.</p> <ul style="list-style-type: none"> • ampliação do sistema de rádio comunicação para mais duas comunidades; 	
---	--

Tabela 21. Análise Situacional da Unidade: Energia

Forças Impulsoras	Forças Restritivas
<ul style="list-style-type: none"> • fontes alternativas de energia disponível (solar) na área da RESEX; • Comunidades da RESEX inseridas no “Programa Luz para Todos” (ainda sem fornecimento de energia); 	<ul style="list-style-type: none"> • uso apenas de energia gerada à diesel nas comunidades é considerado um fator restritivo, pois além da poluição sonora tem alto custo de funcionamento/manutenção; • falta de manutenção dos motores de luz.

Tabela 22. Análise Situacional da Unidade: Acesso à Documentação

Forças Impulsoras	Forças Restritivas
<ul style="list-style-type: none"> • inserção de programas governamentais (bolsa família) aumentou o numero de comunitários com documentação; • mobilização da AAPA para cadastramento de associados e estímulo para participação em benefícios sociais (seguro-defeso) contribui para mais comunitários terem acesso a documentação; 	<ul style="list-style-type: none"> • baixo percentual de comunitários com documentação, principalmente RG e CPF ocasiona dificuldades de acesso serviços públicos e benefícios sociais.

RECURSOS NATURAIS

Tabela 23. Análise Situacional da Unidade: Pesca

Forças Impulsoras	Forças Restritivas
<ul style="list-style-type: none"> • Manejo do Pirarucu, atividade iniciada em 2004 que contribui positivamente na geração de renda para as comunidades, proteção do recurso - pirarucu e organização das comunidades; • zoneamento das áreas de pesca é um aliado na gestão e ordenamento do recurso pesqueiro na RESEX; • a contagem para o manejo e monitoramento do manejo do pirarucu feito pelas comunidades; • apoio do ICMBio e IDSM ao manejo comunitário participativo auxilia nas articulações para o manejo; • a coordenação do processo do manejo é realizada pela AAPA, integrando a organização das comunidades no processo do manejo. • a área da RESEX apresenta bom estoque pesqueiro de várias espécies comerciais; • pesquisa para beneficiamento do pescado (pirarucu) em andamento; 	<ul style="list-style-type: none"> • falta de organização dos pescadores que por vezes gera conflitos comunitários; • a insuficiência de pesquisas associadas ao manejo na RESEX que condiciona o manejo a estabelecer uso pela prática; • falta de expectativa de melhoria de mercado corroborado pelos baixos preços nos últimos anos; • falta de estrutura de beneficiamento e armazenamento condicionando as comunidades a comercializarem a produção in natura com baixo preço e sem valor agregado; • falta de monitoramento sistemático da atividade de pesca na RESEX ocasionando carência de dados de acompanhamento em série do manejo e das atividades de pesca; • desconhecimento de regras por parte das comunidades que justificam o descumprimento de acordos e regras estabelecidos em comum; • pesca comercial de outras espécies, além do pirarucu, sem monitoramento.

Tabela 24. Análise Situacional da Unidade: Castanha

Forças Impulsoras	Forças Restritivas
<ul style="list-style-type: none"> • potencial de castanha na RESEX Auati-Paraná, a inserção das comunidades da RESEX em programas de valorização da produção como o Programa do Governo de Manutenção do Preço mínimo, pode impulsionar a atividade; • mapeamento de estradas de coleta de castanha e o estudo de potencial da área já realizado na RESEX, oportuniza informações para avanço dos estudos e levantamento da cadeia produtiva. 	<ul style="list-style-type: none"> • a prática de comercializar com atravessadores de castanha que oferecem baixos preços e desvalorizam castanha da RESEX; • as estradas de castanha não recebem manutenção, tendência para baixar a produtividade dos castanhais; • inexistência de estrutura para armazenamento condiciona a produção à estocagem inadequada, podendo afetar a qualidade da castanha e a sua desvalorização no mercado; • a produção não é monitorada, restringindo as ações de comercialização, haja vista que não se tem projeção e nem dados para negociações em escala.

Tabela 25. Análise Situacional da Unidade: Oleos

Forças Impulsoras	Forças Restritivas
<ul style="list-style-type: none"> • as comunidades identificam o potencial de produção de óleos de copaíba e andiroba. Este que já tem boa aceitação de mercado pode vir a ser alternativa, em um primeiro momento, aliados a estudos de potencial e capacitação comunitária para o manejo. 	<ul style="list-style-type: none"> • O conhecimento da extração da copaíba vem se perdendo;

Tabela 26. Análise Situacional da Unidade: Cipós, Fibras e Sementes

Forças Impulsoras	Forças Restritivas
<ul style="list-style-type: none"> • Conhecimento tradicional na produção de artesanato (paneiros, vassouras, tipiti, peneiras, cestos etc) 	<ul style="list-style-type: none"> • pouco valor no mercado local devido a grande oferta dos produtos na região;

Tabela 27. Análise Situacional da Unidade: Seringa

Forças Impulsoras	Forças Restritivas
<ul style="list-style-type: none"> • disponibilidade do recurso; • conhecimento tradicional para extração; • incentivo do CNS a extração da seringa: Projeto de estudo da cadeia produtiva da seringa, capacitações e entrega dos Kits de coleta. 	<ul style="list-style-type: none"> • Poucas comunidades demonstram interesse nessa atividade de extração; • associação da atividade ao período histórico de exploração pelos seringais; • produto de baixo valor comercial.

Tabela 28. Análise Situacional da Unidade: Produtos Florestais Madeireiros

Forças Impulsoras	Forças Restritivas
<ul style="list-style-type: none"> • a RESEX possui levantamento de inventário florestal de madeira caída, identificação de espécies madeireiras com potencial econômico, e há 	<ul style="list-style-type: none"> • uso indiscriminado, sem monitoramento e regulamentação.

<p>interesse do INPA em dar andamento nos projetos de pesquisa;</p> <ul style="list-style-type: none"> • agentes florestais multiplicadores formados pelo projeto PROMANEJO/IBAMA, estes podem receber novos treinamentos e serem engajados em possíveis projetos de manejo florestal e beneficiamento de madeira na RESEX. • uso local da madeira para confecção e artefatos tradicionais (canoa, remo, utensílios domésticos, embarcações), potencial do mercado local consumidor para gerar demanda; • demanda por madeira nas serrarias em Fonte Boa, Maraã e Japurá, pode ser analisada como oportunidade à medida que a RESEX é uma área que pode ofertar madeira legalizada, e esse mercado pode vir a absorver; • a confecção de móveis com madeira local, carteiras escolares e artefatos tradicionais (canoa, remo, utensílios domésticos, embarcações) é uma alternativa apontada como oportunidade; • a RESEX Auati Paraná é região onde as pesquisas indicam os maiores volumes de biomassa fresca e seca no Estado do Amazonas que pode ser uma oportunidade para veiculação de mais pesquisas; 	
--	--

<ul style="list-style-type: none"> • o estoque médio de carbono das florestas amostradas na RESEX Auati-Paraná resulta em valores superiores a média estadual, dado que também oportuniza a continuidade de pesquisas e possíveis articulações para veiculação do potencial para serviços ambientais; • a implantação de oficina piloto de marchetaria que, veiculada ao interesse do INPA em dar continuidade ao projeto e realizar pesquisa, pode ser avaliado como oportunidade de geração de renda; • comunitários capacitados para confecção de peças em marchetaria é visto como ponto forte para se trabalhar iniciativas de beneficiamento local de produtos na RESEX. 	
---	--

Tabela 29. Análise Situacional da Unidade: Agricultura	
Forças Impulsoras	Forças Restritivas
<ul style="list-style-type: none"> • atividade tradicionalmente praticada pelas comunidades; • potencial para produção com fins comerciais; • possibilidade de acessar o PAA/CONAB. 	<ul style="list-style-type: none"> • falta de mercado local para produtos oriundos da agricultura.

Tabela 30. Análise Situacional da Unidade: Monitoramento e Proteção

Forças Impulsoras	Forças Restritivas
<ul style="list-style-type: none"> • monitores do manejo do pirarucu serem das próprias comunidades que pode vir a interagir com sistemas de monitoramento do uso dos recursos na RESEX; • Parcerias Institucionais: (RDSM/ICMBio/IBAMA/PF/UEA/INPA/UFAM) 	<ul style="list-style-type: none"> • exploração do recurso pesqueiro com fins comerciais, sem respeito ao zoneamento de lagos e períodos de defeso; • aumento na produção e disposição de lixo doméstico além de vazamentos pontuais de combustível na água; • pressão dos moradores para uso da madeira como fonte de renda em curto prazo; • baixa aplicação do plano de proteção que pode acarretar grande vulnerabilidade da RESEX quanto á prática de ilícitos. • pressão e prática de pesca de alevinos de sulamba no entorno imediato e envolvendo comunidades da RESEX; • localização geográfica vulnerável devido à ligação de duas hidrovias que são utilizadas como rota de ilícitos.

3.8.1 Caracterização de Conflitos

Atualmente a maior parte dos conflitos se dá entre comunidades, e estão diretamente ligados ao uso dos recursos naturais, principalmente o uso dos lagos para extração de pescado. Reuniões comunitárias tem sido realizadas para que sejam firmados acordos entre as comunidades e desta forma garantir o uso dos lagos, inclusive para o manejo de pirarucu. Uma situação se dá no Complexo de Lagos Buiçu, que é utilizado por comunitários da RESEX Auati-Paraná e está situado na área da RDSM, conforme relato abaixo:

Caso: Uso da área “Complexo de Lagos Buiçu” situada na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, para atividades pesqueiras, pelas Comunidades Santa União e Itaboca.

A Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (RDSM) é uma Unidade de Conservação do Estado do Amazonas, que tem sua gestão compartilhada entre a Secretaria Desenvolvimento Sustentável através do Centro Estadual de Unidades de Conservação – CEUC/SDS/AM (órgão gestor) e o Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (co-gestor). A área da RDS Mamirauá é rica em lagos, estes são de uso de várias comunidades que pertencem a RDS e também de comunidades que pertencem a RESEX.

Entre as comunidades que usam os lagos e estão situadas na RDS Mamirauá, estão as comunidades Itaboca e Santa União. A comunidade Itaboca é beneficiária da RESEX Auati-Paraná e se reconhece como tal. A comunidade Santa União se reconhece como indígena, reivindica a área como Terra Indígena, não é beneficiária da RESEX ou da RDSM.

A área de domínio territorial da RDSM, abrange o Complexo de Lagos Buiçu, que, vem sendo utilizado pela comunidade Itaboca para extração de produtos pesqueiros, principalmente o pirarucu através do manejo comunitário, forte fonte de renda para as comunidades, sendo a principal fonte de renda da comunidade Itaboca. A partir do ano de 1997, uma família da Comunidade Itaboca saiu da mesma, indo residir no município de Jutai, localidade denominada Copeçú e, cinco anos depois, em 1982, essa família retornou e fundou a Comunidade Santa União. A Comunidade Santa União foi fundada e instalada próxima a comunidade Itaboca, a partir do ano de 2003 algumas

famílias da comunidade Santa União se instalaram precisamente na boca da entrada dos lagos (02°22'42,9" S/ 66°41'41,3" W, próximo ao Ponto 1 do memorial descritivo da Unidade), principal canal de acesso ao Complexo de Lagos Buiuçzinho (Figuras 64 e 65), que em determinadas épocas, devido a condições climáticas como a seca, por exemplo, torna-se o único canal de acesso aos lagos. Passaram a se auto-reconhecer como indígenas e solicitaram junto a FUNAI abertura de processo nos órgãos competentes visando o reconhecimento legal da área como Território Indígena.

Durante os anos de 2005 a 2007, ambas as comunidades realizaram o manejo participativo do pirarucu, inicialmente sob coordenação do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais IBAMA/AM. A partir de 2008, as ações do Manejo de Pirarucu realizado pela comunidade Itaboca passaram a ser coordenadas pela Associação Agroextrativista de Auati-Paraná (AAPA) com acompanhamento do ICMBio, e as ações realizadas pela comunidade Santa União seguiram sob a coordenação do Instituto de Desenvolvimento Sustentável de Fonte Boa (IDSFB).

Uma das exigências para que haja autorização de pesca pelo IBAMA, em áreas de manejo, é de que não haja conflito entre as comunidades envolvidas. Neste sentido, acordos entre as duas comunidades vêm sendo firmados, a fim de garantir que ambas recebam autorização para o manejo do pirarucu, principalmente a despesca, que é autorizada indicando a cota de peixes anual para cada comunidade.

Documentos relatam acordos selados entre as duas comunidades nos anos de 2005 e 2007 com o objetivo de garantir o bom desenvolvimento da pesca manejada na região do Complexo de Lagos Buiçu. Estes Acordos são resultados de reuniões entre as duas comunidades com a participação de instituições ligadas ao manejo (IBAMACNPT/AM, IDS/FB, SDS/AM) e também contaram com a participação de representantes da FUNAI. Entretanto, moradores de ambas comunidades relatam o desrespeito aos acordos firmados, acusando-se mutuamente de ser realizada pesca fora da época autorizada, com instrumentos predatórios, além da invasão dos lagos alheios.

O último acordo firmado entre as duas comunidades garantiu que o IBAMA emitisse autorização para a pesca do pirarucu no período de 2007 a 2010, sendo que a atividade foi realizada somente até 2009. Em 2010, a comunidade Santa União realizou o fechamento da boca do canal de acesso aos lagos, utilizando um flutuante e cabo de

ação, impedindo a realização da contagem e despesca por comunitários de Itaboca, alegando que a área é Território Indígena e cabe a comunidade Santa União a sua gestão. O órgão gestor da RDSM não reconhece a área como Território Indígena, haja visto que este não está legalmente instituída, e diante do fato afirma sua competência na gestão da área, bem como no seu uso.

A AAPA, buscando garantir que a despesca autorizada para o ano de 2010 fosse realizada, procurou os órgãos gestores das UCs, RESEX Auati-Paraná e RSDM, e solicitou a realização de reuniões para atualização e manutenção do acordo firmado em 2007. A comunidade Santa União não esteve presente nas reuniões, exigindo a presença da FUNAI como interlocutora, inviabilizando que novo acordo fosse firmado. Santa União manteve a boca do lago fechada. O fato de não ter sido possível firmar novo acordo entre as duas comunidades e a manutenção da Boca do lago fechada (pela comunidade Santa União) impediu que a Comunidade Itaboca realizasse a despesca da cota autorizada pelo IBAMA para 2010 e a contagem, para solicitação de cotas para 2011. Esta comunidade depende do manejo de pirarucu como fonte de renda e o impedimento de acesso a área a coloca em situação vulnerável sócio-ambientalmente. Assim, a comunidade Itaboca decidiu solicitar cotas para a despesca de 2011 com base na contagem de 2009.

Representantes da Comunidade Santa União informaram oficialmente que não há interesse em realizar a pesca manejada, e pretende impedir que outras comunidades usem a área por considerarem a mesma como Terra Indígena. Entretanto, a área de uso comum das duas comunidades é de gestão do CEUC, que durante todo o processo não tem manifestado concordância em relação as alegações da comunidade Santa União de que o território é indígena.

O ICMBio juntamente com a AAPA vêm trabalhando no sentido de manter os diálogos interinstitucionais e o fortalecimento da comunidade visando o estabelecimento de novo acordo e a garantia de acesso aos recursos tradicionalmente utilizados.

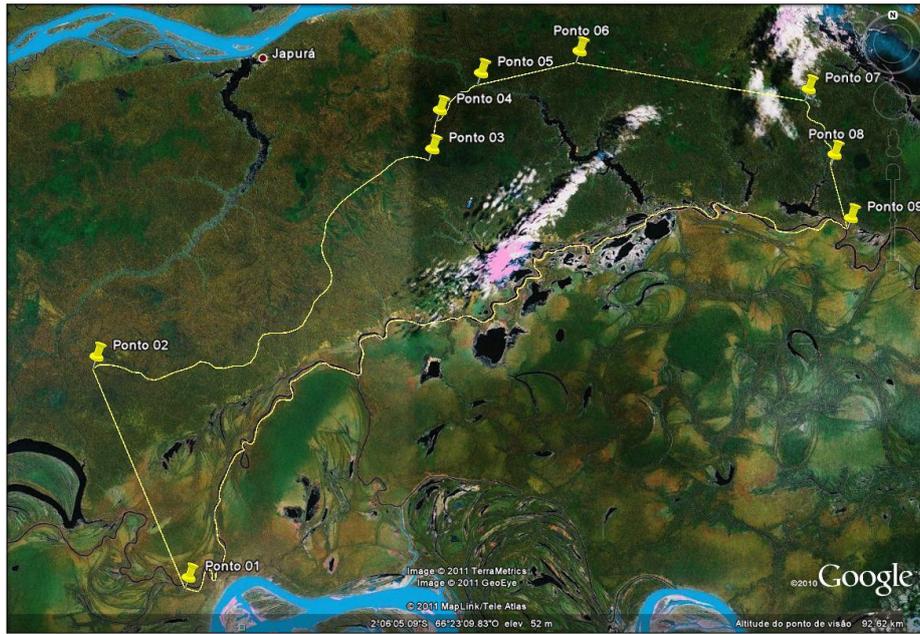


Figura 113. Área e limites da RESEX Auati-Paraná

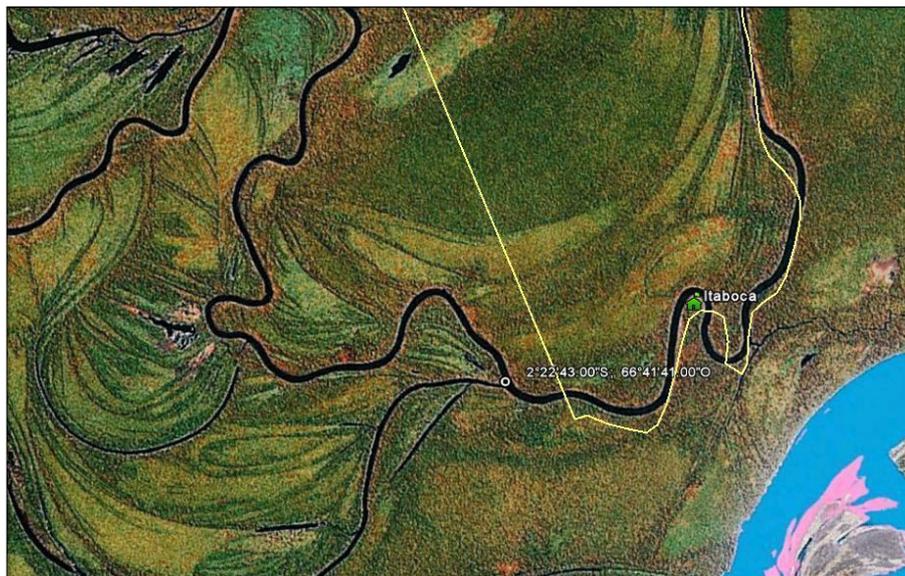


Figura 114. Localização da comunidade Itaboca e entrada do canal de acesso ao complexo de lagos Buiucu

4 GESTÃO DA UNIDADE

4.1 Estrutura de gestão da unidade

O órgão de administração da RESEX Auati-Paraná Federais é o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, competência dada pela Lei 11.516 de 28/08/2007. Tem a finalidade de:

I - executar ações da política nacional de unidades de conservação da natureza, referentes às atribuições federais relativas à proposição, implantação, gestão, proteção, fiscalização e monitoramento das unidades de conservação instituídas pela União;

II - executar as políticas relativas ao uso sustentável dos recursos naturais renováveis e ao apoio ao extrativismo e às populações tradicionais nas unidades de conservação de uso sustentável instituídas pela União;

III - fomentar e executar programas de pesquisa, proteção, preservação e conservação da biodiversidade e de educação ambiental;

IV - exercer o poder de polícia ambiental para a proteção das unidades de conservação instituídas pela União; e

V - promover e executar, em articulação com os demais órgãos e entidades envolvidos, programas recreacionais, de uso público e de ecoturismo nas unidades de conservação, onde estas atividades sejam permitidas.

A RESEX Auati Paraná, na estrutura organizacional do ICMBio e classificado como órgão descentralizado, categoria unidade avançada. A unidade de conservação compete gerir, manter a integridade e promover o desenvolvimento sustentável da RESEX.

A representação das populações tradicionais é a Associação Agroextrativista Auati Paraná que representa as 16 comunidades beneficiárias da RESEX, foi fundada em 1998 pelos moradores, e teve papel decisivo na criação da UC, concretizada em 2001 (decreto 07/08/2001). Hoje atua principalmente no apoio a organização das

comunidades, orientação para acessos a serviços e assistência as comunidades na produção.

De acordo com seu Estatuto, a AAPA tem como objetivos centrais “preservar a floresta, os lagos de várzea e os igarapés de terra firme e seu ecossistema, garantindo às populações locais a exploração auto-sustentável dos recursos naturais renováveis e desenvolver a agricultura, de forma a alcançar o equilíbrio ecológico e sadia qualidade de vida das comunidades Agro-Extrativista do rio Auati-Paraná (Art. 3º.)”, para tanto, compete à Associação (Art. 5º.):

- a) Apoiar a documentação à população que tradicionalmente habita a região;
- b) Receber títulos de concessão de direito real de uso e outorgar títulos de autorização de acordo com o Plano de Manejo;
- c) Fiscalizar o exato cumprimento do Plano de Manejo;
- d) Identificar e captar as fontes de recursos que possam contribuir para o custeio de suas ações institucionais;
- e) Incentivar o estudo e implantação de alternativas tecnológicas apropriadas, para o desenvolvimento socialmente justo e ecologicamente adequadas à área;
- f) Promover a execução de pesquisas básicas, estudos seminários, cursos, treinamentos e auxílio técnico, nas áreas de desenvolvimentos sociais, econômico, político, ambiental, de saúde e de educação, aplicáveis na região;
- g) Obter a cooperação técnica e financeira de órgãos ou entidades, através de convênios, acordos e contratos, visando o fortalecimento.
- h) Apoiar sem discriminação de qualquer espécie, a promoção cultural e social de seus associados;
- i) Representar seus associados judicialmente;
- j) Ampliação de suas ações institucionais.

4.2 Conselho Deliberativo da RESEX Auati-Paraná

Em consonância com o SNUC a RESEX Auati-Paraná deve ser gerida por um Conselho Deliberativo, presidido pelo ICMBio (órgão responsável pela administração), constituído por representantes do poder público e representantes das comunidades residentes na área.

O Conselho Deliberativo é o espaço legalmente constituído de valorização, discussão, negociação, deliberação e gestão da RESEX e sua área de influência referente a questões sociais, econômicas, culturais e ambientais (IN IBAMA N°02 – 02/09/2007). Foi criado pela Portaria ICMBio N° 94, de 20 de novembro de 2008 (ANEXO XII) e tem a seguinte composição:

1. ICMBio;
2. AAPA;
3. INCRA;
4. IDAM;
5. Prefeitura Municipal de Fonte Boa-AM/ IDSFB;
6. Prelazia de Tefé-AM/Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe - Fonte Boa/AM;
7. Associação de Pescadores do Município de Fonte Boa/AM;
8. IDSM;
9. Câmara Municipal de Fonte Boa;
10. Comunidade Itaboca;
11. Comunidade São José do Inambé;
12. Comunidade Boca do Inambé;
13. Comunidade São Luís;
14. Comunidade Barreirinha de Cima;
15. Comunidade Monte das Oliveiras;
16. Comunidade Barreirinha de Baixo;
17. Comunidade Cordeiro;
18. Comunidade Castelo;
19. Comunidade Luis de Baixo;
20. Comunidade Murinzal;
21. Comunidade Vencedor;
22. Comunidade Miriti;
23. Comunidade Curimatá de Cima/Boa Vista do Curimatá;
24. Comunidade Boca do Pema;
25. Comunidade Curimatá de Baixo.

Em 2011 foi aprovada em reunião ordinária a criação de mais duas cadeiras,

para comporem o conselho como membros o CEUC e a Colônia de Pescadores de Fonte Boa, estas instituições já foram oficialmente convidadas.

O Regimento Interno do Conselho Deliberativo da RESEX define como suas atribuições:

- Realizar junto com o ICMBio a gestão da RESEX;
- Promover o desenvolvimento sustentável dos moradores e usuários;
- Promover a conservação dos recursos naturais da Unidade e cooperar para a conservação desses recursos em seu entorno;
- Fomentar a valorização das manifestações culturais das populações tradicionais residentes;
- Agregar apoio político institucional para promover a gestão e planejamento da RESEX;
- Garantir o cumprimento do plano de manejo da RESEX Auati – Paraná;
- Garantir a transparência da gestão e das decisões que afetam à mesma;
- Orientar, acompanhar e deliberar sobre o desenvolvimento de programas, projetos e atividades ligadas á RESEX;
- Acompanhar e apoiar, quando for o caso, as ações desenvolvidas pelas organizações que compõem o Conselho que forem de interesse e benefício da RESEX, com objetivo de efetivar a auto-gestão da Reserva;
- Apoiar e incentivar, quando couber, a implementação de programas voltados para a geração de renda, previstos no plano de manejo, ou não contemplados pelo mesmo.

Além das instituições que fazem parte do Conselho Deliberativo, outras atuam na Unidade em diferentes áreas e ações, dentre elas destacam-se:

- Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA) - Apoia e desenvolve pesquisa de manejo de recursos madeireiros, não madeireiros e socioeconomia na RESEX;
- Universidade Federal do Amazonas (UFAM) - Apoia e desenvolve pesquisa de beneficiamento e manipulação de pescado na RESEX;
- Prefeitura de Marãã – atua na implementação da educação, ensino fundamental, na RESEX;

- Prefeitura de Japurá – atua na implementação da educação, ensino fundamental, na RESEX;
- Colônia de pesca de Fonte Boa – atua na organização de pescadores da RESEX;
- Colônia de pesca de Japurá – atua na organização de pescadores da RESEX;
- Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) – Atua na capacitação para organização comunitária, empreendedorismo e administração de Associações;
- Associação das Igrejas Evangélicas da Assembléia de Deus do Amazonas – agrega religiosos e realiza atividades de cunho social em 3 comunidades na RESEX (Barreirinha de Baixo, Monte das Oliveiras e Boca do Pema);
- Marinha do Brasil – oferece serviços de atendimento médico periódico, atua no controle do tráfego fluvial.

4.3 Regras de convivência

A primeira versão do Plano de Uso da RESEX é de meados de 2002/2003 (anexo X). Porém não se conhece seu processo de construção e não foi efetivado seu cumprimento. A construção do Plano de Uso (Anexo IX) foi iniciada em 2007, pelas comunidades juntamente com a equipe do ICMBio. Trata-se de um conjunto de regras que tem a finalidade de melhorar a convivência entre comunitários e comunidades para garantir um melhor usufruto dos recursos naturais da RESEX e a melhoria da qualidade de vida dos beneficiários da RESEX. A responsabilidade pela execução do Plano de Uso da RESEX Auati-Paraná é das comunidades, do órgão gestor (ICMBio), da AAPA e do Conselho Deliberativo da RESEX Auati-Paraná. A responsabilidade em cumprir as regras do Plano de Uso da RESEX-Auati Paraná cabe às comunidades e comunitários.

O Plano de Uso define regras para agricultura, criação de animais, fauna, caça, uso dos recursos florestais, convivência comunitária e acesso às comunidades, uso dos castanhais, pesca, vigilância, e sanções em caso do não cumprimento do mesmo.

Importante ressaltar que o Plano de Uso deverá andar junto com o planejamento e ações a serem executadas na Unidade. Não se trata de um documento à parte do planejamento, porém ainda necessita de mais discussões para integrá-lo, por exemplo às normas de zoneamento.

4.4 Zoneamento da Unidade

4.5 Zoneamento da Unidade

O zoneamento é definido pela Lei 9.985/2000 como “definição de setores ou zonas em uma Unidade de Conservação com objetivos de manejo e normas específicas, com o propósito de proporcionar os meios e as condições para que todos os objetivos da unidade possam ser alcançados de forma harmônica e eficaz”. A regulamentação de planos de manejo de RESEX e RDS federais especifica o zoneamento como o instrumento que “estabelece setores ou zonas com normas e regras específicas de uso, manejo e ocupação da Unidade, com base na diversidade de paisagens e ecossistemas, na situação fundiária, na tradição e na forma como a população local divide, categoriza e utiliza seu espaço” (I.N. ICMBio 01/2007).

O zoneamento da RESEX Auati-Paraná tem o objetivo de consolidar espacialmente os diferentes tipos de usos que as populações fazem da área, localizando as áreas de uso e delimitando zonas que confluem para objetivos comuns, com normas que venham a regulamentar os setores, respeitando as tradições locais e a conservação do ambiente. O ponto de partida para a construção do zoneamento foi a integração do conhecimento das comunidades sobre a área da RESEX e seu uso. Para tanto, foram realizados trabalhos de campo de mapeamento participativo (BRASIL, 2009b) quando, sobre imagens de satélite, os comunitários identificaram a localização das comunidades, florestas, lagos e outras feições geográficas de fácil identificação. Em seguida, sobre papel vegetal superposto à carta-imagem, foram desenhados os mapas indicativos dos usos da terra envoltos por debates que antecederiam o registro dos pontos nos mapas, e das linhas e polígonos que representavam a ocorrência de feições, eventos e fenômenos e das suas cores, toponímias e legendas correspondentes (Figuras 115 e 116). Num segundo momento, os mapas desenhados foram digitalizados e importados para *software* de geoprocessamento, onde foram georreferenciados, tendo como referencial a malha de coordenadas desenhada durante a oficina. Após isso, os mapas foram vetorizados, criando-se um arquivo para cada item desenhado, com sua correspondente tabela de atributos. A última etapa consistiu na modelagem dos dados em ambiente SIG e na elaboração de *layouts* para validação junto às comunidades. Aliado a essa etapa, procedeu-se pesquisa bibliográfica e documental de estudos já realizados na RESEX

que já haviam mapeado e/ou georreferenciado atividades de pesca (BRASIL, 2006b, 2007b), coleta de castanha (SIMÕES & OLIVEIRA, 2006) e inventários florestais (BRASIL,1998b; SANTOS *et al.* 2005; LIMA *et al.* 2007; CANALEZ 2007, 2009).

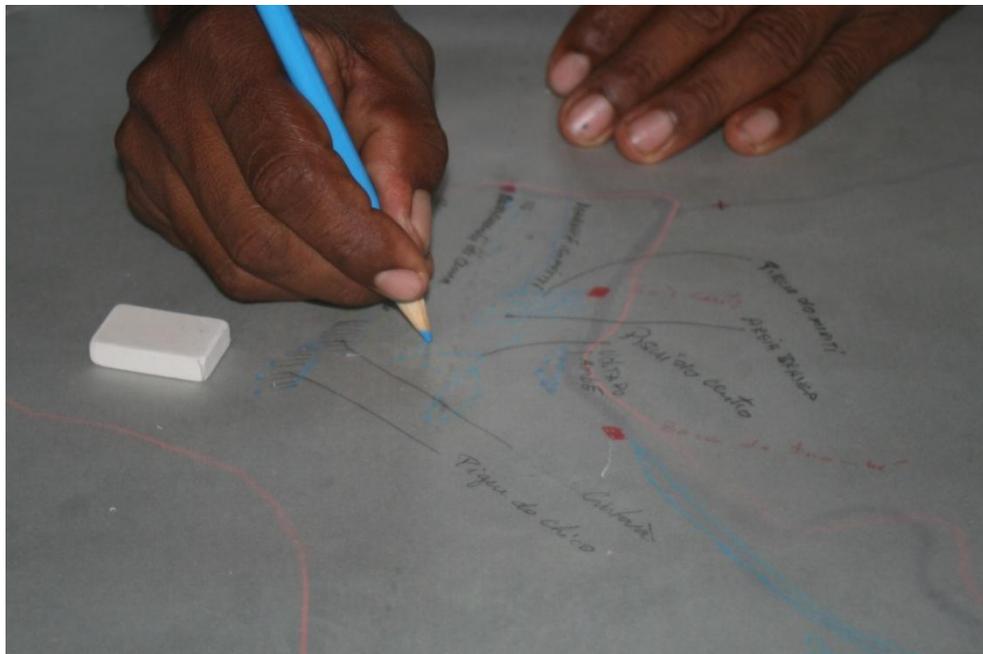


Figura 115. Oficina de mapeamento na comunidade de São Luis do Inambé, em 05/07/09.



Figura 116. Mapa produzido em oficina realizada na comunidade de Vencedor, em 09/07/2009.

Assim sendo, o zoneamento elaborado (Tabelas 32 e 33, Figura 117) visa facilitar a gestão participativa, o manejo e a proteção da RESEX Auati-Paraná, interagindo com a dinâmica socioambiental da região, em consonância com as seguintes diretrizes:

- Reconhecimento e respeito ao sistema de ocupação e uso tradicional do território pelas comunidades da RESEX;
- Construção de um zoneamento para que sirva efetivamente de subsídio a gestão, manejo e proteção da unidade;
- Proteção de áreas identificadas de relevância social e ecológica, determinadas por parâmetros claros;
- Integração entre áreas de transição e outras áreas protegidas.

A delimitação geográfica das zonas estabelecidas para a RESEX Auati-Paraná, dentro dos limites da metodologia adotada, priorizou a obtenção da informação qualitativa acerca da percepção do território pelas próprias comunidades, o que permitiu a sistematização e o mapeamento de parte do conhecimento que possuem sobre diferentes temas, como, por exemplo, infraestruturas comunitárias, distribuição e usos dos recursos naturais, cobertura da terra e conflitos socioambientais. Diante dos limites impostos pela pouca disponibilidade de informações técnico-científicas mais detalhadas, o zoneamento estabelecido é simplificado, tanto no número quanto nas definições e normas de uso pertinentes a cada zona de gestão. Optou-se pela segurança de grafar apenas categorias que, durante o processo de construção com as comunidades, ficaram bem determinadas.

A proposta ora apresentada pode – e deve – ser aperfeiçoada e especializada na medida em que se aumente o insumo técnico-científico da área em questão e, sobretudo, a partir de um maior engajamento das comunidades na gestão participativa da Unidade. Ao se considerar que os principais critérios que estabelecem as zonas são a forma de intervenção humana no meio (presença de comunidades, áreas de roça, pesca, manejo, extrativismo) associada a aspectos naturais (vegetação, áreas protegidas, espécies ameaçadas, etc.), e que esta interação resulta em uma dinâmica com diferentes graus de modificação do ambiente; poderá haver atividades extrativistas, pontualmente, dentro de uma zona de uso restrito, assim como áreas de preservação permanente e áreas de manejo em territórios situados em uma zona de uso mais intensivo dos recursos naturais.

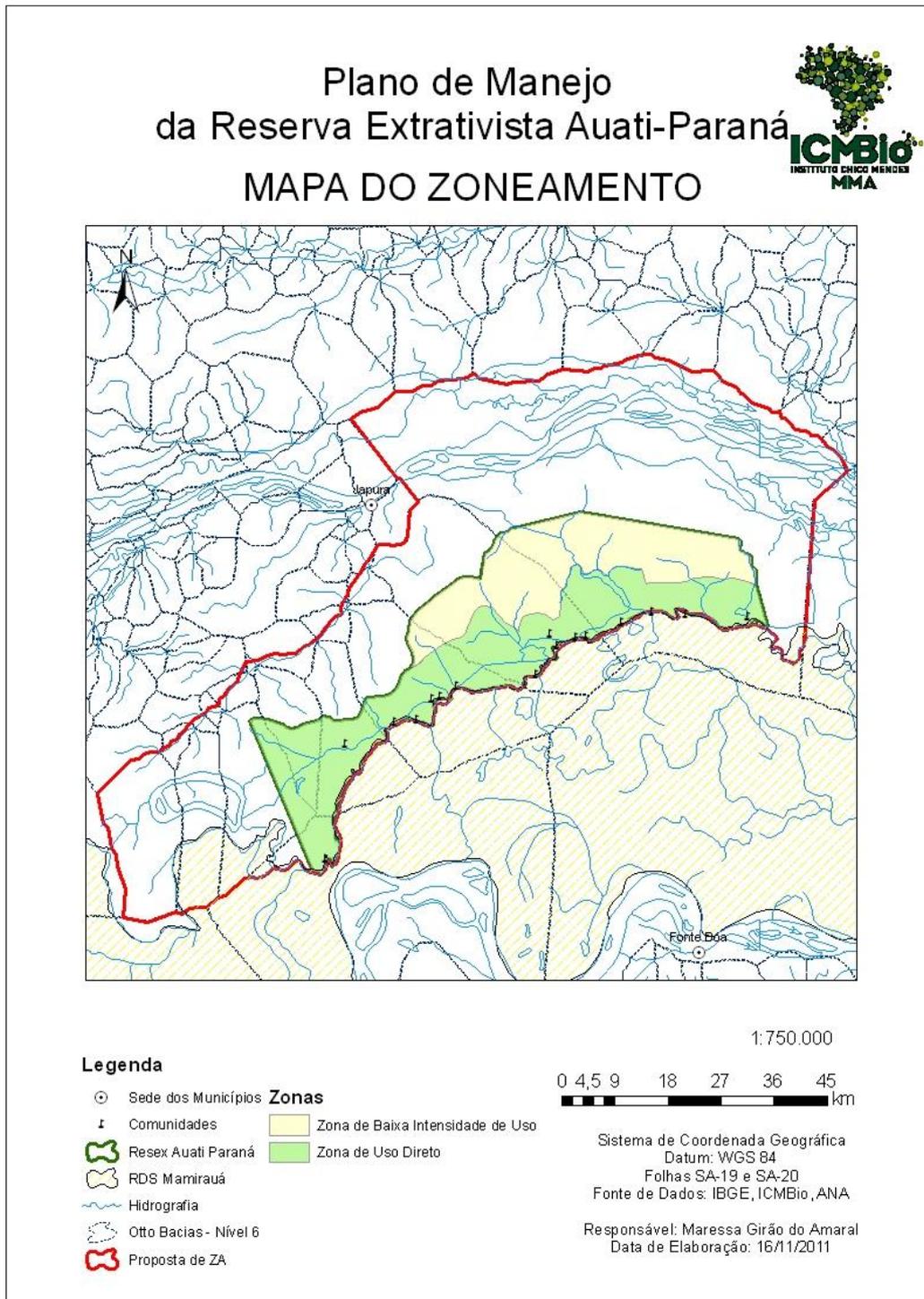


Figura 117. Mapa de Zoneamento da RESEX Auati-paraná

4.4.1 Zona de Uso Direto (ZUD)

Caracterização

A **Zona de Uso Direto (ZUD)** abrange as áreas situadas nas proximidades da margem esquerda do canal Auati-Paraná, nas quais estão localizadas as comunidades e suas áreas de uso, onde o extrativismo, a caça, a pesca e a abertura de roçados são mais intensivos, possuindo uma área aproximada de 88.512,13 hectares (Figura 117). Dentro desta Zona encontram-se inseridas 13 das 16 comunidades da RESEX, além das áreas de uso das três comunidades situadas na margem direita do Auati-Paraná, pertencentes à RDS Mimirauá. A ZUD foi estabelecida espacialmente considerando-se os levantamentos de uso de recursos naturais pelas comunidades, incluindo: as “estradas” de coleta de castanha e inventários florestais que definiram seu limite norte (Figura 118); a localização das áreas pesca, roça, extrativismo vegetal e animal, plantio e usos diversos em várzeas e terra firme (Figura 119) e áreas com potencial para manejo dos recursos pesqueiros (Figura 120). Apesar da ocupação, esta Zona pode ser considerada bem conservada. A ação antrópica é pontual e ainda não atingiu níveis preocupantes. Com efeito, é possível observar uma densa cobertura vegetal e uma boa diversidade de espécies animais e vegetais.

A ZUD está situada na Região Geomorfológica do Planalto Rebaixado Marginal (sub-regiões Aluvial e Terras Baixas ou Baixos Platôs). Tem relevo predominantemente plano a suave-ondulado. A matriz da paisagem representada por Floresta Ombrófila Densa Aluvial e de Terras Baixas. Na área de várzea propriamente dita, principalmente ao sul do igarapé Inambé (Curimatá), aparecem trechos de campos inundáveis, que podem ser caracterizados como Formações Pioneiras de Influência Aluvial e Fluvial. Com relação à hidrografia, a área em questão comporta uma grande variedade de corpos d’água, incluindo o baixo curso de vários igarapés e a maioria dos lagos pertencente à RESEX. Ambientes transicionais aparecem ao redor dos lagos e igarapés próximos ao canal Auati.

Parâmetros

- Zona identificada no mapeamento participativo com o maior grau de intervenção do meio (caça, pesca, extrativismo, roça);
- Inclui áreas de terra firme e igapós.

Normas

1. As normas de uso comunitário desta zona estão descritas no Plano de Uso (Anexo IX);
2. Essa zona é destinada ao uso comunitário do território;
3. Ações de manejo sustentável de recursos devem ser acordadas e permitidas pelas comunidades;
4. Atividades de pesquisa e vigilância devem contar com a participação das comunidades;
5. Atividades de monitoramento de uso de recursos naturais são prioritárias para esta Zona;
6. As ações de manejo e gestão para esta zona definidas no planejamento devem se alinhar ao programas e subprogramas que atuem prioritariamente com a sustentabilidade socioeconômica, valorização cultural e manejo sustentável dos recursos naturais.

4.4.2 Zona de Baixa Intensidade de Uso (ZBIU)

Caracterização

A **Zona de Baixa Intensidade de Uso (ZBIU)**, com aproximadamente 58.468,51 hectares, está localizada ao norte da ZUD, engloba terrenos mais elevados e está situada na região geomorfológica do Planalto Rebaixado da Amazônia Ocidental (sub-região dos Baixos Platôs), possuindo relevo ondulado a suave-ondulado, predominantemente terra firme. A matriz da paisagem está representada pela Floresta Ombrófila Densa de Terra Firme, contendo um percentual de Formações Pioneiras, caracterizado pelo RADAMBRASIL como uma Área de Tensão Ecológica (contato Floresta – Formações Pioneiras). A densidade de drenagem é alta, apresentando muitas nascentes e igarapés formadores dos principais lagos do interior da Reserva (Miriti, Luis, Pema e Inambé) e alto curso de diversos contribuintes diretos ou indiretos do Auatí-Paraná. Trata-se de área pouco ou nada conhecida, mas as informações dos comunitários apontam para uma grande diversidade de fauna e flora.

Esta Zona abrange toda a área da RESEX onde não foram identificadas atividades extrativistas de uso direto (Figura 69), englobando as áreas pouco utilizadas

pela população local, aparentemente com alto grau de conservação, onde a caça e o extrativismo acontecem esporadicamente, sendo inexistente a derrubada da mata para abertura de roçados. São áreas pouco alteradas e pesquisadas, desconhecidas por muitos moradores. A análise remota indica que se trata de área bem preservada, provavelmente de estrutura primária em sua maior parte. Por ser uma Zona menos utilizada diretamente pelas comunidades e menos pesquisada, nela devem ser priorizadas ações de pesquisa, bem como deve ser sistematizado o conhecimento tradicional acerca do seu potencial extrativista, medicinal e sobre a biodiversidade vegetal e animal. Os resultados das pesquisas realizadas poderão servir de subsídio para um zoneamento mais detalhado, identificando-se áreas prioritárias para ações de conservação da biodiversidade.

Parâmetros

- Zona identificada no mapeamento participativo como de menor intervenção humana (caça e extrativismo esporádicos), onde praticamente inexistem roçados;
- Corresponde a áreas de terra firme bastante inalteradas.

Normas

1. Ações e projetos de manejo de recursos naturais devem ser precedidos de estudo de viabilidade socioambiental;
2. O acesso a estas áreas deve ser autorizado pelas comunidades residentes e órgão gestor;
3. Ações de proteção (vigilância e fiscalização) são prioritárias;
4. Pesquisa deve ser incentivada com a finalidade de gerar conhecimento de ambiente pouco alterado;
5. Atividades de extrativismo e de caça devem ser monitoradas.

4.4.3 Zona de Amortecimento (ZA)

Caracterização

A **Zona de Amortecimento (ZA)** está localizada no entorno das unidades de conservação “onde as atividades humanas estão sujeitas a normas e restrições específicas com o propósito de minimizar os impactos negativos sobre a Unidade” (Lei 9.985/2000). A normatização define ainda que “a zona de amortecimento deve ser delimitada considerando as características socioambientais regionais, as atividades existentes e os impactos potenciais na Unidade. Devem ser estabelecidas normas para o seu uso e ocupação e restrições para atividades impactantes” (I.N. ICMBio N 01/2007).

A Zona de Amortecimento da RESEX Auati-Paraná inclui, a Norte e Leste dos limites da UC: uma fração do Rio Japurá, onde existe via de tráfego fluvial expressiva que inclui o canal Auati-Paraná para acesso ao Rio Solimões; abrangendo também nascentes, sub e micro-bacias importantes para a hidrologia local, com destaque para a margem direita do Rio Acanauã. A ZA contém, a Oeste da RESEX, o Lago Ati-Paraná e seus tributários e limita-se, ao Sul, pela RDS Mamirauá, totalizando cerca de 347.609,50 hectares.

Esta Zona está situada predominantemente na Região Geomorfológica do Planalto Rebaixado Marginal sub-região dos Baixos Platôs, sendo formada por terrenos de relevo ondulado a suave ondulado. As áreas mais baixas e planas, típicas de várzea, ocorrem nos extremos SE e SW. A matriz da paisagem é representada por Floresta Ombrófila Densa de Terras Baixas. As formações florestais aluviais e a vegetação herbácea pioneira ocorrem nos trechos várzea. Com relação à hidrografia, a área em questão engloba nascentes e alto curso de vários igarapés, como o Acanaué (tributário do Japurá), o Auatí-Pema (tributário do Auatí-Paraná), as nascentes do lago Paricá, as nascentes do lago Curimatá (Inambé). Portanto, a ZA abrange nitidamente um divisor de águas. Destacam-se, ainda, o lago Ati-Paraná e o complexo Buiçu (limite SW); o Rio Japurá (limite N), onde existe intenso fluxo de embarcações e de atividades de mineração; e uma fração do complexo do Paricá (limite NE). Por abranger um complexo de ecossistemas, com grande diversidade de ambientes, em sua maior parte ainda desconhecidos e, por englobar áreas de nascentes e alto curso de igarapés, poderá no futuro haver recategorização de áreas ou sua inclusão na UC através de processo de ampliação.

Tabela 31. Zonas de manejo, extensões absolutas e relativas da RESEX Auati Paraná.

Zonas de Manejo	Área (ha)	%
Zona de Uso Direto	88.512,13	60,24
Zona de Baixa Intensidade de Uso	58.438,69	39,76
subtotal	146.950,82	100
UC	146.950,82	29,72
Zona de Amortecimento	347.609,50	70,28
Área Total		100

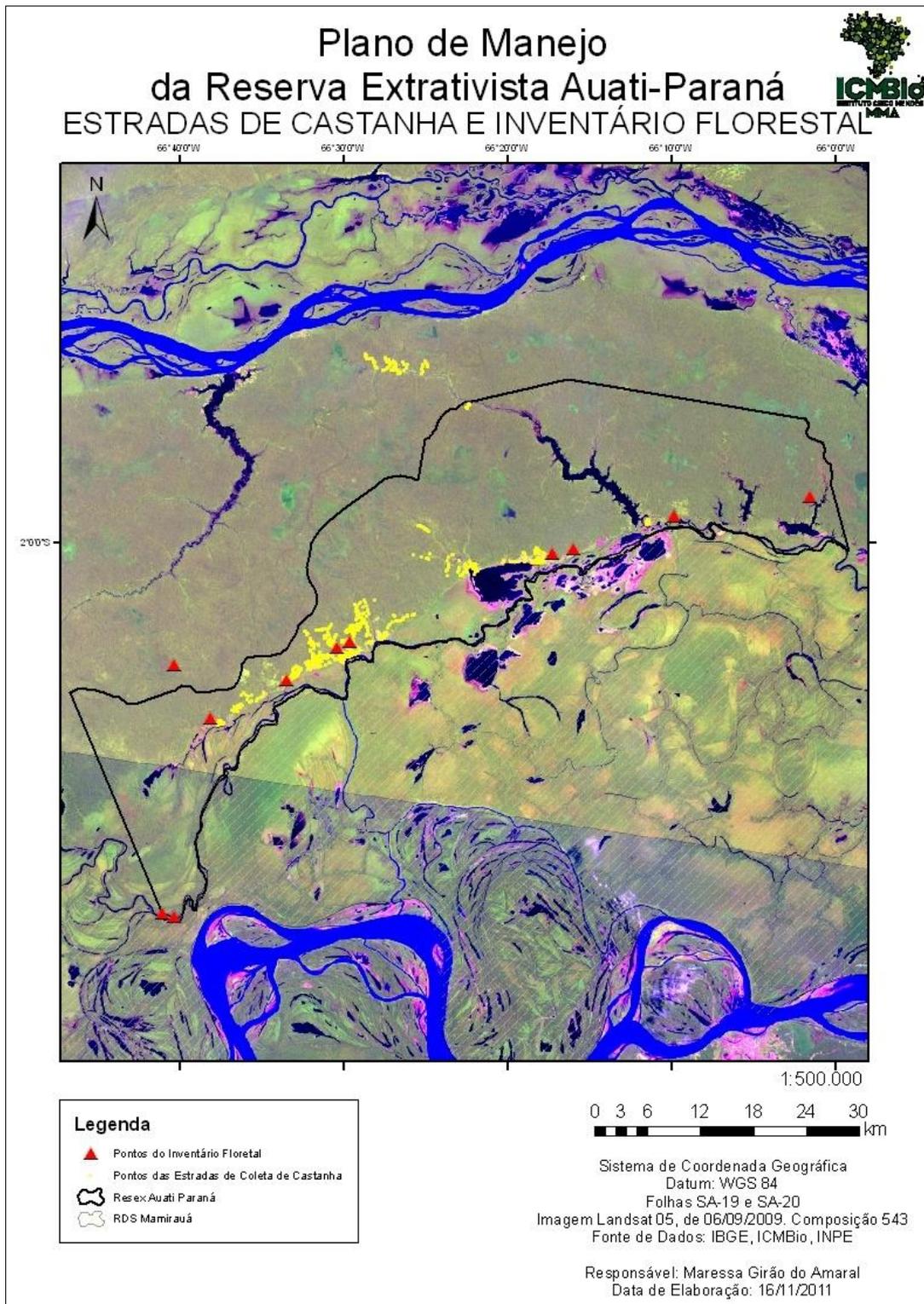


Figura 118. Mapa das estradas de castanha e pontos de inventário florestal na RESEX Auati-Paraná

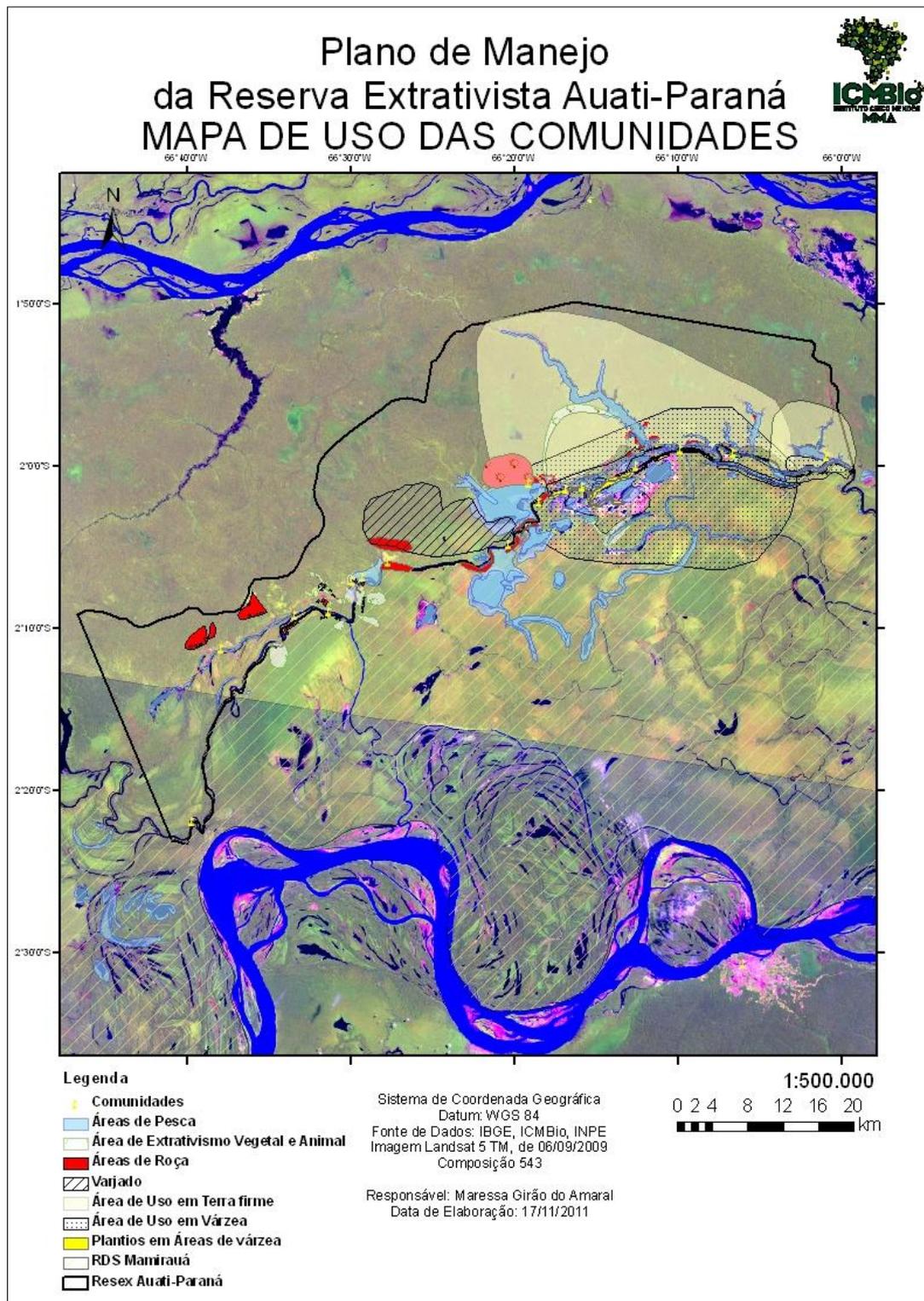


Figura 119. Mapa de uso das comunidades (pesca, roça, extrativismo vegetal e animal, plantio e usos diversos em várzeas e terra firme) na RESEX Auati-Paraná.

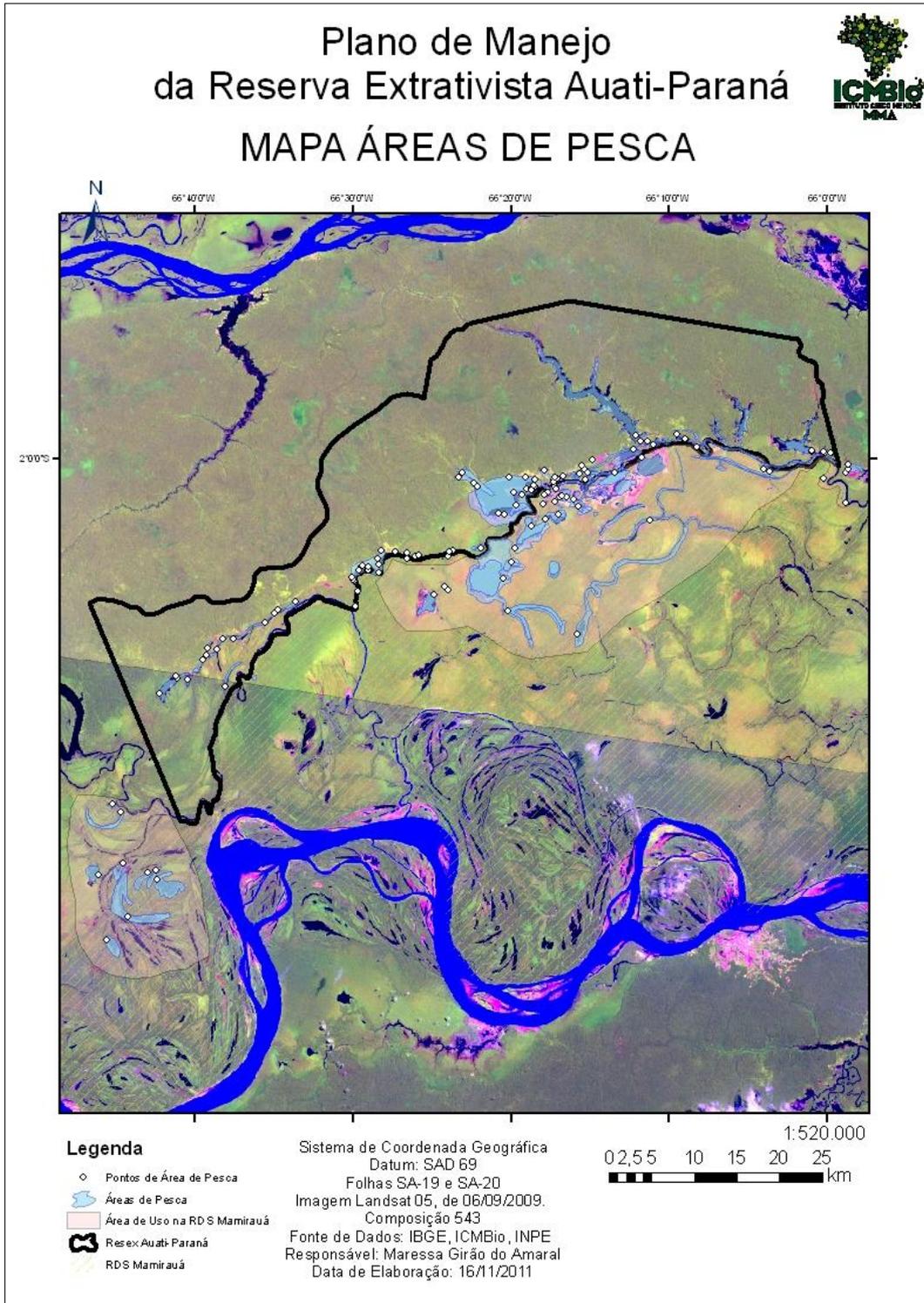


Figura 120. Mapa das áreas de pesca na RESEX Auati-Paraná

Tabela 32. Resumo do Zoneamento da RESEX Auati-Paraná e seus critérios orientadores.

Zona	Critério de zoneamento	Identificação	Importância ¹ (intensidade)	Principais conflitos	Usos permitidos
Zona de Uso Direto (ZUD)	Presença de comunidades	Mapa participativo	Alta	Conflitos internos pelo uso dos lagos. Conflito pelo uso de lagos e da terra com comunidade que reivindica criação de TI (extremos SW e W da reserva)	Moradia Agricultura e Fruticultura. Extração de madeira para subsistência. Exploração comercial de madeira sob manejo. Uso de madeira caída para subsistência e para uso na oficina de marchetaria para fins de artesanato. Pesca de subsistência e comercial, incluindo manejo. Caça de subsistência. Criação de pequenos animais. Extrativismo vegetal não madeireiro (látex, óleos, resinas, palhas, frutos, sementes).
	Áreas de roça	Mapa participativo	Alta		
	Áreas de pesca	Mapa participativo	Alta		
	Áreas de manejo de pirarucu	Mapa participativo	Alta		
	Áreas de Extrativismo	Mapa participativo	Alta		
	Áreas de caça	Mapa participativo	Alta		
	APP's	Geoprocessamento	Alta		
	Cobertura vegetação	Geoprocessamento	Alta		
	Uso conflitante	Mapa participativo	Média		
Áreas Especiais ²	Geoprocessamento e mapa participativo	Alta			
Zona de Uso Indireto (ZUI)	Presença de comunidades	Mapa participativo	Nenhuma		Permitida a caça de subsistência. Extrativismo vegetal não madeireiro (látex, óleos, resinas, palhas, frutos, sementes).
	Áreas de roça	Mapa participativo	Baixa		
	Áreas de pesca	Mapa participativo	Baixa		
	Áreas de manejo de	Mapa participativo	Nenhuma		

	pirarucu				
	Áreas de Extrativismo	Mapa participativo	Média		Permitida e incentivada a pesquisa científica e a educação ambiental. Estudos posteriores deverão indicar áreas específicas para preservação.
	Áreas de caça	Mapa participativo	Média		
	APP's	Geoprocessamento	Alta		
	Cobertura vegetação	Geoprocessamento	Alta		
	Uso conflitante	Mapa participativo	Nenhuma		
	Áreas Especiais	Geoprocessamento. e mapa participativo	Alta		
Zona de Amortecimento (ZA)	Presença de Comunidades	Geoprocessamento e mapa participativo	Baixa	Conflito pelo uso de lagos e da terra com comunidade que reivindica criação de TI (extremos SW e W da reserva). No extremo SW, o complexo buiuçu, na RDSM, sendo reivindicado pela com. Santa União.	
	Áreas de roça		Baixa		
	Áreas de pesca		Média		
	Áreas de manejo de pirarucu		Alta		
	Áreas de Extrativismo		Média		
	Áreas de caça		Média		
	APP's		Alta		
	Cobertura Vegetação		Alta		
	Uso Conflitante		Média		

¹ Análise de importância e intensidade do critério dentro da Zona; ² Conectividade com UCs, outras áreas protegidas, ou ambientalmente relevantes.

5 CENÁRIOS

Com os objetivos de antever e avaliar as probabilidades de acontecimentos futuros na RESEX, relacionados a diferentes eixos de gestão, foram construídos cenários teóricos, que representam o resumo de uma previsão coletiva, orientadora de novas ações. Os cenários foram construídos tendo como subsídio a Análise Situacional da UC, e são resultados da oficina de construção do Plano de Manejo ocorrida em novembro de 2010, na sede da AAPA, com aprovação posterior na primeira reunião ordinária do Conselho Deliberativo da RESEX Auati-Paraná. Estes cenários foram agrupados em três categorias (cenário ótimo, mais provável e ruim) definidas de acordo com critérios específicos e condições de disponibilidade de recursos, parceiros, políticas públicas, investimentos e biodiversidade (Tabela 34). Os elementos das possíveis realidades para cada eixo de gestão (Gestão da RESEX / Operacionalização, Qualidade de Vida e Cidadania, Recursos Naturais - Pesca, Produtos Não-madeireiros e Agricultura, Recursos Naturais - Produtos Florestais Madeireiros, Monitoramento e Proteção, Conservação, Pesquisa) são apresentados, de acordo com cada categoria de cenário, nas Tabelas 35 a 41.

Tabela 33. Critérios para definição de categorias de cenários (ótimo, mais provável e ruim) previstos na RESEX Auati-Paraná.

Cenário	Elemento	Condições
ÓTIMO	Recursos	Ampliação do aporte de recursos (mais fontes e mais volume), Recursos disponíveis para aplicar em todas as demandas e ações secundárias
	Parceiros	Grande número de parceiros atuando nas diversas áreas na RESEX
	Políticas Públicas	Políticas públicas específicas e bem definidas para as comunidades da RESEX, atendimento a saúde, educação, moradia, energia, comunicação, saneamento
	Investimentos Privados/projetos	Novos projetos sendo executados na RESEX Projetos em andamento com resultados fortes e positivos
	Biodiversidade	Manutenção da biodiversidade, grande controle para manutenção da biodiversidade
MAIS PROVÁVEL	Recursos	Recursos disponíveis somente para atender demandas específicas; pouca disponibilidade de recursos Fontes de recursos restritas ao ARPA, ICMBio, CCA
	Parceiros	Ampliação de parceiros
	Políticas Públicas	Atendimento restrito a áreas específicas em baixa escala (Habitação/INCRA, Energia/Programa Luz para Todos, ACS)
	Investimentos Privados/projetos	Manutenção/ampliação dos projetos em andamento (UFAM, INPA, Telecentros,)
	Biodiversidade	Manutenção da biodiversidade, baixo controle para manutenção da biodiversidade
RUIM	Recursos	Diminuição dos recursos de fonte interna (ICMBio) Exclusão de fontes de financiamento (ARPA)
	Parceiros	Diminuição de parceiros, Interferência negativa dos parceiros
	Políticas Públicas	Cancelamento das políticas em andamento (INCRA, seguro defeso, luz para todos) Diminuição na oferta de escolas e turmas escolares Redução do atendimento dos ACS
	Investimentos Privados/projetos	Finalização dos projetos em andamento, Não implantação de novos projetos
	Biodiversidade	Perda do controle na manutenção da biodiversidade

Tabela 34. Cenários previstos para o Eixo de Gestão 1: Gestão da RESEX / Operacionalização.

Eixo de Gestão	Cenário		
	Ótimo	Mais Provável	Ruim
<p>1</p> <p>Gestão da RESEX / Operacionalização</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Planejamento Integrado Anual da RESEX integrado a outras UC próximas e a parceiros; • Acesso a recursos de fontes variadas (CCA, ARPA, Fundos Governamentais e privados, etc) • Pelo menos seis analistas ambientais lotados na RESEX (sendo 3 fiscais) que residam na RESEX ou pelo menos no município; • Dois Servidores técnicos administrativos para RESEX; • Duas bases flutuantes nas entradas principais da RESEX para apoio a proteção e uma base em terra fixa em uma comunidade central da RESEX (base operacional da UC dotada de equipamentos e infraestrutura mínima gerencial); • Serviços básicos de vigilância, manutenção, limpeza, administrativos disponíveis; • Banco de Dados de informações da RESEX implantado e alimentado constantemente; • Fortalecimento da AAPA (potencial de gerenciamento, conselho Administrativo e grupos de trabalho atuantes, dois funcionários, assembleias realizadas conforme estatuto, sede ampliada com infraestrutura adequada as atividades (reuniões, escritório, alojamento, cozinha, banheiros, refeitório, sistema de rádio comunicação, telefone, internet, equipamentos informática) • Parceria e apoio das prefeituras; • Realização de duas reuniões anuais do Conselho Deliberativo da RESEX; • Plano de manejo sendo executado em sua totalidade; 	<ul style="list-style-type: none"> • Planejamento Anual da RESEX integrado a outras UC próximas; • Implementação de ações previstas no plano de manejo; • Manutenção das fontes de recursos (ARPA, Fundos Governamentais, ICMBio, MMA) • Manutenção do quadro atual de servidores na RESEX; • Um servidor administrativo; • Uma base flutuante para apoio a proteção e outras atividades de gestão; 	<ul style="list-style-type: none"> • Gestão da RESEX sem planejamento; • Plano de manejo não implementado; • Diminuição das fontes de recursos; • Diminuição do quadro de servidores na RESEX;

Tabela 35. Cenários previstos para o Eixo de Gestão 2: Qualidade de Vida e Cidadania.

Eixo de Gestão	Cenário		
	Ótimo	Mais Provável	Ruim
<p>2</p> <p>Qualidade de Vida e Cidadania:</p> <p>Saúde</p> <p>Educação</p> <p>Saneamento</p> <p>Habitação</p> <p>Comunicação</p> <p>Energia</p> <p>Documentação</p> <p>Cultura Tradicional</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Ampliação dos serviços de saúde, educação, saneamento básico, comunicação e transporte; • Medicina tradicional valorizada e aplicada; • Trabalho das parteras valorizado e apoiado; • Postos de saúde equipados na RESEX (pelo menos 5) com funcionários capacitados para atendimento de primeiros socorros e ambulatorial, e oferta de atendimento médico periódico; • Redução da malária, verminoses; • Ampliação do número de agentes comunitários de saúde com melhores condições de trabalho (pelo menos 1/comunidade); • Acesso mais rápido a cidade em casos de emergência médica, disponibilidade de transporte adequado e instrumentalizado; • Política de educação do Campo implementada na RESEX com cursos técnicos; • Plano de Ação para a educação na RESEX implantado e atualizado constantemente; • Todas as comunidades com escolas com o padrão mínimo- salas de aula, refeitório, cozinha, banheiros, biblioteca, casa do professor – capaz de atender as necessidades da 	<ul style="list-style-type: none"> • Melhorias nos serviços de saúde, educação, água, saneamento, reforma das casas pelo INCRA., • Pequena redução da malária, verminoses; • Manutenção do número de agentes comunitários de saúde; • Falta de ampliação de oferta de salas de aula em função do aumento de alunos; • Permanência de curso de alfabetização de jovens e adultos (PRONERA) • Moradores da RESEX em cursos técnicos e universitários; • Sistema de rádio comunicação instalado e em funcionamento na RESEX; • Comunicação facilitada entre as comunidades; • Telefones públicos instalados nas comunidades; • Implantação de fossas sépticas e banheiros nas casas financiadas pelo INCRA; • Disponibilidade de acesso a crédito do INCRA para habitação a todos os comunitários que tenham interesse; 	<ul style="list-style-type: none"> • Aumento dos casos de malária, verminoses; • Diminuição do número de agentes comunitários de saúde; • Redução de salas de aula; • Finalização de curso de alfabetização de jovens e adultos (PRONERA); • RESEX sem sistema de rádio comunicação; • Comunidades sem telefones públicos; • Falta de saneamento básico (fossas sépticas e banheiros); • Cancelamento do crédito do INCRA; • Grande parte dos moradores da RESEX sem documentos básicos (certidão de nascimento, RG e CPF); • Diminuição da realização das festas típicas e religiosas da RESEX; • Perda do conhecimento tradicional e forte valorização

	<p>prática pedagógica (reforma das escolas existentes e construção de escolas nas comunidades que ainda não possuem) ou condução adequada para os alunos à escola mais próxima; Melhoria e implantação de bibliotecas;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Nenhuma criança em idade escolar sem estudo; • Melhor aproveitamento escolar dos estudantes • Oferta permanente de curso de alfabetização de jovens e adultos • Moradores da RESEX em cursos técnicos e universitários • Sistema de rádio comunicação instalado e em funcionamento na RESEX, com comunitários capacitados para manutenção preventiva dos equipamentos; • Comunicação facilitada entre as comunidades e o ICMBio, comunidades e cidades, e entre as comunidades, • Telefones públicos instalados nas comunidades em funcionamento; • Implantação de fossas sépticas, banheiros, fornecimento de água tratada e potável nas comunidades; • Correta destinação ou aproveitamento dos resíduos; • Disponibilidade de acesso a crédito do INCRA para habitação a todos os comunitários que tenham interesse; 	<ul style="list-style-type: none"> • Aumento do numero de moradores da RESEX com documentos básicos (CPF, RG e certidão de nascimento); • Fornecimento de Energia em todas as comunidades; • Realização das festas típicas e religiosas da RESEX com pouco apoio externo; • Pouca valorização dos conhecimentos tradicionais das comunidades; • Técnicas de extração e manejo de produtos alterados pela absorção de técnicas externas; 	<p>do conhecimento externo, perda da identidade cultural;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ausência da equipe da FUNASA; • Deposição inadequada de dejetos no solo e no rio;
--	---	--	--

	<ul style="list-style-type: none"> • Todos moradores da RESEX com documentos básicos (CPF, RG e certidão de nascimento); • Disponibilidade de embarcações grandes e adequadas para transporte de produtos oriundos das comunidades; • Espaço comunitário adequado para realização de atividades de formação ou culturais; • Fornecimento de Energia em todas as comunidades; • Estudos e valorização das manifestações culturais das comunidades; • Apoio das comunidades e do poder público para a realização das festas típicas e religiosas da RESEX; • Resgate valorização dos conhecimentos tradicionais das comunidades; • Esportes e realização de campeonatos intercomunitários de várias modalidades esportivas; 		
--	---	--	--

Tabela 36. Cenários previstos para o Eixo de Gestão 3: Recursos Naturais - Pesca, Produtos Não-madeiros e Agricultura.

Eixo de Gestão	Cenário		
	Ótimo	Mais Provável	Ruim
<p>3</p> <p>Recursos Naturais: Pesca Produtos Não-madeiros Agricultura</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Plano de Manejo dos recursos pesqueiros da RESEX implantado; • Fortalecimento do manejo de Pirarucu (levantamento de áreas de manejo, contadores e monitores comunitários certificados, estudos do potencial comercial do peixe salgado, instalação de infraestrutura para armazenamento e transporte de produção); • Melhoria do valor do pescado manejado / comercialização justa da produção pesqueira das comunidades; • Estudos e Identificação do potencial de peixes ornamentais para manejo e comercialização; • Estudos específicos sobre o potencial de uso da espécie aruanã; • RESEX como referência de produção tecnológica produtos pesqueiros beneficiados e certificados (peixe salgado, peixe seco, farinha de peixe, outros) • Plano de Manejo de Castanha implantado; • Contratos com empresas e/ou pessoas físicas para venda de produtos pesqueiros; • Acesso ao PGPM para a castanha; • Estrutura para secagem, estocagem e beneficiamento de castanha na RESEX; 	<ul style="list-style-type: none"> • Manejo de Pirarucu: continuidade do manejo de forma organizada (contadores e monitores comunitários certificados,); • Baixo valor do pescado manejado / sistema de comercialização dependendo dos padrões e donos de barcos; • Continuidade da pesquisa em produção tecnológica produtos pesqueiros beneficiados e certificados (peixe salgado, peixe seco, farinha de peixe, outros) com resultados pontuais; • Plano de Manejo de Castanha sendo elaborado; • Plano de Manejo de oleaginosas sendo elaborado; • Casas de farinha com poucas condições para produção; • Apoio para o escoamento e comercialização da produção agrícola através de aquisição de embarcação (doação) pela AAPA; • Finalização de estudos para 	<ul style="list-style-type: none"> • Manejo de Pirarucu desorganizado e enfraquecido; • Pesquisa em produção tecnológica produtos pesqueiros sem resultados aplicados; • Grande exploração e venda desordenada de recursos não madeiros e pesqueiros; • Queda do preço de produtos não madeiros, pescado e farinha; • Atraso nos projetos para exploração de produtos não madeiros, impedimento legal do uso dos recursos; • Casas de farinha sem condições para produção; • Escoamento e comercialização da produção agrícola comprometido pela falta de apoio; • Impedimento legal do uso dos recursos; • Comércio ilegal de produtos;

	<ul style="list-style-type: none"> • Plano de Manejo de oleaginosas implantado; • Comunitários capacitados para aproveitamento e comercialização de óleos; • Aproveitamento de frutas através do processamento e venda; • Melhores técnicas de plantio e processamento de produtos de roça e extrativismo para aumento da renda por quantidade de trabalho (maior valorização do trabalho) • Casas de farinha com boas condições para produção; • Apoio para o escoamento e comercialização da produção agrícola; • Comércio de produtos florestais não madeiros com pessoas e empresas e/ou governo; Inserção no PAA; • Açaí produzido na RESEX com comércio garantido; • Manejo de palmeiras com potencial de mercado; • Manejo de fibras e cipós para fins de artesanato; • RESEX com acesso a recursos de serviços ambientais (créditos de carbono); 	<p>implementar cadeias produtivas de PFNM;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Criação de Condições para beneficiamento dentro das próprias comunidades (mini-serrarias) 	<ul style="list-style-type: none"> • Não acompanhamento técnico da agricultura familiar;
--	---	--	---

Tabela 37. Cenários previstos para o Eixo de Gestão 4: Recursos Naturais - Produtos Florestais Madeireiros.

Eixo de Gestão	Cenário		
	Ótimo	Mais Provável	Ruim
4 Recursos Naturais: Produtos Florestais Madeireiros	<ul style="list-style-type: none"> • Plano de Manejo Florestal (com inclusão de madeira caída) com estudo de cadeia produtiva e avaliação de potencial para certificação implantado na RESEX; • Beneficiamento de madeira para produção de produtos secundários de madeira na RESEX; • Instalação de uma base de inventário florestal contínuo; 	<ul style="list-style-type: none"> • Continuidade do projeto de capacitação de comunitários para aproveitamento de madeira caída para uso na comunidade; • Estudos e elaboração de Plano de Manejo Florestal (com inclusão de madeira caída) com estudo de cadeia produtiva e avaliação de potencial para certificação implantado na RESEX; 	<ul style="list-style-type: none"> • Cancelamento do projeto de capacitação de comunitários para aproveitamento de madeira caída para uso na comunidade; • Redução de espécies de madeira de valor econômico; • Exploração desordenada e ilegal de madeira; • Degradação das áreas conservadas;

Tabela 38. Cenários previstos para o Eixo de Gestão 5: Monitoramento e Proteção.

Eixo de Gestão	Cenário		
	Ótimo	Mais Provável	Ruim
5 Monitoramento e Proteção	<ul style="list-style-type: none"> • Redução da exploração do recurso pesqueiro com fins comerciais que desrespeita o zoneamento de lagos e período de defeso; • Redução de pescadores e barcos pesqueiros de fora da RESEX sem autorização; • Embarcações mapeadas e monitoradas para realizarem atividades de pesca na RESEX; • Informações sobre dinâmica florestal, pesqueira e faunística (volume, biomassa, mortalidade e recrutamento); • Maior participação de comunitários nas atividades de vigilância, com compromisso e responsabilidade, das comunidades e das instituições de fiscalização; • Não ocorrência de desmatamento na RESEX fora das regras de convivência; • Sistema de monitoramento do uso da madeira na RESEX executado (local e comercial) tanto para permitir o uso legal, como coibir o uso ilegal; • Todos os pescadores com carteira de pesca; • Não ocorrência de pesca de alevinos de sulamba no entorno imediato e área da RESEX; 	<ul style="list-style-type: none"> • Pequena diminuição da exploração do recurso pesqueiro com fins comerciais desrespeitando o zoneamento de lagos e período de defeso; • Pequena redução de pescadores e barcos pesqueiros de fora da RESEX sem autorização; • Ampliação e melhoria da vigilância dos lagos / Aumento da participação comunitária em ações de controle e vigilância, associada a capacitação e informação • Maior controle e inibição de atividades ilícitas de retirada de madeira da RESEX • Monitoramento e maior conhecimento dos quelônios e pirarucu • Contribuição de alunos de universidade no monitoramento, • Aumento de pescadores com carteira de pesca • Diminuição da ocorrência de pesca de alevinos de sulamba no entorno imediato e área da RESEX; 	<ul style="list-style-type: none"> • Aumento da exploração do recurso pesqueiro com fins comerciais desrespeitando o zoneamento de lagos e período de defeso; • Aumento do número de pescadores e barcos pesqueiros de fora da RESEX; • Pouca vigilância dos lagos (redução dos lagos vigiados) • Ausência de participação comunitária em ações de controle e vigilância; não realização de capacitação e informação; • Falta de controle de atividades ilícitas de retirada de madeira da RESEX; • Ocorrência de pesca de alevinos de sulamba na UC e entorno imediato; • Ausência de Plano de Proteção;

	<ul style="list-style-type: none"> • Plano de Proteção elaborado e aplicado rotineiramente. 	<ul style="list-style-type: none"> • Plano de Proteção elaborado com baixa aplicabilidade (ações isoladas e pontuais) 	
--	--	--	--

Tabela 39. Cenários previstos para o Eixo de Gestão 6: Conservação.

Eixo de Gestão	Cenário		
	Ótimo	Mais Provável	Ruim
6 Conservação	<ul style="list-style-type: none"> • Propostas de manejo implementadas; • Diversidade de flora e fauna mantidas; • Cabeceiras dos igarapés conservados; • Solução dos principais conflitos internos das comunidades relacionados ao uso dos recursos; 	<ul style="list-style-type: none"> • Biodiversidade e cabeceiras dos igarapés conservados; • Redução dos principais conflitos internos das comunidades relacionados ao uso dos recursos; 	<ul style="list-style-type: none"> • Biodiversidade ameaçada, redução de espécies e ecossistemas; • Conflitos internos das comunidades relacionados ao uso dos recursos agravados; • Presença do comércio ilegal e biopirataria;

Tabela 40. Cenários previstos para o Eixo de Gestão 7: Pesquisa.

Eixo de Gestão	Cenário		
	Ótimo	Mais Provável	Ruim
7 Pesquisa	<ul style="list-style-type: none"> • Ampliação de convênios e parcerias de pesquisa; • Pesquisa aplicada com resultados diretos para as comunidades e a conservação da biodiversidade; 	<ul style="list-style-type: none"> • Manutenção das parcerias existentes e aquisição de algumas novas parcerias; • Pesquisa aplicada com alguns resultados diretos para as comunidades e a conservação da biodiversidade; • Parcerias com órgãos de pesquisa para o estudo dos peixes, quelônios e demais espécies de interesse; 	<ul style="list-style-type: none"> • Diminuição de parceiros; • Interrupção das pesquisas iniciadas; • Falta de interação entre conhecimento tradicional e conhecimento científico, com impacto negativo sobre o conhecimento tradicional;

6 PROGRAMAS DE SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL E SOCIOECONÔMICA DA UNIDADE

Os Programas e Subprogramas nos quais estão organizadas e priorizadas as ações a serem implementadas na Unidade, têm como objetivo promover o manejo sustentável dos recursos naturais, valorizar a cultura e melhorar a qualidade de vida das comunidades locais.

A partir da análise situacional da RESEX e identificação das forças impulsionadoras e das forças restritivas, delineou-se a proposta seguinte de planejamento. Nesse contexto, muitas ações ofensivas, que foram indicadas na relação ponto forte/oportunidade, e defensivas, que foram identificadas na relação pontos fracos/fraquezas, convergiram para atividades comuns, que se entendeu fazer parte de um mesmo processo. As demandas das comunidades levantadas nas oficinas participativas de construção do plano de manejo, que pontualmente não apareceram nessa perspectiva, também foram incorporadas.

Foram definidos 4 programas, cuja estrutura contempla as seguintes informações:

- 1) Descrição do objetivo geral do programa;
- 2) Descrição dos objetivos específicos;
- 3) Descrição do objetivo de cada sub-programa;
- 4) Descrição das atividades, ações e indicadores, prioridades e cronograma por subprograma.

Definiu-se também a seguinte escala de prioridades, considerando o critério temporal:

Escala das prioridades - tempo (P)

Prioridades I – 1 a 3 anos

Prioridade II – até 4 anos

Prioridade III e IV – até 5 anos

6.1 Programa Qualidade de Vida e Cidadania

Objetivo Geral

Definir as diretrizes de planejamento para articular, apoiar e promover parcerias com as instituições competentes, a fim de facilitar o acesso dos moradores aos serviços de saúde, educação, saneamento, habitação, transporte, comunicação, cultura, esporte e lazer.

Objetivos específicos

- Articular com instituições (governamentais e não governamentais) ações, projetos e programas que tenham a finalidade de oferecer acesso/melhoria de serviços relacionados à qualidade de vida dos beneficiários da RESEX;
- Avaliar e apoiar projetos que tenham o objetivo a implantação e/ou melhoria de serviços para a qualidade de vida das comunidades da RESEX;
- Promover dentro das competências de gestão da RESEX atividades/ações que tenham a finalidade de educar, capacitar, treinar, informar as comunidades da RESEX em temas correlatos ao bem estar e qualidade de vida e acesso a serviços;
- Estabelecer parcerias com instituições que colaborem com a melhoria da qualidade de vida na RESEX;
- Identificar demandas da RESEX para acesso a serviços.

Sub-programas

Subprograma de apoio à Saúde

Subprograma de apoio à Educação

Subprograma de apoio à Esporte, Lazer e Cultura.

Subprograma de Saneamento

Subprograma de acesso a Documentação

Subprograma de Comunicação

6.1.1 Subprograma de apoio à saúde

Objetivo: Definir as diretrizes de planejamento para articular, apoiar e promover parcerias com as instituições competentes, a fim de facilitar o acesso dos moradores aos serviços de saúde.

Meta

- ✓ Criação de fórum de saúde para discutir, propor e acompanhar a implementação de soluções para a melhoria e acesso a serviços básicos de saúde das comunidades da RESEX.

Indicadores

- ✓ N° de cursos/encontros/atividades articulados pelo fórum realizados.
- ✓ Relatórios e registros das atividades do fórum.

Parceiros: ICMBio, secretarias municipal e estadual de saúde, AAPA, FUNASA, Marinha e Universidades.

Resultados esperados

- ✓ Todas as comunidades com agente comunitário de saúde ou um educador na área de saúde e que estes estejam preparados para orientar a comunidade;
- ✓ Comunidades da UC contempladas nas suas demandas por serviços de saúde e previamente informadas das visitas de serviços médicos (ex: equipe de saúde, Marinha do Brasil);
- ✓ RESEX com postos de saúde funcionando;
- ✓ Transporte para deslocamento de enfermo adequado e instrumentalizado para as comunidades da RESEX;
- ✓ Comunidades da RESEX atendidas com medicamentos e hipoclorito de sódio para tratamento da água;
- ✓ Campanhas de prevenção de doenças e pragas realizadas na RESEX;
- ✓ Alunos enfermeiros das comunidades estudando ou formados;
- ✓ Trabalho das parteiras e medicina tradicional valorizados na RESEX.

Ações

- a) Articular junto à secretária municipal de saúde para que as comunidades sejam contempladas com curso de formação de agentes comunitários de saúde e de educadores para a saúde;

- b) Apoiar a avaliação nas comunidades da atuação dos educadores para saúde e da atuação do programa agentes comunitários de saúde na RESEX;
- c) Levantamento de práticas de medicina tradicional, incluindo o trabalho de parteiras, nas comunidades da RESEX e apoio a realização de oficina de troca de saberes sobre a prática de medicina tradicional e trabalho de parteiras;
- d) Levantar demandas de atendimento à saúde na RESEX;
- e) Articular com órgãos responsáveis o atendimento periódico a serviços especializados de saúde (secretarias municipais, Marinha);
- f) Articular parcerias, e/ou programas e projetos que possam atender a necessidade fornecimento de medicamentos e hipoclorito de sódio para tratamento da água, transporte para enfermos e consultas especializadas;
- g) Articular parcerias, e/ou programas e projetos que possam atender a necessidade de funcionamento de postos de saúde na RESEX;
- h) Articular parcerias, e/ou programas e projetos junto aos órgãos responsáveis para a realização periódica de campanhas preventivas de doenças e pragas- Realizar reunião com as secretarias de saúde para articular campanhas;
- i) Identificar parceiros/projetos/programas que possam apoiar a ação e viabilizar a educação de comunitários para formar-se em técnico em enfermagem ou enfermeiro.

Prioridade I: a, b, c, d, e, f, h, e i;

Prioridade II: h.

6.1.2 Subprograma de apoio à Educação

Objetivo: Definir as diretrizes de planejamento para articular, apoiar e promover parcerias com as instituições competentes, a fim de facilitar o acesso dos moradores aos serviços de educação.

Metas

- ✓ Atender as demandas de alfabetização de jovens e adultos na RESEX;
- ✓ Atualização e implementação do plano de educação;
- ✓ Aplicação da Política de Educação no Campo;

- ✓ Cumprimento do número de dias letivos anuais obrigatórios nas escolas;
- ✓ Escolas comunitárias com padrão mínimo (ex. refeitório, biblioteca, banheiros, salas arejadas, energia e água, sala do professor) para o bom desenvolvimento da prática pedagógica;
- ✓ Elaboração e implementação de Programa de Educação Ambiental.

Indicadores

- ✓ Redução do índice de jovens e adultos analfabetos;
- ✓ Percentual do plano de educação executado;
- ✓ Número de ações vinculadas à política de educação no campo realizada;
- ✓ Dias letivos anuais cumpridos nas escolas;
- ✓ Número de escolas com padrão construídas;
- ✓ Percentual do programa de educação executado;
- ✓ Relatórios e registros das atividades realizadas.

Parceiros: Secretarias municipais e estadual de educação, professores, AAPA, ICMBio, MEC, comunidades e Universidades.

Resultados esperados

- ✓ Inexistência de analfabetismo na RESEX;
- ✓ Plano de ação para a educação atualizado e implementado;
- ✓ Política de Educação do Campo implementada na RESEX;
- ✓ Dias letivos mínimos anuais cumpridos;
- ✓ Todas as comunidades com escolas com padrão mínimo atendido, e,
- ✓ Programa de Educação Ambiental elaborado e implementado.

Ações

- a) Realizar levantamento da demanda por alfabetização de jovens e adultos e articular junto às esferas governamentais responsáveis por educação parcerias para atender a necessidade;
- b) Revisar o plano de educação elaborado em 2007 e implementar com parceiros o planejamento;

- c) Reunir com as secretárias de educação para discutir a aplicação de política de educação no campo e realizar capacitação com professores que atuam na RESEX;
- d) Realizar reunião com secretarias, professores e comunidades para firmar compromisso de reposição de aulas perdidas para cumprimento do número de dias letivos anuais;
- e) Apresentar a demanda e articular junto aos órgãos responsáveis a necessidade de construção de escolas com padrão mínimo para a prática pedagógica, e,
- f) Realizar reuniões e oficinas para elaboração de programa de educação ambiental, e, captar recursos para implementação do programa.

Prioridade I: b, d;

Prioridade II: e, c, f ;

Prioridade III: a.

6.1.3 Subprograma de apoio à Esporte, Lazer e Cultura

Objetivo: Definir as diretrizes de planejamento para articular, apoiar e promover parcerias com as instituições competentes, a fim de facilitar o acesso dos moradores aos serviços de esporte, lazer e cultura.

Metas

- ✓ Realização periódica de práticas esportivas e lazer na RESEX atendendo diferentes faixas etárias: torneios, campeonatos e atividades recreativas;
- ✓ Ampliar o conhecimento sobre as manifestações culturais (festas tradicionais, práticas e costumes) e disponibilizar os estudos em material de fácil linguagem às comunidades;
- ✓ Comunidades com acesso às políticas públicas (programa e projetos) de incentivo e fortalecimento das manifestações culturais locais de diferentes grupos sociais - crianças, jovens, adultos e terceira idade (ex.artesanato, música, poesia, literatura oral/contador de história);
- ✓ Realizar atividades de divulgação e intercâmbio de manifestações culturais das comunidades da RESEX e destas com outras regiões do país.

Indicadores

- ✓ Percentual da programação para atividades de esporte, lazer e cultura realizada;
- ✓ Número de estudos sobre manifestações culturais realizados e devolvidos as comunidades;
- ✓ Relação percentual de projetos elaborados efetivamente executados;
- ✓ Número de atividades de intercâmbio cultural realizadas;
- ✓ Relatórios e registros das atividades realizadas.

Parceiros: AAPA, comunidades, ICMBio, secretarias municipal e estadual de cultura, instituições de pesquisa,

Resultado esperado

- ✓ Organização e fortalecimento de práticas esportivas regulares nas comunidades e entre estas;
- ✓ Estudos sobre manifestações culturais realizados e apresentados às comunidades;
- ✓ Projetos de pesquisa, incentivo e fortalecimento das manifestações culturais locais implementados;
- ✓ Inclusão da RESEX em programas/projetos de intercâmbio e divulgação de manifestações culturais.

Ações

- a) Apresentar projeto de programação de atividades a secretárias municipais responsáveis pelo apoio a ações de esporte, lazer e cultura, com objetivo de apoio na realização das ações;
- b) Elaborar demandas de estudos prioritários sobre demanda local e apresentar a instituições de pesquisa e, elaborar cartilha de divulgação para as comunidades e parceiros sobre manifestações culturais locais;
- c) Buscar parceiros para elaborar e executar programas/projetos de fortalecimento de manifestações culturais;
- d) Buscar parcerias para inserir as comunidades da RESEX em programas/projetos de divulgação e intercâmbio cultural.

Prioridade I: c;

Prioridade II: a, e, d;

Prioridade III: b.

6.1.4 Subprograma de Saneamento

Objetivo: Definir as diretrizes de planejamento para articular, apoiar e promover parcerias com as instituições competentes, a fim de facilitar o acesso dos moradores aos serviços de saneamento.

Metas

- ✓ Implantar infraestruturas de saneamento (fossas sépticas, banheiros e distribuição e tratamento de água) nas comunidades;
- ✓ Elaboração e implementação de projetos para destinação de resíduos (oficinas de tratamento de resíduos e permacultura);
- ✓ Implementar modos alternativos de tratamento de esgoto (ex. biodigestores).

Indicadores

- ✓ Percentual de famílias atendidas por infraestrutura de saneamento (tratamento e distribuição de água e esgoto sanitário);
- ✓ Número de comunidades atendidas com atividades educativas para destinação de resíduos realizadas;
- ✓ Percentual de comunidades atendidas com modelo alternativo de tratamento de esgoto.

Parceiros: INCRA, ICMBio, AAPA, comunidades FUNASA, Instituições de Pesquisa e Prefeituras Municipais.

Resultados esperados

- ✓ Comunidades da RESEX atendidas com infraestruturas de esgoto, tratamento e distribuição de água e destinação e disposição de resíduos;
- ✓ Comunidades com acesso à educação sanitária.

Ações

- a) Buscar instituições que possam elaborar projetos/programas e implantar infraestruturas de saneamento;
- b) Buscar parceiros para elaborar e executar ações educativas de disposição e destinação de resíduos;
- c) Identificar parceiros, elaborar e implantar projetos de tratamento alternativo de esgoto.

Prioridade II: a e b;

Prioridade III: c.

6.1.5 Subprograma de Acesso à Documentação

Objetivo: Apoiar ações, programas e projetos que visem oferecer acesso a documentação para os moradores da RESEX.

Meta

- ✓ Ampliar o número de moradores que possuem documentação básica (certidão de nascimento, registro geral, cadastro pessoa física e título de eleitor).

Indicador

- ✓ Percentual de moradores com documentação obrigatória.

Parceiros: AAPA, Cartório da Comarca de Fonte Boa, Poder Judiciário.

Resultados esperados

- ✓ Oferecer acesso as comunidades a serviços de emissão de documentos (certidão e nascimentos, registro geral, cadastro pessoa física e título de eleitor);
- ✓ Documentação obrigatória emitida aos moradores.

Ações

- a) Reuniões com instituições responsáveis pela emissão dos documentos e outros parceiros, e, mutirões para emissão dos documentos nas comunidades da RESEX.

Prioridade II

6.1.6 Subprograma de Comunicação

Objetivo: Apoiar ações, programas e projetos que visem oferecer serviço de comunicação eficiente par as comunidades da RESEX.

Metas

- ✓ Veicular regularmente em programa de rádio campanhas educativas e sobre a RESEX;
- ✓ Capacitar comunitários para operar e fazer manutenção preventiva dos equipamentos do sistema de rádio comunicação;
- ✓ Capacitar comunitários e professores para uso de computadores e internet;
- ✓ Cria logotipo da RESEX e elaborar material de divulgação;
- ✓ Comunidades da RESEX atendidas com sistema de telefonia eficiente;
- ✓ Ampliar a instalação do sistema de rádio comunicação para todas as comunidades e para sede da AAPA em Fonte Boa.

Indicadores

- ✓ Número e regularidade de campanhas educativas realizadas em rádios locais;
- ✓ Relatório de pesquisa entre os moradores/ número de ouvintes;
- ✓ Número de cursos/Números de comunitários habilitados a operar e realizar manutenção de sistemas de radiocomunicação;
- ✓ Número de professores e comunitários habilitados a usar computadores e internet;
- ✓ Logotipo da RESEX criado e quantidade de material divulgado;
- ✓ Número de comunidades com sistema de telefonia funcionando;
- ✓ Porcentual de comunidades atendidas com sistema de radiocomunicação.

Parceiros: AAPA, Comunidades, ONG's, Universidades, ICMBio, Secretárias de Educação.

Resultados esperados

- ✓ Divulgação da RESEX através de programa de rádio local, veiculação e distribuição de materiais informativos, e, criação e divulgação de logotipo.
- ✓ Comunitários habilitados a operar e manter sistema de radiocomunicação;
- ✓ Comunitários e professores habilitados a utilizar computadores e internet;
- ✓ Comunicação eficiente entre as comunidades e as sedes dos municípios, através de sistema de telefonia e radiocomunicação.

Ações

- a) Identificação de parceiros para criação de programa de rádio, elaboração de programas, veiculação nas rádios locais e divulgação nas comunidades;
- b) Realizar oficinas de manutenção e operação de sistema de radiocomunicação;
- c) Realizar cursos de capacitação em informática e uso de internet;
- d) Elaborar material de divulgação e logotipo da RESEX;
- e) Buscar projetos/programas e parceiros para implantar telefones nas comunidades da RESEX;
- f) Buscar projetos/programas e parceiros para implantar sistema de radiocomunicação nas comunidades da RESEX.

Prioridade I: d, e, f;

Prioridade II: a,b, c.

6.2 Programas de Sustentabilidade Ambiental

Objetivo Geral:

Definir as diretrizes de planejamento para articular, apoiar e promover o manejo dos recursos naturais associados à conservação, o desenvolvimento das cadeias produtivas e a infraestrutura de suporte à produção que se conciliem com a melhoria da renda das comunidades.

Objetivos específicos:

- Articular ações, projetos e programas que tenham como finalidade a promoção do manejo de recursos naturais em harmonia com as demandas da RESEX;
- Avaliar, apoiar e promover ações que tenham como objetivo o desenvolvimento das cadeias produtivas dos produtos da RESEX;
- Promover atividades/ações que tenham a finalidade de educar, capacitar, treinar, informar as comunidades da RESEX em temas correlatos ao manejo de recursos naturais e melhoria da produção;
- Estabelecer parcerias com instituições que colaborem com pesquisas aliadas ao uso de recursos naturais;
- Melhoria da renda das comunidades associada ao manejo dos recursos naturais.

Sub-programas:

Subprograma de manejo de castanha

Subprograma de apoio ao manejo de oleaginosas

Subprograma de apoio ao manejo de recursos florestais (madeiras, palmeiras, fibras e cipós)

Subprograma de apoio ao manejo de pesca

Subprograma de apoio a agricultura

6.2.1 Subprograma de Manejo de Castanha

Objetivo: Definir as diretrizes de planejamento para apoiar e promover o manejo da castanha associado ao desenvolvimento da cadeia produtiva e da certificação da castanha.

Metas

- ✓ Atualizar e executar plano de manejo de castanha com estudo de cadeia produtiva e avaliação de potencial para certificação da castanha;

- ✓ RESEX acessando PGPM /CONAB para a castanha;
- ✓ Realizar cursos de boas práticas de manejo de castanha;
- ✓ Realizar cursos de beneficiamento de castanha;
- ✓ Realizar monitoramento da produção;
- ✓ Instalação de três galpões para secagem e estocagem de castanha na RESEX.

Indicadores

- ✓ Percentual de atividades do plano de manejo castanha executadas;
- ✓ Número de castanheiros da RESEX com acesso a PGPM/CONAB;
- ✓ Número de castanheiros capacitados em atividades de boas práticas;
- ✓ Número de castanheiros capacitados em beneficiamento de castanha;
- ✓ Número de galpões de secagem e estocagem construídos.

Parceiros: Instituições de pesquisa, AAPA, IDAM, ICMBio e Comunidades.

Resultados esperados

- ✓ Castanha produzida na RESEX com certificação de qualidade e monitoramento de produção;
- ✓ Valorização comercial da castanha produzida na RESEX;
- ✓ Existência e infraestruturas que permitam o manejo e contribuam para garantir a qualidade da produção;
- ✓ Beneficiamento da produção de castanha em andamento na RESEX.

Ações

- a) Realizar reuniões e oficinas com os castanheiros com o objetivo de atualizar e executar o plano de manejo de castanha;
- b) Articular com setores e órgãos responsáveis para apresentação de projeto para acesso a PGPM/CONAB;
- c) Realizar curso de boas práticas de manejo de castanha;
- d) Buscar projetos para a construção de três galpões para armazenamento e estocagem de castanha;
- e) Realizar reuniões e oficinas com objetivo de implantar sistema de monitoramento da produção de castanha;

- f) Buscar parcerias para realizar curso de beneficiamento de castanha.

Prioridade I: b, c;

Prioridade II: a, d, e, f.

6.2.2 Subprograma de Apoio ao Manejo de Oleaginosas

Objetivo: Definir as diretrizes de planejamento para apoiar e promover o manejo de espécies oleaginosas associado ao desenvolvimento da cadeia produtiva e certificação de produtos.

Metas

- ✓ Avaliação do potencial produtivo de espécies oleaginosas na RESEX com vistas à elaboração de plano de manejo de oleaginosas;
- ✓ Elaborar estudo de cadeia produtiva e potencial de certificação de óleos;
- ✓ Realizar curso de manejo de oleaginosas.

Indicadores

- ✓ Estudo de potencial para o manejo de oleaginosas elaborado;
- ✓ Estudo da cadeia produtiva e do potencial de certificação de óleos realizados;
- ✓ Número de cursos e comunitários atuantes no manejo de oleaginosas.

Parceiros: INPA, UFAM, IDAM, ICMBio, CEPAM.

Resultados esperados

- ✓ Plano de manejo de oleaginosas implantado, e,
- ✓ Comunitários capacitados para aproveitamento e comercialização de óleos.

Ações

- a) Levantamento de produtores comunitário interessados, Inventário florestal de espécies potenciais, levantamento de calendário produtivo para oleaginosas, análise de espécies potenciais;
- b) Realização de curso de manejo de oleaginosas.

Prioridade I: a;

Prioridade II: b.

6.2.3 Subprograma de Apoio ao Manejo de Recursos Florestais

Objetivo: Definir diretrizes para o manejo de recursos florestais, associado ao estudo de cadeia produtiva e certificação de produtos.

Metas

- ✓ Associar aos estudos para manejo florestal madeireiro (incluindo madeira caída) estudo de cadeia produtiva e avaliação de potencial para certificação de produtos da RESEX;
- ✓ Ampliar os cursos de marchetaria;
- ✓ Realização de cursos de beneficiamento de madeira e de produtos acabados de madeira;
- ✓ Elaborar projeto para infraestrutura de beneficiamento e de escoamento de produtos de madeira para a RESEX;
- ✓ Incentivar a comercialização do açaí;
- ✓ Promover o manejo de palmeiras com potencial de mercado (ex.buriti, murumuru, urucuri);
- ✓ Promover o manejo de fibras e cipós para fins de artesanato;
- ✓ Monitorar o uso da madeira na RESEX (uso local e comercial);
- ✓ Levantamento de potencial para acesso a recursos via serviços ambientais (crédito de carbono).

Parceiros: INPA, IDAM, ICMBio, AAPA.

Indicadores

- ✓ Estudo de cadeia produtiva e de potencial de manejo florestal madeireiro elaborado;
- ✓ Número de comunitários desenvolvendo atividade de marchetaria/número de comunitários capacitados;

- ✓ Projeto de infraestrutura para manejo florestal madeireiro elaborado;
- ✓ Número de ações de apoio a comercialização de açaí realizadas;
- ✓ Números de ações de apoio ao manejo de fibras e cipós com a finalidade de produção de artesanato;
- ✓ Levantamento do potencial para acesso a serviços ambientais realizado.

Resultados esperados

- ✓ Plano de manejo florestal madeireiro (com inclusão de madeira caída) com estudo de cadeia produtiva e avaliação de potencial para certificação implantado na RESEX;
- ✓ Beneficiamento de madeira para produção de produtos secundários de madeira na RESEX;
- ✓ Açaí produzido na RESEX com comércio garantido;
- ✓ Manejo de palmeiras com potencial de mercado;
- ✓ Manejo de fibras e cipós para fins de artesanato;
- ✓ RESEX com acesso a recursos de serviços ambientais (créditos de carbono);
- ✓ Instalação de uma base de inventário florestal contínuo (monitoramento de uso de recursos florestais).

Ações

- a) Integrar parceria com o INPA; realizar oficinas de organização comunitária para o manejo; identificar áreas prioritárias; mapear cadeia produtiva e implantar o manejo madeiro;
- b) Articular com o INPA para realização de cursos de marchetaria;
- c) Identificar parcerias para realizar cursos de produção de produtos acabados de madeira (móveis, artesanatos, utensílios, etc.);
- d) Buscar parcerias e fontes e recursos para elaboração de projeto visando a instalação de infraestrutura na RESEX para beneficiamento e escoamento de produção de manejo florestal;
- e) Articular com IDAM ações que visem a melhoria da qualidade da produção e a comercialização de açaí;

- f) Buscar parcerias para o levantamento de potencial de uso e mapeamento de cadeia produtiva de fibras e cipós para produção de artesanato;
- g) Implantar sistema de monitoramento de uso de recursos naturais na RESEX;
- h) Identificar parceiros para realizar estudos e levantar oportunidades para acesso a pagamento por serviços ambientais.

Prioridade I: a, g;

Prioridade II: b, c, d, e, f;

Prioridade III: h.

6.2.4 Subprograma de Apoio ao Manejo de Recursos Pesqueiros

Objetivo: Definir as diretrizes de planejamento para apoiar e promover o manejo de recursos pesqueiros associado ao ordenamento e monitoramento do recurso.

Metas

- ✓ Elaborar e implementar plano integrado de manejo de recursos pesqueiros na RESEX;
- ✓ Apoiar o manejo do pirarucu;
- ✓ Incentivar estudo de potencial de manejo de peixes ornamentais;
- ✓ Monitorar embarcações que realizam atividade de pesca na RESEX;
- ✓ Incentivar estudo de espécie aruanã (alevino e adultos) para fins de manejo;
- ✓ Incentivar a comercialização de subprodutos do pirarucu (couro, escama, língua, óleo);
- ✓ Apoiar a comercialização de peixes (tambaqui, peixe liso, peixe miúdo, aruanã).

Parceiros: ICMBio, IBAMA, SEAP, IDSM, UFAM, Colônia de pesca, AAPA e Comunidades, CONAB, SEBRAE.

Indicadores

- ✓ Plano de manejo de recursos pesqueiros elaborado;

- ✓ Estudo de potencial de uso de espécies ornamentais elaborado;
- ✓ Relatórios de monitoramento de entrada de barcos pesqueiros;
- ✓ Incremento de renda familiar oriunda da atividade da pesca.

Resultados esperados

- ✓ Plano de Manejo dos recursos pesqueiros da RESEX implantado;
- ✓ Fortalecimento do manejo de Pirarucu (levantamento de áreas de manejo, contadores e monitores comunitários certificados, estudos do potencial comercial do peixe salgado, instalação de infraestrutura para armazenamento e transporte de produção);
- ✓ Melhoria do valor do pescado manejado / comercialização justa da produção pesqueira das comunidades;
- ✓ Estudos e Identificação do potencial de peixes ornamentais para manejo e comercialização realizados;
- ✓ Estudos específicos sobre o potencial de uso da espécie aruanã realizados;
- ✓ RESEX como referência na produção tecnológica de produtos pesqueiros beneficiados e certificados (peixe salgado, peixe seco, farinha de peixe, outros)

Ações

- a) Identificar parceiros para elaboração do plano de manejo de recursos pesqueiros, com sistema de monitoramento;
- b) Complementar o levantamento das áreas utilizadas para atividade de pesca pelas comunidades da RESEX;
- c) Promover o monitoramento do manejo do pirarucu;
- d) Promover cursos de certificação de contadores de pirarucu;
- e) Promover cursos para monitores de pesca comunitários;
- f) Promover oficinas de organização comunitária para o manejo;
- g) Promover oficinas comunitárias de avaliação do manejo anual;
- h) Buscar parcerias com instituições científicas para associar pesquisas à atividade do manejo do pirarucu;
- i) Ampliar na RESEX o projeto de beneficiamento de peixes para salga, produção de farinha e outros subprodutos;

- j) Realizar estudo para avaliação e levantamento de potencial de comercialização de peixe salgado;
- k) Buscar parcerias para a implantação de infra-estruturais de armazenamento e transporte da produção pesqueira;
- l) Buscar parcerias para realizar estudos de potencial de pesca de peixes ornamentais na RESEX;
- m) Estabelecer sistema de monitoramento para entrada/saída de embarcações pesqueiras na RESEX;
- n) Buscar parcerias para realizar estudos do potencial de manejo de aruanã (adultos e alevinos);
- o) Incentivar a busca de mercado para a comercialização de subprodutos do manejo do pirarucu;
- p) Buscar parcerias que auxiliem as comunidades e AAPA no trato comercial da produção pesqueira, incluindo cursos de gerenciamento e empreendedorismo voltados para a atividade de pesca.

Prioridade I: b,c, d, e,f,g,h,i,j, m, n, o, p;

Prioridade II: a, l.

6.2.5 Subprograma de Apoio à Agricultura

Objetivo: Definir as diretrizes de planejamento para apoiar e promover a melhoria de sistemas produtivo da atividade agrícola.

Metas

- ✓ Instalar casas de farinha com padrão de qualidade e higiene nas comunidades da RESEX;
- ✓ Realizar cursos de melhoria do sistema produtivo agrícola na RESEX;
- ✓ Apoiar ações para melhoria no escoamento e beneficiamento de produtos da agricultura;
- ✓ Apoiar pesquisa sobre a prática de agricultura na RESEX;
- ✓ Implantar sistema de monitoramento do uso da terra e de produção;
- ✓ Buscar acesso ao PAA do Governo Federal para os produtos da agricultura;

- ✓ Apoiar as comunidades para obtenção de Declaração de Aptidão (DAP) ao PRONAF.

Indicadores

- ✓ Número de casas de farinha modelo funcionando;
- ✓ Número de cursos visando a melhoria do sistema produtivo realizados;
- ✓ Número de melhorias no escoamento da produção alcançadas;
- ✓ Número de pesquisas associadas às práticas de agricultura realizadas;
- ✓ Número de produtos e relação de áreas monitoradas;
- ✓ Total de produção inclusa no PAA;
- ✓ % de comunitários que se candidataram com DAP.

Parceiros: IDAM, ICMBio, AAPA, Comunidades e Instituições de pesquisa.

Resultados esperados

- ✓ Farinha de qualidade para consumo;
- ✓ Melhoria no sistema de produção agrícola com acompanhamento técnico e acompanhado por pesquisas;
- ✓ Produção agrícola absorvida pelo mercado e sem problemas de escoamento;
- ✓ Pesquisas associadas a atividade de agricultura sendo realizadas;
- ✓ Monitoramento do uso da terra e da produção local;
- ✓ Comunidades acessando o PAA e aptas a acessar o PRONAF.

Ações

- a) Buscar parcerias e fontes de recursos para a construção de cãs de farinha modelo e capacitação das comunidades;
- b) Realizar cursos que tenham como objetivo a melhoria da qualidade da produção;
- c) Mapear a cadeia produtiva de produtos da agricultura com objetivo de identificar os gargalos e melhorar as fraquezas já identificadas, como escoamento e comercialização;
- d) Buscar instituições de pesquisa que tenham interface com pesquisa voltada para produção agrícola tradicional;

- e) Implementar sistema participativo de monitoramento de uso da terra e produção agrícola na RESEX;
- f) Articular com o ICMBio sede e a Conab para incluir as comunidades interessadas no PAA do Governo Federal;
- g) Apoiar a articulação das comunidades e da associação para obtenção de créditos PRONAF.

Prioridade I: c, f e g;

Prioridade II: a, b e d;

Prioridade III: e.

6.3 Programa de Monitoramento e Proteção

Objetivo Geral:

Definir diretrizes de planejamento para promover ações de controle, fiscalização e monitoramento da RESEX e sua Zona de amortecimento.

Objetivos específicos:

- Garantir a proteção dos recursos naturais da RESEX;
- Coibir a prática de atividades ilícitas;
- Integrar as comunidades na proteção e vigilância da RESEX;
- Promover o monitoramento de atividades de manejo na RESEX.

Subprogramas

Subprograma de Monitoramento

Subprograma de Proteção

6.3.1 Subprograma de Monitoramento

Objetivo: Subsidiar a gestão com informações provenientes do monitoramento de uso dos recursos naturais.

Metas

- ✓ Criar e implementar sistema de monitoramento de uso dos recursos naturais na RESEX;
- ✓ Capacitar as comunidades para realizarem o monitoramento de uso de recursos.

Parceiros

ICMbio, AAPA, Comunidades e Instituições de pesquisa.

Resultados esperados

- ✓ Ações de manejo de espécies e conservação subsidiadas por dados e análises do monitoramento.

Indicadores

- ✓ Sistema de monitoramento implementado;
- ✓ Percentual de comunidades atuantes no monitoramento.

Ações

- a) Criar sistema de monitoramento de uso dos recursos naturais na RESEX;
- b) Realizar capacitações com as comunidades para o monitoramento.

Prioridade II: a e b.

6.3.2 Subprograma de Proteção

Objetivo: Promover ações que visem à proteção dos ecossistemas e recursos naturais inseridos na RESEX e coibir a prática de ilícitos ambientais

Metas

- ✓ Atualizar e implementar o plano de proteção da RESEX;
- ✓ Instalar base de proteção e vigilância na RESEX.

Parceiros: ICMbio, AAPA e Comunidades.

Resultados esperados

- ✓ Diretrizes de planejamento para ações de controle e fiscalização na RESEX estabelecidas;
- ✓ Bases de controle instaladas.

Indicadores

- ✓ Número de ações executadas conforme o plano de proteção;
- ✓ Uma base de controle e proteção instalada na RESEX.

Ações

- a) Atualizar o plano de proteção;
- b) Buscar fontes de recursos, elaborar projeto e implantar base de controle e proteção na RESEX.

Prioridade I: a e b.

6.4 Programa de Administração e Gestão

Objetivo Geral:

Definir as diretrizes de planejamento para administração, operacionalização e fortalecimento da gestão da RESEX.

Objetivos Específicos:

- Administrar a RESEX com suporte logístico, administrativo e operacional adequado;
- Promover a integração da gestão da RESEX com AAPA, Conselho e Comunidades;
- Fortalecer a gestão da RESEX (Conselho, ICMBio e AAPA);
- Fortalecer a organização comunitária.

Subprogramas

Subprograma de Administração/Operacionalização

Subprograma Fundiário

Subprograma de Organização comunitária

Subprograma de Fortalecimento da Gestão

6.4.1 Subprograma de Administração/Operacionalização

Objetivo: Garantir meios para execução das atividades administrativas de gestão e execução do plano de manejo.

Metas

- ✓ Equipamentos da unidade com manutenção preventiva;
- ✓ Executar as metas da RESEX no programa ARPA;
- ✓ Acessar recursos do Projeto CCA;
- ✓ Ampliar o número de servidores da unidade;
- ✓ Fazer plano orçamentário anual integrado para execução do planejamento da Unidade;
- ✓ Ter estagiários atuantes na RESEX;
- ✓ Base de apoio operacional instalada na RESEX;
- ✓ Formalizar parcerias e termos de reciprocidade com instituições parceiras;
- ✓ Criar um banco de dados de informações para a gestão da RESEX.

Parceiros: ICMbio.

Indicadores

- ✓ Razão número de equipamentos existentes por número de equipamentos com manutenção preventiva;
- ✓ Razão metas planejadas/metas executadas no POA ARPA;
- ✓ Número de atividades executadas com recursos do Projeto CCA;
- ✓ Número de analistas lotados na UC;
- ✓ Percentual do POA integrado executado;

- ✓ Razão parcerias necessárias por parcerias formalizadas;
- ✓ Base se apoio instalada na RESEX;
- ✓ Banco de dados criado.

Resultados esperados:

- ✓ Planejamento Integrado Anual da RESEX integrado a outras UC próximas e a parceiros;
- ✓ Acesso a recursos de fontes variadas (CCA, ARPA, Fundos Governamentais e privados, etc.);
- ✓ Pelo menos seis analistas ambientais lotados na RESEX (sendo 3 fiscais) que residam na RESEX ou pelo menos no município;
- ✓ Dois servidores técnicos administrativos disponibilizados para a RESEX;
- ✓ Duas bases flutuantes nas entradas principais da RESEX para apoio à proteção e uma base em terra fixa em uma comunidade central da RESEX (base operacional da UC dotada de equipamentos e infraestrutura mínima gerencial);
- ✓ Serviços básicos de vigilância, manutenção, limpeza, e serviços administrativos disponíveis;
- ✓ Banco de dados de informações da RESEX implantado e alimentado constantemente;
- ✓ Parceria e apoio das prefeituras.

Ações

- a) Fazer plano de manutenção preventiva de equipamentos com previsão orçamentária;
- b) Fazer planos operativos anuais para o programa ARPA com vista ao alcance das metas do programa;
- c) Fazer planejamentos e submetê-los ao projeto corredor central da amazônia;
- d) Fazer planos operativos anuais integrados para gestão da RESEX;
- e) Buscar junto à direção meios para ampliar o quadro de servidores da unidade;
- f) Pleitear estagiários junto à Coordenação de Gestão de Pessoas para atuar na RESEX;
- g) Mapear parcerias necessárias que precisam ser formalizadas e oficializá-las;

- h) Buscar fontes de recursos e projeto para construção de base de apoio operacional na RESEX;
- i) Criar banco de dados para a gestão de informação na RESEX.

Prioridade I: a, b,c,d,e,f, h;

Prioridade II: g.

6.4.2 Subprograma Fundiário

Objetivo: Implementar ações visando a regularização fundiária e demarcação dos limites da Unidade.

Meta

- ✓ Demarcar a RESEX;
- ✓ Sinalizar adequadamente a RESEX;
- ✓ Comunidades da RESEX beneficiadas com o contrato de concessão de direito real de uso.

Indicadores

- ✓ RESEX demarcada;
- ✓ Razão entre quantidades de locais sinalizados por locais planejados;
- ✓ Contrato de concessão de direito real de uso oficializado entre o ICMBio e Associação e/ou comunidades.

Parceiros: ICMBio, AAPA e comunidades.

Ações

- a) Articular junto à Coordenação de Regularização Fundiária planejamento e recursos para a demarcação da RESEX segundo recomendações institucionais;
- b) Manutenção de placas de sinalização e implantação de sinalização em locais previamente definidos.

Prioridade I: b;

Prioridade II: a.

6.4.3 Subprograma de Organização Comunitária

Objetivo: Implementar ações que contribuam para a organização e o fortalecimento das comunidades da UC.

Metas:

- ✓ Apoiar a organização comunitária nas áreas de associativismo e cooperativismo;
- ✓ Planejar ações de fortalecimento e capacitação gerencial da AAPA;
- ✓ Apoiar a agenda de ações de integração da AAPA com as comunidades;
- ✓ Apoiar a reforma e ampliação da sede da AAPA, a implantação de infraestrutura de comunicação (rádio, linha telefone/fax e internet) e gerenciamento (computador, notebook e impressora).

Parceiros: ICMBio, AAPA, Comunidades , DAM, SEBRAE, Prefeitura Municipal, Câmara de vereadores, Igreja e IDSM.

Indicadores

- ✓ Número de ações planejadas de fortalecimento do associativismo e cooperativismo realizadas;
- ✓ Número de assembleias comunitárias apoiadas;
- ✓ Número de ações de integração AAPA e comunidades planejadas que foram realizadas;
- ✓ Sede da AAPA reformada e com infraestrutura de funcionamento.

Resultados esperados

- ✓ Oficinas de capacitação, associativismo, empreendedorismo e gestão realizadas;
- ✓ Conselho Administrativo da AAPA e grupos de trabalho reativados;
- ✓ Assembleias ordinárias e avaliação da gestão AAPA ocorridas;

- ✓ Sede da AAPA com instalações adequadas para gerenciamento e realização de reuniões e encontros;
- ✓ AAPA com potencial de gerenciamento qualificado.

Ações

- a) Realizar oficinas de capacitação em associativismo, cooperativismo, empreendedorismo, gestão de organização, projetos e captação de recursos; realizar reunião com AAPA para planejamento das ações em campo; realizar excursão à RESEX para levantar as demandas; realizar oficinas de orientação e capacitação segundo as demandas levantadas (ex. mulheres, jovens, artesão, processo eletivo, vigilância, planejamento interno, etc); e , acompanhar a formalização legal das comunidades;
- b) Buscar parceiros que realizem os cursos que visem o fortalecimento e capacitação gerencial da AAPA e viabilizar a realização dos cursos;
- c) Apoiar a reativação do Conselho Administrativo e os grupos de trabalho da AAPA, e, apoiar a realização das e assembléias comunitárias;
- d) Apoiar a reforma da AAPA e aquisição de infraestrutura com a busca de projetos e recursos.

Prioridade 1: a, b, c;

Prioridade 2: d.

6.4.4 Subprograma de Fortalecimento da Gestão

Objetivo: Planejar e implementar ações para o Fortalecimento da Gestão da UC.

Metas

- ✓ Integrar os planejamentos da RESEX com a AAPA e o Conselho;
- ✓ Oficializar instrumento de cooperação com o Município de Fonte Boa;
- ✓ Oficializar instrumento de cooperação com a RDSM;
- ✓ Realizar capacitações para a gestão com o Conselho Deliberativo;
- ✓ Conselho funcionando e atuante;
- ✓ Instituir ferramenta de avaliação da e efetividade do Conselho Deliberativo;

- ✓ Gestão da RESEX atuante nos conselhos gestores municipais;
- ✓ Elaborar relatórios de gestão;
- ✓ Fortalecer o Plano de Uso como instrumento de planejamento das comunidades.

Parceiros: ICMBio, Integrantes do Conselho, AAPA e Prefeitura Municipal.

Indicadores

- ✓ % de atividades do planejamento integrado realizadas;
- ✓ Instrumento de cooperação com a Prefeitura Municipal de fonte Boa e o IDSM formalizados;
- ✓ Número de capacitações com o conselho realizadas;
- ✓ % de ações planejadas para execução do conselho executadas;
- ✓ Avaliação da efetividade do Conselho implementada;
- ✓ Relatórios anuais de gestão elaborados;
- ✓ N° de atividades de divulgação e discussão do Plano de Uso realizadas.

Resultados esperados

- ✓ Planejamento integrado das ações da RESEX com a AAPA e o Conselho;
- ✓ Instrumento de cooperação com o Município de Fonte Boa;
- ✓ Instrumento de cooperação com a RDSM;
- ✓ Conselho Deliberativo capacitado e atuante na gestão da UC;
- ✓ Avaliação da efetividade do Conselho Deliberativo;
- ✓ Gestão da RESEX atuante nos conselhos gestores municipais;
- ✓ Plano de Uso como instrumento de gestão da UC.

Ações

- a) Realizar reunião para integração de planejamento de ações para a RESEX;
- b) Integrar as demandas e propostas de ação para a RESEX visando o estabelecimento de cooperação formal com o poder público municipal;
- c) Reunir e discutir com o poder público municipal o instrumento de cooperação;
- d) Elaborar plano de atuação conjunta com o poder público municipal;

- e) Integrar as demandas e propostas de ação para a RESEX visando o estabelecimento de cooperação formal com o CEUC e o IDSM;
- f) Reunir e discutir o instrumento de cooperação e elaborar plano de atuação conjunta com o CEUC e o IDSM;
- g) Levantar as demandas de capacitação para o Conselho e buscar parcerias para fazer a capacitação;
- h) Elaborar e aplicar metodologia de avaliação do Conselho;
- i) Solicitar oficialmente vaga nos conselhos municipais;
- j) Elaborar relatório de gestão do ICMBio;
- k) Planejar para assegurar recurso para realização das reuniões regulares do Conselho;
- l) Programar e realizar oficinas de disseminação e avaliação do Plano de Uso e acordos estabelecidos na RESEX;
- m) Elaborar cartilha do Plano de Uso.

Prioridade I: e,f, g, i, k;

Prioridade II: a, d, h, l;

Prioridade III: b,c, j.

7 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

A missão do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade é *proteger o patrimônio natural e promover o desenvolvimento socioambiental*. Neste contexto, a Reserva Extrativista Auati-Paraná, na qualidade de Unidade de Conservação Ambiental de Uso Sustentável, vem atender às demandas de sua população tradicional, visando assegurar o uso sustentável e a conservação dos recursos naturais renováveis, protegendo os meios de vida e a cultura da população extrativista local.

Ao longo dos cinco anos passados, a equipe técnica da Unidade e a população residente, com o apoio dos parceiros, construíram este Plano de Manejo Participativo. Foi um trabalho executado em várias etapas, em diferentes contextos políticos e legais, com sucessões nas gestões da UC e da Associação Agroextrativista Auati-Paraná. Cada fase do trabalho contou com a presença e atuação expressiva de diferentes atores, sejam pesquisadores, colaboradores, consultores, técnicos, comunitários e funcionários públicos, agregando conhecimentos e experiências diversos e complementares. É visível, neste histórico, o elo existente entre os momentos distintos: a busca por conhecimentos sobre a Unidade, suas características e complexidades, visando a construção de um planejamento de médio e longo prazo voltado à realidade da UC e de sua população, que possibilite a gestão socioambiental e o alcance de seus objetivos de criação.

Durante este processo de elaboração do Plano, foi possível a identificação dos potenciais da UC, a serem explorados, e das fragilidades, a serem superadas, conjuntamente. Neste sentido, as instituições locais e regionais, de relevância para o trabalho na RESEX, e as representações comunitárias, deram, concomitantemente com a construção deste documento, um forte passo a frente com a criação e funcionamento do Conselho Deliberativo, cujo Plano de Ação 2011/2012 está em execução. Há passos ainda a serem dados, e lacunas a serem preenchidas, para a implementação do Plano de Manejo e para a melhoria da gestão da Unidade.

É necessário atualizar e executar o plano de proteção da Unidade, associado à implantação da infra-estrutura necessária às atividades de controle e fiscalização. Para melhor proteção da Unidade, é importante que as ações de fiscalização a serem realizadas no Rio Auati-Paraná e áreas adjacentes, sejam planejadas em conjunto com o órgão gestor da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, considerando as áreas estratégicas e principais vias de acesso. Tendo em vista o distanciamento da área de abrangência da UC

à sua sede administrativa, situada no Núcleo de Gestão Integrada em Tefé, recomenda-se a instalação de infra-estrutura, logística e equipamentos adequados às ações de gestão no interior da Unidade; e a ampliação da equipe de técnicos e analistas, de forma a caracterizar uma equipe multidisciplinar.

As pesquisas em andamento na RESEX estão voltadas para o manejo dos recursos pesqueiros e florestais e para os possíveis benefícios socioeconômicos à população advindos destas atividades. Inicia-se, no próximo ano, pesquisa para levantamento de dados para futuro manejo do “jacaré-açu”, em atendimento à demanda das comunidades; e pesquisa socioambiental, referente ao caso específico de uso dos recursos hídricos na área do complexo de lagos Buiucu (IDSM) e às questões de identidade étnica envolvidas. Durante os trabalhos de diagnóstico da UC, perceberam-se significativas lacunas de informações referentes aos aspectos bióticos e abióticos do ambiente, além de estudo sobre a dinâmica social das comunidades. Neste sentido, recomenda-se que sejam incentivadas pesquisas que tragam mais subsídios para o monitoramento da biodiversidade e do ambiente físico, identificando áreas relevantes para o aprimoramento do zoneamento ambiental da UC. São também necessárias pesquisas referentes ao uso tradicional de componentes da biodiversidade, a fim de garantir a propriedade destes conhecimentos por sua população, e estudos sobre as relações de gênero e a participação das mulheres nas comunidades da RESEX Auati-Paraná. Ressalta-se aqui a importância estratégica da divulgação da Unidade, nos fóruns e meios de comunicação afins, como área potencial para a realização de pesquisas.

Para o acesso aos benefícios das políticas públicas dirigidas à população em geral e, especialmente, para os extrativistas, é fundamental a identificação civil através dos documentos básicos (Certidão de Nascimento, Registro Geral e CPF). Logo, são recomendadas ações de cidadania, em caráter prioritário, para o acesso à documentação pela população da UC. Associada a essa ação, é oportuna a atualização do cadastro dos moradores, beneficiários e usuários da Unidade, e o estabelecimento de Contratos de Concessão de Direito Real de Uso (CDRU). Outro aspecto importante, que necessita de avanços, refere-se ao atual uso extrativista de áreas na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, pelos beneficiários da RESEX Auati-Paraná. Nesse ponto, percebe-se a necessidade de que seja oficializado acordo institucional com a gestão da RDSM para continuidade do uso destas áreas.

Recomenda-se a publicação e a divulgação deste Plano de Manejo Participativo da RESEX Auati-Paraná em sua totalidade, nos meios e instituições de atuação na área socioambiental, bem como em todas as instâncias de gestão governamental; e a confecção de versão simplificada, em linguagem de fácil compreensão, para distribuição através de ações de Educação Ambiental junto à população da RESEX, da área de entorno e público em geral. Desta forma, contribui-se para que as informações relevantes sejam socializadas e a gestão participativa viabilizada. Este documento deve ser referência nas decisões do Conselho Deliberativo da UC, sendo disponibilizado um exemplar para cada membro ocupante de cadeira neste Conselho. No processo de implementação do Plano de Manejo, é prevista sua avaliação periódica e, a cada 5 (cinco) anos, a revisão e a modificação do documento, se necessário. Para alterações, é preciso que estas sejam previamente divulgadas e discutidas com a população da Unidade, e submetidas ao Conselho Deliberativo da RESEX e ao órgão gestor da UC, para aprovação.

A elaboração e conclusão deste documento, produzido por diversos conhecimentos, olhares, sentimentos, idéias, expectativas, histórias e vidas, foi um grande desafio a todos que participaram deste processo e é mais um passo na caminhada da RESEX Auati-Paraná e para a conservação ambiental no Brasil. Novos desafios virão para sua implementação e na busca da consolidação dos objetivos da Unidade. Entretanto, acreditamos na população da RESEX e nos gestores do ICMBio, como vencedores dos desafios passados e dos que virão, e acreditamos ainda, em todos que tem sido parceiros, estão unidos ou que se unirão nesta caminhada.

8 REFERÊNCIAS

AAPA, 2010. **Relatório de Manejo dos Recursos Pesqueiros da RESEX Auati-Paraná: Manejo Participativo Comunitário do Pirarucu Manejado**. Fonte Boa: AAPA, 2010.

ALMEIDA, M.E.; BAHIA, R.B.C. & OLIVEIRA, M.A. (2004). **Folha SA.19-Içá**. In: SCHOBENHAUS, C.; GONÇALVES, J.H.; SANTOS, J.O.S.; ABRAM, M.B.; LEÃO NETO, R.; MATOS, G.M.M.; VIDOTTI, R.M.; RAMOS, M. A. B. & JESUS, J.D.A. de. (eds.). **Carta Geológica do Brasil ao Milionésimo**, Sistemas de Informações Geográficas-SIG. Programa Geologia do Brasil, CPRM, Brasília. CD-ROM.

ARPA/GTZ. **Levantamento da Situação Fundiária Reserva Extrativista Auati-Paraná**. Fonte Boa: IBAMA/CNPT, 2009

AYRES, J.M. **As matas de várzea do Mamirauá**. 3. ed. Belém: Sociedade Civil Mamirauá. 2006. 124 p.

BRASIL. Departamento Nacional da Produção Mineral. *Projeto RADAMBRASIL. Folha SA.19 – IÇÁ; geologia, geomorfologia, pedologia, vegetação e uso potencial da terra*. Rio de Janeiro, 1977. 452 p. (**Levantamento de Recursos Naturais, 14**). Anexo: Análise Estatística de Dados (*Vegetação*) 252p.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. **Estudo sócio-econômico: Área proposta para a criação da ‘Reserva Extrativista do Auati-Paraná**. Manaus: CNPT/IBAMA, 1998a. p.5.3

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. **Plano de Uso dos recursos pesqueiros da Reserva Extrativista Auati-Paraná: Relatório Parcial**. Fonte Boa: 2006b. 91p.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. **Plano de manejo pesqueiro da Reserva Extrativista Auati-Paraná**. Fonte Boa: 2007b. 68p. Relatório preliminar.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. **Lauda Biológico Para Criação da Reserva Extrativista do Auati-Paraná**. Manaus: CNPT/IBAMA, 1998b.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. **Carta Imagem da Reserva Extrativista Auati-Paraná**. Manaus: NUMAM/DICOF/AM, sd. Escala 1: 119.080.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. **Roteiro Metodológico para elaboração do Plano de Manejo das Reservas Extrativistas e de Desenvolvimento Sustentável Federais**. Brasília: IBAMA/DISAM, 2006.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. **Diagnóstico Educacional: Reserva Extrativista Auati-Paraná**. Fonte Boa: IBAMA/MMA, 2007a.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. **Peixes comerciais de Manaus**. Manaus: IBAMA-PróVárzea, 2006a. 144 p.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Instituto Chico mendes de Conservação da Biodiversidade. **Reunião de composição do Conselho Deliberativo da RESEX Rio Auati-Paraná**. Manaus: AM, 2006c.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Instituto Chico mendes de Conservação da Biodiversidade. **INSTRUÇÃO NORMATIVA Nº 01, DE 18 DE SETEMBRO DE 2007** (Publicada no Diário Oficial da União Nº. 182, Seção I, páginas 101 e 102, de 20/09/2007)

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Instituto Chico mendes de Conservação da Biodiversidade. **Relatório Consolidado Contendo a Produção Cartográfica da RESEX Auati-Paraná: Caderno de Mapas (Produto F)**. Brasília (DF): 2009a. ICMBio/ARPA/FUNBIO. 35p.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Instituto Chico mendes de Conservação da Biodiversidade. **Reserva Extrativista Auati-Paraná: Consolidação Final do Plano de Manejo – Fase 1. (Produto H)**. Brasília (DF): 2009b. ICMBio/ARPA/FUNBIO. 169p.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Brasília, DF: MMA (Biodiversidade 19), 2 vol., 2008.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Sistema Nacional de Unidades de Conservação – SNUC: Lei no. 9.985, de 18 de julho de 2000**. Brasília: MMA/SBF, 2000.

CANALEZ, G.G. **Levantamento dos produtos florestais não madeireiros visando elaboração do plano de manejo florestal sustentável da RESEX Auati-Paraná**. Manaus: INPA/CNPT-IBAMA, Dez, 2007. 29 p.

CANALEZ, G.G. **Produtos florestais não madeireiros: aráceas epifíticas da Reserva Extrativista Auati-Paraná**. Manaus: 2009. 65 p. Dissertação (mestrado)-- INPA/UFAM, Manaus, 2009.

COMITÊ BRASILEIRO DE REGISTROS ORNITOLÓGICOS - CBRO (2011). **Listas das aves do Brasil**. 10ª Edição. Disponível em <<http://www.cbro.org.br>>. Acesso em: [01/05/2011].

CPRM. (2006). **Mapa Geológico do Estado do Amazonas**. Escala 1: 1000.000.

DIEGUES, Antônio Carlos Santana. 2000. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec, Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras, USP. 3ª Ed. 161p.

GUTERRES, M.G.; MARMONTEL, M.; AYUB, D.M.; SINGER, R.F. & SINGER, R.B. **Anatomia de Plantas Aquáticas da Amazônia utilizadas como potencial alimento por peixe-boi amazônico.** Belém: IDSM, 2008.

HIGUCHI, M.I.G; TOLEDO, R.F.; RIBEIRO, M.N.L. & SILVA, K. **Vida social das comunidades da RESEX do Auati-Paraná, Fonte Boa –AM: Relatório Técnico de Diagnóstico Socioambiental.** Manaus. INPA-LAPSEA/ CNPT-IBAMA, 2008. 124 p.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTÁTISCA. Projeto **Sistematização das Informações sobre Recursos Naturais.** Serviço disponível pela Coordenação de Recursos Naturais e Estudos Ambientais–CREN/IBGE. Disponível em < ftp://geoftp.ibge.gov.br/mapas/banco_dados_georeferenciado_recursos_naturais/>. Acesso em 21 out. 2011.

IDSM. **Plano de gestão Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá.** Tefé, AM: IDSM, 2010. 2 v. 244 p. (Versão para Consulta Pública).

LIMA, A. J. N. & GOMES, J. M. . **Relatório do levantamento florestal de madeira caída visando a elaboração do Plano de Manejo Florestal Sustentável da RESEX Auati-Paraná.** Relatório Técnico. Manaus: INPA/ INPA/CNPT-IBAMA. Dez, 2007.

LIMA, A.J.N; TEIXEIRA, L.M.; CARNEIRO, VMC; HIGUSHI, F.G; BARROS, P.C; GOMES, J.M. & HIGUSHI, N. **Relatório do levantamento florestal visando a elaboração do Plano de Manejo Florestal Sustentável da RESEX Auati-Paraná.** Manaus: INPA/CNPT-IBAMA. Dez, 2007.

MAIA, L.M.A. **Frutos da Amazônia: fonte de alimento para peixes.** Manaus: Programa de Desenvolvimento Empresarial e Tecnológico. SEBRAE/AM. 2001. 143 p.

PINTO, F.R. **Caracterização Pedológica na Reserva Extrativista de Auait-Paraná no Município de Fonte Boa, AM.** Manaus: INPA/CNPT-IBAMA. Dez,2007.

PNUD. 2001. **Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil.** Disponível em: <http://www.pnud.org.br/atlas>. Acessado em 28/05/2009.

ROCHA, J.A.; NOGUEIRA, A.J.L.; NASCIMENTO, C.C.; SIQUEIRA, S.; SENA, L.A.; BARBOSA, C.L.; SCELZA, G.C.; HIGUSHI, M.I.G. & HIGUSHI, N. **Potencialidades da madeira caída para o manejo comunitário na RESEX Auati-Paraná – AM: 2010.** 5p.

SANTOS, J.; HIGUSHI, N; LIMA, A.J.N; PINTO, A.M; TEIXEIRA, L.M; ROCHA, R.M.; SILVA, R.P; PINTO, F.R & GUIMARÃES, G. **Resultados preliminares do inventário florestal da Reserva Extrativista Auati Paraná – AM: flash de suas potencialidades econômicas e ecológicas.** Relatório Técnico. Manaus: FAPEAM/INPA, 2005. 57 p.

SILVA, K. 2009. **Sociogênese de uma Unidade de Conservação: um estudo sobre a Reserva Extrativista Auati-Paraná – Fonte Boa/AM.** Manaus: PPGAS/UFAM, 2009. *Dissertação de Mestrado.* 102 p.

SIMÕES, A. V. & OLIVEIRA, C.N. **Diretrizes para o manejo da Castanha do Brasil (*Bertholettia excelsa* H.B.K.) na RESEX Auati-Paraná.** Manaus: 2006. 38 p. (incluindo planilhas e mapas). Relatório Técnico.

SIMÕES, A. s.d. **Diretrizes para o manejo da Castanha do Brasil na RESEX AuatiParaná.** (Sem local ou editor).

SOUZA, V. & LORENZI, H. **Botânica Sistemática: guia ilustrado para a identificação das famílias de Angiospermas da flora brasileira, baseado em APG II.** Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum. 2005.

9 ANEXOS

Anexo I. Decreto de Criação da Reserva Extrativista Auati-Paraná.

DECRETO DE 7 DE AGOSTO 2001

Cria a Reserva Extrativista Auati-Paraná, no Município de Fonte Boa, Estado do Amazonas, e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, inciso IV, da Constituição, e tendo em vista o disposto no art. 18, da Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000, e no Decreto nº 98.897, de 30 de janeiro de 1990,

DECRETA:

Art. 1º Fica criada a Reserva Extrativista Auati-Paraná, no Município de Fonte Boa, Estado do Amazonas, com os objetivos de assegurar o uso sustentável e a conservação dos recursos naturais renováveis, protegendo os meios de vida e a cultura da população extrativista local.

Art. 2º A Reserva Extrativista Auati-Paraná abrange uma área aproximada de cento e quarenta e seis mil, novecentos e cinquenta hectares e oitenta e dois centiares, com sua delimitação baseada nas Folhas MIR-72, MIR-73, MIR-90 e MIR-91, em escala 1:250.000, publicadas pelo Projeto RADAMBRASIL, com o seguinte memorial descritivo: inicia-se no Ponto 01, de coordenadas geográficas aproximadas de 02º 23' 09.60" S e 66º 40' 55.20" WGR, situado na margem esquerda do Paraná Auati-Paraná, segue por uma reta de azimute de 337º 21' 09.39", por uma distância de 27.855,98m, até o Ponto 02, de coordenadas geográficas aproximadas de 02º 09' 10.80" S e 66º 46' 40.80" WGR, localizado na nascente de um igarapé sem denominação, afluente da margem esquerda do Paraná Auati-Paraná; daí segue pela linha divisória dos municípios de Japurá e Fonte Boa, por uma distância de 56.567,58m, até o Ponto 03, de coordenadas geográficas aproximadas de 01º 56' 06.00" S e 66º 25' 33.60" WGR, localizado na nascente de um curso d'água, afluente da margem esquerda do Paraná Auati-Paraná, que deságua no Lago Inambé; daí, segue por uma reta de azimute de 9º 46' 11.27", por uma distância de 4.621,46m, até o Ponto 04, de coordenadas geográficas aproximadas de 01º 53' 38.40" S e 66º 25' 04.80" WGR, localizado na nascente de um curso d'água sem denominação, afluente da margem direita do Igarapé Auati Pema; daí, segue pela margem direita do referido curso d'água, no sentido jusante, até o Ponto 05, de coordenadas geográficas aproximadas de 01º 51' 18.00"

S e 66° 22' 30.00" WGR, localizado na sua confluência com o Igarapé Auatí-Pema; daí, segue por uma reta de azimute 77° 07' 21.98" e distância de 11.774,59m, até o Ponto 06, de coordenadas geográficas aproximadas de 01° 49' 55.20" S e 66° 16' 19.20" WGR, localizado na confluência de dois cursos d'água, afluentes da margem esquerda do Igarapé Auatí Pema; daí, segue por uma reta de azimute 99° 25' 27.52" e distância de 27.077,76m, até o Ponto 07, de coordenadas geográficas de 01° 52' 19.20" S e 66° 01' 55.20" WGR, localizado na cabeceira de um curso d'água sem denominação, afluente da margem esquerda do Paraná Auati-Paraná; daí, segue pela margem direita do referido curso d'água, no sentido jusante, por uma distância de 9.407,21m, até o Ponto 08, de coordenadas geográficas aproximadas de 01° 56' 27.60" S e 66° 00' 18.00" WGR, localizado na confluência de um curso d'água sem denominação; daí, segue por uma reta de azimute de 164° 54' 01.47" e distância de 7.624,59m, até o Ponto 09, de coordenadas geográficas aproximadas de 02° 00' 28.80" S e 65° 59' 16.80" WGR, localizado na margem esquerda do Paraná Auati-Paraná; daí, segue pela margem esquerda deste, no sentido montante, até encontrar o imóvel Barreirinha Primeiro, registrado no Cartório do Judicial e Anexos da Comarca de Fonte Boa - Livro 2, Folhas 010, Matrícula 001, do Registro Geral, ficando o referido imóvel excluído desta área em descrição; daí, segue pela linha que limita o imóvel Barreirinha Primeiro, segundo o Registro acima descrito, até retornar à margem esquerda do Paraná Auati-Paraná; daí, continua seguindo pela margem esquerda do Paraná Auati-Paraná, no sentido montante, por uma distância aproximada de 122.891,03m, até o Ponto 01, ponto inicial desta descritiva.

Art. 3º Caberá ao Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis-IBAMA administrar a Reserva Extrativista Auati-Paraná, adotando as medidas necessárias a sua efetiva implantação e controle, nos termos do art. 4º do Decreto nº 98.897, de 30 de janeiro de 1990.

Art. 4º Ficam declarados de interesse social, para fins de desapropriação pelo IBAMA, os imóveis constituídos de terras e benfeitorias existentes nos limites descritos no art. 2º deste Decreto, nos termos do art. 2º, inciso VII, da Lei nº 4.132, de 10 de setembro de 1962.

Art. 5º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 7 de agosto de 2001; 180º da Independência e 113º da República.

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

José Sarney Filho

Anexo II. Composição Florística

Família, Gênero e Espécie	Nomenclatura Popular	IDSMS, 2010	Lima <i>et al.</i> (2007)	Fernandes <i>et al.</i> (1998)	Canalez (2009)	Canalez (2007)
Acanthaceae						
<i>Justicia cf. laevilinguis</i>	erva-de-peixe-boi	x				
<i>Justicia lindemani</i>	Não apurado	x				
<i>Justicia pectoralis</i>	?	x				
<i>Ruellia geminiflora</i>	?	x				
Adiantaceae						
<i>Pityrogramma caloneuron</i>	?	x				
Alismataceae						
<i>Sagittaria sprucei</i>	mureru	x				
Amaranthaceae						
<i>Achyranthes</i> sp.	?	x				
<i>Alternanthera paronychooides</i>	?	x				
<i>Amaranthus luridus</i>	?	x				
<i>Celosia argentea</i>	?	x				
<i>Pfaffia brachyata</i>	?	x				
Anacardiaceae						
<i>Anacardium giganteum</i>	caju-açu					
<i>Anacardium parvifolium</i>	cajuí-da-folha-miúda		x	x		
<i>Anacardium spruceanum</i>	cajuí			x		
<i>Astronium lecointei</i>	muiracatiara		x			
<i>Astronium</i> sp.	cajuí		x			
<i>Astronium</i> sp.	cajuí		x			
<i>Spondias mombin</i>	taperebá; cajá	x	x			
<i>Tapirira guianensis</i>	pau-pombo		x			
Annonaceae						

Família, Gênero e Espécie	Nomenclatura Popular	IDSMS, 2010	Lima <i>et al.</i> (2007)	Fernandes <i>et al.</i> (1998)	Canalez (2009)	Canalez (2007)
<i>Annona amazonica</i>	envira-cipó		x			
<i>Annona ambotaya</i>	?	x				
<i>Annona densicome</i>	?	x				
<i>Annona impressivenia</i>	?		x			
<i>Annona cf. tenuipes</i>	?	x				
<i>Annona sp.</i>	?	x				
<i>Bocageopsis multiflora</i>	envira-surucucu		x			
<i>Duguetia cf. marcgraviana</i>	?	x				
<i>Duguetia cf. spruceana</i>	?	x				
<i>Duguetia stelechantha</i>	envira		x			
<i>Duguetia quitarensis</i>	?	x				
<i>Duguetia sp.</i>	envira-amarela		x			
<i>Duguetia sp.</i>	?	x				
<i>Fusaea longifolia</i>	envira			x		
<i>Guatteria citriodora</i>	envira-taia		x			
<i>Guatteria dielsiana</i>	?	x				
<i>Guatteria discolor</i>	?		x			
<i>Guatteria foliosa</i>	?		x			
<i>Guatteria inundata</i>	?	x				
<i>Guatteria longicuspis</i>	?	x				
<i>Guatteria megalophylla</i>	?		x			
<i>Guatteria olivacea</i>	envira-fofa		x			
<i>Guatteria pteropus</i>	?	x				
<i>Guatteria sp.</i>	envira		x			
<i>Guatteria sp. 1</i>	?	x				
<i>Guatteria sp. 2</i>	?	x				

Família, Gênero e Espécie	Nomenclatura Popular	IDSMS, 2010	Lima <i>et al.</i> (2007)	Fernandes <i>et al.</i> (1998)	Canalez (2009)	Canalez (2007)
<i>Guatteriaopsis cf. kuhlmannii</i>	?	x				
<i>Guatteriaopsis</i> sp.	?	x				
<i>Oxandra polyantha</i>	?	x				
<i>Oxandra riedeliana</i>	caxambu; envira-preta	x				
<i>Pseudoxandra polyphleba</i>	?	x				
<i>Rollinia cuspidata</i>	?	x				
<i>Rollinia mucosa</i>	biribá			x		
<i>Rollinia</i> sp.	?	x				
<i>Rollinia</i> sp.	envira-bobo		x			
<i>Unonopsis lindmanii</i>	?	x				
<i>Unonopsis guatterioides</i>	ata-do-igapó	x		x		
<i>Unonopsis</i> sp.	?	x				
<i>Xylopia benthamii</i>	envira-taripupu		x			
<i>Xylopia calophylla</i>	?	x				
<i>Xylopia emarginata</i>	?	x				
<i>Xylopia cf. frutescens</i>	?	x				
<i>Xylopia ligustrifolia</i>	?	x				
<i>Xylopia</i> sp.	envira-vassourinha		x			
Apocynaceae Asclepiadaceae)	(incl.					
<i>Ambelania</i> sp	pepino-da-mata		x			
<i>Aspidosperma excelsum</i>	?	x				
<i>Aspidosperma</i> sp.	?	x	x			
<i>Couma utilis</i>	sorva-da-mata		x			
<i>Couma</i> sp.	sorva		x			
<i>Ditassa aristata</i>	?	x				
<i>Funastrum dombeyanum</i>	?	x				

Família, Gênero e Espécie	Nomenclatura Popular	IDSMS, 2010	Lima <i>et al.</i> (2007)	Fernandes <i>et al.</i> (1998)	Canalez (2009)	Canalez (2007)
<i>Himatanthus attenuata</i>	?	x				
<i>Himatanthus tarapotensis</i>	?	x				
<i>Himatanthus</i> sp.	sucuuba		x			
<i>Malouetia</i> cf. <i>tamaquarina</i>	?	x				
<i>Mandevilla</i> sp.	?	x				
<i>Prestonia</i> sp.	?	x				
<i>Rhabdodenia macrostoma</i>	cipó-de-leite	x				
<i>Tabernaemontana angulata</i>	?	x				
Aquifoliaceae						
<i>Ilex</i> sp.	?	x	x			
Araceae (incl. Lemnaceae)						
<i>Alloschemone innopinata</i>	?				x	
<i>Alloschemone occidentalis</i>	?				x	
<i>Anthurium bonplandii</i>	?				x	
<i>Anthurium eminens</i>	?				x	
<i>Anthurium polychistum</i>	?				x	
<i>Anthurium trinervium</i>	?				x	
<i>Heteropsis flexuosa</i>	cipó-titica					x
<i>Heteropsis peruviana</i>	cipó-titica				x	
<i>Heteropsis</i> sp.	cipó-titica				x	
<i>Lemna minor</i>	?	x				
<i>Lemna aequinoctialis</i>	?	x				
<i>Monotrichardia arborescens</i>	?	x				
<i>Monstera</i> sp.	?					x
<i>Philodendron asplundii</i>	?				x	
<i>Philodendron</i> cf. <i>platypodium</i>	?				x	

Família, Gênero e Espécie	Nomenclatura Popular	IDSMS, 2010	Lima <i>et al.</i> (2007)	Fernandes <i>et al.</i> (1998)	Canalez (2009)	Canalez (2007)
<i>Philodendron elaphogossoides</i>	?				x	
<i>Philodendron fragrantissimum</i>	?				x	
<i>Philodendron hylaeae</i>	?				x	
<i>Philodendron insigne</i>	?				x	
<i>Philodendron linnaei</i>	?				x	
<i>Philodendron platypodium</i>	?				x	
<i>Philodendron scabrum</i>	?	x				
<i>Philodendron tortum</i>	?				x	
<i>Philodendron toshibai</i>	?				x	
<i>Philodendron wittianum</i>	?				x	
<i>Philodendron sp. (1)</i>	?				x	
<i>Philodendron sp. (2)</i>	?				x	
<i>Philodendron sp. (3)</i>	?				x	
<i>Philodendron sp. (4)</i>	?				x	
<i>Philodendron sp. (5)</i>	?				x	
<i>Philodendron sp.</i>	cipó-ambé; cipó-imbé	x	x			x
<i>Pistia stratioides</i>	alface-d`água	x				
<i>Rhodospatha oblongata</i>	?				x	
<i>Spirodela intermedia</i>	?	x				
<i>Syngonium yurimaguense</i>	?				x	
<i>Wolfiella welwitschii</i>	?	x				
Araliaceae						
<i>Hydrocotyle cf. ranunculoides</i>	?	x				
<i>Schefflera morototoni</i>	morototá		x			
Arecaceae						
<i>Astrocaryum aculeatum</i>	tucumã	x				x

Família, Gênero e Espécie	Nomenclatura Popular	IDSMT, 2010	Lima <i>et al.</i> (2007)	Fernandes <i>et al.</i> (1998)	Canalez (2009)	Canalez (2007)
<i>Astrocaryum jauari</i>	jauari	x	x			x
<i>Astrocaryum murumuru</i>	murumuru	x				x
<i>Astrocaryum sp.</i>	?	x				
<i>Attalea attaleoides</i>	palha-branca					x
<i>Attalea maripa</i>	inajá					x
<i>Attalea phalerata</i>	urucuri					x
<i>Attalea sp.</i>	palheira	x				x
<i>Bactris sp.</i>	espinho-bravo					x
<i>Bactris sp.</i>	espinho-preto					x
<i>Bactris sp.</i>	marajá					x
<i>Desmoncus polycanthus</i>	?	x				
<i>Elaeis oleifera</i>	caioé; caiaiué					x
<i>Euterpe oleracea</i>	açaí	x		x		
<i>Euterpe precatoria</i>	açaí	x				x
<i>Geonoma spp.</i>	ubim		x			x
<i>Iriartela setigera</i>	paxiubinha		x			x
<i>Mauritia flexuosa</i>	buriti	x		x		
<i>Oenocarpus bacaba</i>	bacaba					x
<i>Oenocarpus bataua</i>	patauá			x		x
<i>Oenocarpus mapara</i>	?	x				
<i>Oenocarpus minor</i>	bacabinha					x
<i>Phytelephas macrocarpa</i>	jarina					x
<i>Socratea exorrhiza</i>	paxiúba		x			x
não identificada	jaci					x
Asteraceae						
<i>Acmella ciliata</i>	?	x				

Família, Gênero e Espécie	Nomenclatura Popular	IDSMS, 2010	Lima <i>et al.</i> (2007)	Fernandes <i>et al.</i> (1998)	Canalez (2009)	Canalez (2007)
<i>Artemisia vulgaris</i>	?	x				
<i>Ayapana triplinervis</i>	?	x				
<i>Calypocarpus biaristatus</i>	?	x				
<i>Eclipta prostrata</i>	?	x				
<i>Egletes viscosa</i>	?	x				
<i>Epaltes brasiliensis</i>	?	x				
<i>Erechtites hieracifolius</i>	?	x				
<i>Gymnocoronis spilanthoides</i>	?	x				
<i>Melanthera latifolia</i>	?	x				
<i>Mikania sp.</i>	melanciarana	x				
Azollaceae						
<i>Azolla caroliniana</i>	mureru	x				
<i>Azolla microphylla</i>	mureru	x				
Balanophoraceae						
<i>Helosis cayennsis</i>	?	x				
Begoniaceae						
<i>Begonia sp.</i>	?	x				
Bignoniaceae						
<i>Crescentia cujete</i>	cuieira; cuia	x				
<i>Jacaranda copaia</i>	caroba		x			
<i>Memorasp.</i>	?	x				
<i>Pachyptera sp.</i>	?	x				
<i>Tabebuia barbata</i>	pau-d`arco; ipê	x				
<i>Tabebuia ochracea</i>	pau-d`arco; ipê	x				
<i>Tabebuia sp.</i>	pau-d`arco; ipê	x		x		
Bixaceae						

Família, Gênero e Espécie	Nomenclatura Popular	IDSMS, 2010	Lima <i>et al.</i> (2007)	Fernandes <i>et al.</i> (1998)	Canalez (2009)	Canalez (2007)
<i>Bixa arborea</i>	urucum-bravo		x			
<i>Bixa orellana</i>	urucum			x		
<i>Bixa</i> sp.	?		x			
Boraginaceae						
<i>Cordia</i> cf. <i>tetandra</i>	?	x				
<i>Cordia nodosa</i>	?	x				
<i>Cordia panicularis</i>	freijó		x			
<i>Cordia</i> sp.	freijó-branco	x	x			
<i>Heliotropum indicum</i>	?	x				
<i>Heliotropum lagoense</i>	?	x				
<i>Tournefortia laevigata</i>	?	x				
Bromeliaceae						
<i>Aechmeasp.</i>	?	x				
Burseraceae						
<i>Crepidospermum rhoifolium</i>	?		x			
<i>Dacryodes cuspidata</i>	?					
<i>Protium altsonii</i>	breu-branco		x			
<i>Protium amazonicum</i>	breu		x			
<i>Protium apiculatum</i>	breu-vermelho		x			
<i>Protium divaricatum</i>	breu-preto		x			
<i>Protium gallosum</i>	breu		x			
<i>Protium grandifolium</i>	breu-peludo		x			
<i>Protium heptaphyllum</i>	breu			x		
<i>Protium nitidifolium</i>	breu		x			
<i>Protium spruceanum</i>	breu		x			
<i>Protium strumosum</i>	breu-pitomba		x			

Família, Gênero e Espécie	Nomenclatura Popular	IDSMS, 2010	Lima <i>et al.</i> (2007)	Fernandes <i>et al.</i> (1998)	Canalez (2009)	Canalez (2007)
<i>Protium subserratum</i>	breu		x			
<i>Protium</i> sp.	breu		x			
<i>Protium</i> sp.	breu		x			
<i>Protium</i> sp.	breu	x				x
<i>Trattinnickia peruviana</i>	breu		x			
Callitrichaceae						
<i>Callitriches</i> sp.	?	x				
Cannabaceae						
<i>Celtis aculeata</i>	?	x				
Capparidaceae						
<i>Capparis macrophylla</i>	?		x			
<i>Cleome parviflora</i>	?	x				
<i>Cleome</i> sp.	?	x				
<i>Crataeva benthamii</i>	catoré	x				
<i>Crataeva tapia</i>	catoré	x				
Caryocaraceae						
<i>Caryocar glabrum</i>	piquiá; piquiarana		x	x		
<i>Caryocar microcarpum</i>	piquiarana	x				
<i>Caryocar villosum</i>	piquiá		x	x		
<i>Caryocar</i> sp.	piquiarana		x			
Celastraceae (incl. Hippocrateaceae)						
<i>Hippocratea volubilis</i>	?	x				
<i>Maytenus guianensis</i>	pau-chichuá	x				
<i>Salacia</i> sp.	?	x				
Ceratophyllaceae						
<i>Ceratophyllum demersum</i>	?	x				

Família, Gênero e Espécie	Nomenclatura Popular	IDSMS, 2010	Lima <i>et al.</i> (2007)	Fernandes <i>et al.</i> (1998)	Canalez (2009)	Canalez (2007)
<i>Ceratophyllum</i> sp.	?	x				
Chrysobalanaceae						
<i>Couepia bracteosa</i>	pajurá			x		
<i>Couepia canomensis</i>	caraiperana		x			
<i>Couepia</i> cf. <i>elata</i>	pajurazinho		x			
<i>Couepia guianensis</i> ssp. <i>guianensis</i>	macucu		x			
<i>Couepia paraensis</i>	?	x				
<i>Couepia subcordata</i>	?	x				
<i>Couepia ulei</i>	?	x				
<i>Couepia</i> sp.	?	x				
<i>Hirtella bicornis</i>	macucu-farinha-seca		x			
<i>Hirtella</i> sp1	?	x				
<i>Hirtella</i> sp2	?	x				
<i>Licania apetala</i>	uchirana	x				
<i>Licania</i> cf. <i>canescens</i>	?	x				
<i>Licania heteromorpha</i>	?	x	x			
<i>Licania hispidula</i>	macucu-folha-peluda		x			
<i>Licania mollis</i>	?	x				
<i>Licania niloi</i>	?		x			
<i>Licania octandra</i>	pajurá		x			
<i>Licania parviflora</i>	?	x				
<i>Licania sothersiae</i>	macucu		x			
<i>Licania sprucei</i>	macucu		x			
<i>Licaniasp.</i>	macucu-chiador		x			
<i>Licaniasp.</i>	?	x				
<i>Parinari excelsa</i>	isqueiro; isqueira	x	x			

Família, Gênero e Espécie	Nomenclatura Popular	IDSMS, 2010	Lima <i>et al.</i> (2007)	Fernandes <i>et al.</i> (1998)	Canalez (2009)	Canalez (2007)
<i>Parinari montana</i>	?		x			
Clusiaceae (Guttiferae)						
<i>Calophyllum brasiliense</i>	jacareúba	x	x	x		
<i>Clusia cf. panapanari</i>	?	x				
<i>Clusia cf. platystigma</i>	?	x				
<i>Clusia criuvopoidia</i>	?	x				
<i>Clusiasp.</i>	?	x				
<i>Garcinia gardneriana</i>	bacuri	x				
<i>Garcinia macruno</i>	bacuri		x			
<i>Garcinia macrophylla</i>	bacuri	x				
<i>Platonia insignis</i>	bacuri-açu			x		
<i>Rheedia acuminata</i>	bacuri	x				
<i>Rheedia brasiliensis</i>	bacuri	x				
<i>Rheedia macrophylla</i>	bacuri	x				
<i>Symphonia globulifera</i>	anani; breu-anani		x	x		
<i>Tovomita brasiliensis</i>	?	x				
<i>Tovomita cephalostigma</i>	?	x				
<i>Tovomita cf. rostrata</i>	?	x				
<i>Tovomita speciosa</i>	?	x				
<i>Tovomita triflora</i>	?	x				
<i>Vismia cf. cayennensis</i>	lacre	x				
<i>Vismia guianensis</i>	lacre-vermelho		x			
<i>Vismia macrophylla</i>	lacre	x				
Combretaceae	?					
<i>Buchenavia grandis</i>	tanimbuca-cinzeiro		x			
<i>Buchenavia macrophylla</i>	?	x				

Família, Gênero e Espécie	Nomenclatura Popular	IDSMS, 2010	Lima <i>et al.</i> (2007)	Fernandes <i>et al.</i> (1998)	Canalez (2009)	Canalez (2007)
<i>Buchenavia ochroprumna</i>	?	x				
<i>Buchenavia parvifolia</i>	?	x				
<i>Buchenavia tomentosa</i>	tanimbuca-cinzeiro		x			
<i>Buchenavia oxycarpa</i>	tanimbuca		x			
<i>Buchenavia viridiflora</i>	?	x				
<i>Combretum rotundifolium</i>	?	x				
<i>Combretum</i> sp.	?	x				
<i>Terminalia dichotoma</i>	?	x				
<i>Terminalia guianensis</i>	?	x				
<i>Terminalia</i> sp.	?	x				
Connaraceae						
<i>Rourea camptoneura</i>	?	x				
Convolvulaceae						
<i>Dicranostyles ampla</i>	?	x				
<i>Ipomoea angulata</i>	?	x				
<i>Ipomoea aquatica</i>	batatarana	x				
<i>Ipomoea phyllomega</i>	?	x				
<i>Ipomoea</i> sp.	?	x				
<i>Ipomoea squamosa</i>	batatarana	x				
Cucurbitaceae						
<i>Cayaponia amazonica</i>	melancia-de-rato	x				
<i>Gurania bignonacea</i>	?	x				
<i>Gurania spruceana</i>	?	x				
<i>Gurania</i> sp.	?	x				
<i>Luffia opercularis</i>	?	x				
<i>Rhytidostilis amazonica</i>	?	x				

Família, Gênero e Espécie	Nomenclatura Popular	IDSMS, 2010	Lima <i>et al.</i> (2007)	Fernandes <i>et al.</i> (1998)	Canalez (2009)	Canalez (2007)
Cyperaceae						
<i>Cyperus difformis</i>	piri	x				
<i>Cyperus digitatus</i>	piri	x				
<i>Cyperus luzulae</i>	piri	x				
<i>Cyperus meyenianus</i>	piri	x				
<i>Cyperus mundulus</i>	piri	x				
<i>Cyperus rigens</i>	piri	x				
<i>Cyperus sp.</i>	piri	x				
<i>Eleocharis plicarhachis</i>	graminha	x				
<i>Fimbriostylis diphylla</i>	?	x				
<i>Fimbristylis littoralis</i>	?	x				
<i>Rhynchospora sp.</i>	cortadeira	x				
Dichapetalaceae						
<i>Tapura amazonica</i>	tapura	x				
<i>Tapura guianensis</i>	tapura		x			
Dilleniaceae						
<i>Davilla spp.</i>	?	x				
Dioscoreaceae						
<i>Dioscorea dodecaneura</i>	?	x				
Duckeodendraceae						
<i>Duckeodendron cestroides</i>	pupunharana		x	x		
Ebenaceae						
<i>Diospyros poeppigiana</i>	?	x				
<i>Diospyros vestita</i>	?		x			
<i>Diospyrossp.</i>	?	x				
Elaeocarpaceae						

Família, Gênero e Espécie	Nomenclatura Popular	IDSMS, 2010	Lima <i>et al.</i> (2007)	Fernandes <i>et al.</i> (1998)	Canalez (2009)	Canalez (2007)
<i>Sloanea excelsa</i>	urucurana-cacau		x			
<i>Sloanea floribunda</i>	urucurana		x			
<i>Sloanea gorkeana</i>	?	x				
<i>Sloanea guianensis</i>	?	x				
<i>Sloanea porphyrocarpa</i>	?	x				
<i>Sloanea sp.</i>	?	x				
<i>Sloanea ternifolia</i>	?	x				
Erythroxylaceae						
<i>Erythroxylum anguifugum</i>	?	x				
<i>Erythroxylum sp.</i>	?	x				
Euphorbiaceae						
<i>Acalypha acuminata</i>	?	x				
<i>Alchornea castanaeifolia</i>	?	x				
<i>Alchornea discolor</i>	?	x				
<i>Alchornea fluviatilis</i>	?	x				
<i>Alchornea sp.</i>	supiarana	x	x			
<i>Alchorneopsis floribunda</i>	supiá		x			
<i>Amanoa oblongifolia</i>	?	x				
<i>Caperonia latifolia</i>	quintarana	x				
<i>Chamaesyce hyssopifolia</i>	?	x				
<i>Conceveiba guianensis</i>	supiá; supiarana		x			
<i>Conceveiba martiana</i>	arraieira		x			
<i>Croton cuneatus</i>	?	x				
<i>Croton lanjouwensis</i>	dima		x			
<i>Croton trinitatis</i>	?	x				
<i>Croton urucurana</i>	urucurana	x				

Família, Gênero e Espécie	Nomenclatura Popular	IDSMS, 2010	Lima <i>et al.</i> (2007)	Fernandes <i>et al.</i> (1998)	Canalez (2009)	Canalez (2007)
<i>Croton</i> sp.	?	x	x			
<i>Discocarpus essequiboensis</i>	?	x				
<i>Discocarpus</i> sp.	?	x				
<i>Discocarpus spruceanus</i>	?	x				
<i>Drypetes amazonica</i>	?	x				
<i>Drypetes variabilis</i>	vassoureiro	x	x			
<i>Euphorbia prostrata</i>	quebra-pedra	x				
<i>Glycydendron amazonicum</i>	castanha-de-porco	x	x			
<i>Hevea brasiliensis</i>	seringueira	x	x	x		
<i>Hevea guianensis</i>	seringa-vermelha		x			
<i>Hevea spruceana</i>	seringueira-barriguda	x				
<i>Hura crepitans</i>	assacu	x	x	x		
<i>Jablonskia congesta</i>	?	x				
<i>Mabea</i> cf. <i>caudata</i>	taquari	x				
<i>Mabea nitida</i>	taquari; seringaí	x				
<i>Mabea paniculata</i>	taquari	x				
<i>Mabea piriri</i>	taquari-branco		x			
<i>Maprounea guianensis</i>	tabaco-bravo		x			
<i>Margaritaria nobilis</i>	?		x			
<i>Micrandra spruceana</i>	seringarana		x			
<i>Micrandra siphonioides</i>	seringarana		x			
<i>Nealchornea</i> sp.	?	x				
<i>Omphalea diandra</i>	?	x				
<i>Piranhea trifoliata</i>	piranheira	x				
<i>Pogonophora schomburgkiana</i>	amarelinho		x			
<i>Podocalyx loranthoides</i>	?		x			

Família, Gênero e Espécie	Nomenclatura Popular	IDSMS, 2010	Lima <i>et al.</i> (2007)	Fernandes <i>et al.</i> (1998)	Canalez (2009)	Canalez (2007)
<i>Sapium glandulatum</i>	leiteiro		x			
<i>Sapium hippomane</i>	leiteiro	x				
<i>Sapium</i> sp.	leiteiro		x			
<i>Senefeldera macrophylla</i>	seringarana		x			
<i>Tragia</i> sp.	?	x				
Fabaceae-Caesalpinioideae (Caesalpinaceae)						
<i>Campsiandra angustifolia</i>	acapurana	x				
<i>Campsiandra comosa</i> var. <i>laurifolia</i>	acapurana	x				
<i>Cassia leiandra</i>	mari-mari; ingá-mari	x				
<i>Cassia luscens</i>	?		x			
<i>Copaifera</i> sp.	copaíba	x				
<i>Copaifera multijuga</i>	copaíba			x		
<i>Crudia amazonica</i>	orelha-de-cachorro; aranani	x				
<i>Cynometra bauhinifolia</i>	?	x	x			
<i>Cynometra marginata</i>	?	x				
<i>Dialium guianense</i>	jutai-cica; jutai-mirim		x			
<i>Dicorynia</i> sp.	?		x			
<i>Eperua shomburgkiana</i>	muirapiranga			x		
<i>Heterostemon ellipticus</i>	curu-curu		x			
<i>Hymenaea coubaril</i>	jatobá			x		
<i>Lecointea amazonica</i>	?		x			
<i>Macrolobium acaciifolium</i>	arapari	x		x		
<i>Macrolobium angustifolium</i>	?	x				
<i>Macrolobium limbatum</i>	?		x			
<i>Macrolobium pendulum</i>	?	x				

Família, Gênero e Espécie	Nomenclatura Popular	IDSMS, 2010	Lima <i>et al.</i> (2007)	Fernandes <i>et al.</i> (1998)	Canalez (2009)	Canalez (2007)
<i>Macrolobium venulosum</i>	?		x			
<i>Macrolobium</i> sp.	ingarana		x			
<i>Macrolobium</i> sp.	jatobá		x			
<i>Macrolobium</i> sp.	violeta		x			
<i>Peltogyne excelsa</i>	violeta		x			
<i>Peltogyne paniculata</i>	mulateiro			x		
<i>Schizolobium</i> sp.	?	x				
<i>Sclerolobium hypoleucon</i>	?	x				
<i>Senna obtusifolia</i>	?	x				
<i>Senna reticulata</i>	?	x				
<i>Tachigali paniculata</i>	tachi			x		
<i>Tachigali</i> sp.	tachi-branco		x			
Fabaceae-Cercideae Caesalpiaceae)	(ex					
<i>Bauhinia corniculata</i>	cipó-de-feijão	x				
<i>Bauhinia</i> sp.	?	x				
Fabaceae-Mimosoideae (Mimosaceae)						
<i>Abarema</i> sp.	fava		x			
<i>Acacia paniculata</i>	?	x				
<i>Acacia polyphylla</i>	?	x				
<i>Albizia corymbosa</i>	?	x				
<i>Cedrelinga catenaeformis</i>	cedrorana		x	x		
<i>Entada polyphylla</i>	?	x				
<i>Entada</i> sp.	?	x				
<i>Enterolobium shomburkii</i>	paricarana			x		
<i>Dinizia</i> sp.	angelim		x			

Família, Gênero e Espécie	Nomenclatura Popular	IDSMS, 2010	Lima <i>et al.</i> (2007)	Fernandes <i>et al.</i> (1998)	Canalez (2009)	Canalez (2007)
<i>Inga alba</i>	ingá		x			
<i>Inga bourgoni</i>	ingá	x				
<i>Inga cf. coriacea</i>	ingá	x				
<i>Inga cinnamomea</i>	ingá	x				
<i>Inga distincha</i>	ingá	x				
<i>Inga duckei</i>	ingá	x				
<i>Inga dumosa</i>	ingá	x				
<i>Inga gracifolia</i>	ingá-ferro		x			
<i>Inga leiocalycina</i>	Inga-branco		x			
<i>Inga macrophylla</i>	ingá		x			
<i>Inga marginata</i>	ingá-feijão	x				
<i>Inga microcalyx</i>	ingá	x				
<i>Inga myriantha</i>	ingá	x				
<i>Inga obidensis</i>	ingá-vermelho		x			
<i>Inga panurensis</i>	ingá-xixica		x			
<i>Inga paraensis</i>	ingarana	x				
<i>Inga pezizifera</i>	ingá		x			
<i>Inga punctata</i>	ingá	x				
<i>Inga rubiginosa</i>	ingá-peludo	x	x			
<i>Inga splendens</i>	ingaí		x			
<i>Inga thibaudiana</i>	ingá-roxo	x	x			
<i>Inga vera</i>	ingá	x				
<i>Inga sp.</i>	ingá-cauliflora		x			
<i>Inga sp1</i>	ingá	x				
<i>Inga sp2</i>	ingá	x				
<i>Mimosa diplocarpa</i>	?	x				

Família, Gênero e Espécie	Nomenclatura Popular	IDSMS, 2010	Lima <i>et al.</i> (2007)	Fernandes <i>et al.</i> (1998)	Canalez (2009)	Canalez (2007)
<i>Mimosa orthocarpa</i>	?	x				
<i>Mimosa pelliata</i>	rabo-de-camaleão	x				
<i>Mimosa pigra</i>	?	x				
<i>Neptunia oleracea</i>	dormideira	x				
<i>Neptunia sp.</i>	?	x				
<i>Parkia decussata</i>	fava-amarela		x			
<i>Parkia igneiflora</i>	fava		x			
<i>Parkia multijuga</i>	faveira			x		
<i>Parkia pendula</i>	visgueiro		x			
<i>Parkia velutina</i>	?		x			
<i>Pithecellobium corymbosum</i>	?	x				
<i>Pithecellobium inaequale</i>	ingarana	x				
<i>Pithecellobium jupumba</i>	?	x				
<i>Pithecellobium multiflorum</i>	?	x				
<i>Pithecellobium racemosum</i>	angelim-rajado			x		
<i>Pithecellobium sp.</i>	?	x				
<i>Stryphnodendron paniculatum</i>	fava		x			
<i>Zollernia paraensis</i>	pau-santo			x		
<i>Zygia cataractae</i>	?		x			
<i>Zygia juruana</i>	?		x			
<i>Zygia racemosa</i>	?		x			
Fabaceae-Papilionoideae						
<i>Acosmium nitens</i>	?	x				
<i>Acosmium sp.</i>	?	x				
<i>Aeschynomene ciliata</i>	?	x				
<i>Aeschynomene rudis</i>	?	x				

Família, Gênero e Espécie	Nomenclatura Popular	IDSMS, 2010	Lima <i>et al.</i> (2007)	Fernandes <i>et al.</i> (1998)	Canalez (2009)	Canalez (2007)
<i>Aeschynomene sensitiva</i> var. <i>amazonica</i>	tintarana	x				
<i>Aeschynomene</i> sp.	?	x				
<i>Aldina heterophylla</i>	macucu-de-paca			x		
<i>Alexa</i> sp.	?		x			
<i>Andira inermis</i>	?	x				
<i>Bocoa alterna</i>	muirajiboia-amarela	x				
<i>Centrolobium robustum</i>	araribá			x		
<i>Clitoria amazonum</i>	paliteiro	x				
<i>Clitoria falcata</i>	paliteiro	x				
<i>Clitoria</i> sp.	paliteiro	x				
<i>Cymbosema roseum</i>	?	x				
<i>Dalbergia inundata</i>	?	x				
<i>Dalbergia riparia</i>	?	x				
<i>Dalbergia</i> sp.	?	x				
<i>Derris amazonica</i>	timbó		x			
<i>Derris</i> sp.	timbó	x				
<i>Dioclea glabra</i>	?	x				
<i>Dioclea</i> cf. <i>virgata</i>	?	x				
<i>Diploptropis martiusii</i>	sucupira			x		
<i>Diploptropis triloba</i>	sucupira-chorona		x			
<i>Diploptropis</i> sp.	sucupira-amarela		x			
<i>Dipteryx</i> sp.	cumaru		x			
<i>Dipteryx odorata</i>	cumaru-amarelo			x		
<i>Dypteryx magnifica</i>	cumarurana		x			
<i>Dipteryx punctata</i>	cumaru		x			
<i>Erythrina fusca</i>	?	x				

Família, Gênero e Espécie	Nomenclatura Popular	IDSMS, 2010	Lima <i>et al.</i> (2007)	Fernandes <i>et al.</i> (1998)	Canalez (2009)	Canalez (2007)
<i>Etaballia guianensis</i>	?	x				
<i>Etaballia</i> sp.	?	x				
<i>Hymenolobium excelsum</i>	angelim-da-mata			x		
<i>Hymenolobium heterocarpum</i>	sucupira		x			
<i>Lecointea amazonica</i>	?	x				
<i>Lonchocarpus sericeus</i>	?	x				
<i>Machaerium altiscandens</i>	?	x				
<i>Mucuna rostrata</i>	?	x				
<i>Mucuna altissima</i>	?	x				
<i>Ormosia grossa</i>	tento		x			
<i>Ormosia macrocalyx</i>	?	x				
<i>Ormosia nobilis</i>	?	x				
<i>Ormosia paraensis</i>	tento			x		
<i>Paramachaerium ormosioides</i>	?	x				
<i>Platymiscium duckei</i>	macacauba		x			
<i>Platymiscium ulei</i>	macacauba	x		x		
<i>Poecilanthe</i> sp.	?	x				
<i>Pterocarpus amazonicus</i>	mututi-branco	x				
<i>Pterocarpus amazonum</i> (<i>P. santalinoides</i>)	?	x				
<i>Pterocarpus rohrii</i>	jutaí		x			
<i>Pterocarpus ulei</i>	?	x				
<i>Sesbania exasperata</i>	?	x				
<i>Swartzia brachyrachis</i>	arabá-roxo		x			
<i>Swartzia corrugata</i>	coração-de-negro		x			
<i>Swartzia lamellata</i>	?		x			
<i>Swartzia</i> cf. <i>leptopetala</i>	?	x				

Família, Gênero e Espécie	Nomenclatura Popular	IDSMS, 2010	Lima <i>et al.</i> (2007)	Fernandes <i>et al.</i> (1998)	Canalez (2009)	Canalez (2007)
<i>Swartzia panacoco</i>	coração-de-negro		x			
<i>Swartzia polyphylla</i>	sucupira		x			
<i>Swartzia tomentifera</i>	?		x			
<i>Swartzia sp.</i>	?	x				
<i>Swartzia sp.</i>	sucupira		x			
<i>Vatairea guianensis</i>	?	x				
<i>Vatairea paraensis</i>	sucupira-amarela		x			
<i>Vatairea sericea</i>	fava-amargosa		x			
<i>Vatairea sp.</i>	?	x				
<i>Vigna lasiocarpa</i>	?	x				
<i>Vigna jururuana</i>	?	x				
<i>Vigna jururuana</i>	?	x				
<i>Vigna unguiculata</i>	?	x				
<i>Voucapoa americana</i>	acapu			x		
<i>Voucapoua pallidior</i>	acapu-juruti		x			
Goupiaceae						
<i>Goupia glabra</i>	cupiúba		x			
Heliconiaceae						
<i>Heliconia hirsuta</i>	?	x				
<i>Heliconia sp.</i>			x			
Hugoniaceae						
<i>Hebepetalum humiifolium</i>	?		x			
<i>Roucheriapunctata</i>	?		x			
Humiriaceae						
<i>Endopleura uchi</i>	uchi; uxi			x		
<i>Vantanea macrocarpa</i>	uxi-preto		x			

Família, Gênero e Espécie	Nomenclatura Popular	IDSMS, 2010	Lima <i>et al.</i> (2007)	Fernandes <i>et al.</i> (1998)	Canalez (2009)	Canalez (2007)
<i>Vantanea parviflora</i>	uxirana		x			
<i>Vantanea</i> sp.	Uxi		x			
Lacistemataceae						
<i>Lacistema</i> cf. <i>aggregatum</i>	pimenta-de-nambu	x	x			
Lamiaceae (Labiatae)						
<i>Hyptis brevipes</i>	?	x				
<i>Vitex cymosa</i>	tarumã	x	x			
<i>Vitex triflora</i>	tarumã		x			
Lauraceae						
<i>Aiouea grandifolia</i>	louro-pirarucu; louro-branco		x			
<i>Aniba ferrea</i>	louro-chumbo		x			
<i>Aniba guianensis</i>	?	x				
<i>Aniba hostemanniana</i>	louro-pirarucu					
<i>Aniba jenmanii</i>	louro-vermelho					
<i>Aniba</i> sp.	louro-inhamuí	x	x			
<i>Beilschmiedia brasiliensis</i>	anoirá		x			
<i>Endlicheria bracteata</i>	?	x				
<i>Endlicheria chalise</i>	?		x			
<i>Endlicheria citriodora</i>	louro-fofo		x			
<i>Licaria amara</i>	?	x				
<i>Licaria armeniaca</i>	?	x				
<i>Licaria cannella</i> ssp. <i>tenuicarpa</i>	louro-aritu		x			
<i>Licaria opposifolia</i>	louro		x			
<i>Licaria</i> sp.	louro					
<i>Nectandra amazonum</i>	louro-do-igapó; chumbo louro-	x				

Família, Gênero e Espécie	Nomenclatura Popular	IDSMS, 2010	Lima <i>et al.</i> (2007)	Fernandes <i>et al.</i> (1998)	Canalez (2009)	Canalez (2007)
<i>Nectandra cf. marmellensis</i>	?	x				
<i>Nectandra sp.</i>	?	x				
<i>Mezilaurus itauba</i>	itauba		x	x		
<i>Ocotea argyrophylla</i>	louro-aritu		x			
<i>Ocotea barcellensis</i>	?	x				
<i>Ocotea cernua</i>	louro-chumbo	x	x			
<i>Ocotea cinerea</i>	louro-amarelo		x			
<i>Ocotea cymbarum</i>	?	x				
<i>Ocotea dourandensis</i>	louro-inhamuí		x			
<i>Ocotea immersa</i>	louro-branco		x			
<i>Ocotea leucoxylon</i>	louro		x			
<i>Ocotea matogrossensis</i>	louro-fofo		x			
<i>Ocotea myriantha</i>	?		x			
<i>Ocotea nigrescens</i>	louro-preto		x			
<i>Ocotea rhodophylla</i>	?		x			
<i>Ocotea splendens</i>	?	x				
<i>Ocotea opifera</i>	?	x				
<i>Ocotea wachenheimii</i>	?	x				
<i>Ocotea sp.</i>	louro		x	x		
Lecythidaceae						
<i>Bertholletia excelsa</i>	castanheira		x	x		
<i>Cariniana decandra</i>	castanharana; tauari		x			
<i>Cariniana micrantha</i>	castanha-de-macaco		x			
<i>Corythophora alta</i>	ripeiro-vermelho		x			
<i>Couratari oblongifolia</i>	tauari			x		

Família, Gênero e Espécie	Nomenclatura Popular	IDSMS, 2010	Lima <i>et al.</i> (2007)	Fernandes <i>et al.</i> (1998)	Canalez (2009)	Canalez (2007)
<i>Couratari stellata</i>	tauari		x			
<i>Couroupita guianensis</i>	macacarecuia	x		x		
<i>Couroupita</i> sp.	?	x				
<i>Eschweilera albiflora</i>	matamatá	x				
<i>Eschweilera amazonica</i>	?	x				
<i>Eschweilera amazoniciformis</i>	ripeiro-preto		x			
<i>Eschweilera atropetiolata</i>	castanha		x			
<i>Eschweilera bracteosa</i>	ripeiro-branco		x			
<i>Eschweilera coriacea</i>	matamatá-amarelo		x			
<i>Eschweilera odora</i>	matámatá					
<i>Eschweilera parvifolia</i>	?	x				
<i>Eschweilera pedicellata</i>	ripeiro		x			
<i>Eschweilera tenuifolia</i>	macacarecuia	x				
<i>Eschweilera tessmannii</i>	?		x			
<i>Eschweilera truncata</i>	?		x			
<i>Eschweilera wachenheimii</i>	matamatá-amarelo		x			
<i>Gustavia augusta</i>	geniparana; general		x			
<i>Gustavia elliptica</i>	mucurão		x			
<i>Gustavia hexapetala</i>	?	x				
<i>Lecythis paraensis</i>	?	x				
<i>Lecythis zabucajo</i>	castanha-sapucaia		x			
<i>Lecythis</i> sp.	castanha-vermelha		x			
<i>Lecythis</i> sp.	castanha-jarana		x			
Lentibulariaceae						
<i>Utricularia foliosa</i>	lodo; são-joão	x				
<i>Utricularia</i> sp1	lodo	x				

Família, Gênero e Espécie	Nomenclatura Popular	IDSMS, 2010	Lima <i>et al.</i> (2007)	Fernandes <i>et al.</i> (1998)	Canalez (2009)	Canalez (2007)
<i>Utricularia</i> sp2	lodo	x				
Liliaceae						
<i>Bomarea edulis</i> var. <i>grandis</i>	?	x				
Loganiaceae						
<i>Strychnos asperula</i>	?	x				
<i>Strychnos darinensis</i>	?	x				
<i>Strychnos mattogrossensis</i>	?	x				
<i>Strychnos nigricans</i>	?	x				
<i>Strychnos rondeletoides</i>	?	x				
<i>Strychnos</i> sp.	?	x				
Lythraceae						
<i>Cuphea melvilla</i>	?	x				
Malpighiaceae						
<i>Byrsonima</i> cf. <i>arthropoda</i>	?	x				
<i>Byrsonima amazonica</i>	?	x				
<i>Byrsonima chrysophylla</i>	murici			x		
<i>Byrsonima japurensis</i>	muruxi	x				
<i>Byrsonima</i> sp.	murici	x	x			
<i>Hiraea fagigolia</i>	?	x				
<i>Mascagnia divaricata</i>	?	x				
<i>Stigmaphyllon</i> cf. <i>paraense</i>	?	x				
<i>Stigmaphyllon sinuatum</i>	?	x				
<i>Tetrapteryx mucronata</i>	?		x			
Malvaceae (incl. Bombacaceae, Tiliaceae, Sterculiaceae)						
<i>Apeiba asperana</i>	?	x				
<i>Apeiba</i> cf. <i>burchelli</i>	?	x				

Família, Gênero e Espécie	Nomenclatura Popular	IDSMS, 2010	Lima <i>et al.</i> (2007)	Fernandes <i>et al.</i> (1998)	Canalez (2009)	Canalez (2007)
<i>Byttneria ancistrodonta</i>	?	x				
<i>Byttneria coriacea</i>	?	x				
<i>Ceiba pentandra</i>	sumaúma	x		x		
<i>Guazuma ulmifolia</i>	?	x				
<i>Gossypium cf. barbadense</i>	algodoeiro	x				
<i>Herrania mariaie</i>	?	x				
<i>Hibiscus bifurcatus</i>	?	x				
<i>Hibiscus sororis</i>	?	x				
<i>Luehea cymulosa</i>	?	x				
<i>Luehea sp.</i>	?	x				
<i>Lueheopsis rosea</i>	urucurana-cacau		x			
<i>Malachra radiata</i>	?	x				
<i>Malachra radiata</i>	?	x				
<i>Melochia mollis</i>	?	x				
<i>Pachira aquatica</i>	?	x				
<i>Pachira cf. insignis</i>	?	x				
<i>Pseudobombax munguba</i>	munguba	x		x		
<i>Quararibea guianensis</i>	?	x				
<i>Quararibea ochrocalyx</i>	envira-sapotinha		x			
<i>Sterculia elata</i>	?	x	x			
<i>Sterculia elata</i>	?		x			
<i>Sterculia micrantha</i>	?		x			
<i>Sterculia pruriens</i>	achichá; axixá		x			
<i>Sterculia speciosa</i>	achichá; axixá			x		
<i>Sterculiasp.</i>	?		x			
<i>Theobroma cacao</i>	cacau	x				

Família, Gênero e Espécie	Nomenclatura Popular	IDSMS, 2010	Lima <i>et al.</i> (2007)	Fernandes <i>et al.</i> (1998)	Canalez (2009)	Canalez (2007)
<i>Theobroma grandiflorum</i>	cupuaçu	x				
<i>Theobroma guianense</i>	?	x				
<i>Theobroma mariae</i>	?	x				
<i>Theobroma subincanum</i>	cupui		x			
<i>Theobroma sp.</i>	?	x				
<i>Scleronema micranthum</i>	cardeiro			x		
<i>Sterculia elata</i>	?		x			
<i>Sterculia micrantha</i>	?		x			
<i>Sterculia pruriens</i>	achichá		x			
<i>Sterculiasp.</i>	?		x			
Marantaceae						
<i>Calathea microcephala</i>	arumã	x				
<i>Calathea micans</i>	arumã	x				
<i>Ischnosiphon sp.</i>	arumã		x			x
Melastomataceae (incl. Memecylaceae)						
<i>Aciotis aequatorialis</i>	?	x				
<i>Bellucia dichotoma</i>	goiaba- de anta-de-folha-grande	x	x			
<i>Bellucia grossularioides</i>	goiaba-de-anta-vermelha	x	x			
<i>Maieta sp.</i>	?	x				
<i>Miconia calvascens</i>	?	x				
<i>Miconia argyrophylla</i>	buchuchu-canela-de-velho		x			
<i>Miconialepidota.</i>	buxuxu		x			
<i>Miconia tomentosa</i>	buxuxu-orelha-de-burro		x			
<i>Miconia poeppigii</i>	?	x				
<i>Miconia sp.</i>	buxuxu-vermelho		x			

Família, Gênero e Espécie	Nomenclatura Popular	IDSMS, 2010	Lima <i>et al.</i> (2007)	Fernandes <i>et al.</i> (1998)	Canalez (2009)	Canalez (2007)
<i>Mouriri acutifolia</i>	?	x				
<i>Mouriri duckeana</i>	mamãozinho		x			
<i>Mouriri nigra</i>	?	x				
<i>Mouriri ulei</i>	sococó	x				
<i>Mouriri sp.</i>	?	x				
<i>Tococasp.</i>	?	x				
Meliaceae						
<i>Carapa guianensis</i>	andiroba	x		x		
<i>Cedrela odorata</i>	cedro	x		x		
<i>Guarea convergens</i>	gitó-branco		x			
<i>Guarea subsessiliflora</i>	?					
<i>Guarea trichilioides</i>	gitó			x		
<i>Trichilia lecointei</i>	?	x				
<i>Trichilia micrantha</i>	?	x				
<i>Trichilia solitudinis</i>	?	x				
<i>Tchichilia sp.</i>	gitó		x			
Menispermaceae						
<i>Cissampelos pareira</i>	?	x				
<i>Cissampelos sp.</i>	?	x				
<i>Curarea toxifera</i>	?	x				
<i>Odontocarya tamoides</i>	?	x				
Molluginaceae						
<i>Glinus radiatus</i>	?					
Moraceae						
<i>Batocarpus amazonicus</i>	?	x				
<i>Brosimum acutifolium</i> ssp. <i>Interjectum</i>	?		x			

Família, Gênero e Espécie	Nomenclatura Popular	IDSMS, 2010	Lima <i>et al.</i> (2007)	Fernandes <i>et al.</i> (1998)	Canalez (2009)	Canalez (2007)
<i>Brosimum guianense</i>	inharé		x			
<i>Brosimum lactescens</i>	?	x	x			
<i>Brosimum longifolium</i>	amapá-doce		x			
<i>Brosimum parinarioides</i>	amapá; amapá-doce			x		
<i>Brosimum rubescens</i>	pau-rainha		x			
<i>Brosimum</i> sp.	caucho		x			
<i>Brosimum utile</i> sp. <i>ovatifolium</i>	amapá-doce		x			
<i>Clarisia racemosa</i>	guariúba		x			
<i>Chlorophora tinctoria</i>	?	x				
<i>Ficus amazonica</i>	apui	x				
<i>Ficus antihelminthica</i>	apui	x				
<i>Ficus gomelleira</i>	caucho		x			
<i>Ficus greiffiana</i>	apui		x			
<i>Ficus guianensis</i>	apui	x				
<i>Ficus</i> cf. <i>hebetifolia</i>	apui	x				
<i>Ficus insipida</i>	caxinguba	x				
<i>Ficus maxima</i>	lombrigueira	x				
<i>Ficus pakkensis</i>	apui		x			
<i>Ficus</i> cf. <i>pertusa</i>	apui	x				
<i>Ficus schumacheri</i>	apui	x				
<i>Ficus trigona</i>	apui	x				
<i>Ficus</i> sp.	caxinguba		x			
<i>Helianthostylis sprucei</i>	Falsa rainha					
<i>Helicostylis tomentosa</i>	Inharé; falsa-rainha			x		
<i>Helicostylis turbinata</i>	?			x		
<i>Maclura tinctoria</i>	?	x				

Família, Gênero e Espécie	Nomenclatura Popular	IDSMS, 2010	Lima <i>et al.</i> (2007)	Fernandes <i>et al.</i> (1998)	Canalez (2009)	Canalez (2007)
<i>Maquira calophylla</i>	muiratinga		x			
<i>Maquira coriacea</i>	?	x				
<i>Maquira guianensis</i>	?		x			
<i>Mora paraensis</i>	pracuúba				x	
<i>Naucleopsis ulei</i>	jaca-brava		x			
<i>Pseudolmedia laevicarpa</i>	?	x				
<i>Pseudolmedia laevigata</i>	?	x	x			
<i>Pseudolmedia laevis</i>	?		x			
<i>Sorocea duckei</i>	caimbé	x				
<i>Trymatocaccus amazonicus</i>	muiratinga		x			
Myristicaceae						
<i>Iryanthera elliptica</i>	ucuúba-punã		x			
<i>Iryanthera juruensis</i>	ucuúba	x	x			
<i>Iryanthera laevis</i>	ucuúba-puna		x			x
<i>Iryanthera lancifolia</i>	ucuúba-punã		x			
<i>Iryanthera macrophylla</i>	?	x				
<i>Iryanthera olacoides</i>	?	x				
<i>Iryanthera ulei</i>	?		x			
<i>Iryanthera sp.</i>	?	x	x			
<i>Osteophloeum platyspermum</i>	?		x			
<i>Virola caducifolia</i>	ucuúba-preta		x			
<i>Virola calophylla</i>	ucuúba-folha-peluda		x			x
<i>Virola cuspidata</i>	?	x				
<i>Virola michelii</i>	ucuúba-branca		x			x
<i>Virola mollissima</i>	ucuúba-vermelha		x			
<i>Virola multicostata</i>	?		x			

Família, Gênero e Espécie	Nomenclatura Popular	IDSMS, 2010	Lima <i>et al.</i> (2007)	Fernandes <i>et al.</i> (1998)	Canalez (2009)	Canalez (2007)
<i>Virola pavonis</i>	ucuúba branca		x			
<i>Virola sp.</i>	ucuúba branca		x			
<i>Virola theiodora</i>	?		x			
<i>Virola venosa</i>	?		x			
<i>Virola surinamensis</i>	virola	x		x		
Myrtaceae						
<i>Calycolpus goetheanus</i>	?	x				
<i>Calypttranthes crebra</i>	ucuuba-puna	x	x			
<i>Calypttranthes cuspidata</i>	araçá-branco		x			
<i>Calypttranthes multiflora</i>	?	x				
<i>Calypttranthes sp.</i>	?	x				
<i>Eugenia brachypoda</i>	?	x				
<i>Eugenia cf. omissa</i>	?	x				
<i>Eugenia feijoi</i>	?	x				
<i>Eugenia florida</i>	araçá-bravo		x			
<i>Eugenia inundata</i>	?	x				
<i>Eugenia patrisii</i>	araçá		x			
<i>Eugenia prosoneura</i>	?	x				
<i>Eugenia schomburgkii</i>	?	x				
<i>Eugenia sp1</i>	?	x				
<i>Eugenia sp2</i>	?	x				
<i>Eugenia sp3</i>	?	x				
<i>Marlierea cf. umbraticola</i>	?	x				
<i>Myrcia aliena</i>	goiabinha		x			
<i>Myrcia coumete</i>	?	x				
<i>Myrcia decorticans</i>	?	x				

Família, Gênero e Espécie	Nomenclatura Popular	IDSMS, 2010	Lima <i>et al.</i> (2007)	Fernandes <i>et al.</i> (1998)	Canalez (2009)	Canalez (2007)
<i>Myrcia fallax</i>	?	x				
<i>Myrciacf.rufipila</i>	?	x				
<i>Myrcia</i> sp.	?	x				
<i>Myrciaria dubia</i>	camu-camu	x				
<i>Myrciaria floribunda</i>	?	x				
<i>Myrciariasp.</i>	?	x				
<i>Psidium ovatifolium</i>	?	x				
<i>Psidium</i> cf. <i>acutangulum</i>	araçá	x				
<i>Psidium</i> sp.	araçá	x				
Nyctaginaceae						
<i>Neea</i> cf. <i>aeruginosa</i>	?	x				
<i>Neea floribunda</i>	João mole		x			
<i>Neea oppositifolia</i>	João mole		x			
<i>Neeasp.</i>	?	x				
<i>Pisoniasp.</i>	?	x				
Nymphaeaceae						
<i>Victoria amazonica</i>	vitória-régia; uapé-açu	x				
Ochnaceae						
<i>Blastomanthussp.</i>	?	x				
<i>Cespedesia spathulata</i>	?		x			
<i>Ouratea salicifolia</i>	?	x				
Olacaceae						
<i>Cathedra acuminata</i>	?	x				
<i>Dulacia</i> sp.	?		x			
<i>Heisteria</i> cf. <i>densiflora</i>	?	x				
<i>Heisteria densifrons</i>	itaubarana		x			

Família, Gênero e Espécie	Nomenclatura Popular	IDSMS, 2010	Lima <i>et al.</i> (2007)	Fernandes <i>et al.</i> (1998)	Canalez (2009)	Canalez (2007)
<i>Heisteria spruceana</i>	?	x				
<i>Heisteria</i> sp.	?	x	x			
<i>Minuartia guianensis</i>	acariguara-roxa	x	x	x		
Onagraceae						
<i>Ludwigia affinis</i>	?	x				
<i>Ludwigia</i> cf. <i>rigida</i>	?	x				
<i>Ludwigia decurrens</i>	?	x				
<i>Ludwigia helminthorhiza</i>	mureru, berduega	x				
<i>Ludwigia leptocarpa</i>	tintarana	x				
<i>Ludwigia natans</i>	?	x				
<i>Ludwigia</i> sp.	?	x				
<i>Ludwigia</i> sp.	?	x				
Orchidaceae						
<i>Ionopsis utricularoides</i>	?	x				
<i>Sobralia violacea</i>	?	x				
<i>Trigonidium</i> sp.	?		x			
Parkeriaceae						
<i>Ceratopteris pteridoides</i>	mureru-véu	x				
Passifloraceae						
<i>Passiflora glandulosa</i>	maracujá	x				
<i>Passiflora coccinea</i>	maracujá	x				
<i>Passiflora filipes</i>	maracujá	x				
Phyllanthaceae						
<i>Phyllanthus biantherifer</i>	?	x				
<i>Phyllanthus fluitans</i>	mureruzinho	x				
<i>Phyllanthus urinaria</i>	?	x				

Família, Gênero e Espécie	Nomenclatura Popular	IDSMS, 2010	Lima <i>et al.</i> (2007)	Fernandes <i>et al.</i> (1998)	Canalez (2009)	Canalez (2007)
Phytolaccaceae						
<i>Microtea debilis</i>	?	x				
<i>Seguiera</i> sp.	?	x				
<i>Trichostigma octandra</i>	?	x				
Piperaceae						
<i>Piper peltata</i>	?	x				
<i>Piper</i> sp.	?	x				
<i>Piper</i> sp. 1	?	x				
<i>Piper</i> sp. 2	?	x				
Poaceae						
<i>Echinochloa polystachya</i>	canarana	x				
<i>Eragrostis hypnoides</i>	?	x				
<i>Eragrostis japonica</i>	?	x				
<i>Eriochloa punctata</i>	?	x				
<i>Guadua angustifolia</i>	taboca	x				
<i>Guadua ciliata</i>	taboca	x				
<i>Gynerium sagittatum</i>	cana-brava	x				
<i>Hymenachne amplexicaule</i>	rabo-de-raposa	x				
<i>Leersia hexandra</i>	capim-navalha	x				
<i>Leptochloa scabra</i>	?	x				
<i>Luziola spruceana</i>	uamã; omã	x				
<i>Oryza grandiglumis</i>	arroirana	x				
<i>Oryza rufipogon</i>	arroirana	x				
<i>Panicum dichotomiflorum</i>	capim-de-marreca	x				
<i>Panicum pilosum</i>	?	x				
<i>Panicum poligonatum</i>	?	x				

Família, Gênero e Espécie	Nomenclatura Popular	IDSMS, 2010	Lima <i>et al.</i> (2007)	Fernandes <i>et al.</i> (1998)	Canalez (2009)	Canalez (2007)
<i>Pariana tenuis</i>	?	x				
<i>Paspalum conjugatum</i>	?	x				
<i>Paspalum fasciculatum</i>	murim; arroerana	x				
<i>Paspalum melanospermum</i>	?	x				
<i>Paspalum orbiculatum</i>	graminha-de-peixe-boi	x				
<i>Paspalum repens</i>	memeca	x				
<i>Schizachyrium condensatum</i>	?	x				
<i>Setaria</i> sp.	?	x				
<i>Steinchisma</i> cf. <i>decipiens</i>	?	x				
Polygalaceae						
<i>Diclidanthera penduliflora</i>	?	x				
Polygonaceae						
<i>Coccoloba</i> cf. <i>densifrons</i>	?	x				
<i>Coccoloba ovata</i>	?	x				
<i>Coccoloba parinensis</i>	?		x			
<i>Coccoloba pichuna</i>	?	x				
<i>Polygonum acuminatum</i>	?	x				
<i>Ruprechtia asperula</i>	?	x				
<i>Ruprechtia brachysepala</i>	?		x			
<i>Ruprechtia laugorana</i>	?	x				
<i>Ruprechtia tangarana</i>	?	x				
<i>Ruprechtia tenuifolia</i>	?	x				
<i>Symmeria paniculata</i>	carauaçu	x				
<i>Symmeriasp.</i>	?	x				
<i>Triplaris pyramidalis</i>	?	x				
<i>Triplaris surinamensis</i>	?	x				

Família, Gênero e Espécie	Nomenclatura Popular	IDSMS, 2010	Lima <i>et al.</i> (2007)	Fernandes <i>et al.</i> (1998)	Canalez (2009)	Canalez (2007)
Pontederiaceae						
<i>Eichhornia crassipes</i>	mureru; aguapé	x				
<i>Reussia rotundifolia</i>	?	x				
Proteaceae						
<i>Roupala</i> sp.	?	x				
Parkeriaceae						
<i>Ceratopteris pteridioides</i>	?	x				
Quiinaceae						
<i>Quiina paraensis</i>	?	x				
<i>Quiina rhytidopus</i>	?	x				
Rhamnaceae						
<i>Colubrina</i> cf. <i>retusa</i>	?	x				
<i>Gouania frangulaeifolia</i>	?	x				
Rhizophoraceae						
<i>Sterigmapetalum</i> sp.	?	x				
Rubiaceae						
<i>Alibertia latifolia</i>	?	x				
<i>Alibertia</i> sp.	?	x				
<i>Bothriospora corymbosa</i>	macaquinha	x				
<i>Botryarrena pendula</i>	?		x			
<i>Calycophyllum spruceanum</i>	mulateiro; pau-mulato	x				
<i>Chomelia tenuiflora</i>	?		x			
<i>Coussarea ampla</i>	?		x			
<i>Coussarea hydrangifolia</i>	?	x				
<i>Coussarea</i> sp.	?	x				
<i>Coutarea</i> sp.	?	x				

Família, Gênero e Espécie	Nomenclatura Popular	IDSMS, 2010	Lima <i>et al.</i> (2007)	Fernandes <i>et al.</i> (1998)	Canalez (2009)	Canalez (2007)
<i>Diodia teres</i>	?	x				
<i>Duroia duckei</i>	apuruí	x				
<i>Duroia gransabanensis</i>	apuruí		x			
<i>Duroia macrophylla</i>	apuruí	x	x			
<i>Faramea</i> sp.	?	x				
<i>Ferdinandusa goudotiana</i>	?		x			
<i>Genipa americana</i>	genipapo	x				
<i>Guettarda aromatica</i>	?	x				
<i>Guettarda pohliana</i>	?	x				
<i>Isertia hypoleuca</i>	?		x			
<i>Ladenbergia amazonensis</i>	puruí		x			
<i>Oldenlandia corymbosa</i>	grama	x				
<i>Oldenlandia lanceifolia</i>	panguilé	x				
<i>Pagamea macrophylla</i>	?		x			
<i>Palicourea</i> cf. <i>decipiens</i>	?	x				
<i>Palicourea</i> cf. <i>guianensis</i>	?	x				
<i>Palicourea fustigiata</i>	erva-de-rato	x				
<i>Palicourea crocea</i>	?	x				
<i>Palicourea</i> sp.	?	x	x			
<i>Posoqueria longiflora</i>	?	x				
<i>Psychotria barbiflora</i>	?		x			
<i>Psychotrialupulina</i>	?	x				
<i>Rudgea cornifolia</i>	?	x				
<i>Sickingia tinctoria</i>	?	x				
<i>Sommeria sabicoides</i>	?	x				
<i>Sommeria</i> sp.	?	x				

Família, Gênero e Espécie	Nomenclatura Popular	IDSMS, 2010	Lima <i>et al.</i> (2007)	Fernandes <i>et al.</i> (1998)	Canalez (2009)	Canalez (2007)
<i>Spermacoce latifolia</i>	?	x				
<i>Spermacoce latifolia</i>	?	x				
<i>Spermacoce ocymifolia</i>	?	x				
<i>Tocoyena foetida</i>	?	x				
<i>Uncaria guianensis</i>	unha-de-gato	x				
<i>Uncaria</i> sp.	unha-de-gato	x				
Rutaceae						
<i>Spiranthera parviflora</i>	?		x			
<i>Zanthoxylum reidelianum</i>	?	x				
<i>Zanthoxylum</i> sp.	?	x				
<i>Zanthoxylum</i> sp.	?	x				
Salicaceae (incl. Flacourtiaceae)						
<i>Banara nitida</i>	?	x				
<i>Casearia aculeata</i>	?	x				
<i>Casearia benthamii</i>	?	x				
<i>Casearia javitensis</i>	castanha-de-cotia		x			
<i>Casearia negrensis</i>	?		x			
<i>Casearia ulmifolia</i>	piabinha-branca		x			
<i>Casearia</i> sp.	periquiteira		x			
<i>Eichlerodendron</i> cf. <i>calophyllum</i>	?	x				
<i>Homalium racemosum</i>	?	x				
<i>Homalium</i> sp.	?	x				
<i>Laetia corymbulosa</i>	sardinheira	x				
<i>Laetia procera</i>	periquiteira-amarela		x			
<i>Xylosma intermedium</i>	?	x				

Família, Gênero e Espécie	Nomenclatura Popular	IDSMS, 2010	Lima <i>et al.</i> (2007)	Fernandes <i>et al.</i> (1998)	Canalez (2009)	Canalez (2007)
<i>Salix martiana</i> var. <i>humboldtiana</i>	oierana	x				
Santalaceae (incl. Viscaceae e Eremolepidaceae)						
<i>Phoradendron platycaulon</i>	erva-de-passarinho	x				
Salviniaceae						
<i>Salvinia auriculata</i>	mureru	x				
<i>Salvinia rotundifolia</i>	mureru	x				
Sapindaceae						
<i>Allophylus amazonicus</i>	?	x				
<i>Allophylus scrobiculatus</i>	?	x				
<i>Cupania scrobiculata</i>	pitomba-da-mata		x			
<i>Cupania</i> sp.	?	x				
<i>Matayba arborescens</i>	?	x				
<i>Matayba macrostylis</i>	?	x				
<i>Matayba</i> sp.	?		x			
<i>Paullinia alata</i>	?	x				
<i>Paullinia</i> sp.	?	x				
<i>Talisia</i> sp.	?	x				
Sapotaceae						
<i>Chlorolema</i> cf. <i>gonocarpa</i>	?	x				
<i>Chrysophyllum auratum</i>	?	x				
<i>Chrysophyllum</i> sp.	ucuquirana		x			
<i>Ecclinusa guianensis</i>	abiurana-bacuri		x			
<i>Elaeoluma glabrescens</i>	caramuri	x				
<i>Franchetella anibifolia</i>	?	x				
<i>Franchetella</i> sp.	?	x				
<i>Manilkara</i> sp.	maçaranduba		x			

Família, Gênero e Espécie	Nomenclatura Popular	IDSMS, 2010	Lima <i>et al.</i> (2007)	Fernandes <i>et al.</i> (1998)	Canalez (2009)	Canalez (2007)
<i>Manilkara amazonica</i>	maparajuba			x		
<i>Manilkara huberi</i>	maçaranduba			x		
<i>Micropholis casiquiarensis</i>	abiurana-de-casca-fina		x			
<i>Micropholis egensis</i>	?	x				
<i>Micropholis guyanensis</i>	Chiclete bravo		x			
<i>Micropholis guyanensis</i> ssp. <i>duckeana</i>	Rosada brava		x			
<i>Micropholis guyanensis</i> ssp. <i>guyanensis</i>	Rosada		x			
<i>Micropholis mensalis</i>	?		x			
<i>Micropholis</i> sp.	?		x			
<i>Micropholis splendens</i>	?		x			
<i>Micropholis</i> cf. <i>venulosa</i>	?		x			
<i>Neoxythece elegans</i>	abiorana	x				
<i>Neoxythece</i> sp.	abiorana	x				
<i>Pouteria anomala</i>	abiurana-olho-de-veado		x			
<i>Pouteria bilocularis</i>	abiurana-casca-grossa		x			
<i>Pouteria caimito</i>	abiu; abiurana	x	x			x
<i>Pouteria cladantha</i>	jaraí		x			
<i>Pouteria cuspidata</i>	abiurana-abiu		x			
<i>Pouteria flavilatex</i>	abiurana-cutite		x			
<i>Pouteria franciscana</i>	?		x			
<i>Pouteria glomerata</i>	abiurana	x				
<i>Pouteria gomphiifolia</i>	?	x				
<i>Pouteria</i> cf. <i>oblanceolata</i>	abiurana-branca		x			
<i>Pouteria opposita</i>	abiurana-leite-amarelo		x			
<i>Pouteria virescens</i>	abiurana-de-guariba		x			

Família, Gênero e Espécie	Nomenclatura Popular	IDSMS, 2010	Lima <i>et al.</i> (2007)	Fernandes <i>et al.</i> (1998)	Canalez (2009)	Canalez (2007)
<i>Pouteria venosasp. amazonica</i>	abiurana-roxa		x			
<i>Pouteria williamii</i>	?					
<i>Pouteria</i> sp.	abiurana		x			
<i>Pouteria</i> sp.	?	x				
<i>Sarcaulus brasiliensis</i>	?	x				
<i>Urbanella excelsa</i>	?	x				
Scrophulariaceae						
<i>Bacopa connata</i>	?	x				
<i>Bacopa depressa</i>	?	x				
<i>Bacopa egense</i>	?	x				
<i>Lindernia crustacea</i>	?	x				
<i>Lindernia procumbens</i>	?	x				
<i>Scoparia dulcis</i>	?	x				
Simaroubaceae						
<i>Simaba cedron</i>	?	x				
<i>Simaba guianensis</i>	cajurana	x		x		
<i>Simaba multiflora</i>	?	x				
<i>Simaba polyphylla</i>	marupá-roxo		x			
<i>Simaba</i> sp.	marupá		x			
<i>Simarouba amara</i>	marupá			x		
Siparunaceae						
<i>Siparuna decipiens</i>	Capitiú folha miúda		x			
<i>Siparuna sarmentosa</i>	Capitiú folha grande		x			
<i>Siparunasp.</i>	Capitiú		x			
Solanaceae						
<i>Markea camponoti</i>	?		x			

Família, Gênero e Espécie	Nomenclatura Popular	IDSMT, 2010	Lima <i>et al.</i> (2007)	Fernandes <i>et al.</i> (1998)	Canalez (2009)	Canalez (2007)
<i>Physalis angulata</i>	?	x				
<i>Solanum paniculatum</i>	?	x				
<i>Solanum sessiliforme</i>	?	x				
<i>Solanum sisymbriifolium</i>	?	x				
<i>Solanum</i> sp.	?	x				
<i>Solanum</i> sp.1	?	x				
<i>Solanum</i> sp.2	?	x				
Sphenocleaceae						
<i>Sphenoclea zeylanica</i>	?	x				
Stemonuraceae						
<i>Discophora guianensis</i> (ex Icacinaceae)	mari-bravo		x			
Styracaceae						
<i>Styrax guianensis</i>	?	x				
Thelypteridaceae						
<i>Thelypteris serrata</i>	?	x				
<i>Thelypteris</i> sp.	?	x				
<i>Clavija lancifolia</i>	?	x				
Ulmaceae						
<i>Ampelocera edentula</i>	envira-iodo		x			
Urticaceae (incl. Cecropiaceae)						
<i>Cecropia latiloba</i>	embaúba	x				
<i>Cecropia membranacea</i>	embaúba	x				
<i>Cecropia ovata</i>	embaúba		x			
<i>Cecropia purpurascens</i>	embaúba-roxa		x			
<i>Cecropia sciadophylla</i>	embaúba-gigante		x			
<i>Cecropia</i> sp.	embaúba	x				

Família, Gênero e Espécie	Nomenclatura Popular	IDSMS, 2010	Lima <i>et al.</i> (2007)	Fernandes <i>et al.</i> (1998)	Canalez (2009)	Canalez (2007)
<i>Coussapoa asperifolia</i>	?	x				
<i>Coussapoa magnifolia</i>	?	x				
<i>Coussapoa orthoneura</i>	apuí		x			x
<i>Coussapoa nitida</i>	?	x				
<i>Coussapoa</i> sp.	?	x				
<i>Pourouma bicolor</i>	embaubarana		x			
<i>Pourouma cecropiifolia</i>	?		x			
<i>Pourouma minor</i>	embaubarana		x			
<i>Pourouma ovata</i>	embaúba; embaubarana		x			x
<i>Pourouma tomentosa</i> ssp. <i>tomentosa</i>	embaúba-benguê		x			
<i>Pourouma</i> sp.	?	x	x			
<i>Urera baccifera</i>	urtigão	x				
Verbenaceae						
<i>Lippia alba</i>	cidreira	x				
<i>Lippia betulifolia</i>	?	x				
<i>Phyla betulaefolia</i>	?	x				
Violaceae						
<i>Amphirrhox longifolia</i>	?		x			
<i>Corynostylis</i> sp.	?	x				
<i>Leonia crassa</i>	?		x			
<i>Leonia glyxicarpa</i>	?	x	x			
<i>Rinorea amapensis</i> Hekking	?		x			
<i>Rinorea guianensis</i> Aubl.	falsa-cupiúba		x			
<i>Rinorea</i> sp.	branquinha		x			
Vitaceae						
<i>Cissus erosa</i>	?	x				

Família, Gênero e Espécie	Nomenclatura Popular	IDSMS, 2010	Lima <i>et al.</i> (2007)	Fernandes <i>et al.</i> (1998)	Canalez (2009)	Canalez (2007)
<i>Cissus sicyoides</i>	cipó-pucá	x				
<i>Cissus</i> sp.	?	x				
Vochysiaceae						
<i>Erismabicolor</i>	maueira		x			
<i>Erisma calcaratum</i>	?	x	x			
<i>Erismasp.</i>	maueira		x			x
<i>Erismasp.</i> 1	quaruba-branca		x			
<i>Qualea paraensis</i>	mandioqueira preta		x			
<i>Vochysiaferruginea</i>	quaruba		x			
<i>Vochysia</i> sp.	quaruba-vermelha		x			

Anexo III. Lista da mastofauna da RESEX Auati-Paraná (Adaptada de BRASIL, 1998).

MAMÍFEROS (Organização segundo Machado <i>et al.</i> (2008))				
Ordem	Família	Gênero/ Espécie	Nome Comum	Status Conservação (Machado <i>et al.</i>, 2008)
Didelphimorphia	Didelphidae	<i>Didelphis</i> sp.	Mucura	
Pilosa	Myrmecophagidae	<i>Cyclopes didactylus</i>	Tamanduai	
		<i>Myrmecophaga tridactyla</i>	Tamanduá-bandeira	VU
		<i>Tamandua tetradactyla</i>	Mambira	
	Bradypodidae	<i>Bradypus variegatus</i>	Preguiça	
Cingulata	Dasypodidae	<i>Priodontes maximus</i>	Tatu-canastra	VU
Chiroptera	Noctilionidae	<i>Noctilio</i> sp.	Morcego-pescador	
	Phyllostomidae	<i>Desmodus</i> sp.	Morcego-vampiro	
Primates	Atelidae	<i>Allouata seniculus</i>	Guariba	
		<i>Ateles belzebuth</i>	Macaco-aranha	VU
		<i>Lagothrix lagothricha</i>	Macaco-barrigudo	
	Cebidae (incluindo <i>Saguinus</i> e <i>Cebuella</i>)	<i>Cebuella</i> cf. <i>pygmaea</i>	Sagui-leãozinho	
		<i>Aotus vociferans</i>	Macaco-da-noite	
		<i>Callimico goeldii</i>	Sagui	
		<i>Saimiri sciureus</i>	Macaco-de-cheiro	
		<i>Cebus albifrons</i>	Cairara	
		<i>Cebus</i> sp.	Macaco-prego	

MAMÍFEROS (Organização segundo Machado <i>et al.</i> (2008))				
Ordem	Família	Gênero/ Espécie	Nome Comum	Status Conservação (Machado <i>et al.</i>, 2008)
	Cebidae (incluindo <i>Saguinus</i> e <i>Cebuella</i>)			
		<i>Saguinus</i> sp.	Sagui-cara-suja	
		<i>Saguinus subnigrescens</i>	Sagui-imperador	
		<i>Saguinus mystax</i>	Sagui-de-boca-branca	
	Pitheciidae	<i>Pithecia</i> sp.	Parauacu	
		<i>Callicebus</i> sp.	Zogue-zogue	
		<i>Cacajao calvus</i>	Uacari	VU
Carnivora	Canidae	<i>Speothos venaticus</i>	Cachorro-do-mato	VU
	Mustelidae	<i>Pteronura brasiliensis</i>	Ariranha	VU
		<i>Lontra longicaudis</i>	Lontra	
		<i>Eira barbata</i>	Irara	
	Procyonidae	<i>Nasua nasua</i>	Quati	
	Felidae	<i>Leopardus pardalis</i>	Jaguaririca	VU
		<i>Leopardus wiedii</i>	Maracajá	VU
		<i>Puma concolor</i>	Onça-vermelha	VU
		<i>Panthera onca</i>	Onça-pintada	VU
Cetacea	Iniidae	<i>Inia geoffrensis</i>	Boto	
	Delphinidae	<i>Sotalia fluviatilis</i>	Tucuxi	
Sirenia	Trichechidae	<i>Trichechus inunguis</i>	Peixe-boi	VU
Perissodactyla	Tapiridae	<i>Tapirus terrestris</i>	Anta	
Artiodactyla	Cervidae	<i>Mazama gouazoubira</i>	Veado-roxo	

MAMÍFEROS (Organização segundo Machado <i>et al.</i> (2008))				
Ordem	Família	Gênero/ Espécie	Nome Comum	Status Conservação (Machado <i>et al.</i>, 2008)
	Cervidae			
		<i>Mazama americana</i>	Veado-vermelho	
	Tayassuidade	<i>Tayassu pecari</i>	Queixada	
		<i>Tayassu tajacu</i>	Caititu	
Rodentia	Sciuridae	<i>Sciurus</i> sp.	Quatipuru	
	Agoutidae	<i>Cuniculus paca</i> (<i>Agouti paca</i>)	Paca	
	Dasyproctidae	<i>Dasyprocta</i> sp.	Cutia	

Anexo IV. Lista da herpetofauna da RESEX Auati-Paraná (Adaptada de BRASIL, 1998).

RÉPTEIS (Organização segundo Machado <i>et al.</i> (2008))				
Squamata (Sauria)	Teiidae	<i>Ameiva ameiva</i>	Calango	
	Iguanidae	<i>Anolis chrysolepis</i>	Camaleão	
	Gekkonidae	NI	Osga-grande	
Squamata (Serpentes)	Boidae	<i>Boa constrictor</i>	Jiboia	
		<i>Eunectes murinus</i>	Sucuri	
	Colubridae	<i>Dendrophidion dendroph</i>	Cobra-cipó	
		<i>Pseustes paecilonotus</i>	Papa-ovo	
		<i>Helicops hagmann</i>	Cobra-papagaio	
		<i>Hydrops triangularis</i>	Coral	
		<i>Xenodon</i> sp.	Jararaca-de-igapó	
	Viperidae	<i>Bothrops bilineatus</i>	Cobra-papagaio	
		<i>Lachesis muta</i>	Surucucu	
Testudines (Quelonia)	Podocnemidae	<i>Podocnemis expansa</i>	Tartaruga	Anexo II - CITES
		<i>Podocnemis unifilis</i>	Tracajá	VU (IUCN); Anexo II - CITES
		<i>Podocnemis sextuberculata</i>	Iaçá	VU (IUCN); Anexo II - CITES
	Testudinidae	<i>Geochelone denticulata</i>	Jabuti	VU (IUCN); Anexo II - CITES
	Geoemydidae	<i>Rhinoclemmys</i> sp.	Perema	
		<i>Rhinoclemmys</i> sp.	Perema-peito-de-mola	
Crocodylia	Crocodylidae	<i>Caiman crocodilus</i>	Jacaretinga	
		<i>Melanosuchus niger</i>	Jacaré-açu	
		<i>Paleosuchus</i> cf. <i>trigonatus</i>	Jacarepaguá	

NI: Não identificado

Anexo V. Ictiofauna comestível da RESEX Auati-Paraná (Adaptado de BRASIL, 2006b; 2007b).

Espécie	Nome científico	Período	Local	Potencial econômico
Agulhão	NI	Jan / dez	Rio, igapó, igarapé e lago	
Aracu	<i>Leporinus</i> sp.	Jan /dez	Rio, igapó e lago	
Aracu--barrão	<i>Schizodum</i> sp.	Jan / dez	Igarapé	
Ararí	<i>Chalceus macrolepidotus</i>	Jan / dez	Igarapé, igapó e lago	
Arraia	<i>Potamotrygon</i> sp.	Jan / dez	Rio e lago, cano, igarapé, praia	
Bacu	<i>Pterodoras granulosus</i>	Jan / dez	Rio, igarapé, igapó e lago	
Bacu-pedra	<i>Pteroduras granulosus</i>	Jan a Fev, Mai a Dez	Rio, lago e igarapé	
Barba-chata	<i>Pirinampus pirinampu</i>	Abr e Mai e Jul a fev	Rio e lago	
Bico-de-pato (xiripira)	<i>Sorubim lima</i>	Jan / dez	Rio e lago	
Bocado	<i>Ageneiosus breifilis</i>	Jul a Abr	Rio	
Bodó	<i>Liposarcus</i> sp.	Jan / dez	Lago, cano, poço, igarapé e rio	X
Bodó-cachimbo	<i>Rineloricaria</i> spp.	Jan / dez	Lago, igarapé e rio	
Braço-de-moça	<i>Hemisorubim platyrhynchos</i>	Fev a Jul	Rio e igarapé	
Branquinha	<i>Potamorhina</i> sp.	Jan a Fev	Lago	X
Caparari	<i>Pseudoplatystoma tigrinum</i>	Jan / dez	Rio, cano, igapó e lago	X
Cará	<i>Geophagus</i> sp.	Jan / dez	Igapó, igarapé, rio, furo e Lago	X
Cará-açu	<i>Astronatus ocellatus</i>	Jan / dez	Lago, rio, igapó e igarapé	X
Cará-branco	<i>Geophagus</i> sp.	Set / Jan	Igarapé, igapó e lago	

Espécie	Nome científico	Período	Local	Potencial econômico
Cará-disco	<i>Pterophyllum scalare</i>	Nov a Jan	Igarapé	
Cará-Lua	NI	Nov a Jan	Igarapé	
Cará-roxo	<i>Geophagus</i> sp.	Jan / dez	Lago, igapó e igarapé	
Cascuda	<i>Psectrogaster rhomboides</i>	Jan / dez	Rio, cano, lago, igapó e igarapé	
Charuto	<i>Anodus</i> sp.	Abr a Mai e Ago a jan	Rio, lago	
Chorona	<i>Potamorhina latior</i>	Jan / dez	Rio, igapó, cano, igarapé e lago	
Cuiú-cuiú	<i>Pseudodoras niger</i>	Jan / dez	Lago, igarapé, poço, igapó e rio	
Curimatã	<i>Prochilodus nigricans</i>	Jan / dez	Lago, rio, igapó e igarapé	X
Dourado	<i>Brachyplatystoma flavicans</i>	Jan / dez	Rio, lago e igarapé	X
Filhote	<i>Brachyplatystoma filamentosum</i>	Jan / dez	Rio, igarapé e lago	X
Flamengo	<i>Brachyplatystoma juruense</i>	Jan / dez	Rio	
Jacundá	<i>Crenicichla johanna</i>	Jan / dez	Rio, igarapé e lago	
Jandiá	<i>Leiarius marmoratus</i>	Jan / dez	Lago, restinga, igapó, igarapé e rio	
Jaraqui	<i>Semaprochilodus</i> sp.	Jan / dez	Rio, cano, igarapé, igapó e lago	X
Jatuarana	<i>Brycon melanopterus</i>	Jan / dez	Rio, cano, igapó, igarapé e lago	X
Jaú	<i>Pauliceia lutkeni</i>	Jan / dez	Lago, restinga, canos, igarapés e rio	

Espécie	Nome científico	Período	Local	Potencial econômico
Jeju	<i>Hoploerythrinus unitaeniatus</i>	Jan / dez	Rio, igarapé e lago	
Lábia	NI	Set a Out	Igarapé	
Mandi	<i>Pimelodus blochii</i>	Mar a Dez	Rio, igarapé e lago	
Mandubé	<i>Ageneiosus brevifilis</i>	Jan / dez	Rio, igarapé e lago	
Mapará	<i>Hypophthalmus</i> sp.	Mar a dez	Rio e lago	X
Matrinchã	<i>Brycon cephalus</i>	Jan / dez	Rio, cano, igarapé e lago	X
Matupiri	<i>Tetragonopterus</i> sp.	Jan / dez	Lago, igarapé e rio	
Melado	<i>Goslinia platynema</i>	Abr a Jun e Ago a Dez	Rio	
Pacu	<i>Myleus</i> sp.	Jan / dez	Lago, rio, igarapé, cano e igapó	X
Papudinha	<i>Triporthus angulatus</i>	Jan / dez	Lago, igarapé e rio	
Peixe-agulha	NI	Jan / dez	Lago, igarapé e rio	
Peixe-cachorro	<i>Rhaphiodum vulpinus</i>	Jan / dez	Lago, igarapé e rio	
Peixe-sol	NI	Jan	Igarapé e rio	
Pescada	<i>Plagioscion</i> sp.	Jan / dez	Lago, igarapé igapó e rio	X
Piracatinga	<i>Calophysus macropterus</i>	Jan / dez	Rio e lago	X
Piraíba	<i>Brachyplatystoma filamentosum</i>	Jan a Dez e Set a Dez	Rio	X
Piramutaba	<i>Brachyplatystoma vaillanti</i>	Jan / dez	Rio	X
Piranha	<i>Serrasalmus</i> sp.	Jan / dez	Lago, rio igapó e igarapé	X
Piraoaca	<i>Surubimichthys planiceps</i>	Jan / dez	Rio	

Espécie	Nome científico	Período	Local	Potencial econômico
Pirapitinga	<i>Piaractus brachyomus</i>	Jan / dez	Lago, rio, furo, igarapé e igapó	X
Pirarara	<i>Phractocephalus hemiliopterus</i>	Jan / dez	Rio, igarapé e lago	X
Pirarucu	<i>Arapaima gigas</i>	Jan / dez	Lago, igapó, igarapé e rio	X
Poraquê	<i>Electrophorus electricus</i>	Jan / dez	Igarapé e lago	
Rabeca	<i>Pseudorasbora holdeni</i>	Mai a Dez	Rio, igarapé, igapó e lago	
Sarapó	<i>Gymnotus sp.</i>	Jan / dez	Rio, igarapé e lago	
Sardinha	<i>Tripottheus sp.</i>	Jan / dez	Rio, igarapé, rio, lago e igapó	X
Sardinhão	<i>Pellona sp.</i>	Jan / dez	Rio e lago	X
Soia	<i>Achirus achirus</i>	Jan a Ago	Lago, rio e igapó	
Sulamba; Aruanã	<i>Osteoglossum bicirrhosum</i>	Jan / dez	Lago, igarapé, poço, cano e rio	X
Surubim	<i>Pseudoplatystoma fasciatum</i>	Jan / dez	Rio, lago, igapó, igarapé e cano	X
Tambaqui	<i>Colossoma macropomum</i>	Jan / dez	Lago, igapó e rio	X
Tamoatá	<i>Hoplosternum litoralle</i>	Jan / dez	Rio, lago, canos, poços e cano	X
Traíra	<i>Hoplias cf. malabaricus</i>	Jan / dez	Lago, cano, rio, igarapé e igapó	
Tucunaré	<i>Cichla sp.</i>	Jan / dez	Lago, igapó, igarapé, rio e cano	X

NI: Não identificado

Anexo VI. Peixes ornamentais de ocorrência na RESEX Auati-Paraná. Fonte: BRASIL, 2006b; 2007b.

Nome vulgar	Nome científico
Arraia	<i>Potamotrygon</i> sp
Acará-bararuá	<i>Cichlasoma bimaculatum</i>
Acará-disco	<i>Symphysodum aequifasciata</i>
Acari	<i>Rineloricaria</i> ssp
Ararí	<i>Chalceus macrolepidotus</i>
Aruanã	<i>Osteoglossum bicirrhosum</i>
Baiacu	<i>Colomesus</i> sp.
Bodó-cachimbo	<i>Rineloricaria</i> ssp
Cará-lua	NI
Cardinal	<i>Paracheiroduon</i> sp.
Coridora	<i>Corydoras</i> spp.
Matupiri	<i>Tetragonopterus</i> sp
Papudinha	NI
Peixe-agulha	NI
Peixe-sol	NI
Piaba-açu	NI
Piaba	NI
Piaba-dourada	NI
Poraquê	<i>Electrophorum electricus</i>
Sarapó	<i>Gymnotus</i> sp
Soia	<i>Achirus achirus</i>

NI: Não identificado

Anexo VII. Avifauna de Ocorrência na RESEX Auati-Paraná e Entorno.

Nome do Táxon	Nome Popular	Fernandes <i>et al.</i> , 1998	IDSM, 2010
Tinamiformes Huxley, 1872			
Tinamidae Gray, 1840			
<i>Tinamus</i> sp.	Nambu	x	
<i>Tinamus guttatus</i> Pelzeln, 1863	inhambu-galinha, nambu	x	
<i>Crypturellus undulatus</i> (Temminck, 1815)	jaó		x
Anseriformes Linnaeus, 1758			
Anhimidae Stejneger, 1885			
<i>Anhima cornuta</i> (Linnaeus, 1766)	anhuma; alencó; alencorne	x	x
Anatidae Leach, 1820			
Dendrocygninae Reichenbach, 1850			
<i>Dendrocygna autumnalis</i> (Linnaeus, 1758)	asa-branca; marreca	x	x
Anatinae Leach, 1820			
<i>Neochen jubata</i> (Spix, 1825)	pato-corredor		x
<i>Cairina moschata</i> (Linnaeus, 1758)	pato-do-mato	x	x
<i>Amazonetta brasiliensis</i> (Gmelin, 1789)	pé-vermelho		x
Galliformes Linnaeus, 1758			
Cracidae Rafinesque, 1815			
<i>Ortalis guttata</i> (Spix, 1825)	aracuã	x	
<i>Aburria cumanensis</i> (Jacquin, 1784)	jacutinga-de-garganta-azul		x
<i>Aburria cujubi</i> (Pelzeln, 1858)	cujubi	x	
<i>Pauxi tuberosa</i> (Spix, 1825)	mutum-cavalo		x
<i>Crax globulosa</i> Spix, 1825	mutum-de-fava	x	x
Ciconiiformes Bonaparte, 1854			
Ciconiidae Sundevall, 1836			
<i>Ciconia maguari</i> (Gmelin, 1789)	maguari	x	x
<i>Mycteria americana</i> Linnaeus, 1758	cabeça-seca	x	x
Suliformes Sharpe, 1891			
Phalacrocoracidae Reichenbach, 1849			
<i>Phalacrocorax brasilianus</i> (Gmelin, 1789)	biguá	x	x

Nome do Táxon	Nome Popular	Fernandes <i>et al.</i> , 1998	IDSMT, 2010
[<i>Phalacrocorax bransfieldensis</i> Murphy, 1936]			
Anhingidae Reichenbach, 1849			
<i>Anhinga anhinga</i> (Linnaeus, 1766)	biguatinga	x	x
Pelecaniformes Sharpe, 1891			
Ardeidae Leach, 1820			
<i>Tigrisoma lineatum</i> (Boddaert, 1783)	socó-boi	x	x
<i>Agamia agami</i> (Gmelin, 1789)	garça-da-mata		x
<i>Cochlearius cochlearius</i> (Linnaeus, 1766)	arapapá		x
<i>Ixobrychus exilis</i> (Gmelin, 1789)	socoí-vermelho		x
<i>Nycticorax nycticorax</i> (Linnaeus, 1758)	savacu		x
<i>Butorides striata</i> (Linnaeus, 1758)	socozinho	x	x
<i>Bubulcus ibis</i> (Linnaeus, 1758)	garça-vaqueira		x
<i>Ardea cocoi</i> Linnaeus, 1766	garça-moura; maguari	x	x
<i>Ardea alba</i> Linnaeus, 1758	garça-branca-grande	x	x
<i>Ptilherodius pileatus</i> (Boddaert, 1783)	garça-real		x
<i>Egretta thula</i> (Molina, 1782)	garça-branca-pequena	x	x
<i>Egretta caerulea</i> (Linnaeus, 1758)	garça-azul		x
Threskiornithidae Poche, 1904			
<i>Mesembrinibis cayennensis</i> (Gmelin, 1789)	coró-coró		x
<i>Platalea ajaja</i> Linnaeus, 1758	colhereiro		x
Cathartiformes Seeböhm, 1890			
Cathartidae Lafresnaye, 1839			
<i>Cathartes aura</i> (Linnaeus, 1758)	urubu-de-cabeça-vermelha	x	x
<i>Cathartes burrovianus</i> Cassin, 1845	urubu-de-cabeça-amarela	x	x
<i>Cathartes melambrotus</i> Wetmore, 1964	urubu-da-mata		x
<i>Coragyps atratus</i> (Bechstein, 1793)	urubu-de-cabeça-preta	x	x
<i>Sarcoramphus papa</i> (Linnaeus, 1758)	urubu-rei	x	x
Accipitriformes Bonaparte, 1831			
Pandionidae Bonaparte, 1854			
<i>Pandion haliaetus</i> (Linnaeus, 1758)	águia-pescadora		x

Nome do Táxon	Nome Popular	Fernandes <i>et al.</i> , 1998	IDSMS, 2010
Accipitridae Vigors, 1824			
<i>Leptodon cayanensis</i> (Latham, 1790)	gavião-de-cabeça-cinza		x
<i>Leptodon forbesi</i> (Swann, 1922)	gavião-de-pescoço-branco		x
<i>Elanoides forficatus</i> (Linnaeus, 1758)	gavião-tesoura		x
<i>Harpagus bidentatus</i> (Latham, 1790)	gavião-ripina		x
<i>Accipiter superciliosus</i> (Linnaeus, 1766)	gavião-miudinho		x
<i>Ictinia plumbea</i> (Gmelin, 1788)	sovi		x
<i>Busarellus nigricollis</i> (Latham, 1790)	gavião-belo		x
<i>Rostrhamus sociabilis</i> (Vieillot, 1817)	gavião-caramujeiro	x	x
<i>Helicolestes hamatus</i> (Temminck, 1821)	gavião-do-igapó		
<i>Buteogallus schistaceus</i> (Sundevall, 1851)	gavião-azul		x
<i>Urubitinga urubitinga</i> (Gmelin, 1788)	gavião-preto; gavião-caipira	x	x
<i>Parabuteo unicinctus</i> (Temminck, 1824)	gavião-asa-de-telha		x
<i>Buteo nitidus</i> (Latham, 1790)	gavião-pedrês		x
<i>Buteo brachyurus</i> Vieillot, 1816	gavião-de-cauda-curta		x
<i>Harpia harpyja</i> (Linnaeus, 1758)	gavião-real	x	x
<i>Spizaetus tyrannus</i> (Wied, 1820)	gavião-pega-macaco		x
<i>Spizaetus melanoleucus</i> (Vieillot, 1816)	gavião-pato		x
<i>Spizaetus ornatus</i> (Daudin, 1800)	gavião-de-penacho		x
Falconiformes Bonaparte, 1831			
Falconidae Leach, 1820			
<i>Daptrius ater</i> Vieillot, 1816	gavião-de-anta		x
<i>Ibycter americanus</i> (Boddaert, 1783)	gralhão		x
<i>Caracara plancus</i> (Miller, 1777)	caracará; carcará	x	
<i>Milvago chimachima</i> (Vieillot, 1816)	carrapateiro		x
<i>Herpetotheres cachinnans</i> (Linnaeus, 1758)	acauã		x
<i>Falco ruficularis</i> Daudin, 1800	cauré		x
<i>Falco peregrinus</i> Tunstall, 1771	falcão-peregrino		x
Eurypygiformes Furbringer, 1888			
Eurypygidae Selby, 1840			
<i>Eurypyga helias</i> (Pallas, 1781)	pavãozinho-do-pará	x	x

Nome do Táxon	Nome Popular	Fernandes <i>et al.</i> , 1998	IDSMS, 2010
Gruiformes Bonaparte, 1854			
Aramidae Bonaparte, 1852			
<i>Aramus guarauna</i> (Linnaeus, 1766)	carão		x
Psophiidae Bonaparte, 1831			
<i>Psophia</i> sp.	jacamim	x	
<i>Psophia</i> cf. <i>crepitans</i>	patola	x	
Rallidae Rafinesque, 1815			
<i>Laterallus fasciatus</i> (Sclater & Salvin, 1868)	sanã-zebrada		x
<i>Laterallus exilis</i> (Temminck, 1831)	sanã-do-capim		x
<i>Porphyrio martinica</i> (Linnaeus, 1766)	frango-d'água-azul		x
<i>Porphyrio flavirostris</i> (Gmelin, 1789)	frango-d'água-pequeno		x
Heliornithidae Gray, 1840			
<i>Heliornis fulica</i> (Boddaert, 1783)	picaparra		x
Charadriiformes Huxley, 1867			
Charadrii Huxley, 1867			
Charadriidae Leach, 1820			
<i>Vanellus cayanus</i> (Latham, 1790)	batuíra-de-esporão		x
<i>Pluvialis dominica</i> (Statius Muller, 1776)	batuiruçu		x
<i>Charadrius collaris</i> Vieillot, 1818	batuíra-de-coleira		x
Scolopaci Stejneger, 1885			
Scolopacidae Rafinesque, 1815			
<i>Limnodromus griseus</i> (Gmelin, 1789)	maçarico-de-costas-brancas		x
<i>Limosa haemastica</i> (Linnaeus, 1758)	maçarico-de-bico-virado	x	x
<i>Actitis macularius</i> (Linnaeus, 1766)	maçarico-pintado		x
<i>Tringa solitaria</i> Wilson, 1813	maçarico-solitário		x
<i>Tringa melanoleuca</i> (Gmelin, 1789)	maçarico-grande-de-perna-amarela		x
<i>Tringa flavipes</i> (Gmelin, 1789)	maçarico-de-perna-amarela		x
<i>Calidris fuscicollis</i> (Vieillot, 1819)	maçarico-de-sobre-branco		x
<i>Calidris melanotos</i> (Vieillot, 1819)	maçarico-de-colete		x
<i>Calidris himantopus</i> (Bonaparte, 1826)	maçarico-pernilongo		x
Jacaniidae Chenu & Des Murs, 1854			

Nome do Táxon	Nome Popular	Fernandes <i>et al.</i> , 1998	IDSMS, 2010
<i>Jacana jacana</i> (Linnaeus, 1766)	jaçanã	x	x
Lari Sharpe, 1891			
Laridae Rafinesque, 1815			
<i>Leucophaeus cf. pipixcan</i> (Wagler, 1831)	gaivota		x
Sternidae Vigors, 1825			
<i>Sternula supercilialis</i> (Vieillot, 1819)	trinta-réis-anão		x
<i>Phaetusa simplex</i> (Gmelin, 1789)	trinta-réis-grande	x	x
<i>Sterna hirundo</i> Linnaeus, 1758	trinta-réis-boreal		x
Rynchopidae Bonaparte, 1838			
<i>Rynchops niger</i> Linnaeus, 1758	talha-mar; corta-água	x	x
Columbiformes Latham, 1790			
Columbidae Leach, 1820			
<i>Columbina passerina</i> (Linnaeus, 1758)	rolinha-cinzenta	x	x
<i>Patagioenas cayennensis</i> (Bonnaterre, 1792)	pomba-galega		x
<i>Patagioenas subvinacea</i> (Lawrence, 1868)	pomba-botafogo		x
<i>Leptotila rufaxilla</i> (Richard & Bernard, 1792)	juriti-gemedeira		x
Psittaciformes Wagler, 1830			
Psittacidae Rafinesque, 1815			
<i>Ara ararauna</i> (Linnaeus, 1758)	arara-canindé	x	x
<i>Ara macao</i> (Linnaeus, 1758)	araracanga		x
<i>Ara chloropterus</i> Gray, 1859	arara-vermelha-grande	x	x
<i>Ara severus</i> (Linnaeus, 1758)	maracanã-guaçu		x
<i>Orthopsittaca manilata</i> (Boddaert, 1783)	maracanã-do-buriti		x
<i>Aratinga leucophthalma</i> (Statius Muller, 1776)	periquitão-maracanã		x
<i>Aratinga weddellii</i> (Deville, 1851)	periquito-de-cabeça-suja		x
<i>Aratinga pertinax</i> (Linnaeus, 1758)	periquito-de-bochecha-parda		x
<i>Forpus xanthopterygius</i> (Spix, 1824)	tuim		x
<i>Brotogeris versicolurus</i> (Statius Muller, 1776)	periquito-de-asa-branca	x	x
<i>Brotogeris chiriri</i> (Vieillot, 1818)	periquito-de-encontro-amarelo		
<i>Brotogeris sanctithomae</i> (Statius Muller, 1776)	periquito-testinha		x
<i>Pyrilia barrabandi</i> (Kuhl, 1820)	curica-de-bochecha-laranja		x

Nome do Táxon	Nome Popular	Fernandes <i>et al.</i> , 1998	IDSJ, 2010
<i>Graydidascalus brachyurus</i> (Kuhl, 1820)	curica-verde		x
<i>Pionus maximiliani</i> (Kuhl, 1820)	maitaca-verde		x
<i>Amazona festiva</i> (Linnaeus, 1758)	papagaio-da-várzea	x	x
<i>Amazona farinosa</i> (Boddaert, 1783)	papagaio-moleiro		x
<i>Amazona brasiliensis</i> (Linnaeus, 1758)	papagaio-de-cara-roxa		
<i>Amazona amazonica</i> (Linnaeus, 1766)	curica	x	x
<i>Amazona autumnalis</i> (Linnaeus, 1758)	papagaio-diadema		x
Opisthocomiformes Sclater, 1880			
Opisthocomidae Swainson, 1837			
<i>Opisthocomus hoazin</i> (Statius Muller, 1776)	cigana	x	x
Cuculiformes Wagler, 1830			
Cuculidae Leach, 1820			
Cuculinae Leach, 1820			
<i>Coccyzua minuta</i> (Vieillot, 1817)	chincôa-pequeno		x
[<i>Micrococcyx pumilus</i> (Strickland, 1852)]			
<i>Micrococcyx cinereus</i> (Vieillot, 1817)	papa-lagarta-cinzento		x
<i>Piaya cayana</i> (Linnaeus, 1766)	alma-de-gato	x	x
<i>Coccyzus melacoryphus</i> Vieillot, 1817	papa-lagarta-acanelado		x
<i>Coccyzus americanus</i> (Linnaeus, 1758)	papa-lagarta-de-asa-vermelha		x
<i>Coccyzus euleri</i> Cabanis, 1873	papa-lagarta-de-euler		x
Crotophaginae Swainson, 1837			
<i>Crotophaga major</i> Gmelin, 1788	anu-coroca	x	X
<i>Crotophaga ani</i> Linnaeus, 1758	anu-preto	x	X
Taperinae Verheyen, 1956			
<i>Tapera naevia</i> (Linnaeus, 1766)	saci	x	X
Strigiformes Wagler, 1830			
Strigidae Leach, 1820			
<i>Megascops choliba</i> (Vieillot, 1817)	corujinha-do-mato	x	X
<i>Megascops watsonii</i> (Cassin, 1849)	corujinha-orelhuda		X
<i>Lophostrix cristata</i> (Daudin, 1800)	coruja-de-crista	x	X
<i>Pulsatrix perspicillata</i> (Latham, 1790)	murucututu		X

Nome do Táxon	Nome Popular	Fernandes <i>et al.</i> , 1998	IDSMS, 2010
<i>Strix huhula</i> Daudin, 1800	coruja-preta		X
<i>Glaucidium brasilianum</i> (Gmelin, 1788)	caburé		X
Caprimulgiformes Ridgway, 1881			
Nyctibiidae Chenu & Des Murs, 1851			
<i>Nyctibius grandis</i> (Gmelin, 1789)	mãe-da-lua-gigante		x
<i>Nyctibius griseus</i> (Gmelin, 1789)	mãe-da-lua	x	x
Caprimulgidae Vigors, 1825			
<i>Hydropsalis leucopyga</i> (Spix, 1825)	bacurau-de-cauda-barrada		x
<i>Hydropsalis albicollis</i> (Gmelin, 1789)	bacurau		x
<i>Hydropsalis climacocerca</i> (Tschudi, 1844)	acurana		x
<i>Chordeiles nacunda</i> (Vieillot, 1817)	corucão		x
<i>Chordeiles minor</i> (Forster, 1771)	bacurau-norte-americano		x
<i>Chordeiles rupestris</i> (Spix, 1825)	bacurau-da-praia		x
Apodiformes Peters, 1940			
Apodidae Olphe-Galliard, 1887			
<i>Cypseloides senex</i> (Temminck, 1826)	taperuçu-velho		x
<i>Chaetura spinicaudus</i> (Temminck, 1839)	andorinhão-de-sobre-branco		x
<i>Chaetura cinereiventris</i> Sclater, 1862	andorinhão-de-sobre-cinzentos		x
<i>Chaetura brachyura</i> (Jardine, 1846)	andorinhão-de-rabo-curto		x
<i>Panyptila cayennensis</i> (Gmelin, 1789)	andorinhão-estofador		x
Trochilidae Vigors, 1825			
Phaethornithinae Jardine, 1833			
<i>Glaucis hirsutus</i> (Gmelin, 1788)	balança-rabo-de-bico-torto		x
<i>Phaethornis ruber</i> (Linnaeus, 1758)	rabo-branco-rubro		x
<i>Phaethornis hispidus</i> (Gould, 1846)	rabo-branco-cinza		x
<i>Phaethornis superciliosus</i> (Linnaeus, 1766)	rabo-branco-de-bigodes		x
Trochilinae Vigors, 1825			
<i>Campylopterus largipennis</i> (Boddaert, 1783)	asa-de-sabre-cinza		x
<i>Florisuga mellivora</i> (Linnaeus, 1758)	beija-flor-azul-de-rabo-branco		x
<i>Anthracothorax nigricollis</i> (Vieillot, 1817)	beija-flor-de-veste-preta		x
<i>Chlorostilbon notatus</i> (Reich, 1793)	beija-flor-de-garganta-azul		x

Nome do Táxon	Nome Popular	Fernandes <i>et al.</i> , 1998	IDSMT, 2010
<i>Chlorostilbon mellisugus</i> (Linnaeus, 1758)	esmeralda-de-cauda-azul		x
<i>Thalurania furcata</i> (Gmelin, 1788)	beija-flor-tesoura-verde		x
<i>Amazilia fimbriata</i> (Gmelin, 1788)	beija-flor-de-garganta-verde		x
<i>Amazilia lactea</i> (Lesson, 1832)	beija-flor-de-peito-azul		x
<i>Heliomaster longirostris</i> (Audebert & Vieillot, 1801)	bico-reto-cinzento		x
Trogoniformes A. O. U., 1886			
Trogonidae Lesson, 1828			
<i>Trogon melanurus</i> Swainson, 1838	surucuá-de-cauda-preta		x
<i>Trogon violaceus</i> Gmelin, 1788	surucuá-violáceo		x
<i>Trogon curucui</i> Linnaeus, 1766	surucuá-de-barriga-vermelha		x
<i>Trogon collaris</i> Vieillot, 1817	surucuá-de-coleira		x
Coraciiformes Forbes, 1844			
Alcedinidae Rafinesque, 1815			
<i>Megaceryle torquata</i> (Linnaeus, 1766)	martim-pescador-grande	x	x
Galbuliformes Fürbringer, 1888			
Galbulidae Vigors, 1825			
<i>Galbalcyrhynchus leucotis</i> Des Murs, 1845	ariramba-vermelha		x
<i>Galbula tombacea</i> Spix, 1824	ariramba-de-barba-branca		x
<i>Jacamerops aureus</i> (Statius Muller, 1776)	jacamarauçu		x
Bucconidae Horsfield, 1821			
<i>Notharchus tectus</i> (Boddaert, 1783)	macuru-pintado		x
<i>Bucco macrodactylus</i> (Spix, 1824)	rapazinho-de-boné-vermelho		x
<i>Bucco tamatia</i> Gmelin, 1788	rapazinho-carijó		x
<i>Nonnula rubecula</i> (Spix, 1824)	macuru		x
<i>Monasa</i> sp.	bico-de-brasa	x	
<i>Monasa nigrifrons</i> (Spix, 1824)	chora-chuva-preto		x
Piciformes Meyer & Wolf, 1810			
Capitonidae Bonaparte, 1838			
<i>Capito aurovirens</i> (Cuvier, 1829)	capitão-de-coroa		x
Ramphastidae Vigors, 1825			
<i>Ramphastos toco</i> Statius Muller, 1776	tucanuçu	x	x

Nome do Táxon	Nome Popular	Fernandes <i>et al.</i> , 1998	IDSMS, 2010
<i>Ramphastos tucanus</i> Linnaeus, 1758	tucano-grande-de-papo-branco	x	x
<i>Pteroglossus</i> sp.	araçari	x	
<i>Pteroglossus inscriptus</i> Swainson, 1822	araçari-miudinho-de-bico-riscado		x
<i>Pteroglossus azara</i> (Vieillot, 1819)	araçari-de-bico-de-marfim		x
<i>Pteroglossus castanotis</i> Gould, 1834	araçari-castanho		x
Picidae Leach, 1820			
<i>Picumnus</i> sp.	pica-pau-anão-dourado	x	
<i>Picumnus pumilus</i> Cabanis & Heine, 1863	pica-pau-anão-do-orinoco		x
<i>Melanerpes cruentatus</i> (Boddaert, 1783)	benedito-de-testa-vermelha		x
<i>Veniliornis passerinus</i> (Linnaeus, 1766)	picapauzinho-anão		x
<i>Piculus chrysochloros</i> (Vieillot, 1818)	pica-pau-dourado-escuro		x
<i>Colaptes punctigula</i> (Boddaert, 1783)	pica-pau-de-peito-pontilhado		x
<i>Celeus grammicus</i> (Natterer & Malherbe, 1845)	picapauzinho-chocolate		x
<i>Celeus elegans</i> (Statius Muller, 1776)	pica-pau-chocolate		x
<i>Celeus flavus</i> (Statius Muller, 1776)	pica-pau-amarelo		x
<i>Celeus torquatus</i> (Boddaert, 1783)	pica-pau-de-coleira		x
<i>Dryocopus lineatus</i> (Linnaeus, 1766)	pica-pau-de-banda-branca		x
<i>Campephilus melanoleucos</i> (Gmelin, 1788)	pica-pau-de-topete-vermelho		x
Passeriformes Linnaeus, 1758			
Tyranni Wetmore & Miller, 1926			
Thamnophilida Patterson, 1987			
Thamnophilidae Swainson, 1824			
Thamnophilinae Swainson, 1824			
<i>Myrmeciza melanocephala</i> (Spix, 1825)	formigueiro-grande		x
<i>Myrmeciza hyperythra</i> (Sclater, 1855)	formigueiro-chumbo		x
<i>Myrmochanes hemileucus</i> (Sclater & Salvin, 1866)	formigueiro-preto-e-branco		x
<i>Myrmotherula surinamensis</i> (Gmelin, 1788)	choquinha-estriada		x
<i>Myrmotherula menetriesii</i> (d'Orbigny, 1837)	choquinha-de-garganta-cinza		x
<i>Myrmotherula assimilis</i> Pelzeln, 1868	choquinha-da-várzea		x
<i>Myrmotherula</i> sp.	?		x
<i>Thamnomanes caesius</i> (Temminck, 1820)	ipeçuá		x

Nome do Táxon	Nome Popular	Fernandes <i>et al.</i> , 1998	IDSMT, 2010
<i>Sakesphorus canadensis</i> (Linnaeus, 1766)	choca-de-crista-preta		x
<i>Thamnophilus doliatus</i> (Linnaeus, 1764)	choca-barrada		x
<i>Thamnophilus schistaceus</i> d'Orbigny, 1835	choca-de-olho-vermelho		x
<i>Thamnophilus cryptoleucus</i> (Menegaux & Hellmayr, 1906)	choca-selada		x
<i>Taraba major</i> (Vieillot, 1816)	choró-boi		x
<i>Sclateria naevia</i> (Gmelin, 1788)	papa-formiga-do-igarapé		x
<i>Hypocnemoides melanopogon</i> (Sclater, 1857)	solta-asa-do-norte		x
<i>Myrmoborus leucophrys</i> (Tschudi, 1844)	papa-formiga-de-sobrancelha		x
<i>Myrmoborus lugubris</i> (Cabanis, 1847)	formigueiro-liso		x
<i>Cercomacra cinerascens</i> (Sclater, 1857)	chororó-pocuá		x
<i>Cercomacra laeta</i> Todd, 1920	chororó-didi		x
<i>Hypocnemis cantator</i> (Boddaert, 1783)	cantador-da-guiana		x
<i>Phlegopsis nigromaculata</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	mãe-de-taoca		x
Furnarioidea Gray, 1840			
Dendrocolaptidae Gray, 1840			
Sittasominae Ridgway, 1911			
<i>Dendrocincla fuliginosa</i> (Vieillot, 1818)	arapaçu-pardo		x
<i>Sittasomus griseicapillus</i> (Vieillot, 1818)	arapaçu-verde		x
<i>Certhiasomus stictolaemus</i> (Pelzeln, 1868)	arapaçu-de-garganta-pintada		
Dendrocolaptinae Gray, 1840			
<i>Glyphorhynchus spirurus</i> (Vieillot, 1819)	arapaçu-de-bico-de-cunha		x
<i>Xiphorhynchus obsoletus</i> (Lichtenstein, 1820)	arapaçu-riscado		x
<i>Xiphorhynchus guttatus</i> (Lichtenstein, 1820)	arapaçu-de-garganta-amarela		x
<i>Xiphorhynchus necopinus</i>	arapaçu		x
<i>Campylorhamphus trochilirostris</i> (Lichtenstein, 1820)	arapaçu-beija-flor		x
<i>Dendroplex picus</i> (Gmelin, 1788)	arapaçu-de-bico-branco		x
<i>Nasica longirostris</i> (Vieillot, 1818)	arapaçu-de-bico-comprido		x
<i>Dendrexetastes rufigula</i> (Lesson, 1844)	arapaçu-galinha		x
<i>Dendrocolaptes picumnus</i> Lichtenstein, 1820	arapaçu-meio-barrado		x
<i>Xiphocolaptes promeropirhynchus</i> (Lesson, 1840)	arapaçu-vermelho		x
Furnariidae Gray, 1840			

Nome do Táxon	Nome Popular	Fernandes <i>et al.</i> , 1998	IDSMS, 2010
Furnariinae Gray, 1840			
<i>Furnarius leucopus</i> Swainson, 1838	casaca-de-couro-amarelo		x
<i>Furnarius minor</i> Pelzeln, 1858	joãozinho		x
<i>Philydor pyrrhodes</i> (Cabanis, 1848)	limpa-folha-vermelho		x
Synallaxinae De Selys-Longchamps, 1839 (1936)			
<i>Certhiaxis cinnamomeus</i> (Gmelin, 1788)	curutié		x
<i>Certhiaxis mustelinus</i> (Sclater, 1874)	joão-da-canarana		x
<i>Synallaxis albigularis</i> Sclater, 1858	joão-de-peito-escuro		x
<i>Synallaxis propinqua</i> Pelzeln, 1859	joão-de-barriga-branca		x
<i>Synallaxis gujanensis</i> (Gmelin, 1789)	joão-teneném-becuá		x
<i>Metopothrix aurantiaca</i> Sclater & Salvin, 1866	joão-folheiro		x
<i>Cranioleuca vulpina</i> (Pelzeln, 1856)	arredio-do-rio		x
<i>Cranioleuca vulpecula</i> (Sclater & Salvin, 1866)	arredio-de-peito-branco		x
Tyrannida Wetmore & Miller, 1926			
Pipridae Rafinesque, 1815			
Neopelminae Tello, Moyle, Marchese & Cracraft, 2009			
<i>Tyrannetes stolzmanni</i> (Hellmayr, 1906)	uirapuruzinho		x
Piprinae Rafinesque, 1815			
<i>Pipra filicauda</i> Spix, 1825	rabo-de-aramé		x
Cotingoidea Bonaparte, 1849			
Tityridae Gray, 1840			
Laniisominae Barber & Rice, 2007			
<i>Schiffornis major</i> Des Murs, 1856	flautim-ruivo		x
Tityrinae Gray, 1840			
<i>Iodopleura isabellae</i> Parzudaki, 1847	anambé-de-coroa		x
<i>Tityra cayana</i> (Linnaeus, 1766)	anambé-branco-de-rabo-preto		x
<i>Tityra semifasciata</i> (Spix, 1825)	anambé-branco-de-máscara-negra		x
<i>Pachyramphus rufus</i> (Boddaert, 1783)	caneleiro-cinzento		x
<i>Pachyramphus castaneus</i> (Jardine & Selby, 1827)	caneleiro		x
<i>Pachyramphus polychopterus</i> (Vieillot, 1818)	caneleiro-preto		x
<i>Pachyramphus minor</i> (Lesson, 1830)	caneleiro-pequeno		x

Nome do Táxon	Nome Popular	Fernandes <i>et al.</i> , 1998	IDSMS, 2010
Cotingidae Bonaparte, 1849			
[Pipreolinae Tello, Moyle, Marchese & Cracraft, 2009]			
[<i>Pipreola whitelyi</i> Salvin & Godman, 1884]			
Cotinginae Bonaparte, 1849			
<i>Porphyrolaema porphyrolaema</i> (Deville & Sclater, 1852)	cotinga-de-garganta-encarnada		x
<i>Gymnoderus foetidus</i> (Linnaeus, 1758)	anambé-pombo		x
<i>Cotinga maynana</i> (Linnaeus, 1766)	cotinga-azul		x
<i>Cotinga cayana</i> (Linnaeus, 1766)	anambé-azul		x
<i>Querula purpurata</i> (Statius Muller, 1776)	anambé-una		x
<i>Cephalopterus ornatus</i> Geoffroy Saint-Hilaire, 1809	anambé-preto		x
Tyrannoidea Vigors, 1825			
Rhynchocyclinae Berlepsch, 1907			
<i>Rhynchocyclus olivaceus</i> (Temminck, 1820)	bico-chato-grande		
<i>Tolmomyias sulphurescens</i> (Spix, 1825)	bico-chato-de-orelha-preta		x
<i>Tolmomyias poliocephalus</i> (Taczanowski, 1884)	bico-chato-de-cabeça-cinza		x
<i>Tolmomyias flaviventris</i> (Wied, 1831)	bico-chato-amarelo		x
Todirostrinae Tello, Moyle, Marchese & Cracraft, 2009			
<i>Todirostrum maculatum</i> (Desmarest, 1806)	ferreirinho-estriado		x
<i>Poecilatriccus latirostris</i> (Pelzeln, 1868)	ferreirinho-de-cara-parda		x
<i>Hemitriccus iohannis</i> (Sneathlage, 1907)	maria-peruviana		x
Tyrannidae Vigors, 1825			
Elaeniinae Cabanis & Heine, 1856			
<i>Zimmerius gracilipes</i> (Sclater & Salvin, 1868)	poiaeiro-de-pata-fina		x
<i>Stigmatura napensis</i> Chapman, 1926	papa-moscas-do-sertão		x
<i>Camptostoma obsoletum</i> (Temminck, 1824)	risadinha		x
<i>Elaenia spectabilis</i> Pelzeln, 1868	guaracava-grande		x
<i>Elaenia pelzelni</i> Berlepsch, 1907	guaracava-do-rio		x
<i>Myiopagis gaimardii</i> (d'Orbigny, 1839)	maria-pechim		x
<i>Myiopagis flavivertex</i> (Sclater, 1887)	guaracava-de-penacho-amarelo		x
<i>Tyrannulus elatus</i> (Latham, 1790)	maria-te-viu		x
<i>Capsiempis flaveola</i> (Lichtenstein, 1823)	marianinha-amarela		x

Nome do Táxon	Nome Popular	Fernandes <i>et al.</i> , 1998	IDSM, 2010
<i>Phaeomyias murina</i> (Spix, 1825)	bagageiro		x
<i>Serpophaga hypoleuca</i> Sclater & Salvin, 1866	alegrinho-do-rio		x
Tyranninae Vigors, 1825			
<i>Attila bolivianus</i> Lafresnaye, 1848	bate-pára		x
<i>Legatus leucophaeus</i> (Vieillot, 1818)	bem-te-vi-pirata		x
<i>Ramphotrigon megacephalum</i> (Swainson, 1835)	maria-cabeçuda		x
<i>Ramphotrigon ruficauda</i> (Spix, 1825)	bico-chato-de-rabo-vermelho		x
<i>Myiarchus ferox</i> (Gmelin, 1789)	maria-cavaleira		x
<i>Rhytipterna simplex</i> (Lichtenstein, 1823)	vissá; juriti	x	x
<i>Pitangus sulphuratus</i> (Linnaeus, 1766)	bem-te-vi		x
<i>Philohydor lictor</i> (Lichtenstein, 1823)	bentevizinho-do-brejo		x
<i>Machetornis rixosa</i> (Vieillot, 1819)	suiriri-cavaleiro	x	
<i>Myiodynastes maculatus</i> (Statius Muller, 1776)	bem-te-vi-rajado		x
<i>Tyrannopsis sulphurea</i> (Spix, 1825)	suiriri-de-garganta-rajada		x
<i>Megarynchus pitangua</i> (Linnaeus, 1766)	neinei	x	x
<i>Myiozetetes similis</i> (Spix, 1825)	bentevizinho-de-penacho-vermelho		x
<i>Myiozetetes granadensis</i> Lawrence, 1862	bem-te-vi-de-cabeça-cinza		x
<i>Tyrannus albogularis</i> Burmeister, 1856	suiriri-de-garganta-branca		x
<i>Tyrannus melancholicus</i> Vieillot, 1819	suiriri; bem-te-vi	x	x
<i>Tyrannus savana</i> Vieillot, 1808	tesourinha		x
<i>Griseotyrannus aurantioatrocristatus</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	peitica-de-chapéu-preto		x
<i>Empidonomus varius</i> (Vieillot, 1818)	peitica		x
<i>Conopias trivirgatus</i> (Wied, 1831)	bem-te-vi-pequeno		x
Fluvicolinae Swainson, 1832			
<i>Pyrocephalus rubinus</i> (Boddaert, 1783)	príncipe		x
<i>Arundinicola leucocephala</i> (Linnaeus, 1764)	freirinha		x
<i>Ochthornis littoralis</i> (Pelzeln, 1868)	maria-da-praia		x
<i>Cnemotriccus fuscatus</i> (Wied, 1831)	guaracavuçu		x
<i>Lathrotriccus euleri</i> (Cabanis, 1868)	enferrujado		x
<i>Knipolegus orenocensis</i> Berlepsch, 1864	maria-preta-ribeirinha	x	x

Nome do Táxon	Nome Popular	Fernandes <i>et al.</i> , 1998	IDSMS, 2010
<i>Muscisaxicola fluviatilis</i> Sclater & Salvin, 1866	gaúcha-d'água		x
Passeri Linnaeus, 1758			
Corvida Wagler 1830			
Vireonidae Swainson, 1837			
<i>Cyclarhis gujanensis</i> (Gmelin, 1789)	pitiguari		x
<i>Vireo olivaceus</i> (Linnaeus, 1766)	juruvira		x
<i>Hylophilus thoracicus</i> Temminck, 1822	vite-vite		x
Passerida Linnaeus, 1758			
Hirundinidae Rafinesque, 1815			
<i>Pygochelidon cyanoleuca</i> (Vieillot, 1817)	andorinha-pequena-de-casa		x
<i>Stelgidopteryx ruficollis</i> (Vieillot, 1817)	andorinha-serradora		x
<i>Progne tapera</i> (Vieillot, 1817)	andorinha-do-campo		x
<i>Prognosubis</i> (Linnaeus, 1758)	andorinha-azul		x
<i>Progne chalybea</i> (Gmelin, 1789)	andorinha-doméstica-grande		x
<i>Tachycineta albiventer</i> (Boddaert, 1783)	andorinha-do-rio		x
<i>Riparia riparia</i> (Linnaeus, 1758)	andorinha-do-barranco		x
<i>Hirundo rustica</i> Linnaeus, 1758	andorinha-de-bando		x
Troglodytidae Swainson, 1831			
<i>Troglodytes musculus</i> Naumann, 1823	corruíra		x
<i>Troglodytes aedon</i>	corruíra		x
<i>Campylorhynchus turdinus</i> (Wied, 1831)	catatau		x
<i>Pheugopedius coraya</i> (Gmelin, 1789)	garrinchão-coraia		x
<i>Cantorchilus leucotis</i> (Lafresnaye, 1845)	garrinchão-de-barriga-vermelha		x
Donacobiidae Aleixo & Pacheco, 2006			
<i>Donacobius atricapilla</i> (Linnaeus, 1766)	japacanim		x
Poliptilidae Baird, 1858			
<i>Poliptila plumbea</i> (Gmelin, 1788)	balança-rabo-de-chapéu-preto		x
Turdidae Rafinesque, 1815			
<i>Turdus</i> sp.	sabiá	x	
<i>Turdus hauxwelli</i> Lawrence, 1869	sabiá-bicolor		x
<i>Turdus lawrencii</i> Coues, 1880	caraxué-de-bico-amarelo		x

Nome do Táxon	Nome Popular	Fernandes <i>et al.</i> , 1998	IDSM, 2010
Thraupidae Cabanis, 1847			
<i>Saltator maximus</i> (Statius Muller, 1776)	tempera-viola		x
<i>Saltator coerulescens</i> Vieillot, 1817	sabiá-gongá		x
<i>Nemosia pileata</i> (Boddaert, 1783)	saíra-de-chapéu-preto		x
<i>Thlypopsis sordida</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	saí-canário		x
<i>Ramphocelus nigrogularis</i> (Spix, 1825)	pipira-de-máscara		x
<i>Ramphocelus carbo</i> (Pallas, 1764)	pipira-vermelha		x
<i>Lanio penicillatus</i> (Spix, 1825)	pipira-da-taoca		x
<i>Tangara mexicana</i> (Linnaeus, 1766)	saíra-de-bando		x
<i>Tangara chilensis</i> (Vigors, 1832)	sete-cores-da-amazônia		x
<i>Tangara xanthogastra</i> (Sclater, 1851)	saíra-de-barriga-amarela		x
<i>Tangara episcopus</i> (Linnaeus, 1766)	sanhaçu-da-amazônia		x
<i>Tangara</i> sp.	tangará	x	
<i>Schistochlamys melanopsis</i> (Latham, 1790)	sanhaçu-de-coleira		x
<i>Paroaria gularis</i> (Linnaeus, 1766)	cardeal-da-amazônia	x	x
<i>Tersina viridis</i> (Illiger, 1811)	saí-andorinha		x
<i>Dacnis flaviventer</i> d'Orbigny & Lafresnaye, 1837	saí-amarela		x
<i>Conirostrum bicolor</i> (Vieillot, 1809)	figuinha-do-mangue		x
Emberizidae Vigors, 1825			
<i>Ammodramus aurifrons</i> (Spix, 1825)	cigarrinha-do-campo		x
<i>Sicalis columbiana</i> Cabanis, 1851	canário-do-amazonas		x
<i>Sicalis flaveola</i> (Linnaeus, 1766)	canário-da-terra-verdadeiro	x ????	
<i>Volatinia jacarina</i> (Linnaeus, 1766)	tiziu		x
<i>Sporophila americana</i> (Gmelin, 1789)	coleiro-do-norte		x
<i>Sporophila bouvronides</i> (Lesson, 1831)	estrela-do-norte		x
<i>Sporophila lineola</i> (Linnaeus, 1758)	bigodinho		x
<i>Sporophila caeruleascens</i> (Vieillot, 1823)	coleirinho		x
<i>Sporophila castaneiventris</i> Cabanis, 1849	cabodinho-de-peito-castanho		x
<i>Sporophila angolensis</i> (Linnaeus, 1766)	curió		x
Cardinalidae Ridgway, 1901			
<i>Piranga</i> sp.	sanhaçu	x	

Nome do Táxon	Nome Popular	Fernandes <i>et al.</i> , 1998	IDSMS, 2010
Parulidae Wetmore, Friedmann, Lincoln, Miller, Peters, van Rossem, Van Tyne & Zimmer 1947			
<i>Parula pitiayumi</i> (Vieillot, 1817)	mariquita		
<i>Dendroica petechia</i> (Linnaeus, 1766)	mariquita-amarela		x
<i>Dendroica striata</i> (Forster, 1772)	mariquita-de-perna-clara		x
<i>Geothlypis aequinoctialis</i> (Gmelin, 1789)	pia-cobra		x
Icteridae Vigors, 1825			
<i>Psarocolius angustifrons</i> (Spix, 1824)	japu-pardo		x
<i>Psarocolius viridis</i> (Statius Muller, 1776)	japu-verde		x
<i>Psarocolius decumanus</i> (Pallas, 1769)	japu		x
<i>Procacicus solitarius</i> (Vieillot, 1816)	iraúna-de-bico-branco; japó	x	x
<i>Cacicus cela</i> (Linnaeus, 1758)	xexéu; japiim	x	x
<i>Icterus jamacaii</i> (Gmelin, 1788)	corrupião		x
<i>Gymnomystax mexicanus</i> (Linnaeus, 1766)	iratauí-grande		x
<i>Lamprosar tanagrinus</i> (Spix, 1824)	iraúna-velada		x
<i>Chrysomus icterocephalus</i> (Linnaeus, 1766)	iratauí-pequeno		x
<i>Molothrus oryzivorus</i> (Gmelin, 1788)	iraúna-grande		x
<i>Molothrus bonariensis</i> (Gmelin, 1789)	vira-bosta		x
<i>Sturnella militaris</i> (Linnaeus, 1758)	polícia-inglesa-do-norte		x
<i>Dolichonyx oryzivorus</i> (Linnaeus, 1758)	triste-pia		x
Fringillidae Leach, 1820			
<i>Euphonia chlorotica</i> (Linnaeus, 1766)	fim-fim		x
<i>Euphonia lanirostris</i> d'Orbigny & Lafresnaye, 1837	gaturamo-de-bico-grosso		x
<i>Euphonia chrysopasta</i> Sclater & Salvin, 1869	gaturamo-verde		x

Anexo VIII. Calendário Agrícola das Comunidades da RESEX Auati-Paraná.

Cultura	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	Observação
Abacate	Co	Início da colheita após 3 anos.											
Abacaxi									Pl				Colheita de 8 meses a 1 ano, dependendo do filho.
Abil						Co	Co						Fruto começa a dar a partir dos 3 anos.
Açaí		Co	Pl				Início da colheita após 5 anos.						
Ananá									Pl				Colheita de 8 meses a 1 ano, dependendo do filho.
Bacaba	Co	Co	Co										
Banana				Co					Pl				Planta junto com a roça.
Cacau	Co												
Caju	Co	Início da colheita após 8 meses.											
Cana			Co						Pl				
Cana				Co						Pl			
Cará					Co				Pl				
Castanha		Co	Co										Fruto começa a dar a partir dos 10 anos.
Coco	Co	Fruto começa a dar a partir dos 4 anos.											

Cultura	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	Observação
Cupuaçu	Co	Co							Pl				
Feijão/ Milho									Qc Pl				Co
Goiaba	Co	Co Pl	Co	Co	Co								
Ingá	Co	Co Pl	Co	Co	Co	Início da colheita após 9 anos.							
Jambo					Co	Co	Co						
Laranja							Co	Co					Fruto começa a dar a partir dos 6 anos.
Limão	Co	Co Pl	Co	Co	Co								
Macaxeira									Pl Co				Mesmo processo que a mandioca. Produção de farinha seca.
Mamão	Co	Co	Co	Co	Início da colheita após 1,5 anos.								
Manga											Co	Co	
Mari		Co	Co										
Maxixe									Pl		Co		
Melancia								Pl				Co	
Pimenta	Co								Pl				
Pupunha								Co	Qc Co				Início da colheita após 5 anos.

Cultura	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	Observação
Roça capoeira						Ro	De	Qc	Pl				Carpina de 2 em 2 meses.
Roça floresta virgem						Ro	De		Qc	Pl			Início da colheita a partir de 8 meses, dependendo da maniava.

* Legenda: Roçado (Ro), Derrubação (De), Queima e coivara (Qc), Plantação (Pl), Colheita (Co).

Anexo IX. Plano de Uso da RESEX Auati-Paraná

PLANO DE USO DA RESEX AUATI-PARANÁ- REGRAS DE CONVIVENCIA

Conceito

O Plano de Uso da RESEX Auati-Paraná é um conjunto de regras que tem a finalidade de melhorar a convivência entre comunitários e comunidades para garantir um melhor usufruto dos recursos naturais da RESEX e a melhoria da qualidade de vida dos beneficiários da RESEX.

Responsabilidades

A responsabilidade pela execução do Plano de Uso da RESEX Auati-Paraná é das comunidades, do órgão gestor (ICMBio), da Associação Agroextrativista Auati-Paraná (AAPA), e do Conselho Deliberativo da RESEX Auati-Paraná.

A responsabilidade em cumprir as regras do Plano de Uso da RESEX-Auati Paraná caberá as comunidades e comunitários.

A responsabilidade de fiscalizar o cumprimento das regras do Plano de Uso da RESEX Auati-Paraná caberá ao órgão gestor (ICMBio), Associação Agroextrativista Auati-Paraná (AAPA), comunidades, e Conselho Deliberativo.

Morador

É considerado morador da RESEX Auati-Paraná aquele que mora na comunidade localizada na RESEX, participa das atividades comunitárias, representa e traz informações à comunidade, respeita as regras de utilização e cuida dos recursos da reserva.

Usuário

Usuários são aqueles que moram nas comunidades que estão localizados na margem direita do Rio Auati Paraná no sentido Rio Solimões-Rio Japurá e nas comunidades Luis, Cordeiro, Curimatá de Cima, Boca do Inambé e Itaboca que, apesar de residirem da RDS Mamirauá, utilizam a área da RESEX Auati-Paraná. Estes usuários possuem os mesmos direitos e deveres.

Beneficiários

Fica definido que os beneficiários da RESEX Auati-Paraná são os Moradores e Usuários da RESEX.

Das Regras**I - Agricultura**

1. É permitida a prática da agricultura na RESEX até o limite de 3 quadras, sendo 1 quadra equivalente a 1 hectare (100mx100m) por família a cada dois anos;
2. Para a abertura de roças com mais de 3 quadras por família, é necessário ter autorização do órgão gestor (ICMbio);
3. Os roçados antigos devem ter descanso de, no mínimo, 3 anos para ser reutilizado para a agricultura;
4. A madeira oriunda da abertura de roçados pode ser utilizada para benfeitorias locais (casas, canoas, móveis, remos, etc.);
5. É permitida a comercialização da madeira oriunda da abertura de roçados com a devida autorização do órgão competente;
6. As árvores frutíferas nativas que são usadas na alimentação não devem ser derrubadas, salvo em casos aprovados pela comunidade;

II- Criação de animais

7. É permitida a criação de animais de pequeno porte como aves, porcos, carneiros, ovelhas, peixes, abelhas e animais domésticos como gato e cachorro, sendo a quantidade determinada por cada comunidade;
8. Cada comunidade decide o local adequado para a criação dos animais;

III- Fauna/caça

9. A caça é permitida somente para alimentação nas comunidades da RESEX;
10. É proibido o comércio de fauna e de instrumentos de caça dentro da RESEX;
11. É permitido o manejo ou criação de fauna silvestre desde que licenciado pelo órgão competente;
12. A pesca de quelônios e jacaré é permitida para alimentação, mas proibida para comercialização;
13. O comércio de jacaré e quelônios somente será permitido mediante a aprovação de plano de manejo pelo órgão ambiental competente;
14. Os tabuleiros de quelônios e locais de desova de jacaré deverão ser conservados;
15. A caça na área da comunidade para alimentação, por moradores de outras comunidades da RESEX, só é permitida quando este estiver tendo dificuldades em conseguir alimentos, mas deverá ter autorização da comunidade onde for ocorrer a caça;

16. A comunidade poderá proibir a caça em áreas de manejo de pesca;
17. É proibida a caça de capivara na RESEX Auati Paraná;
18. Cada comunidade deverá decidir se é permitida a caça com cachorros;
19. É proibido o uso de armadilhas com arma de fogo;

IV - Recursos florestais

20. É permitida a coleta de frutos, palmeiras (fibras, tronco, palmito, frutos, palhas), cipós (medicinal e artesanato) e espécie medicinais (óleo, látex, raiz, casca, folhas);
21. Deverá se conservar a palmeira Urucuri. Para isto, quando for necessário o uso da área onde estão estas palmeiras, é permitido retirar-se a palha desde que se conserve o olho (gema);
22. Para a extração dos cipós titica, ambé, e timbó-açu, deverão ser preservados os verdes (novos);
23. Para a palmeira ubim, deve-se preservar pelo menos as três palhas do olho em cada pé;
24. Para a paxiúba, deverão se preservar os filhotes próximos a árvore mãe;
25. A comercialização de madeira só é permitida mediante Plano de Manejo Florestal aprovado pelo órgão competente ou autorização de desmatamento;
26. É permitido o uso de madeira da RESEX para fins de construção de casas, canoas, e outras estruturas que atendam às necessidades da comunidade;
27. A coleta de frutos, palhas, cipós, óleos, sementes, e o uso de madeira por moradores de uma comunidade na área de outra comunidade, deverá ter a autorização da comunidade onde for ocorrer a coleta;
28. Cada comunidade poderá ter viveiro de produção de mudas;
29. É proibido o corte de árvores de copaíba, andiroba, castanha, sorva, uxi;
30. É permitido o corte de no máximo 5 árvores por ano, por construtor, para fabricação de canoas,
31. Para construção de batelões e reforma de embarcações que necessitem exceder 5 árvores é necessário ter autorização do órgão gestor (ICMBio);
32. O beneficiamento de madeira na sede do município só poderá ser feito com autorização do órgão Competente (ipaam).

V- Convivência Comunitária e Acesso às comunidades

33. A mudança de moradia de uma comunidade para outra será permitida desde que haja autorização da comunidade em que o comunitário passará a residir;

34. É permitida a entrada de novos moradores na comunidade desde que tenha a autorização da comunidade;
35. O novo morador deverá passar um ano em observação para ter os mesmos direitos que os outros comunitários residentes;
36. A comunidade tem direito de excluir o comunitário que estiver desrespeitando as regras da comunidade;
37. O morador deverá comunicar a sua comunidade quando tiver que ficar ausente por um período maior que três meses. O período mínimo permitido ao comunitário ficar ausente sem justificativa deverá ser determinado por cada comunidade;
38. O morador que passar mais de três meses ausente sem comunicar a sua comunidade perderá os direitos comunitários, e para recuperá-los será necessário um ano de observação;
39. No caso das pessoas que se mantêm fora da RESEX para educação, tratamento de saúde e trabalhos pela RESEX, cada comunidade avaliará a participação dos mesmos nos direitos comunitários;
40. Os comunitários que não estiverem residindo e não participarem da vida comunitária perderão os seus direitos na comunidade;
41. Qualquer atividade sócio-educativa ministrada por grupos ou instituições de pesquisa e ensino será permitida, desde que tenha autorização da comunidade, AAPA e órgão gestor (ICMBio);
42. A entrada na RESEX para realização de atividades que interferem no uso dos recursos da RESEX deverá ter autorização das comunidades, AAPA e órgão gestor;

Castanhais

43. As áreas de coleta de castanha devem ser demarcadas, sendo a limpeza das estradas e piques responsabilidade dos castanheiros;
44. Não é permitida a derrubada de castanheiras;
45. Não é permitido que pessoas que não pertencem às comunidades da RESEX coletem castanha na área da RESEX, exceto em acordos entre as comunidades mediados pela AAPA;
46. Não é permitido a abertura de roças em áreas de castanhais;
47. Para uma comunidade participar da coleta de castanha na área de outra comunidade é necessário que haja acordo entre as duas comunidades;
48. As estradas de cada comunidade são:

- **Vencedor:** Estrada do Japurá, Estrada do Uixí, Estrada do Lima, Estrada do Cumarú, Estrada do Bacurí, Estrada do Sororoca, Estrada do Mangaratáia, Estrada do Baiúca, Estrada do Paraíso, Estrada do Levi;

- **Castelo:** Ponta do Coro Seco, Ponte do Bagata, Estrada do Adelson, Ponta do Coqueiro, Estrada do Bitanho Neto, Estrada do Bitanho Filho, Estrada do Bitanho Pai, Ponta do Jaú, Ponta Alta, Estrada do Mingual, Estrada do Mora, Estrada do Pedro.

OBS: Estradas comuns com Curimatá de Baixo: Ponta do Mari, Ponta da Xuíca, Ponta da Antonia, Ponta do Cachorro, Ponta do Tento, Ponta do Veado.

- **Barreirinha de Baixo:** Estrada do Curimatá, área da comunidade, Estrada do São Jorge, Estrada do Lima, Estrada do Espigão, Estrada do Pau de Letra, Estrada do Chico, Estrada do Paca, Estrada da Ilha, Estrada 24, Estrada do Aurino, Estrada do cigano, Estrada da ilha primeira, Estrada do centro, Pique dos aveais.

- **Monte das Oliveiras:** Área da comunidade; Estrada do Alvarenga, Ponta Pagoa, Ponta do chico.

- **Barreirinha de Cima:** Estrada do Cristóvão, Estrada Volta Espigão, Estrada espigão, área da comunidade, Estrada do taboca, Estrada do cigano das pedras, Estrada das três caixas;

- **São Luis:** Estrada do centro, Pique do centro ,Pique do Centro 2, Estrada Areia Branca, Estrada do Mirití, Estrada do Ambé;

- **Boca do Inambé:** Estrada da Voltinha, Estrada das Quebradas, Estrada do Tucum, Estrada do Saúba, Estrada do caixa prego, Estrada do esquisito;

- **São José do Inambé:** Estrada da ponta, Estrada do laguinho, Estrada da ilha do Ribeiro, Estrada do palhal, Estrada do varador do centro, Estrada do galho quebrado.

-**Luis:** estrada do canção

VI Pesca

49. A atividade de pesca comercial deverá ser decidida e acordada na comunidade definindo quando pescar, quem pescar, onde pescar, como pescar, o que pescar, quanto pescar e a finalidade da pesca;

50. A áreas de pesca ficam assim definidas:

a) **Área de procriação** é a área reservada exclusivamente para reprodução do peixe, não sendo permitida nenhum tipo de pesca;

b) **Área de Manutenção** é a área utilizada para a alimentação das comunidades, a pesca para comercialização nessa categoria de área dependerá do acordo da comunidade;

c) **Área de Comercialização** é a área reservada para o comércio do peixe, poderá ter uso

- da área em ocasiões especiais como reuniões e festejos, com acordo da comunidade;
- 51.** Será permitida para a pesca ocasional a quantidade de até 2 caixas de isopor de 170 L por família por mês para comércio conforme a necessidade da família e o acordo da comunidade;
- 52.** Fica determinada que a pesca no Rio Auati-Paraná, dentro dos limites da RESEX Auati-Paraná, respeitará os seguintes limites das comunidades:
- a) Comunidade Miriti começando na Boca do Patauá até o Furo da Clai;
 - b) Comunidade do Luis começando no furo da clai até a boca do bacuri;
 - c) Comunidade Boa Vista do Pema começando na boca do bacuri até a boca do Pema.
 - d) Comunidade do Vencedor começando na boca do Pema até a altura da cabeceira do Marajá;
 - e) Comunidade do Murinzal começando na altura da cabeceira do Marajá até a capoeira do Manoel Flores;
 - f) Comunidade do Curimatá de Baixo começando na capoeira do Manoel Flores até a capoeira do Zé Maneco;
 - g) Comunidade do Curimatá de Cima/Boa Vista do Curimatá, Comunidade do Castelo (utilizam a mesma área): início em frente a boca do Curimatá até o igarapé gaivota;
 - h) Comunidade Cordeiro começando do remanso do apuí até Igarapezinho;
 - i) Comunidade da Barreirinha de Baixo começando no igarapezinho até o Igarapé do Chicão;
 - j) Comunidade do Monte das Oliveiras começando no igarapé do Chicão até o Igarapé do Cristóvão;
 - k) Comunidade da Barreirinha de cima começando no Igarapé do Cristóvão até a boca do aiupia;
 - l) Comunidades do São Luis, Boca do Inambé, São José do Inambé e Itaboca: começando na boca do Aiupia até os limites da RESEX, conhecido como boca do Buiçu, no sentido do Rio Japurá-Rio Solimões.
- 53.** Para realização de pesca que necessite a entrada de barcos pesqueiros a comunidade interessada deverá decidir a pesca coletivamente e solicitar a autorização a AAPA e ICMBio;
- 54.** A autorização para entrada de barcos pesqueiros deverá ser acompanhada de formulário de monitoramento de produção pesqueira;
- 55.** Os barcos pertencentes a comunitários e comunidades da RESEX deverão ter cadastro junto a AAPA;

56. As áreas de uso para a pesca das comunidades da RESEX ficam determinadas da seguinte forma:

- Comunidade Miriti:

Áreas de procriação: lago Juruá, lagos miritizinho da beira, lago miritizinho do centro, lago japiim, lago chuva e lago Belo Horizonte;

Áreas comercialização: lago miriti, lago onça, lago embaúbal e lago piranha;

Áreas de manutenção: lago miriti, lago mateus 1, Lago mateus 2, lago mateus 3

- Comunidade Luis:

Áreas de procriação: lago tapaioninha;

Áreas de comercialização: lago do Luis, lago tapaiona e lago água branca;

- Áreas comuns de manutenção das comunidades Miriti e Luis: lago panauzinho (área do miriti: da boca do lago até a volta do apuí do babá, Luis: da volta do apuí do babá até a cabeceira do panauzinho);

- Comunidade Boa Vista do Pema:

Áreas de Procriação: lago da benedita, lago do chico;

Áreas de comercialização: lago grande e lago bacuri 1;

Área de manutenção: bacuri 2, bacuri 3;

OBS: É permitido o acesso da comunidade da Boa Vista do Pema pela boca do lago do cemitério (ressaca) para as roças e capoeiras pertencentes a comunidade do Pema e para acesso ao lago Bacuri.

OBS 2: Fica delimitada a divisão do paraná da folia da seguinte forma: do cano do lago do neves para baixo é área da comunidade do pema e do cano do neves para cima área do Murinzal;

- Áreas comuns de manutenção das comunidades Luiz e Boa Vista do Pema: Cano do Lago Bacuri e ressaca do Clarindo;

- Comunidade Vencedor:

Áreas de procriação: lago cerrado; áreas de comercialização: lago apolinário, lago pema e lago levi; Áreas de manutenção: lago tambaqui, lago carãozinho, lago itaúba, lago teju, lago cemitério, lago maximino, lago simão, furo do pema e lago getúlio;

- Comunidade Murinzal:

Áreas de procriação: lago jurupari do centro;

Áreas de comercialização: lago seringal, lago roque e lago Profíro;

Áreas de manutenção: lago jurupari da beira, laguinho 1, laguinho 2, laguinho 3, laguinho 4, laguinho 5, furo do pema, poço do marajá, lago carapanã, lago do tapiri, lago carão velho, lago

faustino e lago poço da velha;

- Comunidade Curimatá de Baixo:

Áreas de procriação: lago do sapo;

Áreas de comercialização: lago da chuva;

Áreas de manutenção: lago Batista, lago Raquel, lago acará, lago atravessado, lago pirapitinga, lago do Cleto de Baixo, lago Cleto de Cima, furo do pema do curimatá, Lagunho da Janete, Lagunho e Baixo Grande;

- Comunidades Curimatá de Baixo e Murinzal:

Áreas em definição: lago baixo, lago comprido e lago lua;

- Comunidade Castelo:

Áreas de comercialização: lago Matheus e lago curimatá

OBS: É permitido aos moradores da comunidade Cordeiro, que tenham roça na área da comunidade Castelo fazer pesca para alimentação no lago Curimatá enquanto estiverem trabalhando na roça;

OBS 2: É permitido que comunitários da Comunidade Curimatá de Baixo e Comunidade Castelo façam pesca para alimentação no lago do curimatá;

- Comunidade Curimatá de Cima/ Boa vista do Curimatá:

Áreas de comercialização: lago acari e lago munguba;

Áreas de manutenção: lago Joaquim e lago joaquimzinho;

- Áreas comuns de comercialização das comunidades Curimatá de Cima/Boa vista do Curimatá e Castelo: lago Curimatá;

- Comunidade Cordeiro:

Áreas de procriação: lago maguarinzal;

Áreas de comercialização: lago formiga, lago rocha, lago cordeiro lago uricurituba;

Áreas de manutenção: lago gaiivota;

Áreas de manutenção e comercialização: lago do Jaco;

- Áreas comuns de comercialização das Comunidades Curimatá de Cima e Cordeiro: lago argentina;

- Comunidade Barreirinha de Baixo:

Áreas de procriação: Lago São Gonçalves;

Áreas de comercialização: lago lua;

Áreas de manutenção: Lago Severo, Lago Bonilha, Lago Triste, Lago Tristezinho, Igarapé do Chicão, Igarapé Retiro, Igarapezinho, Igarapé Taboca, Igarapé Paxiúba, Igarapé Oerana, Igarapé Pedrão, Igarapé Grande, Igarapezinho e Igarapé Preto;

- Comunidade Monte das Oliveiras:

Áreas de manutenção: Poço do Gilberto, Poço 1, Poço 2, Poço 3 e Igarapé do Chanco;

- Áreas de manutenção comuns das Comunidades Monte das Oliveiras e Barreirinha de Baixo: Igarapé do Chicão, Igarapé do Chiquinho, Igarapé da Correnteza, ~~Igarapé de Bola~~, Igarapé do Cristóvão, Igarapé do Varenga;

-Comunidade Barreirinha de Cima:

Áreas de manutenção: Igarapé do Peixe Boi, Igarapé do Furo, Igarapé Mirití, Igarapé Cenho, Igarapé da Enseada e Igarapé da Josefina;

- Áreas comuns de manutenção das Comunidades Barreirinha de Cima e Monte das Oliveiras: Igarapé do Cristóvão, Igarapé do Varenga e Igarapé da Correnteza;

- Áreas comuns das Comunidades São Luiz, São José do Inambé e Boca do Inambé:

Áreas de procriação: lago panema;

Áreas de comercialização: lago vergo, poço, lago ovídio, lago grande e Igarapé do Bindá;

Áreas de manutenção: Cano do Inambé, Igarapé Caixa Preta, Igarapé do Tucum, Igarapé do Pororoca, Ressaca do Pilão, Igarapé Saúba, Igarapé Pantoja, Laguinho da Terra Firme, Lago Tamaquaré, Lago Desacampado;

- Comunidade Itaboca:

Áreas de procriação: lago palheta e lago palhetinha;

Áreas de comercialização: lago taracoá, lago onça, lago descampado, poço, lago queimado e lago Leonardo, lago espírito santo;

Áreas de manutenção: lago fortuna, lago espírito santozinho, lago peixe boi;

Vigilância

57. É de responsabilidade das comunidades, AAPA e órgão gestor (ICMBio) a proteção da área da RESEX Auati Paraná;

58. É de responsabilidade das comunidades a vigilâncias das suas áreas comunitárias, com apoio dos Agentes Ambientais atuantes.

Penalidades

59. No caso de desrespeito das regras desse Plano de Uso deverá adotar-se:

a) Advertência verbal ao comunitário;

b) No caso de reincidência o comunitário perderá direitos comunitários no uso dos recursos comuns, e quando couber reparação do dano, o infrator deverá ser encaminhado às autoridades competentes para providências cabíveis;

c) Os casos omissos de penalidade deverão ser levados ao conhecimento e discussão no Conselho Deliberativo da RESEX Auati Paraná.

Da Validade

60. Fica acordado que este documento passará por revisão no prazo de dois anos da data em que entrar em vigor.

Anexo X. Categorização e Zoneamento dos lagos da RESEX Auati-Paraná, por comunidade.

1. Comunidade Miriti

Comunidade	Forma de Uso	Recursos Hídricos	Loc.	Coordenadas geográficas	Obs.	
Miriti	Preservação / procriação	Lago Japiim	RESEX	S 1° 59' 35,4" W65°59' 40,4"		
		Lago Chuva	RESEX	S 1° 59' 37,5" W65° 59' 46,5"		
		Lago Belorizonte	RESEX	S 2° 0' 50,6" W65°58' 50,6"		
	Manejo		Lago Miritizinho da Beira	RESEX	S 1° 59' 38" W 66° 0' 10,7"	
			Lago Miritizinho do Centro	RESEX	S 1° 59' 31,6" W 66° 0' 14,4"	
			Lago da Onça	RDSM	S 2° 1' 16,3" W 66° 0' 14,2"	
			Lago Imbaúbal	RDSM	S 2° 2' 48,1" W65°58'50,92"	
			Lago Piranha	RDSM		
			Lago Água Branca	RDSM		
	Manutenção		Lago Miriti	RESEX	S 1° 59' 31,8" W 66° 0' 57,2"	
			Lago Panauzinho	RDSM	S 1° 59' 28,6" W 66° 0' 59,1"	Uso pelas Com. Miriti e Luiz
			Lago Mateus 1	RDSM		Uso pelas Com. Miriti e Luiz
			Lago Mateus 2	RDSM	S 2° 0' 48" W 66° 3' 38,7"	Uso pelas Com. Miriti e Luiz

		Lago Mateus 3	RDSM	S 2° 0' 37,7" W 66° 4' 1,9"	Uso pelas Com. Miriti e Luiz
		Lago Juruá	RDSM		
		Lago Patauá 1	RESEX	S 2° 0' 36,8" W65°58' 39,9"	
		Lago Patauá 2	RESEX	S 2° 0' 22,6" W65°58' 39,9"	

2. Comunidade Luiz

Comunidade	Forma de Uso	Recursos Hídricos	Loc.	Coordenadas geográficas	Obs.
Luiz	Preservação / Procriação	Lago Tapaioninha	RESEX	S 1° 58' 51,9" W 66° 6' 58,4"	
		Lago Tapaiona	RESEX	S 1° 59' 13,7" W 66° 6' 22,9"	
	Manejo	Lago Luiz	RESEX	S 1° 59' 31,8" W 66° 0' 57,2"	
		Lago Água Branca	RDSM		
	Manutenção	Lago Panauzinho	RDSM	S 1° 59' 28,6" W 66° 0' 59,1"	Uso pelas Comunidades Miriti e Luiz
		Lago Mateus 1	RDSM	S 1° 59' 31,8" W 66° 0' 57,2"	Uso pelas Comunidades Miriti e Luiz
		Lago Mateus 2	RDSM	S 2° 0' 48" W 66° 3' 38,7"	Uso pelas Comunidades Miriti e Luiz
		Lago Mateus 3	RDSM	S 2° 0' 37,7" W 66° 4' 1,9"	Uso pelas Comunidades Miriti e Luiz

		Cano Lago Bacuri	RESEX		Uso das Comunidades Luís e Pema
		Ressaca do Clarindo	RESEX		Uso das Comunidades Luís e Pema

3. Boa Vista do Pema

Comunidade	Forma de Uso	Recursos Hídricos	Loc.	Coordenadas geográficas	Obs.
Boa Vista do Pema	Preservação	Lago da Benedita	RESEX	S 1° 58' 48,6" W 66° 8' 59,8"	
	Manejo	Lago Grande	RDSM	S 2° 3' 56,3" W 66° 11' 12,7"	
		Lago Bacuri 1	RESEX	S 1° 59' 12,5" W 66° 8' 15"	
	Manutenção	Lago Bacuri 2	RESEX	S 1° 58' 43,8" W 66° 9' 1,5"	
		Lago Bacuri 3	RESEX	S 1° 58' 27,2" W 66° 9' 31,8"	
		Cano do Pema até L. Cemitério	RESEX		
		Cano do Lago Bacuri	RESEX		Uso das Comunidades Luís e Pema
Ressaca do Clarindo	RESEX		Uso das Comunidades Luís e Pema		

4. Comunidade Vencedor

Comunidade	Formas de Uso	Recurso Hídrico	Loc.	Coordenadas geográficas	Observação			
Vencedor	Preservação / Procriação	Cerrado	RESEX	S 1° 58' 53"				
				W 66° 11' 50,4"				
	Manejo	Lago Apolinário	RDSM	S 2° 11' 12"				
				W 66° 15' 49,5"				
				Lago Pema		RESEX	S 1° 58' 28,5"	
	W 66° 12' 5"							
	Lago Levi	RESEX	S 1° 58' 54,1"					
	W 66° 11' 22"							
	Manutenção	Lago Tambaqui	RDSM	S 1° 59' 54,4"				
				W 66° 11' 45"				
				Lago Carãozinho		RDSM	S 2° 0' 50,7"	
				W 66° 13' 26,5"				
				Lago Itaúba		RESEX	S 1° 59' 4,8"	
W 66° 10' 57,7"								
Lago Teju				RESEX		S 1° 59' 22,3"		
W 66° 12' 15,4"								
Lago Cemitério	RESEX							
Lago Maximino	RDSM							
Lago Simão	RDSM							
Lago Getúlio	RDSM							

5. Comunidade Murinzal

Comunidade	Forma de Uso	Recursos Hídricos	Loc.	Coordenadas geográficas	Obs.
Murinzal	Preservação	Lago Seringal	RESEX	S 2° 3' 1,1" W 66° 15' 45,3"	

Manejo	Lago Roque	RDSM		
	Lago Porfiro	RESEX	S 2° 0' 55,4'' W 66°15'42,5''	
Manutenção	Lago Jurupari da Beira	RESEX	S 2° 1' 18,7'' W 66°15'20,4''	
	Laguinho 1	RESEX		Uso pelas Com. Miriti e Luiz
	Laguinho 2	RESEX		Uso pelas Com. Miriti e Luiz
	Laguinho 3	RESEX		Uso pelas Com. Miriti e Luiz
	Laguinho 4	RESEX		Uso pelas Com. Miriti e Luiz
	Laguinho 5	RESEX		
	Jurupari do Centro	RESEX	S 2° 0' 51'' W 66°15' 7,6''	
	Furo do Pema	RESEX	S 2° 0' 37'' W 66°15'23,3''	
	Poço do Marajá	RESEX	S 2° 0' 1,6'' W 66°14'52,2''	
	Lago Carapanã	RESEX	S 2° 0' 27,3'' W 66°15'30,3''	
	Lago do Tapiri	RDSM	S 2° 2'36,8'' W 66°16'1,8''	
	Lago Carão Velho	RDSM		
	Lago Faustino	RDSM		
	Poço da Velha	RDSM		

		Lago Comprido	RDSM	S 2° 2' 25,8" W 66° 16' 31,1"	Uso pelas Com. Murinzal e Curimatá de Baixo
		Lago Lua	RDSM	S 2° 2' 27,9" W 66° 16' 54,6"	Uso pelas Com. Murinzal e Curimatá de Baixo
		Lago Baixo	RDSM	S 2° 2' 19,7" W 66° 16' 48,4"	Uso pelas Com. Murinzal e Curimatá de Baixo

6. Comunidade Curimatá de Baixo

Comunidade	Forma de Uso	Recursos Hídricos	Loc.	Coordenadas Geográficas	Obs.
Curimatá de Baixo	Preservação / Procriação	Lago do Sapo	RDSM		
	Manejo	Lago Chuva	RDSM	S 2° 2' 50,9" W 66° 17' 56,6"	
	Manutenção	Lago Batista	RDSM	S 2° 1' 44,2" W 66° 17' 13,9"	
		Lago Raquel	RDSM	S 2° 2' 9,0" W 66° 17' 42,1"	
		Lago Acarí	RDSM	S 2° 2' 17,7" W 66° 17' 53,7"	
		Lago Atravessado	RDSM	S 2° 1' 56,3" W 66° 17' 11,5"	
		Lago Pirapitinga	RDSM	S 2° 2' 45,6" W 66° 17' 13,8"	
	Lago do Cleto de Baixo	RESEX	S 2° 1' 20,6" W 66° 17' 17,3"		

		Lago Cleto de Cima	RESEX	S 2° 1' 28,8'' W 66°17'19,4''	
		Furo do Pema	RESEX	S 2° 1' 13,3'' W 66°17'3,3''	
		Laguinho da Janete	RESEX	S 2° 1' 5,7'' W 66°16'42,5''	
		Laguinho	RESEX	S 2° 1' 11,3'' W 66°17'14,8''	
		Baixo Grande	RESEX	S 2° 0' 44'' W 66°17'55''	
		Lago Comprido	RDSM	S 2° 2' 27,9'' W 66°16'54,6''	Uso pelas Com. Murinzal e Curimatá de Baixo
		Lago Lua	RDSM	S 2° 2' 19,7'' W 66°16'48,4''	Uso pelas Com. Murinzal e Curimatá de Baixo
		Lago Baixo	RDSM	S 2° 2' 19,7'' W 66°16'48,4''	Uso pelas Com. Murinzal e Curimatá de Baixo

7. Comunidade Castelo

Comunidade	Forma de Uso	Recursos Hídricos	Loc.	Coordenadas Geográficas	Obs.
Castelo	Preservação / Procriação	Poço Peixe Boi	RESEX	S 2° 3' 33,7'' W 66°20'26,9''	
		Poço Araçazal	RESEX	S 2° 3' 30'' W 66°20'49,1''	
		Poço Bandeira	RESEX	S 2° 2' 56,3'' W 66°19'40,2''	

	Manejo	Lago Mateus	RESEX	S 2° 1' 56,7'' W 66°19'2,2''	
		Lago Curimatá	RESEX	S 2° 1' 8,5'' W 66°19'4,5''	Lago Manejo / Manutenção
	Manutenção	Poço 1	RESEX	S 2° 1' 46,9'' W 66°18'31,7''	
		Poço 2	RESEX	S 2° 1' 54,3'' W 66°18'33,8''	
		Poço 3	RESEX	S 2° 1' 53,9'' W 66°18'35,7''	
		Poço 4	RESEX	S 2° 2' 0,1'' W 66°18'38,3''	
		Poço 5	RESEX	S 2° 1' 55,1'' W 66°18'43,2''	
		Poço 6	RESEX	S 2° 1' 57,6'' W 66°18'45,1''	
		Poço 7	RESEX		
		Poço do Leandro	RESEX	S 2° 1' 41,4'' W 66°18'32,8''	
		Lago Serrado	RESEX		
		Lago Curuçá	RESEX	S 2° 2' 16,2'' W 66°19'19,1''	
		Ressaca Curuçá	RESEX	S 2° 2' 6,9'' W 66°19'51,9''	
		Poço da Casa	RESEX	S 2° 1' 17'' W 66°18'30,5''	

		Igarapé Inajá	RESEX	S 2° 1' 10,1'' W 66°20'9,6''	
		Igarapé do Anjo	RESEX	S 2° 1' 34,2'' W 66°22'22,9''	
		Igarapé Nogueira	RESEX	S 2° 1' 44,5'' W 66°22'6,7''	
		Igarapé Geraldo	RESEX	S 2° 1' 10,3'' W 66°23'19,3''	
		Igarapé do Vitor	RESEX	S 2° 0' 54,5'' W 66°23'6,9''	

8. Comunidade Curimatá de Cima

Comunidade	Forma de Uso	Recursos Hídricos	Loc.	Coordenadas Geográficas	Obs.
Curimatá de Cima / Boa Vista do Curimatá	Manejo	Lago Acarí	RDSM	S 2° 5' 41,3'' W 66°19'44,1''	
		Lago Munguba	RDSM	S 2° 4' 15,3'' W 66°18'41,1''	
		Lago Argentina	RDSM		Uso pelas Com. Curimatá de Cima e Cordeiro
	Manutenção	Lago Joaquim		S 2° 3' 32,1'' W 66°17'1,2''	
		Lago Joaquinzinho		S 2° 3' 51,9'' W 66°17'48,9''	

9. Comunidade Cordeiro

Comunidade	Forma de Uso	Recursos Hídricos	Loc.	Coordenadas Geográficas	Obs.
Cordeiro	Procriação	Lago Maguarizal	RDSM	S 2° 7' 38,5" W 66°20'31,9"	
		Lago Formiga	RESEX	S 2° 5' 43,5" W 66°21'53,9"	
	Manejo	Lago Rocha	RESEX		
		Lago Cordeiro	RDSM	S 2° 8' 40,8" W 66°21'9,3"	
		Lago Urucurituba	RDSM	S 2° 9' 41,5" W 66°20'12,5"	
		Lago Argentina	RDSM		Lago Manejo / Manutenção
		Manutenção	Lago Gaivota	RDSM	
	Lago campo		RDSM	S 2° 6' 37,1" W 66°20'0,9"	

10. Comunidade Barreirinha de Baixo

Comunidade	Forma de Uso	Recursos Hídricos	Loc.	Coordenadas Geográficas	Obs.
Barreirinha de Baixo	Preservação / Procriação	Lago São Gonçalves	RDSM		
		Lago Lua	RDSM		
	Manejo	Lago Pássaro	RDSM		
		Lago Estrela	RDSM		
	Manutenção	Lago Severo	RESEX		

o	Lago Bonilha	RDSM		
	Lago Triste	RDSM		
	Lago Tristizinho	RDSM		
	Igarapé do Chicão	RESEX	S 2° 6' 20,3" W 66°28'28,5"	Uso pelas Com. Barreirinha de Baixo e Monte das Oliveiras
	Igarapé Retiro	RESEX	S 2° 5' 49,4" W 66°28'13,1"	
	Igarapezinho	RESEX	S 2° 5' 50,7" W 66°23'41,9"	Uso pelas Com. Barreirinha de Baixo e Monte das Oliveiras
	Igarapé Tabocal	RESEX	S 2° 6' 11,9" W 66°23'59"	
	Igarapé Paxiúba	RESEX	S 2° 5' 59" W 66°26'34,6"	
	Igarapé Oerana	RESEX	S 2° 6' 14,4" W 66°26'4,4"	
	Igarapé Pedrão	RESEX	S 2° 6' 8,4" W 66°25'52,8"	
	Igarapé Grande	RESEX	S 2° 5' 54,5" W 66°23'56,5"	
	Igarapezinho	RDSM	S 2° 5' 56" W 66°27'21,7"	

		Igarapé Preto	RDSM	S 2° 6' 23,6" W 66°26'33,6"	
--	--	---------------	------	-----------------------------------	--

11. Comunidade Monte das Oliveiras

Comunidade	Forma de Uso	Recursos Hídricos	Loc.	Coordenadas Geográficas	Obs.
Monte das Oliveiras	Manutenção	Poço do Gilberto	RDSM	S 2° 7' 7,4" W 66°29'5,9"	
		Poço 1	RDSM	S 2° 7' 4,6" W 66°28'53,4"	
		Poço 2	RDSM	S 2° 7' 9" W 66°28'57,3"	
		Poço 3	RDSM	S 2° 7' 8,5" W 66°29'3,2"	
		Igarapé do Chicão	RESEX	S 2° 6' 20,3" W 66°28'28,5"	Uso pelas Com. Barreirinha de Baixo e Monte das Oliveiras
		Igarapé do Chiquinho	RESEX	S 2° 6' 42,7" W 66°28'23,5"	Uso pelas Com. Barreirinha de Baixo e Monte das Oliveiras
		Igarapé da Correnteza	RDSM	S 2° 7' 8,4" W 66°29'36,4"	Uso pelas Com. Barreirinha de Cima e Monte das Oliveiras
		Igarapé do Bola	RDSM	S 2° 7' 14,4" W 66°28'22,5"	Uso pelas Com. Barreirinha de Cima e Monte das Oliveiras

		Igarapé do Cristóvão	RESEX	S 2° 6' 52" W 66°29'28,5"	Uso pelas Com. Barreirinha de Cima e Monte das Oliveiras
		Igarapé do Varenga	RESEX	S 2° 6' 49,3" W 66°29'25,7"	Uso pelas Com. Barreirinha de Cima e Monte das Oliveiras
		Igarapé do Chanco	RESEX	S 2° 6' 51,4" W 66°29'1,2"	

12. Comunidade Barreirinha de Cima

Comunidade	Forma de Uso	Recursos Hídricos	Loc.	Coordenadas Geográficas	Obs.
Barreirinha de Cima	Manutenção	Igarapé do Cristóvão	RESEX	S 2° 6' 52" W 66°29'28,5"	Uso pelas Com. Monte das Oliveiras e Barreirinha de Cima
		Igarapé do Varenga	RESEX	S 2° 6' 49,3" W 66°29'25,7"	Uso pelas Com. Monte das Oliveiras e Barreirinha de Cima
		Igarapé do Peixe Boi	RESEX	S 2° 7' 45,4" W 66°29'57,7"	
		Igarapé do Furo	RESEX	S 2° 7' 43,4" W 66°30'0,5"	
		Igarapé Mirití	RESEX	S 2° 7' 34,4" W 66°30'5,8"	
		Igarapé Cenho	RESEX		

		Igarapé da Enseada	RESEX	S 2° 9' 26,4'' W 66°29'51,8''	
		Igarapé Josefina	RESEX	S 2° 8' 28,3'' W 66°29'41,2''	
		Igarapé da Correnteza	RESEX	S 2° 7' 8,4'' W 66°29'36,4''	Uso pelas Com. Monte das Oliveiras e Barreirinha de Cima
		Poço 1	RESEX		
		Poço 2	RESEX		
		Poço 3	RESEX		

13. Comunidades Luis, Boca do Inambé e São José do Inambé

Comunidade	Forma de Uso	Recursos Hídricos	Loc.	Coordenadas Geográficas	Obs.
Complexo do Inambé (Comunidades São Luiz, Boca do Inambé e São José do Inambé)	Preservação / Procriação	Lago Panema	RESEX	S 2° 14' 58,3'' W 66°42'14,4''	
	Manejo	Poço	RESEX	S 2° 12' 49,9'' W 66°39'33,2''	
		Lago do Ovídio	RESEX	S 2° 14' 5,2'' W 66°40'27,4''	
		Lago Grande	RESEX	S 2°14' 1,3'' W 66°41'7,3''	
		Igarapé do Bindá	RESEX	S 2° 13' 51,4'' W 66°41'14,2''	
	Manutenção	Cano do Inambé	RESEX	S 2° 12' 33'' W 66°39'17,7''	

		Ig. Caixa Preta	RESEX	S 2° 9' 8,8" W 66°33'37,9"	
		Ig. do Tucum	RESEX	S 2° 9' 39,9" W 66°34'44,5"	
		Ig. Pororoca	RESEX	S 2° 9' 51" W 66°35'1,2"	
		Ressaca do Pilão	RESEX	S 2° 10' 26" W 66°35'36,5"	
		Igarapé Cioba	RESEX		
		Igarapé Pantoja	RESEX	S 2° 11' 28,1" W 66°38'13,4"	
		Laguinho da Terra Firme	RESEX	S 2° 12' 3,4" W 66°39'13,7"	
		Lago Tamaquaré	RESEX	S 2° 11' 31,3" W 66°37'34,8"	
		Lago Desacampado	RESEX	S 2° 12' 7,7" W 66°38'36,3"	
		Lago Vergo	RESEX	S 2° 14' 33,4" W 66°38'7,1"	

14. Comunidade Itaboca

Comunidade	Forma de Uso	Recursos Hídricos	Loc.	Coordenadas Geográficas	Obs.
Itaboca	Preservação / Procriação	Lago Taracoá	RDSM		
		Lago Palhetinha	RDSM		
	Manejo	Lago Onça	RDSM	S 2° 26' 26" W 66° 42' 59,3"	

		Lago Poço	RDSM	S 2° 29' 14,6'' W 66° 44' 18,6''	
		Lago Descampado	RDSM		
		Lago Palheta	RDSM		
		Lago Queimado	RDSM	S 2° 26' 32,8'' W 66° 46' 9,7''	
		Lago Leonardo	RDSM	S 2° 30' 42,5'' W 66° 45' 37,4''	
	Manutenção	Lago Fortuna	RDSM		
		Lago Espírito Santo	RDSM	S 2° 26' 53,1'' W 66° 42' 24''	
		L. Espiritosantozinho	RDSM	S 2° 26' 15,6'' W 66° 42' 30,8''	
		Lago Peixe Boi	RDSM	S 2° 25' 49,7'' W 66° 44' 34''	
		L. Acaricoara Grande	RDSM	S 2° 22' 36'' W 44' 42,4''	
		Lago Acaricoarazinho	RDSM	S 2° 22' 4,3'' W 66° 45' 12,4''	

Anexo XI. Produtos florestais não madeireiros da RESEX Auati-Paraná. Dados compilados de Canalez (2007).

Família	Espécie	Nome popular	Ocorrência	Época de coleta	Produto final*	Destino final**
Araceae	<i>Heteropsis flexuosa</i> (H.B.K.) Bunting	Cipó titica	terra firme	ao longo de todo o ano	a	1 e 2
Marantaceae	<i>Ischnosiphon</i> sp.	Arumã	igarapés, restingas e igapós	ao longo de todo o ano	b	1 e 2
Arecaceae	<i>Geonoma</i> sp.	Ubim	terra-firme e várzea; sub-bosque	ao longo de todo o ano	c	1 e 3
Arecaceae	<i>Euterpe precatoria</i>	Açaí		abril a maio	d	4
Arecaceae	<i>Bactris</i> sp.	Marajá			c; e	
Arecaceae	<i>Bactris</i> sp.	Espinho Preto			c; e	
Arecaceae	<i>Socratea exorrhiza</i>	Paxiúba			c; e	
Arecaceae	<i>Iriartella setigera</i>	Paxiubinha			c; e	
Arecaceae	<i>Attalea attaleoides</i>	Palha Branca			c; e	
Arecaceae	<i>Phytelephas macrocarpa</i>	Jarina			c; e	
Arecaceae	<i>Astrocaryum aculeatum</i>	Tucumã			c; e	
Arecaceae	<i>Oenocarpus minor</i>	Bacabinha			c; e	
Arecaceae	<i>Oenocarpus bacaba</i>	Bacaba			c; e	
Arecaceae	<i>Attalea paripa</i>	Inajá			c; e	
Arecaceae	<i>Attalea phalerata</i> Mart. ex Sprengel	Urucuri			c; e	
Arecaceae	<i>Astrocaryum murumuru</i>	Murumuru			c; e	

Família	Espécie	Nome popular	Ocorrência	Época de coleta	Produto final*	Destino final**
Arecaceae	<i>Bactris</i> sp.	Espinho bravo			c; e	
Arecaceae	<i>Elaeis oleifera</i>	Caiaiué			c; e	
Arecaceae	<i>Não identificada</i>	Jaci			c; e	
Arecaceae	<i>Astrocaryum jauari</i> Mart.	Jauari			c; e	
Arecaceae	<i>Attalea</i> sp.	Palheira			c; e	
Arecaceae	<i>Oenocarpus bataua</i> Mart.	Patauá			c; e	
Araceae	<i>Alloschoman</i> sp.					
Araceae	<i>Monstera</i> sp.					
Araceae	<i>Philodendron</i> sp.	Cipó ambé			a	1 e 2
Araceae	<i>Rhodospatha</i> sp.					

* Produto final: a) vassouras e paneiros; b) peneiras; c) telhados trançados e artesanatos; d) vinho e polpa; e)esteiras e redes; **Destino final: 1)uso doméstico; 2)venda; 3)construção; 4)alimentação.

Anexo XII. PORTARIA Nº 94, DE 20 DE NOVEMBRO DE 2008.**PORTARIA Nº 94, DE 20 DE NOVEMBRO DE 2008**

O PRESIDENTE SUBSTITUTO DO INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE- INSTITUTO

CHICO MENDES, nos termos das atribuições que lhe são conferidas pela nº 11.516, de 28 de agosto de 2007 e pelo item IV do artigo 19, do Anexo I da Estrutura Regimental aprovada pelo Decreto 6.100, de 26 de abril de 2007, ambos publicados no Diário Oficial da União do dia subsequente; com fundamento no disposto no art. 29 da Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000, e no Decreto de 07 de Agosto de 2001, que criou a Reserva Extrativista Auati-Paraná, no Estado do Amazonas; e com base no disposto no Processo ICMBIO nº 02001.005340/2007-27, resolve:

Art.1º Criar o Conselho Deliberativo da Reserva Extrativista Auati-Paraná, com a finalidade de contribuir com ações voltadas à efetiva implantação e implementação do Plano de Manejo dessa Unidade e ao cumprimento de seus objetivos.

Art.2º O Conselho Deliberativo da Reserva Extrativista Auati-Paraná contempla as seguintes representações:

I - Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade;

II - Instituto de Colonização e Reforma Agrária - INCRA;

III - Instituto de Desenvolvimento Agropecuário do Amazonas - IDAM;

IV - Prefeitura Municipal de Fonte Boa-AM/Instituto de Desenvolvimento Sustentável de Fonte Boa - IDSFB;

V - Prelazia de Tefé-AM/Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe - Fonte Boa-AM;

VI - Associação de Pescadores do Município de Fonte Boa-AM;

VII - Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá IDSM;

VIII - Câmara Municipal de Fonte Boa-AM;

IX - Associação Agro-extrativista de Auati-Paraná - AAPA;

X - RESEX Auati-Paraná - Comunidade Itaboca;

XI - RESEX Auati-Paraná - Comunidade São José do Inambé;

XII - RESEX Auati-Paraná - Comunidade Boca do Inambé;

XIII - RESEX Auati-Paraná - Comunidade São Luís;

XIV - RESEX Auati-Paraná - Comunidade Barreirinha de Cima;

XV - RESEX Auati-Paraná - Comunidade Monte das Oliveiras;

XVI - RESEX Auati-Paraná - Comunidade Barreirinha de Baixo;

XVII - RESEX Auati-Paraná - Comunidade Cordeiro;

XVIII - RESEX Auati-Paraná - Comunidade Castelo;

XIX - RESEX Auati-Paraná - Comunidade Luiz de Baixo;

XX - RESEX Auati-Paraná - Comunidade Murinzal;

XXI - RESEX Auati-Paraná - Comunidade Vencedor;

XXII - RESEX Auati-Paraná - Comunidade Miriti;

XXIII - RESEX Auati-Paraná - Comunidade Boa Vista do Curimatá de Cima;

XXIV - RESEX Auati-Paraná - Comunidade Boca do Pema;

XXV - RESEX Auati-Paraná - Comunidade Curimatá de Baixo.

§ 1º O Conselho Deliberativo da Reserva Extrativista Auati-Paraná será presidido pelo chefe da unidade de conservação.

§2º O titular e o suplente do Instituto Chico Mendes deverão ser indicados pela Diretoria de Unidades de Conservação de Uso Sustentável e Populações Tradicionais da Autarquia.

Art.3º As atribuições dos membros, a organização e o funcionamento do Conselho Deliberativo da Reserva Extrativista Auati-Paraná serão fixados em regimento interno elaborado pelos membros do Conselho e aprovado em reunião.

Parágrafo único. O Conselho Deliberativo deverá elaborar seu Regimento Interno no prazo de até 90 dias, contados da sua instalação.

Art.4º Toda e qualquer alteração na composição do Conselho Deliberativo deve ser registrada em Ata de Reunião Ordinária da Assembléia Geral e submetida à decisão da sua Presidência.

Art.5º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

RÔMULO JOSÉ FERNANDES BARRETO MELLO
GABINETE DO MINISTRO